



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística**

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)



# **O LÉXICO DA AGRICULTURA NA INTERAÇÃO VERBAL**

por

SIMONE MARIA ROCHA OLIVEIRA

**Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Iracema Luiza de Souza**

**VOLUME I**

SALVADOR

2004



**Universidade Federal da Bahia  
Instituto de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA  
Tel.: (71) 263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: [pgletba@ufba.br](mailto:pgletba@ufba.br)



# **O LÉXICO DA AGRICULTURA NA INTERAÇÃO VERBAL**

por

**SIMONE MARIA ROCHA OLIVEIRA**

**Orientador: Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Iracema Luiza de Souza**

**VOLUME I**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Doutorado em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor. Área de concentração: Linguística Histórica.

SALVADOR

2004

Biblioteca Central - UFBA

O48 Oliveira, Simone Maria Rocha.

O léxico da agricultura na interação verbal / por Simone Maria Rocha Oliveira. - 2004.

2v. : il.

Orientadora : Profa. Dra. Iracema Luiza de Souza.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, 2004.

1. Agricultura - Lexicografia. 2. Análise lingüística (Lingüística). 3. Língua portuguesa - Português técnico - Variação. 4. Comunicação na agricultura - Terminologia. 5. Teoria de campo (Lingüística). I. Souza, Iracema Luiza de. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDU - 81'374

CDD - 413.028

*A Denio, Lara e Victor, pelo apoio e  
compreensão pelas tantas horas em que me  
ausentei no decorrer desta tarefa difícil.*

## *Agradecimentos*

*Aos meus pais e familiares, pelo apoio, paciência e carinho nas horas necessárias.*

*À Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA, aos colegas e amigos, que colaboraram para realização deste trabalho.*

*Especiais, à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Iracema Luiza de Souza, pela amizade e pelos ensinamentos transmitidos com segurança e tranquilidade.*

*À Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola – EBDA, pela disponibilidade em desenvolver atividades extensionistas na zona rural e mais especificamente no andamento desta pesquisa.*

*Aos técnicos da EBDA, André Luiz Liger de Oliveira, chefe do escritório e, em especial, ao agrônomo, Antônio dos Santos Barbosa, pela presteza no fornecimento dos dados tecnológicos.*

*Aos informantes da zona rural de Sítio Novo, pela disponibilidade, participação e valorosa contribuição lingüística na pesquisa de campo.*

*A Denio de Oliveira, que, como professor da área técnica da Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA, me auxiliou na análise dos dados técnicos.*

*À Prof<sup>a</sup>. Maria da Glória Rocha, pelo incentivo, apoio e experiência repassada ao longo deste trabalho.*

*À Prof<sup>a</sup>. Regina Maria da Rocha, pela colaboração, no que diz respeito às normas gramaticais.*

*À Prof<sup>a</sup>. Célia Telles, pelos conhecimentos e apoio proporcionados durante o curso.*

*A Dilcéia Sampaio, pela sua amizade.*

*E, enfim, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.*

*Cada época tem as suas idéias próprias;  
é preciso também que tenha as palavras  
apropriadas a essas idéias.  
As línguas são como o mar, oscilam incessantemente.  
Em certas alturas,  
deixam uma margem do mundo do pensamento  
e invadem outro.  
Tudo o que as suas ondas assim abandonam,  
seca e apaga-se do solo.  
É deste modo que algumas idéias se extinguem,  
Que algumas palavras desaparecem.*

*Victor Hugo*

## RESUMO

Este trabalho analisa a interação comunicativa entre o técnico e o homem do campo, através da observação de um Treinamento de Mão-de-Obra (TMO) na zona rural de Sítio Novo, município de Catu-BA, do qual participaram profissionais de uma empresa de extensão rural e agricultores da região. Procurou-se identificar variantes semânticas e lexicais, na área da agricultura, que provocam dificuldades na comunicação entre os sujeitos analisados, à luz dos princípios teóricos da Interação Verbal e da Análise da Conversação. A primeira etapa da pesquisa se configurou através de uma análise léxico-semântica de entrevistas realizadas entre a documentadora e o produtor rural. Na segunda etapa, concernente aos dados do TMO, o estudo procedeu a uma análise do léxico e do processo de interação. Examinaram-se as lexias específicas da área da agricultura, que não coincidem com a terminologia técnica, investigando se existe seu registro em obras lexicográficas. No que diz respeito à análise do processo de interação, destacaram-se aspectos positivos, em que a interação entre o técnico e o homem do campo se processou convergentemente, e aspectos negativos, que demonstram a divergência de ações entre profissionais, dificultando total ou parcialmente a comunicação. No final, elaborou-se um glossário, contendo formas ligadas à área agrícola e áreas afins, para propiciar aos extensionistas um conhecimento das variantes lexicais empregadas pelo agricultor, a fim de contribuir para que a interação entre estes sujeitos seja mais produtiva.

## **ABSTRACT**

This research analyses communicative interaction between the technician and rural camp workers, using the observation of available workers training in Sítio Novo (TMO), rural area of the country Catu-BA, in which one, some professionals from a company of rural extension and some agriculture workers took part. It intends to identify semantics and lexical varieties in agriculture area that can cause difficulties on communication among the people studied, if compared to the interaction and communication theory basis. The first step on this research was woven around the lexical and semantic analyses of some interviews produced between the researcher and the rural worker. The second step, which refers to the study of the available workers training results, was based on the lexical study and interaction process. It studied the specifics lexical of agriculture field vocabulary that are not the same as in the technical terminologies, looking towards to see if there is any register in a lexicographic workmanship. When referring to the interaction process, emphasis is given to the positive situations where the immersion between the technician and the rural camp worker brought up positive results and also to the situations where this interaction has shown how different professional actions can stop in part or completely the communication. At the end it was created a glossary with forms for to the agricultural and related areas in order to offer to rural extension professionals some knowlegde about lexical variety used for the countryside workers and create somehow better ways to develop the interaction between these subjects.



## CONVENÇÕES

### 1. Sinais adotados nas transcrições

- Comentários do analista: (( ))
- Dúvidas e suposições: ( ) ou (**incompreensível**)
- Ênfase ou acento forte: **MAIÚSCULA**
- Indica corte de trechos de fala [...]
- Indica interrupção de fala ...
- Pausas e silêncios: (+)
- Truncamento brusco: /

### 2. Codificação cronológica e analítica

- Momento I** – Primeira fase da pesquisa, correspondente ao período do mestrado.
- Momento II** – Segunda fase da pesquisa, correspondente ao período do doutorado.
  - Etapa I:** Estudo Piloto
  - Etapa II: Parte I** – Entrevista Documentadora X Homem do Campo
  - Parte II** – Treinamento de Mão de Obra
  - Etapa III:** Glossário

### 3. Abreviaturas usadas no texto

- ALS** – Atlas Lingüístico de Sergipe
- AM; VNF; DJ; NIM; AA; JS; RSF; MJB; MASS; MAMN**
  - Informantes, Gênero Feminino
- APFB** – Atlas Prévio dos Falares Baianos
- Doc** – Documentadora
- EBDA** – Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola
- F** – Gênero feminino
- IIP** – Identificação de Itens Lexicais, Processos e Instrumentos usados na agricultura
- M** – Gênero masculino
- RS; JQ; CC; NIH; AJ; VJS; JSS; JPS; VBS** – Informantes, Gênero Masculino
- T1** – Técnico 1
- T2** – Técnico 2
- TMO** – Treinamento de Mão de Obra

### 4. Abreviaturas segundo os dicionários

- |                |                         |                |                         |
|----------------|-------------------------|----------------|-------------------------|
| acp.           | – acepção ou acepções   | <i>m.q.</i>    | – Mesmo que             |
| Adj.           | – Adjetivo              | METR           | – <i>metrologia</i>     |
| AGR            | – <i>agricultura</i>    | <i>P. ext.</i> | – Por extensão          |
| <i>Aum.</i>    | – Aumentativo           | <i>s.f.</i>    | – Substantivo feminino  |
| <i>Bot:</i>    | – botânica              | <i>s.m.</i>    | – Substantivo masculino |
| <i>Bras.</i>   | – Brasil, brasileirismo | TOPG           | – topografia            |
| <i>Dim.</i>    | – Diminutivo            | V.             | – Veja                  |
| GEO            | – geografia             | v.             | – Verbo                 |
| <i>Ictiol.</i> | – Ictiologia            | <i>Var.</i>    | – Variante léxica       |
| <i>Infrm.</i>  | – informal              |                |                         |

## SUMÁRIO

### VOLUME 1

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	20
I. A INTERAÇÃO .....	21
A. Coerência e Coesão Textual .....	34
II. O LÉXICO E A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA.....	37
A. Semântica .....	42
III. LEXICOGRAFIA: o dicionário e o glossário .....	46
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	52
<b>3 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	61
I. ETAPA I: Estudo Piloto .....	61
II. ETAPA II .....	65
A. Parte I: Entrevista Documentadora X Homem do Campo .....	65
1. Lexias específicas da área da agricultura, não coincidentes com a terminologia técnica.....	66
1.1. Método Onomasiológico .....	66
1.2. Identificação de Itens Lexicais, Processos e Instrumentos usados na agricultura.....	89
B. Parte II: Treinamento de Mão-de-Obra .....	112
1. Análise Léxico-Semântica.....	112
1.1. Da fala dos extensionistas.....	114
1.1.1. Lexias específicas da área da agricultura inerentes à fala popular	114
1.2. Da fala do homem do campo .....	119
1.2.1. Lexias específicas da área da agricultura .....	120
1.2.2. Lexias não específicas da área da agricultura.....	121
1.2.3. Lexias específicas da área da agricultura inerentes à fala popular	122
2. Análise do Processo de Interação .....	132
2.1. Aspectos Positivos .....	132
2.2. Aspectos Negativos .....	146
III. ETAPA III: Glossário .....	155
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	179
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	186

**VOLUME 2**

**APÊNDICE**

**APÊNDICE 1 – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE ..... 5**

**ANEXOS**

**ANEXO A – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CATU-BA.. ..... 6**

**ANEXO B – FOTOS DO TREINAMENTO DE MÃO DE OBRA (TMO) . .....7**

**ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DO TREINAMENTO DE MÃO DE OBRA (TMO)....8**

## INTRODUÇÃO

*A língua materna – a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical –, não aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam.*

*Mikhail Bakhtin (1992, p. 301)*

O presente trabalho apresenta-se como uma ampliação da dissertação do Curso de Mestrado (Momento I) intitulada *Interação técnico/homem do campo: o léxico da agricultura*. A continuidade da investigação dentro do mesmo tema decorre do fato de se haver observado, a partir do primeiro momento, a necessidade de se analisar a interação entre estes sujeitos *in loco*, durante uma atividade de extensão rural. Ressalta-se que, de início, a pesquisa se processou especificamente na linha da análise léxico-semântica, considerando-se a variação entre a linguagem do técnico<sup>1</sup> e a do homem do campo<sup>2</sup>.

A diversidade lingüística está relacionada às variações ocorridas na língua dentro do sistema, inerentes à pronúncia, ao léxico<sup>3</sup>, à sintaxe, em decorrência dos contextos lingüístico e extralingüístico em que se processa a interação verbal. Dessa forma, na tentativa de explicar e documentar variedades lingüísticas, os estudos dialectológicos e sociolingüísticos tornam-se importantes, buscando resgatar a oralidade urbana e rural e garantir a comunicação entre os falantes. Com este propósito, apresentou-se o interesse deste estudo, específico do léxico agrícola rural, através da observação dos dados obtidos nas entrevistas com o técnico e o homem do campo, em momentos separados. Além das delimitações dialetais no plano geográfico de interesse do dialectólogo, existem fatores sociais que agem diretamente na linguagem, provocando modificações, como escolaridade, faixa etária, estilo, gênero e região. Relacionando-se os fatores extralingüísticos à linguagem, constatou-se que as variáveis sociais destacadas neste estudo para selecionar os informantes, principalmente da zona rural – gênero, escolaridade e faixa etária – apresentaram-se como elementos que interferem na linguagem usada entre o técnico e o agricultor. Assim, de um

---

<sup>1</sup> Nesta tese, para o termo **técnico**, também são usadas as denominações: *agrônomo, extensionista, instrutor, profissional, informante*.

<sup>2</sup> Para o termo **homem do campo**, também são usadas as denominações: *agricultor, camponês, homem da zona rural, lavrador, produtor rural, trabalhador rural* ou simplesmente *informante*.

<sup>3</sup> Para o termo **léxico**, também são usadas as denominações: *forma, item lexical, lexia, palavra, unidade léxica, unidade lexical, vocábulo, vocabulário*.

lado, a linguagem utilizada pelo profissional, voltada para os padrões da norma culta e associada à terminologia técnica. Do outro, a linguagem utilizada pelo lavrador, mais simples e associada à experiência na lavoura. Este estudo buscou valorizar o falar regional e sugerir aos profissionais que sejam perspicazes na interação verbal, visto que esta pode acontecer entre sujeitos com os mesmos níveis sociais, assim como entre indivíduos com *status* diferentes. Interação entre sujeitos com características sociais diferentes apresenta um maior grau de dificuldade, assim como de diversidade, como esses trabalhos que identificam aspectos também voltados para o discurso assimétrico, como o de médico/paciente, o de professor/aluno e outros. Nessas interações, principalmente face a face, a relação de poder encontra-se como elemento presente e constante. Observa-se, neste caso, a posição de superioridade daquele que sabe mais em detrimento do que sabe menos. Deve-se estabelecer um esforço entre esses falantes para que se diminua a distância lingüística nesses diálogos.

O Momento I foi realizado na zona rural de Sítio Novo, Município de Catu, Bahia. Distante 80 km da capital do Estado, tem uma área total de 520 km, com uma população de 47.520 habitantes. As atividades da pesquisa foram divididas em dois momentos distintos:

- ✓ Primeiro, entrevistaram-se dois Técnicos em Agropecuária, ex-alunos da Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA<sup>4</sup>, considerando-se, na seleção destes informantes, a área de atuação do profissional, em projetos de extensão rural agrícola; o tempo de trabalho na região e sua escolaridade. Os técnicos descreveram fases de plantio na agricultura associadas às culturas cultivadas nas roças de Sítio Novo, onde foram escolhidos os itens lexicais que fizeram parte do questionário do homem do campo.
- ✓ Prosseguindo, entrevistaram-se quatorze agricultores: dois no Questionário Experimental e doze no Questionário Definitivo, observando-se a faixa etária (de 15 a 30 anos, de 31 a 45 e acima de 45 anos); a escolaridade (não escolarizados e escolarizados) e o gênero. Na elaboração do questionário, utilizou-se o método onomasiológico, através de perguntas indiretas e perguntas diretas, para a identificação do item lexical correspondente.

---

<sup>4</sup> Instituição vinculada à Secretaria de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação.

A análise do *corpus* do Questionário Definitivo agrupou os itens coletados, levando-se em consideração a significação dada para cada resposta selecionada e o contexto em que foram empregados os dados, atentando-se, também, para a variação semântica e a lexical dos itens encontrados. Foram examinados, também, os sinônimos de alguns dos vocábulos nos dicionários e a possibilidade de coincidência destes no *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB). Além disso, procurou-se fazer uma análise extralingüística quanto ao aspecto técnico das respostas, sendo a pesquisadora auxiliada, nesta fase, por um profissional da Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA.

As perguntas do questionário foram divididas em PARTE I – método onomasiológico – e PARTE II – identificação de itens lexicais, processos e instrumentos usados na agricultura (IIP). Para facilitar a análise, as respostas foram agrupadas de acordo com as categorias criadas pela autora, identificadas pelas letras do alfabeto de A a H. Considerou-se, nesse agrupamento, a compreensão do agricultor em relação às questões a ele dirigidas, de acordo com as expectativas dos técnicos, com os pressupostos teóricos da dialectologia e da interação verbal. Salienta-se que para a análise foi feito um levantamento de todas as respostas, porém, neste resumo, serão apresentadas aquelas mais relevantes:

**A) O informante produziu ou conceituou a forma esperada nas perguntas do questionário;**

A forma *capora* (leia-se capôra) foi considerada como variante do item lexical *capoeira*. Apesar de o vocábulo *capora* (leia-se capôra) não estar dicionarizado, foi produzido, por duas vezes, supondo-se ser uma forma conhecida pelos lavradores. Este vocábulo não se encontra cartografado no APFB.

**B) O informante proferiu uma resposta correta<sup>5</sup> tecnicamente, no entanto produziu uma forma diferente da esperada, ou nomeando ou descrevendo da maneira que compreendia ou conhecia;**

Os entrevistados produziram formas diversificadas para denominar os buracos que a chuva faz nas encostas ou morros, como: *grotá, buraco, minador, valeta, brocotó* e

---

<sup>5</sup> A qualificação *correta*, neste item, representa a avaliação do técnico sobre a resposta do informante. Apesar da natureza dialectológica deste trabalho, que impediria uma avaliação negativa sobre a fala do homem do campo, mantém-se a adjetivação proposta pelo técnico para sinalizar a distância existente muitas vezes entre ele e o informante.

*valetão*. Percebeu-se que todos os entrevistados denominaram *olho, troço e birro* para a parte da maniva que brota após o plantio, ao invés de *gemas* (da maniva).

**C) O objetivo da comunicação foi alcançado, pois o entrevistado entendeu a questão, no entanto não apresentou uma resposta correta<sup>6</sup> tecnicamente, embora relacionada com sua experiência;**

Um dos informantes apresentou, como variante para *época de plantio*, a forma *conjunção*, relacionando este último vocábulo à data ou tempo certo para se desenvolver uma atividade agrícola qualquer. A forma *imbacerado*, empregada por um dos informantes, não dicionarizada, nem presente no APFB, pelo contexto, tem o sentido de estar cheio, lotado demais, ao ser questionado sobre a denominação da retirada do excesso de plantas de um canteiro de hortaliças.

**D) O informante respondeu à questão, fazendo uma generalização de acordo com a sua experiência;**

O informante generalizou *ácaro* como inseto, quando se perguntou pelo nome dos insetos chatos, meio arredondados, de cor esverdeada que ficam colados na parte inferior das folhas. No entanto, *ácaro* é uma praga.

**E) O informante respondeu à questão, fazendo uma especificação de acordo com a sua experiência;**

O informante apresentou como causador do mofo nas plantas, ao invés de *fungos*, o *tamanjuá*. Esta forma também vem cartografada no APFB como *doença que ataca a mandioca*. No entanto, *tamanjuá* não se encontra dicionarizada.

A forma *retonhar*, resposta de um dos informantes, não presente nos dicionários pesquisados, nem no APFB, na oralidade é muito comum entre os falantes da região, inclusive foi proferida por um dos técnicos entrevistados. *Retonhar* tem o sentido de *rebrotar*.

---

<sup>6</sup> Cf. Nota 5.

**F) O informante utilizou uma forma de seu vocabulário ativo, demonstrando compreensão da pergunta;**

Um dos informantes utilizou uma locução adjetiva em lugar do adjetivo ao proferir [...] *limpeza cas mãos*, na pergunta que questiona sobre a limpeza que o agricultor faz nas leiras utilizando as mãos.

**G) O informante utilizou um neologismo;**

Em duas questões diferentes, o mesmo informante produziu a forma *desencerta*. Neste caso, foram empregados dois prefixos de negação *des* e *en* (em lugar de *in*) pelo falante, o que demonstra que ele entendeu o que foi questionado como uma área irregular. Assim, observa-se que o traço mais significativo entre os itens lexicais *relevo acidentado* e *área com declividade* é a irregularidade que o agricultor traduz como característica do que não é certo. A forma *desencerta* não foi encontrada no dicionário, nem no APFB.

**H) O informante não entendeu a pergunta e apresentou uma resposta completamente imprevisível;**

Apresenta-se aqui uma subdivisão dos dados deste item, nas subcategorias H1 e H2. H1 apresenta as respostas não pertinentes do ponto de vista técnico, mas relacionadas à área agrícola. H2 reúne as respostas também não pertinentes do ponto de vista técnico e não relacionadas com a área agrícola. Ressalta-se que o aspecto primordial desta categoria se refere ao não entendimento da pergunta por parte do informante. Destacam-se dois exemplos para ilustrar tal situação:

**H.1 Relacionadas à área agrícola**

Quando foi solicitada ao trabalhador rural a identificação da fórmula NPK, o informante se expressou da seguinte maneira: *O que peca moça, eu sei que peca é coco né, por causa do cacho, ele pega a pecá, pega a botá, pega a tirá os coco verde, aí ele vai pecá, não segura mais um coco*. O entrevistado estava, na verdade, fazendo uma associação fonética entre a sigla do adubo – nitrogênio, fósforo e potássio – e o verbo *pecar*, cujo sentido é recorrente na área agrícola.



## H.2 Não relacionadas à área agrícola

Ressalta-se a identificação da forma *sulcos* feita pelo informante, associando, pela semelhança fonética, a suco, quando respondeu: *suco só maracujá*. Um dos informantes associou *praga* ao ato da pessoa jogar uma maldição em alguém, quando disse: *A pessoa joga praga ne outro*.

Analisando-se os dados do *corpus*, verificou-se que, de acordo com as tendências observadas, comprovou-se, no primeiro momento, que a variação semântica e a lexical provocam dificuldades na interação entre o profissional da área agrícola e o trabalhador rural, através das variáveis extralingüísticas que interferem nesse processo de interação. Além disso, a linguagem técnica impede que a comunicação entre o técnico e o homem do campo flua sem interferências. Alguns termos técnicos são conhecidos pelos agricultores por serem formas lexicais lingüisticamente relacionadas às expressões mais familiares das suas próprias atividades. Observou-se, também, que o agricultor compreende mais a descrição da técnica ou atividade agrícola, do que identifica a terminologia específica. Sendo assim, considera-se o vocabulário técnico como elemento de distanciamento entre o profissional e o homem do campo. Desta forma, levando-se em consideração a questão da diversidade lingüística, constata-se a necessidade de adaptação da linguagem do primeiro à fala do segundo.

No Momento II<sup>7</sup>, o centro de atenção da pesquisadora – apesar de ainda ser o léxico, desde quando este é o elemento que dificulta a interação entre os envolvidos no processo – é a interação face a face, ou seja, a interação em efetivo exercício entre os indivíduos observados. O estudo preserva a hipótese da investigação feita inicialmente: a existência de variedades lingüísticas distintas, tais como os dialetos rurais e o dialeto culto urbano, é determinante para a manifestação de ruído na comunicação, ruído que pode, inclusive, levar a interação verbal a um fracasso parcial ou total; além disso, estas variações semântica e lexical, na área da agricultura, existem e provocam dificuldade na interação do *técnico/homem do campo*. Amplia-se o *corpus* analisado, no que concerne ao léxico agrícola da zona rural de Catu, a fim de se elaborar um glossário contendo os termos usados pelo técnico e pelo agricultor, fazendo-se uma correlação com o entendimento dado pelo homem do campo a estes termos. Objetiva-se, então, colaborar com o resgate e a preservação da diversidade lingüística regional, assim como dar subsídios aos profissionais da área

---

<sup>7</sup> Denomina-se *Momento II*, o momento desta tese, o que a precedeu e o que nela resultou.

extensionista para que a interação verbal entre ele e o lavrador se processe de forma mais eficaz, através da disponibilização de um glossário com os vocábulos técnicos e de áreas afins.

Por ser uma continuidade da pesquisa do Curso do Mestrado, a coleta dos dados desta etapa foi realizada também na zona rural de Sítio Novo, distrito do Município de Catu – Bahia (cf. mapa de localização, Anexo A). O município está dividido em três distritos: distrito sede, distrito Sítio Novo e distrito Bela Flor. O local onde foi realizado o estudo integra a zona rural com uma população aproximada de 5.000 habitantes. Os moradores da região vivem, principalmente, da exploração da lavoura de mandioca, laranja, milho, feijão e banana e da criação de bovino, equino, suíno, ovino e aves. Sabendo-se que a pesquisadora trabalha na Escola Agrotécnica Federal de Catu, localizada nesse Município, contou-se com o apoio desta Instituição de Ensino, quanto à realização e à execução do trabalho, sobretudo no que diz respeito à coleta dos dados.

Tendo em vista que o trabalho de extensão rural vem sendo desenvolvido especialmente por empresas de caráter público, do tipo Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola – EBDA, alguns aspectos foram destacados face aos projetos desenvolvidos por esta empresa: questões sobre a assistência técnica na região, o vocabulário empregado pelos técnicos em contato com o agricultor e quanto à interação entre esses sujeitos. Sabendo-se que Sítio Novo está localizado em uma região rural, de difícil acesso e com limitados meios de comunicação com as comunidades mais desenvolvidas, percebe-se que o rádio é o veículo de comunicação que chega àquele distrito. Assim, no meio rural, a comunicação face a face, através de treinamentos, é a forma encontrada para que as informações técnicas cheguem ao produtor rural. A realização das atividades se faz através da demonstração prática e das explicações necessárias para uma perfeita compreensão (Barros, 1978). A estratégia do técnico em observar a linguagem utilizada nestes eventos se faz necessária, a fim de se alcançar o objetivo pretendido na extensão, que é a transmissão, através do extensionista, de um conhecimento técnico, em um ou dois dias, de uma série de atividades ou métodos, obedecendo a uma seqüência de execução para um grupo de pessoas com interesses comuns.

Convém chamar a atenção para o fato de que a prioridade, nesta etapa da pesquisa, incidiu no processo de interação face a face entre os sujeitos pesquisados, como foi expresso em outro momento, relevando-se possíveis aspectos que despertaram o interesse da pesquisadora para serem colocados em pauta. Recorreu-se ao campo teórico da Análise da

Conversação e da Interação Verbal, através do aspecto léxico-semântico, na conversação entre o técnico e o trabalhador rural.

A pesquisa foi baseada nos seguintes objetivos:

- a) analisar as dificuldades que se manifestam na interação face a face entre o técnico e o homem do campo da região de Catu, na área da agricultura;
- b) estabelecer uma relação entre o discurso rural e o científico na interação entre estes sujeitos em projetos agrícolas nas lavouras;
- c) verificar os elementos favoráveis, bem como os desfavoráveis ao contato entre os sujeitos analisados, através da metodologia e estratégias adotadas;
- d) observar, por um lado, a linguagem empregada pelo técnico, os recursos materiais disponíveis no campo e, por outro lado, a experiência e o conhecimento inerentes ao cotidiano do homem da zona rural;
- e) disponibilizar aos profissionais, que trabalham em projetos de extensão rural na área da agricultura, uma análise crítica quanto à interação comunicativa entre os sujeitos pesquisados, objetivando a melhoria na condução de seus trabalhos;
- e) observar a variação léxico-semântica no *corpus* documentado na região no processo de interação;
- f) analisar os dados coletados no Treinamento de Mão de Obra<sup>8</sup> no que diz respeito à interação face a face, envolvendo estes falantes, no sentido de ampliação, reunindo com aqueles analisados no primeiro momento da pesquisa, através de um levantamento lexical;
- g) organizar um glossário com variantes lingüísticas da área agrícola e de áreas afins pertinentes à região de Catu, constando também as definições das citadas variantes, a fim de colaborar com a divulgação e também preservação deste léxico específico;
- h) colaborar com a preservação da linguagem e até da cultura de um povo.

O trabalho do Momento II foi desenvolvido em três etapas, considerando-se o processo de interação. Na Etapa I, foram descritos os dados concernentes ao estudo piloto. Na Etapa II, inicialmente, oportunizou-se uma reanálise do *corpus* do Momento I, a fim de se

---

<sup>8</sup> O Treinamento de Mão de Obra tem como objetivo capacitar os produtores em atividades teórico-práticas, geralmente realizado em dois dias, com um público de quinze a vinte produtores, em que o produtor aprende a fazer, fazendo.

fazer um exame estritamente lexical dos termos agrícolas. Além disso, foi feita uma pesquisa de campo, através de um Treinamento de Mão de Obra (TMO) (cf. fotos, Anexo B), objetivando-se analisar os dados obtidos na interação face a face entre o extensionista e o homem da zona rural, para selecionar os itens lexicais que farão parte da Etapa III da pesquisa. A Etapa III consistiu, especificamente, em organizar um glossário, contendo formas lexicais ligadas à área agrícola, dos Momentos I e II, para demonstrar a diversidade da terminologia técnica no âmbito do vocabulário agrícola existente na zona rural de Catu e servir de subsídio para o profissional desta área se aperfeiçoar em atividades de extensão rural.

Esta tese encontra-se organizada em dois volumes. No primeiro volume estão disponíveis a *Introdução* e quatro capítulos: *1. Fundamentação teórica*, *2. Metodologia*, *3. Levantamento e análise dos dados* e *4. Considerações finais*. A *Introdução* descreve, em linhas gerais, a pesquisa, inclusive resgatando os elementos que se apresentaram como relevantes no Momento I da investigação e que possam auxiliar na argumentação desta etapa. A *Fundamentação teórica* relaciona alguns aspectos teóricos inerentes ao tema enfocado, discutidos na literatura lingüística, estando dividida nos subitens: **a interação:** coerência e coesão textual; **o léxico e a diversidade lingüística:** semântica; e **lexicografia:** o dicionário e o glossário. A *Metodologia* relata a forma como foi conduzido o trabalho, apresentando os caminhos percorridos principalmente antes e durante a recolha dos dados na pesquisa de campo e na análise dos dados propriamente dita. O *Levantamento e análise dos dados* apresenta um levantamento das ocorrências e descreve o que foi observado no *corpus*, resgatando, inclusive, os dados do Momento I para comporem esta fase. Esse capítulo esclarece a maneira como a pesquisadora optou para organizar os itens lexicais no glossário, atentando-se, sobretudo, para a praticidade e clareza nas definições e informações aos consulentes. As *Considerações finais* apresentam algumas contribuições da pesquisa aos campos de estudo da Análise da Conversação e da Interação Verbal bem como para os profissionais da área da agricultura. No segundo volume constam do apêndice e dos anexos do trabalho.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

[...] quanto mais observamos as formas de comportar-se e de pensar de nossos camponeses mais parece que podemos concluir que, em certas áreas (em maior ou menor grau) eles se encontram de tal forma próximos ao mundo natural, que se sentem mais como parte dele do que como seus transformadores. Entre eles e seu mundo natural (e também, e necessariamente, cultural) há um forte “cordão umbilical”, que os liga.

Paulo Freire (1992, p. 32)

O presente capítulo tem como objetivo destacar elementos teóricos relacionados a este trabalho, a saber: **a interação, o léxico e a diversidade lingüística, e lexicografia.** Considerando-se que a investigação tem como objetivo analisar as dificuldades que se manifestam na interação face a face entre o técnico e o homem do campo da região de Catu, na área da agricultura, ressalta-se que este estudo se fundamenta na *Teoria da Interação Verbal*. Imbuída na certeza de que as diferenças dialetais entre a linguagem rural e a linguagem especializada são um dos motivos que dificulta o processo de interação entre os sujeitos objeto desta pesquisa, a investigação se processou, utilizando contribuições de estudos realizados sobre as linguagens acima referidas. Assim, recorreu-se à *Análise da Conversação*, aos pressupostos teóricos da *Dialectologia* no que diz respeito à metodologia utilizada na pesquisa de campo, enfim, àquilo que foi consagrado nas diferenças lingüísticas entre o rural e o urbano. Tendo em vista que o foco destas diferenças lingüísticas está no léxico, a análise dos dados privilegiou o aspecto léxico-semântico, utilizando informações retiradas da conversação entre o agricultor e o extensionista, através da linguagem coloquial dos envolvidos.

Feita a análise, buscando coerência nas respostas dos informantes, bem como apresentando elementos que possam auxiliar na argumentação, procurou-se, na lexicografia, embasamento teórico para apresentar uma estratégia que possa auxiliar os extensionistas, no seu trabalho diário de campo. Sendo assim, foi organizado um glossário com a função de socializar os dados para os interessados da área agrícola. O léxico comporá o citado glossário em que constarão vocábulos extraídos da análise dos dados, com os sentidos expressos pelo homem da zona rural. Os profissionais da área agrícola, então, poderão através deste acervo refletir sobre suas ações no campo.

## I A INTERAÇÃO

Investigando-se a significação do termo *interação* em Houaiss e Villar (2001), registram-se significados inerentes ao foco do trabalho: **2** “ação recíproca de dois ou mais corpos” **3** “atividade ou trabalho compartilhado, em que existem trocas e influências recíprocas” **4** “comunicação entre pessoas que convivem; diálogo, trato, contato”. Assim, na interação, os indivíduos trocam influências em um jogo de ação e reação mútuas e, mais especificamente, na comunicação, no diálogo, no contato, os falantes se inter-relacionam. Tratando, especificamente, da interação verbal, Kerbrat-Orecchioni (1990), a partir da consideração de que todo discurso é uma construção coletiva ou uma realização interativa, apresenta o postulado de ser a fala uma atividade social. A autora, a partir daí detalha este postulado, chamando a atenção para os seguintes aspectos:

- ✓ Todo ato de fala implica, normalmente, uma alocução, ou seja, a existência de um destinatário fisicamente distinto do locutor, estando o monólogo como exceção, visto que neste caso o discurso torna-se auto endereçado. A autora, então, afirma que a linguagem verbal é feita para se dirigir a alguém e acrescenta:

Ce qui implique que dès la phase d’encodage, antérieurement à toute réponse ou simple réaction émanant du destinataire, celui-ci se trouve déjà inscrit dans le discours de l’émetteur, explicitement parfois (au moyen des marques d’allocution), implicitement toujours, dans la mesure où l’émetteur tient compte en permanence de l’image qu’il s’est construite de son destinataire, et des compétences qu’il lui prête.<sup>9</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1990, p. 14);

- ✓ O “tu” se converte, no seu turno, em “eu”, isto é, se manifesta através de uma resposta ou de uma reação ao enunciado do seu parceiro. Todo ato de fala, geralmente, implica uma alocução e uma interlocução, e acrescenta:

Elles n’en sont pas moins “marquées” par rapport à ce qui constitue la situation la plus “normale” de l’exercice de la parole: celle où la parole circule et s’échange (le dialogue donc), où permutent en permanence les rôles d’émetteur et de récepteur. La preuve en est que tous les actes de langage sont intrinsèquement censés solliciter une réponse, ou du moins une réaction.<sup>10</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1990, p. 14);

<sup>9</sup> Isto implica que a partir da fase de codificação, que antecede a resposta, ou uma simples reação do destinatário, este se encontra já inscrito no discurso do emissor, às vezes, explicitamente (por meio de marcas de alocução), sempre implicitamente, na medida em que o emissor leva em conta a permanência da imagem que ele construiu do seu destinatário e as competências que lhe são próprias.

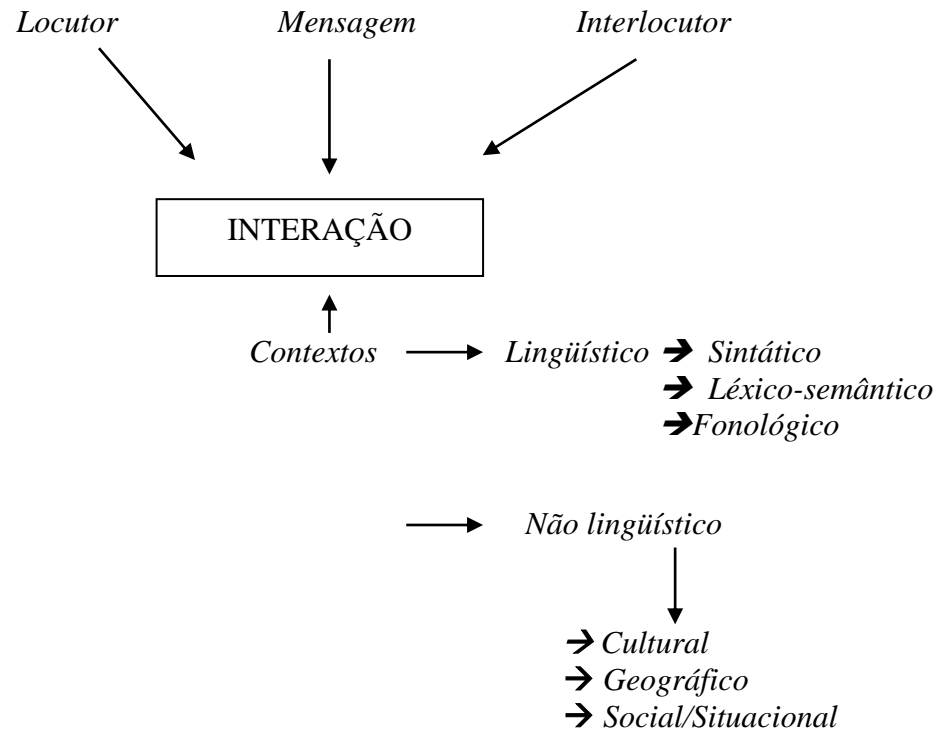
<sup>10</sup> Elas (*práticas verbais*) não são menos marcadas em relação àquilo que constitui a situação mais normal do exercício da fala: aquele em que a fala circula e se troca (o diálogo então), onde os papéis do emissor e do receptor se permutam permanentemente. A prova disto é que todos os atos da linguagem são levados intrinsecamente a solicitar uma resposta, ou pelo menos, uma reação.

- ✓ A noção de interlocução, que pressupõe que dois locutores L1 e L2 se falem alternativamente na interação.

Kerbrat-Orecchioni (1990) apresenta algumas definições de outros renomados estudiosos, contudo, enfoca a interação segundo suas concepções como uma troca comunicativa qualquer, em que os diferentes participantes que interagem exercem uns sobre os outros uma rede de influências mútuas e resume: “[...] falar é trocar, é mudar permutando”<sup>11</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1990, f. 17). Isto posto, o ato da fala exige um locutor e um destinatário, relacionado ao processo da interação, em que ocorre uma ação e uma reação entre os sujeitos envolvidos. Nesta cadeia, a autora propõe uma transferência de papéis entre o ‘eu’ e o ‘tu’, que se refere à reação do outro (tu), transformando-se automaticamente em ‘eu’ e finaliza propondo o ato de falar como uma permuta. Convém sublinhar que na interação verbal os contextos lingüístico e não lingüístico desempenham papel fundamental. O contexto lingüístico diz respeito aos elementos sintáticos, léxico-semânticos e fonológicos presentes no texto; enquanto que o não lingüístico envolve aspectos geográficos, culturais e sociais, destacando-se nos últimos a situação da interação. Para análise dos dados desta pesquisa, o contexto não lingüístico apresenta extrema relevância, pois por se tratar neste trabalho de variantes lingüísticas distintas – linguagem rural e linguagem técnica – os aspectos geográfico, cultural e social/situacional se constituem como fatores que, embora de natureza extralingüística, funcionam como elementos constitutivos das normas lingüísticas tomadas para estudo. Pode-se, então, entender a relação entre estes elementos através do seguinte esquema:

---

<sup>11</sup> [...] parler, c’est échanger, et c’est changer en échangeant.



Ainda segundo Kerbrat-Orecchioni (1990), dada a abertura da interação, o contexto é *construído* ao mesmo tempo e pelo modo em que a interação ocorre; *definida* no começo, a situação é sucessivamente *redefinida*, pelo conjunto de eventos conversacionais; esta dinâmica concerne, por exemplo:

- ✓ à competência enciclopédica dos participantes, cujos saberes prévios são remanejados na medida em que evolui a interação;
- ✓ ao objetivo da troca, que preexiste ao mesmo tempo em que é renegociado a cada momento;
- ✓ à identidade e ao *status* dos participantes;
- ✓ à relação (de distância ou de intimidade, de dominação ou de igualdade) que existe entre os interlocutores e que é desviada pelo jogo dos “relacionamentos”.

Convém salientar que os elementos acima relacionados auxiliam a análise dos dados coletados, visto que o tema central do trabalho diz respeito à interação face a face entre sujeitos com objetivos diferenciados. No âmbito do trabalho aqui realizado, a *competência enciclopédica* – item a – ou seja, o conhecimento que o técnico e o homem da zona rural dispõem são bem distintos em termos de nomenclatura, como se comprova através de exemplo extraído do *corpus*: T1 – *Cê pode, um é sufi/ por isso que é bom você plantá vinte centímetros, porque não precisa plantá dois. Se a senhora planta os toquinho, esse aí não é garantido, né. [...] T2 – Tem menos gema. [...] Doc – Cadê a gema? T1 – Ói ela aqui. Doc –*



*As gemas...? T1 – Esses nozinhos... Doc – E ele chama gema...? RS – A gente chama **olho**. [...] T1 – Cê chama olho, né? RS – É olho. [...] RS – Olho da mandioca. Doc – E todo mundo conhece como olho, é? Todos<sup>12</sup> – Conhece. [...] JQ – O olho da maniba (f. 26). Para o técnico, os ‘nozinhos’ da maniva, que brotam ao ser plantada, denominam-se **gemas**, enquanto que o homem do campo os conhece como **olho**. Como se percebe o *objetivo da troca que preexiste é renegociado a cada momento*, referente ao item b acima relacionado, ou seja, as partes envolvidas têm expectativas definidas; o extensionista, apresentar informações técnicas e o agricultor, reter o conhecimento. Assim, ao longo do diálogo os objetivos podem convergir para um mesmo aspecto, isto é, a partir de um questionamento do agricultor sobre a aplicação do adubo, o técnico conduz o diálogo buscando sanar a dúvida do informante: T1 – [...] *mas o ideal é que vocês compre o que vocês vai utilizá, né, ca do custo também, né, pra não tá gastano dinheiro, né? Já vai comprá o adubo, né, vai comprá mais... VNF– Por que têm lugares, vamo dizê que não tá adubado... ou mesmo tá sem algum adubo, por que as mandioca que tão, cresce, ficam muito bonita, mas não bota raízes? T1 – Boa pergunta, boa pergunta, isso é a adubação que não é bem feita, é o que o técnico diz de adubação inadequada, certo, né, então eu falei o quê? [...]* (f. 20). Quanto ao item c, a *identidade e o status dos participantes*, ou seja, as especificidades relacionadas às variáveis sociais inerentes a cada indivíduo, aqui neste trabalho, tornam-se óbvias, uma vez que os informantes possuem diferenças sociais distintas: de um lado, os técnicos e do outro, os lavradores. No item d, a *relação que existe entre os interlocutores* significa o nível de aproximação entre os sujeitos que integram o processo, a fim de tornar o evento o mais descontraído possível, de forma que se alcancem os objetivos propostos.*

Considerando-se que o falante se apropria da língua ao utilizá-la como um instrumento em sua comunicação e que, no processo de interação, a linguagem é lugar de conflito, assim como de consenso entre os sujeitos, Souza (2002a) declara que quanto maior o número de elementos partilhados, melhor será a interação, ou seja, as características dos indivíduos proporcionam estreitamento ou distanciamento lingüístico nas relações pessoais. A aproximação ou não dos sujeitos falantes ao longo de todo o processo de comunicação se dá em um maior ou menor grau. Isto posto, afirma-se que quanto maior o equilíbrio de conhecimento, ações e valores entre os indivíduos nas relações sociais, maior o grau de interação entre eles.

---

<sup>12</sup> Os produtores rurais respondem em conjunto.

Tratando das relações que se estabelecem entre parceiros em uma interação, Marcuschi (1988) chama a atenção para a assimetria<sup>13</sup> que se instala quando ocorre uma relação de desigualdade ou desequilíbrio entre os membros participantes de um evento de fala. O autor propõe que as interações na vida diária podem ser distribuídas em duas classes:

- ✓ *Conversações casuais* – Tipos de eventos interacionais em que não há preparação prévia, nem tema definido; os parceiros em geral se conhecem; as interações são geralmente privadas e as possibilidades de intervenção por parte dos falantes são em princípio igualitárias.
- ✓ *Encontros institucionalizados* – São eventos interacionais que usualmente têm objetivo definido; as situações são geralmente públicas e os contextos caracterizados por normas convencionalizadas; os participantes nem sempre se conhecem e um deles representa um papel específico e predominante derivado de sua posição institucional.

No presente trabalho, a conversação institucionalizada foi a forma de interação dominante, tanto na primeira etapa da pesquisa, em que a documentadora entrevistou os produtores rurais, quanto na segunda etapa quando se observou a ação e reação dos envolvidos no Treinamento de Mão de Obra. Sendo assim, a assimetria na interação entre os envolvidos é um fato presente e constante nos dois momentos em que houve a recolha dos dados. Tendo em vista algumas diferenças definidas por Marcuschi (1988) na interação assimétrica, constata-se na situação em análise:

- ✓ um entrevistador e um entrevistado; um instrutor e um espectador;
- ✓ atividade profissional com valor social distinto;
- ✓ relação de *status*, escolaridade diferenciada nos dois casos;
- ✓ hierarquia e domínio diferenciados na condução dos trabalhos, bem como do conhecimento da tecnologia recomendada.

Percebe-se que na pesquisa de campo, a assimetria foi apresentada como elemento de desigualdade quanto às características dos indivíduos participantes: de um lado, o entrevistador ou o instrutor com um tipo de atividade profissional, *status*, escolaridade, domínio de conhecimento da tecnologia diferenciado; do outro, o participante do processo – o

---

<sup>13</sup> Noção usada para descrever uma relação de desigualdade ou desequilíbrio entre os membros participantes de um evento de fala (Marcuschi, 1988, p. 58).

entrevistado ou o espectador – que detém todas as características opostas às relacionadas anteriormente. Salienta-se que se buscou o maior grau de naturalidade possível na recolha dos dados para amenizar este aspecto aventado, e ainda o fato de, tanto na entrevista entre a documentadora e o agricultor; quanto no TMO, a pesquisa de campo ter sido realizada no meio social e profissional do indivíduo participante – o campo – foi um elemento estratégico. Este elemento ameniza e descontraí a condução dos trabalhos, no entanto não elimina o grau de assimetria entre os participantes.

Referindo-se à coleta dos dados do Momento I, em que foi realizada a entrevista entre a documentadora e o agricultor, sublinha-se que o primeiro possui propósitos determinados, buscando ser perspicaz o suficiente para tornar o entrevistado uma “peça-chave” do processo, visto que este detém a informação requerida pelo entrevistador. Analisando-se as relações entre sujeitos que participam de uma entrevista, Kerbrat-Orecchioni (1990, p. 119) assinala:

Mais même s’il n’est pas possible de dire qui domine, d’une manière générale, dans l’interview, il est certain que celle-ci se caractérise (à la différence de la conversation et du débat), par une dissymétrie des rôles interactionnels, l’intervieweur ayant pour mission d’extirper par ses questions certaines informations de l’intervieweur, lequel a pour tâche de les fournir par ses réponses.<sup>14</sup>

Marcuschi (1995) apresenta as designações *simetria* e *assimetria* nas relações dialógicas, relacionando-as às noções de igualdade e desigualdade, respectivamente. Referindo-se a uma caracterização de Linell (1990), Marcuschi (1995) subdivide a interação em tipos:

- ✓ simétrico e cooperativo – em que há igualdade de todos os participantes.
- ✓ simétrico e competitivo – em que há igualdade entre os participantes, no entanto, falta consenso.
- ✓ assimétrico e cooperativo – em que os papéis são complementares.
- ✓ assimétrico e competitivo – em que a parte mais forte e com mais poder tende a exercer o controle com imposição de medidas.

---

<sup>14</sup> Mas, mesmo que não seja possível determinar quem domina, de um modo geral, na entrevista, é certo que esta se caracteriza (diferentemente da conversação e do debate) por uma assimetria dos papéis interacionais, tendo o entrevistador, através de suas perguntas, a missão de extrair certas informações do entrevistado, o qual tem por tarefa fornecê-las através de suas respostas.

As relações podem, então, ser apresentadas nas diversas formas relacionadas anteriormente, manifestadas também segundo as características de personalidade de cada um. Vale ressaltar que mesmo optando por um destes tipos, a interação pode mesclar simetria e assimetria dentro de um mesmo discurso, ou seja, em algum momento o interlocutor, por algum motivo, pode não compreender a mensagem transmitida pelo locutor. Adaptando esta noção apresentada pelos autores citados à interação *técnico/homem do campo*, constata-se que a assimetria, no que diz respeito à desigualdade de papéis, é óbvia nesta relação. Quanto às noções *cooperação-competição*, sugere-se que no processo permeia a dimensão *cooperação*, quando um falante complementa a informação do outro, ou sugere uma técnica, ou emprega uma terminologia específica de seu grupo, assim como *competição*, quando o técnico, não exatamente como “imposição de medidas” proposta pelos autores, mas como formador de opinião é o integrante do processo que detém o conhecimento, a tecnologia.

Salienta-se, também, a relação de poder nesta interação, apresentando-se entre os sujeitos características de dominante e dominado: o dominante – *técnico* – que ocupa o lugar de poder e saber institucionalizado a ele reservado; o dominado – *homem do campo* – aquele que ocupa uma posição de pouco poder e de pouco saber formal, também estabelecida em encontro institucionalizado. Santos (1999, p. 18), analisando as relações de poder entre falantes advindas das condições socioculturais distintas, diz:

Em todos esses discursos, o que se observa é a existência sempre de um que sabe mais que o outro, sendo isso expresso claramente nas múltiplas situações em que tais interlocutores se envolvem na sociedade em que estão inseridos.

Cumprе salientar que a noção de *poder* relativa ao saber científico é notória como foi declarado, contudo, identifica-se a experiência do trabalhador rural no cotidiano rural como um diferencial, especificamente no que diz respeito ao trabalho de extensão rural. O técnico dispõe do saber teórico e o lavrador possui o saber prático, como vem ilustrado na fala do informante a seguir: *De acordo eu sei assim, é três braça de um coquêro pra outro [...] conheço braça, metrage não [...] aqui é, trata braça, agora o povo trata metrage, né isso?* (AJ; M). Para o homem da zona rural *braça* se refere à medida, extensão, que não se caracteriza como um vocábulo inerente à terminologia técnica; e quando o informante se expressa como ‘o povo’, está declarando conhecer a diferença de linguagem entre a comunidade campestre e a urbana, envolvendo, neste último grupo, os profissionais da área da agricultura e que usufruíram de uma formação institucionalizada, se comparada à do agricultor. Um outro aspecto que deve ser observado no processo de interação se refere ao

*poder*, relativo à dominação de um falante em relação ao outro. O poder está relacionado ao conhecimento, à função social, à faixa etária, ao gênero, a outros fatores extralingüísticos, bem como a disposição dos participantes na situação comunicativa em um ambiente da sala de aula ou em um treinamento, como o que aqui se analisa; em que o instrutor se coloca à frente dos participantes. No entanto, o ambiente em que se realiza o evento – o campo – se apresenta como elemento facilitador no processo, como também o fato dos envolvidos estarem reunidos *em círculo* torna a conversação um pouco mais descontraída entre os participantes, contudo não elimina a posição de destaque do instrutor. Marcuschi (1995, p. 86) definindo o elemento *poder* afirma: *Em primeiro lugar, lembro que as relações de poder entre os indivíduos na vida social não são um fator genético, transmitido com a espécie humana, mas um fato empírico, uma realidade social, desenvolvido histórica e culturalmente.* A relação de poder pode se instaurar em qualquer relação social, mesmo as mais corriqueiras – pai/filho, professor/aluno, médico/paciente, técnico/homem do campo, investigada nesta pesquisa.

Referente a este último tipo de interação em que o instrutor detém o conhecimento e, conseqüentemente, o poder da situação, como foi exposto em outro momento, observa-se que, em algumas circunstâncias, a orientação apresentada pelos extensionistas não é considerada pelos produtores rurais, como exemplifica o trecho do TMO a seguir: *Só completano aqui o que o colega tá colocano, nós fomos visitá uma área de iame lá em Maragojipe e tinha um plantio que tava justamente, como o colega A. tá colocano, de ladêra abaixo, aí o pessoal da EBDA disse ‘nós tamo cansado de falá isso’ a gente sempre fala isso: pra evitá ará, gradeá e também plantá de ladêra abaixo, no sentido das águas, como o colega colocô, você perde, você pode perdê os pedaços de área, pode criá aquelas voçoroca né, aqueles buracos enormes e você perdê a sua área, então o que é que foi colocado é que o produtô acha que é melhó pra se trabalhá pra o tratô subi e descê, mas o produtô tem que tá preocupado com a área dele, né? ...se a terra não é plana, não tem pouco declive, se ela tem muito declivosa, né, se ela é muito inclinada, você fazê todo o trabalho de aração, de gradagem e plantio, cortano a queda das águas (T1; f. 13).* O que se percebe é que o agricultor imagina que a sua experiência, associada ao tempo/cotidiano na lavoura, assegura a produção do plantio. Tratando desta questão, Orlandi; Guimarães e Tarallo (1989), ao analisarem o discurso da cidade e do campo, manifestam a existência de um conflito quanto à técnica agrônômica entre as concepções do agricultor e as do profissional; o último, inclusive, diz dispor da técnica “correta”. Este conflito, segundo os autores, separa não só a

prática linguística mas todo um conjunto de práticas sociais. Neste sentido, algumas vezes a orientação técnica não é adotada pelo lavrador.

Ainda no que diz respeito à relação de *poder* na interação, referente à comunicação entre os personagens analisados; o primeiro integra o grupo dos profissionais, detentores da informação, como já explicitado; e o segundo se refere ao grupo dos informantes que frequentou pouco a escola e que não dispõe de um vocabulário específico da área técnica. Para que a comunicação entre eles se efetive com sucesso, é preciso que estes falantes estabeleçam estratégias interacionais, ou seja, que o técnico diminua o uso de termos específicos da área, descrevendo suas atividades, utilizando uma linguagem mais familiar ao agricultor e que o homem do campo questione aquilo que não ficou entendido, de modo que a comunicação seja eficaz. No entanto, o que normalmente se percebe é o uso de termos técnicos em detrimento de termos mais comuns na comunicação assimétrica pelo profissional especializado, distanciando os sujeitos envolvidos na comunicação, como vem ilustrado, a seguir, na fala de um dos instrutores, retirada do *corpus*: [...] *independente de recursos que você tenha, porque pra você tê uma casa limpa em um local, não precisa sê rico, pobre, não tem nada a vê isso, recursos financeiros, não tem nada a vê [...] são coisas simples que não é fatô financêro, é o fatô simplesmente de higiene [...] cês pode vendê junto pa Salvador, abri o mercado que é maió pra vocês, em vez de você fazê farinha pra Catu, vai fazê farinha pra Catu, pra Salvador, porque você tem a demanda pra isso [...] além de você plantá com qualidade, tem que tê uma preocupação de você vendê bem [...]* (T2; f. 43). Relativa à utilização de termos técnicos por parte dos profissionais, Vendryes (1958) defende que o termo técnico inclui uma precisão que não existe no termo corrente e que nas consultas, por exemplo, os médicos se limitam a substituir a palavra corrente e vulgar que todos os pacientes compreenderiam por uma *palavra misteriosa* [grifo da autora]. Por outro lado, os pacientes se sentem mais aliviados ao saberem que o profissional conhece o nome e os sintomas que podem sofrer.

Das afirmações do autor apresentam-se algumas considerações, inicialmente quanto à denominação *palavra misteriosa* dada por ele, em que se percebe que o *mistério* neste tipo de relação se dá no desconhecimento do sentido do termo técnico por parte do interlocutor, tornando imprecisa a decodificação da mensagem. No entanto, o fato de o médico estar descrevendo sintomas e apresentando uma nomenclatura técnica específica de determinada anomalia, deixa o paciente mais tranqüilo, visto que demonstra conhecimento na área. Estas observações pertinentes a quaisquer interações assimétricas, quanto ao uso da

terminologia técnica, apresentam-se como elemento benéfico, de um lado, por demonstrar que o profissional detém o conhecimento técnico; e como elemento maléfico, do outro, por estabelecer um ruído na comunicação.

Freire<sup>15</sup> (1992, p. 68) defende o *diálogo problematizador* como forma de diminuir a distância na comunicação entre o técnico e o camponês, ao invés da realização de palestras no campo:

Em torno de um fato – a colheita, por exemplo –, poderemos usar um sistema simbólico ininteligível para eles. Nossa linguagem técnica, que se exprime num universo de signos lingüísticos próprios, pode deixar de ser alcançada por eles como o significante do significado sobre o qual falamos. Daí que as palestras sejam cada vez menos indicadas como método eficiente. Daí que o diálogo problematizador, entre as várias razões que o fazem indispensável, tenha esta mais: a de diminuir a distância entre a expressão significativa do técnico e a percepção pelos camponeses em torno do significado. Deste modo, o significado passa a ter a mesma significação para ambos. E isto só se dá na comunicação e intercomunicação dos sujeitos pensantes a propósito do pensado, e nunca através da **extensão** do pensado de um sujeito até o outro.

Relacionado ao que afirma Freire, observa-se, também, o que disse Marcuschi (1999, p. 84), no tocante à compreensão do discurso, que o trata, não como um processo unilateral, mas como um processo bilateral:

Tudo leva a crer que a categoria básica no processo inferencial seja a **compreensão**, já que ela permeia o processo em todos os momentos de sua realização. Mas a compreensão não é fruto do trabalho de um dos interlocutores apenas, e sim dinamicamente construída por vários, ao se considerar a bilateralidade dos atos conversacionais, que não podem ser vistos exclusivamente do ponto de vista de quem os produz ou de quem os recebe. Por isso mesmo é na forma de os interlocutores interagirem que reside a melhor fonte para análise do processo de compreensão. Isto desencadeia um movimento em que o processo se torna **co-inferencial**.

Sendo assim, nos atos conversacionais, os integrantes do processo da comunicação se completam em função da compreensão da mensagem, o interlocutor sinaliza com uma aceitação ou recusa daquilo que foi expresso pelo locutor. Os participantes da comunicação num jogo de ação e reação trocam mensagens uns com os outros. A Teoria da Comunicação tradicional trata a troca de informações entre os falantes como um processo mecânico que se desenrola como se o *sujeito dissesse algo* e a etapa fosse finalizada, enquanto a mensagem é enviada para o *sujeito que ouve*, encerrando-se ao ser ouvida. Já na concepção defendida pela Teoria da Interação Verbal, a troca não se faz por momentos

---

<sup>15</sup> As idéias deste autor são muito difundidas e valorizadas entre os profissionais que trabalham na área da extensão rural.

isolados, segmentados; o processo é contínuo, interativo e relacionado ao contexto. Esta é a diferença entre as duas abordagens. Quanto à interação contextualizada, observa-se o que afirma Koch (1997, p. 109):

É por tudo isso que não basta estudar a língua como um código (conjunto de signos), através do qual um emissor transmite mensagens a um receptor; nem como um sistema formal, abstrato, de relações entre elementos de vários níveis que permitem estruturar as frases de uma língua, nem como um conjunto de enunciados virtuais cujo “significado” é determinado fora de qualquer contexto.

É preciso pensar a linguagem humana como um lugar de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos.

Os sujeitos precisam comunicar-se permanentemente para atenderem às suas necessidades. Segundo Berlo (1979), a interação entre os falantes exige uma reciprocidade de papéis, um assumindo o papel do outro. O autor afirma que, quando duas pessoas interagem, cada uma põe-se no lugar da outra, procurando perceber o mundo como a outra o percebe, tentando prever como a outra responderá. O objetivo da interação é a fusão da pessoa e do outro, a total capacidade de antecipar, de prever e comportar-se de acordo com as necessidades conjuntas da pessoa e do outro. E finaliza, definindo a interação como o ideal da comunicação, a meta da comunicação humana. Conseqüentemente, a interação se configura como um processo mais completo, se comparada com a concepção anteriormente predominante na Teoria da Comunicação.

Kerbrat-Orecchioni (1990), relatando a interação, diz que além dos participantes entrarem em um acordo sobre o *contrato da comunicação*, negociam o sistema de direitos e deveres no qual estão engajados desde quando começam a conversação. A autora acrescenta que os dois participantes (convém lembrar que podem ser mais de dois participantes) são *co-pilotos* da interação e que asseguram, conjuntamente, a gestão. Além disso, afirma também mais adiante que o exercício da fala, longe de ser uma forma de expressão do pensamento é uma prática coletiva onde os diferentes participantes (aqui a autora se refere a mais de um participante) colocam em prática um conjunto de procedimentos que permite assegurar conjuntamente a gestão dos discursos produzidos.

Na interação, o interlocutor representa, temporariamente, um personagem passivo, na medida em que ao ouvir e analisar a mensagem, muda do papel de ouvinte, para o de locutor, passando a um papel ativo na interação. Bakhtin (1992) diz que o ouvinte recebe e compreende a significação lingüística de um discurso, adota uma atitude *responsiva ativa*,



concordando ou discordando, total ou parcialmente. Sendo assim, o autor afirma que o ouvinte torna-se locutor. Relativo ao papel do interlocutor, Koch (1997, p. 23) também afirma: “Para que um ato de fala alcance os objetivos visados pelo locutor, é necessário que o interlocutor seja capaz de **captar** a sua intenção; caso contrário o ato será inócuo”.

O processo de interação verbal ou não verbal resulta da ação de um sujeito e da reação de outro no uso da língua. Benveniste (1989, p. 82), correlacionando língua e enunciação, diz: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. O linguista tratando da questão da enunciação apresenta a língua envolvida neste processo:

Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. (BENVENISTE, 1989, p.83)

Estabelece-se, então, uma relação em que os falantes se utilizam da língua para expressar os pensamentos ou idéias que circundam ao meio em que vivem. A conversação pressupõe a existência do outro, em número unitário ou coletivo, congregando, neste último caso, uma infinidade de participantes. Para que se inicie a conversação, um dos envolvidos no processo coloca-se na posição de locutor, designado como turno e que segundo Marcuschi (1999) pode ser tido como aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio. A regra da conversação demonstra que cada falante se expressa um de cada vez e que, efetivamente, deve haver a oportunidade de se proporcionar a participação do outro, através da disponibilidade do turno para o outro (interlocutor). Tratando da análise aqui desenvolvida percebe-se que, em determinadas circunstâncias, não existe a tomada do turno por parte do interlocutor, seguindo-se de um monopólio do turno pelos instrutores, quando estes dominam o discurso, descaracterizando a função da conversação/diálogo, bem como a do treinamento, uma vez que vai expondo o conteúdo sem verificar a compreensão do agricultor, exemplificado através de algumas folhas em que se processou este fato no *corpus*: 29, 30, 32, 65 e 66. Assim, a comunicação passa por um processo de estagnação, em que não houve a verificação de entendimento do conteúdo, e não ocorrendo a interação propriamente dita.

Por outro lado, como a utilização da língua se processa através de um dar e um receber, como foi declarado, o locutor, ao expressar-se tem a expectativa de aceitação ou recusa daquilo que expressou, objetivando a continuidade da comunicação em torno de um

tema qualquer, ou mesmo do silêncio. Destaca-se então um trecho da transcrição do TMO, a fim de ilustrar tal situação à folha 32: *RS – ...cavá o chão, a base de vinte centímetros e pegô a terra lá de bôxo, insacô e levaro. Foi quando veio aquela J., que veio com os resultado. T1 – Ah, sei... um trabalho que ela tava fazendo com o calcário... RS – Exatamente.*

Os gêneros do discurso também são elementos que diferenciam os atos da comunicação. Bakhtin (1992) revela que os gêneros do discurso oral e escrito, inerentes às atividades humanas, estão relacionados à utilização da língua. O autor ainda afirma existir uma variedade de gêneros do discurso em função da inesgotável atividade humana como: o diálogo cotidiano, o relato familiar, a carta, os documentos oficiais, declarações públicas, exposições científicas e o estilo literário. A diversidade desses gêneros varia conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros: há o estilo elevado, estritamente oficial; como há o estilo familiar que comporta vários graus de familiaridade e de intimidade. Bakhtin (1992) também se refere às pessoas que dominam bem a língua, mas sentem-se desamparadas em certas esferas de comunicação verbal, por não dominarem as formas do gênero de uma dada esfera, como, por exemplo, um homem que domina a fala numa esfera de comunicação cultural ou científica, calar-se total ou parcialmente numa conversa social, por inexperiência no domínio do repertório dos gêneros da conversa social.

Trazendo esta discussão de Bakhtin para a pesquisa em questão, no diálogo entre o técnico e o homem da zona rural, percebe-se que uma relação mais estreita entre os envolvidos e a experiência com o trabalho de extensão rural fazem diferença nesse processo. Cumpre salientar que na análise da transcrição do Treinamento de Mão de Obra, observou-se que, apesar dos poucos momentos de interferência de um dos técnicos – T2 – visto que foram dois que participaram do treinamento, este apresenta um repertório lingüístico muito específico, dificultando a compreensão da explanação. Além disso, mesmo havendo uma interação mais estreita com um dos profissionais – T1 – ao longo do processo, percebeu-se a maioria da platéia calada, apenas ouvindo o relato, havendo a interferência de um ou de outro agricultor e, inclusive, sendo sempre os mesmos. Pergunta-se: será que os lavradores estão incapacitados de se comunicarem? A resposta é evidentemente negativa. A timidez, a insegurança e até mesmo a dificuldade em compreender certas expressões apresentadas no relato dificultam e impedem uma interação mais eficaz neste estilo de discurso. Numa conversa informal entre eles, os agricultores tecem considerações técnicas do trabalho na lavoura, inclusive com uma linguagem mais simples e específica da região. Um mesmo locutor pode falar “caipira” em uma situação e não falar caipira em outra situação, o que

depende do jogo de identidade que se instala, da relação de forças e de sentidos que se produzem (ORLANDI; GUIMARÃES; TARALLO, 1989). Neste sentido, o estilo e a forma de falar destes usuários da língua – o extensionista e o homem do campo – são diferentes e se diferenciam mais ainda quando relacionados à situação.

#### A. Coerência e Coesão Textual

Para ter sentido, o discurso necessita de elementos que estejam diretamente relacionados de forma que auxilie na comunicação entre os falantes: a coerência e a coesão.

Koch e Travaglia (1989), abordando estes elementos, dizem que a coerência é algo que se estabelece na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários, fazendo com que o texto<sup>16</sup> faça sentido para os usuários, devendo ser vista como um princípio de interpretabilidade do texto. Este princípio estabelece uma relação direta com a capacidade do usuário em recuperar o sentido do texto, dependendo do conhecimento sobre o assunto, conhecimento de um usuário pelo outro, conhecimento dos recursos lingüísticos utilizados, do grau de integração dos usuários entre si e outros elementos. (KOCH; TRAVAGLIA, 2002)

Ao expressar o pensamento, o locutor tem a intenção de ser entendido pelo interlocutor. Na verdade é como se fosse uma interpretação da mensagem expressa pelo emissor recebida pelo receptor. O objetivo da transmissão dessa mensagem só será alcançado caso a interpretação/decodificação da mensagem seja eficaz. Existe, nessa relação, uma colaboração entre os envolvidos no processo, em que cada um ocupa o seu papel, cuja intenção de ambos vem pré-estabelecida.

Referindo-se aos elementos *coerência/coesão*, Koch e Travaglia (1989) os apresentam como uma espécie de par opositivo/distintivo. A *coesão*, segundo os autores, é explicitamente revelada através de marcas lingüísticas, índices formais na estrutura da seqüência lingüística e superficial do texto. Ao discutir certos conceitos relacionados com este tema, os lingüistas dizem que a *coesão* é interna e a *coerência*, externa, pois esta se relaciona aos contextos de situação. Se o assunto tratado não for do domínio de quem ler/ouve,

---

<sup>16</sup> Segundo Koch o *texto* será entendido como uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão.

certamente ocorrerá uma divergência de ação e reação gerando um prejuízo para a interação. Um texto bem elaborado, seja ele oral ou escrito, deve apresentar uma comunicação clara. O texto pode até não conter elementos coesivos e comunicar, no entanto, a presença destes elementos torna o discurso mais consistente, com um sentido claro e supostamente coerente para o interlocutor, que é quem vai interpretar a mensagem.

Koch e Travaglia (1989) ainda afirmam ser um postulado dizer que a coerência depende fundamentalmente da interação entre o texto, aquele que o produz e aquele que busca compreendê-lo. E acrescenta:

A nosso ver há elementos (pistas) no texto que permitem ao receptor calcular o sentido e estabelecer a coerência; mas muito depende do próprio receptor/interpretador do texto e seu conhecimento de mundo e da situação de produção, bem como do seu grau de domínio dos elementos lingüísticos pelos quais o texto se atualiza naquele momento discursivo-comunicativo. (KOCH e TRAVAGLIA, 1989, p. 38)

A coerência está intimamente relacionada à visão de mundo dos envolvidos no processo, bem como aos conhecimentos de que dispõem. A coesão, então, está relacionada ao locutor, pois tem a ver com a construção do texto, e a coerência se refere ao interlocutor, uma vez que se relaciona à interpretação daquilo que foi expresso. No entanto, como foi declarado, a visão de mundo dos indivíduos auxilia nesse processo de construção do discurso. Ainda discutindo a questão da coesão, Koch (1990) destaca o papel relevante que o léxico desempenha para a coesão do texto:

Consideram a coesão como parte do sistema de uma língua: embora se trate de uma relação semântica, ela é realizada – como ocorre com todos os componentes do sistema semântico através do sistema léxico-gramatical. Há, portanto, formas de coesão realizadas através da gramática e outras, através do léxico. (Koch, 1990, p. 17)

No que diz respeito ao funcionamento do léxico e a sua função coesiva, convém distinguir o léxico de função do léxico de conteúdo. O primeiro diz respeito aos itens que desempenham função gramatical no enunciado, tais como preposição, conjunção, pronomes relativos e indefinidos. O segundo concerne às lexias que apresentam um sentido que aponta para elementos da realidade extralingüística, quais sejam substantivo, verbo, adjetivo e advérbio. Quando um dos interlocutores utiliza itens gramaticais desconhecidos do homem do campo, verificam-se problemas na comunicação, embora geralmente tais problemas sejam atribuídos mais especificamente à utilização de itens lexicais de conteúdo por um dos sujeitos em interação, quando estes itens são desconhecidos de seu interlocutor. Palavras gramaticais, segundo Borba (2003), constituem-se por um sistema de noções que se

realizam no interior do sistema. As palavras lexicais relacionam o sistema de noções da língua com o mundo exterior uma vez que cada item desse sistema é uma representação da realidade extralingüística. A seguir, reproduzem-se trechos da fala do técnico no qual os itens léxico-gramaticais estão em itálico e os de conteúdo, em negrito:

- (1) [...] Hoje, nois vamos fazê um treinamento de mão de obra, *sobre* a cultura da mandioca. Bom, nós já realizamos aqui nessa comunidade *alguns* eventos, né, *tais como*, unidade de demonstração da própria mandioca, realizamos excursões pra EMBRAPA, né, pra vê abacaxi, banana, é...[...] Eu acho que vocês que já participaram do treinamento, sabe *mais ou menos como* é que acontece. [...] Bom, (+) vamos começá com o treinamento, vamos começá falano *sobre* a escolha da área, *para que* voceis implante a cultura de mandioca. *Geralmente*, o produtô quando se fala em mandioca, num escolhe uma boa área, né? [...] então, *não só* com a cultura, *mas também* com as pessoas [...] é importante prepará o solo, *mesmo porquê* a mandioca, a raiz desenvolve, né [...] (T1; f. 8/9)
- (2) Porque olhe só, se colocá, um de... de **determinado herbicida** tem que vê se ele é **pró-emergencial**, é **pré-emergencial**, então, tem que tê uma preocupação com isso, que daqui a pouco, pode tá botano, pode ficá o **solo**, durante um **período** até muito grande, sem podê utilizá o solo. Tá entendeno? (T2; f. 45)

Nestes termos, o léxico, então, pode ser o responsável primeiro pela dificuldade ou facilidade na interação face a face, visto que este modo de interação configura-se como um modo de ação muito mais dinâmico, principalmente nesse processo que envolve sujeitos com conhecimentos diferenciados. Quanto ao tema do presente trabalho, ressalta-se que a linguagem especializada e os elementos coesivos são aspectos negativos, como foi exemplificado anteriormente, que interferem na interação, dificultando e afastando o extensionista do agricultor.

Para finalizar este subitem, serão colocadas em evidência considerações em torno de alguns elementos relevantes à coerência textual, relativa à construção do texto. Inicialmente, apresentam-se dez fatores que auxiliam dar sentido e estabelecer a coerência no discurso, segundo Koch e Travaglia (2002): *elementos lingüísticos*; *conhecimento de mundo*, que constrói o universo textual, dentro do qual as palavras e expressões do texto ganham sentido; *conhecimento partilhado* entre o produtor e o receptor do texto; *inferências* por parte do leitor/ouvinte em uma relação não explícita do texto; *fatores de contextualização*, que integram o texto em uma situação comunicativa determinada; *situacionalidade* relacionada e adequada especificamente ao texto; *focalização* em que o produtor fornece pistas sobre o foco

do texto enquanto que o receptor concentra esforços no que está sendo focalizado para entender o texto; *intertextualidade* na medida em que para o processamento cognitivo de um texto, se recorre ao conhecimento prévio de outros textos; *intencionalidade* e *aceitabilidade* em que o primeiro vai desde a intenção de estabelecer ou manter o contato com o receptor até levá-lo a partilhar de suas opiniões, através da argumentatividade; assim como a aceitabilidade que constitui a contraparte da intencionalidade; *consistência* e *relevância* que exige enunciado do texto consistente e relevante aos elementos anteriores e que os enunciados sejam interpretáveis ao longo do relato sobre um mesmo tema. Alguns destes elementos se manifestam na interação documentada nesta pesquisa, embora o conhecimento de mundo e o conhecimento partilhado são os que estão mais evidentes na interação *técnico/homem do campo* e que serão discutidos no capítulo de análise dos dados.

## II. O LÉXICO E A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA

É um postulado afirmar que o homem é um ser social e que utiliza a língua para se comunicar. A diversidade sociocultural a que os indivíduos estão expostos propicia a diversidade no uso da língua. Hagège (1985, p. 245) diz: “Mesmo nas comunidades mais homogêneas, podemos ver que não existe uma forma lingüística fixa e imutável, nem na pronúncia, nem na sintaxe, nem no vocabulário, nem mesmo na morfologia”, e ainda acrescenta: “a variação é inerente à linguagem”. Este estudo tem como objetivo justamente analisar a variação do léxico no processo de interação.

A significação de qualquer sistema lingüístico está mais especificamente no léxico, que disponibiliza a sua utilização para os falantes de uma língua, a fim de se estabelecer a comunicação entre os indivíduos. Sabe-se, então, que o *léxico*, segundo o verbete da enciclopédia Mirador, constitui um inventário aberto e que pode ser enriquecido por criações dos usuários, para responder às suas necessidades culturais ou pessoais. Na verdade, ele é ilimitado e muda constantemente conforme as necessidades. Dessa forma, percebe-se que é impossível determinar o número de unidades que compõem o léxico (cf. Mirador:1990). Assim, face à diversidade lexical, vários são os estudos que procuram resgatar e documentar a linguagem tanto urbana, quanto rural. Do ponto de vista de Cardoso (2001), uma rápida visão da realidade das comunidades lingüísticas mostra as transformações na relação entre os povos: a quebra dos limites e fronteiras entre os centros de povoamento, em função do avanço dos meios de comunicação, o deslocamento dos habitantes de uma região para outra – campo/cidade – o processo de escolarização dos sujeitos. Todos estes aspectos

exercem influência na interação, implicando uma ampliação do repertório verbal dos falantes. As pesquisas buscam, então, registrar as formas lingüísticas documentadas, assinalando as acepções de cada uma, de acordo com o contexto empregado pelo usuário da língua.

Carvalho (1984) afirma que a necessidade de nomear as novas criações contribui não só para a linguagem técnica ou científica, como também para linguagem em geral, pois ambas, ciência e técnica participam do nosso cotidiano, transformando-o, facilitando as tarefas, mudando os hábitos, acelerando o ritmo, modificando os padrões comportamentais. Além disso a autora assinala que as tendências políticas e sociais se modificam, se renovam e necessitam ser nomeadas, provocando novas entradas no vocabulário e futuros verbetes para o dicionário. Considerando-se a linguagem do agricultor, destaca-se a seguir um trecho da fala do informante, a fim de exemplificar como o dia-a-dia propicia a criação lexical: *Rumbora fazê uma mudança daqui, pra aqui, mais... [...] Que é pra num ficá **imbacerado*** (JS; F). *Imbacerado* será descrita na análise dos dados como uma forma não dicionarizada. No entanto, o falante, ao criar novas palavras, segue, mesmo que involuntariamente, as normas e regras do sistema, com a finalidade de manter o processo de comunicação. Paiva e Gomes (2000, p. 141) afirmam quanto a este posicionamento:

Em outras palavras, qualquer mudança que tenha se operado em um subsistema da língua, terá necessariamente passado por um período de ocorrência variável entre as formas em competição. Portanto, a variação observada no uso está prevista no sistema. O que equivale a dizer que a variação não é um fato aleatório, é sistemática, é governada por princípios ou regras.

E ainda acrescenta:

O controle da variabilidade é exercido tanto por fatores internos ao sistema como por fatores externos a ele, dentre os quais vai relevar, em muitos casos, a função comunicativa desempenhada por uma determinada variante lingüística.

Os estudos lingüísticos vão investigar e justificar as causas desta variação, através da observação dos fatos constantes na recolha de dados dos pesquisadores. O contexto em que se processou a modificação é que sinaliza os motivos de uma interferência tanto de fatores internos, propriamente lingüísticos; como fatores externos ao sistema, que se referem às variáveis sociais. Apoiados pelo sistema lingüístico, os falantes conseguem comunicar-se uns com os outros. A articulação entre os elementos de conservação da língua com a criatividade lexical permite a comunicação. Borba (2003) defende o ponto de vista de que uma comunidade de fala está permanentemente sujeita ao impacto de duas forças que agem

em sentido contrário, uma estimula o discurso à manutenção das formas e a outra à variação. E acrescenta ainda que dessa forma as línguas se renovam sem perderem sua base de identidade. Considerando-se a afirmação do autor, percebe-se que o movimento de renovação, impulsionado pelo uso da língua entre os falantes não provoca uma desorganização total no sistema lingüístico. Convém lembrar que essa renovação, que se processa através da criação lexical, ocorre não só na língua padrão, mas também na língua popular ou na linguagem técnica, a fim de atender, também, a modernização da sociedade. Na língua popular, o neologismo ocorre em todos os níveis sociais; no entanto, apresenta um destaque maior em falantes pertencentes à classe menos favorecida social e culturalmente, bem como na fala dos indivíduos que convivem na zona rural, como já foi exemplificado. A linguagem técnica, com especificidades próprias da área e, conseqüentemente, terminologia específica se apresenta nos grupos de sujeitos que utilizam esse léxico; no entanto, a não disponibilidade de formas específicas, requer a denominação, a criação de outros termos para serem utilizados na comunicação.

No que diz respeito ao léxico – que é o propósito da presente pesquisa – este pode definir um grupo social, uma vez que é através dos vocábulos empregados pelos indivíduos em suas relações que se percebe o contexto social, histórico, cultural em que o sujeito está inserido. Biderman (1998a, p. 12) comenta: “Além disso, o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística ao longo de uma história”. Cada período histórico pode ser retratado tendo em vista as nuances sociais, culturais e lingüísticas. Os indivíduos constroem a sua história através da língua, descrevendo os fatos. A autora tece várias afirmações a respeito de a língua ou da variação lexical estar inteiramente relacionada aos fatores socioculturais e históricos de qualquer comunidade. Ainda nestes termos, Barbosa (1979, p. 167) diz: “Sociedade, cultura e língua caminham juntas, condicionando-se e influenciando-se reciprocamente”. E ainda acrescenta: “É inevitável, pois, que as estruturas lingüísticas, principalmente as lexicais, sofram modificações enquanto vão sendo atualizadas em situações e contextos diferentes”.

Havendo uma correlação tão estreita entre o homem e a língua, em que o sujeito se utiliza da língua oral e da escrita para definir e expressar o pensamento, percebe-se que existe a necessidade de uso e, em alguns momentos, a não disponibilidade do recurso – língua – pela falta do signo, símbolo ou palavra, podendo o homem criar, observando as regras morfossintáticas constitutivas da língua, como foi exposto anteriormente. O próprio avanço tecnológico faz com que o homem se utilize do recurso de criação de novas lexicais, a



fim de propiciar a comunicação humana, no entanto, seguindo uma lógica e uma linha de ação, poderia até se referir a uma sistematicidade na criação. Na verdade, a criação pode se estabelecer tanto na linguagem especializada como na linguagem comum. Os falantes necessitam da terminologia científica, no entanto, é através da língua não especializada, da língua comum, que o homem se comunica no seu dia-a-dia. Cabré i Castellví (1998, p. 23/24) estabelece dois aspectos para diferenciar a comunicação especializada da comunicação geral:

Así, la comunicación especializada se diferencia formalmente de la comunicación general básicamente en dos aspectos: en el tipo de textos orales y escritos que produce, y sobretudo en el uso de una terminología específica. La utilización de terminología estandarizada contribuye a hacer más eficaz la comunicación entre especialistas que se propone por encima de todo ser concisa, precisa y adecuada.<sup>17</sup>

Destaca-se também o pronunciamento de Krieger (1999, p. 34) na definição da linguagem especializada:

O largo uso de unidades lexicais próprias de cada área, identificadas como termos técnico-científicos, constitui um significativo diferencial. Essas unidades lexicais estão a serviço de uma comunicação especializada e, nessa medida, opõem-se ao léxico da língua comum.

As línguas técnicas, pela necessidade de designar precisamente uma informação científica, podem também utilizar o léxico da língua corrente que passa a ser adotado com um sentido pertinente a determinada área. Vendryes (1958) exemplifica este aspecto com termos como *trabalho*, *obra*, *operação* que tomam o sentido especial ao serem empregados por pessoas diferentes. Sendo assim, o que determina a permanência da palavra, relacionada ao sentido empregado pelo falante é o uso ou o não uso dos termos, em todas as especialidades de língua ou na língua comum. Os falantes correlacionam os sentidos à criação das palavras; o uso e o contexto em que são utilizadas é que vão determinar os seus destinos. Wartburg (1975, p. 149) diz sobre esta questão: “o destino de uma palavra, sua floração e proliferação, seu declínio e sua morte, estão em grande parte condicionados por suas relações com o seu meio”. O autor se refere ao destino do termo em questão com o seu meio e mais adiante admite que o emprego diferenciado do mesmo termo por falantes distintos está correlacionado à experiência de vida do usuário da língua. Um vocábulo novo pode

---

<sup>17</sup> Assim, a comunicação especializada se diferencia formalmente da comunicação geral basicamente em dois aspectos: em textos orais e escritos produzidos, e sobretudo no uso de uma terminologia específica. A utilização da terminologia padrão contribui para tornar a comunicação mais eficiente entre os especialistas propondo antes de tudo que seja concisa, precisa e adequada.

comprometer a mensagem, implicando um problema na comunicação, interferindo no processo de interação momentaneamente. Entretanto, o uso faz com que os falantes passem a entender a nova forma em outras situações. Este elemento é muito importante, visto que o amadurecimento, relacionado ao conhecimento e a experiência que o indivíduo tem do mundo faz a diferença na aplicação do termo lingüístico. Em relação à aplicação de termos técnicos e que podem comprometer a mensagem, destacam-se alguns itens lexicais do *corpus* descritos como aspectos negativos ao processo de interação, a fim de ilustrar este item. Em um contexto da fala do técnico foram usadas lexias que comprometem a comunicação, a saber: *cloreto de potássio, fonte de potássio, super simples, fonte de fósforo, adubação nitrogenada, linha de plantio* (T1; f. 12). Esta questão será discutida na análise dos dados, demonstrando como os termos com o sentido muito específico e que, conseqüentemente, não são compreendidos pelo agricultor, causam transtorno na comunicação.

Um outro elemento de interferência no desempenho lingüístico na interação são as variáveis sociais. Dessa forma, a faixa etária, o gênero e a escolaridade são aspectos que distinguem os falantes ao se comunicarem. Souza (2002a) sublinha tal fato quando afirma que o exame do material verbal pode dar luz para a análise da realidade social, situacional, assim como da faixa etária do falante. A relevância das variáveis sociais é destacada por vários autores como se percebe nos trechos abaixo reproduzidos:

Tarallo (1985, p. 47):

[...] os parâmetros externos mais óbvios são exatamente aqueles que provam ser significativos em relação à variável. No caso de você prever um caso de variação que já projete uma mudança dentro do sistema, o fator faixa etária é de extrema importância. [...] Por outro lado, em uma sociedade tão estratificada como a nossa, fatal será que o nível socioeconômico e de escolaridade do indivíduo tenha direta relevância sobre seu desempenho lingüístico.

Lyons (1982, p. 251) :

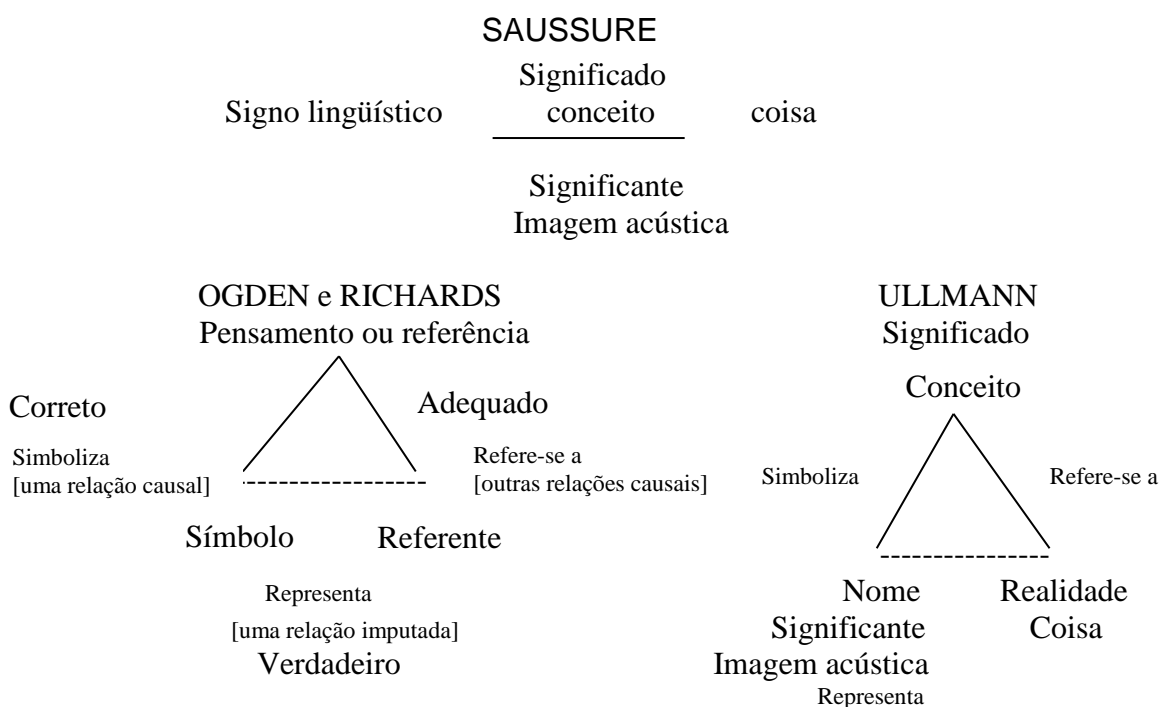
[...] não há dúvida de que o sexo é uma das principais variáveis relevantes do ponto de vista sociolingüístico em todas as línguas. E há muitos casos bem documentados de diferenças dialetais relacionadas a sexo, na literatura especializada, que não refletem necessariamente as mesmas atitudes com respeito a **status** social ou aos papéis masculino e feminino do que as diferenças relacionadas a sexo que existem em nossa própria sociedade.

Na verdade o gênero, designação mais adotada pelos estudiosos da lingüística moderna, quando se referem ao sexo, se apresenta como uma das variáveis que influencia na forma de expressar do falante. Além disso, a idade, a classe social, a escolaridade e até a

familiaridade com a atividade desempenhada também estão relacionadas ao modo de falar do sujeito. Oliveira (2001b), analisando a interação *técnico/homem do campo*, relacionou as variáveis escolaridade, faixa etária e gênero, ao desempenho lingüístico dos sujeitos por ela pesquisados. Segundo a pesquisadora, a mulher, apesar de se imaginar o contrário, também apresentou conhecimento de formas técnicas em seu repertório lingüístico, demonstrando a aproximação com esta linguagem mais específica.

### A. Semântica

Saussure (1975) separava a língua da fala, ou seja, o que é social do individual, assim como o que é essencial do que é acessório. O autor apresentava as características da língua como sendo a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo que, por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la; a língua distante da fala é um objeto que se pode estudar separadamente; a língua é de natureza homogênea; e a fala é um objeto de natureza concreta. Estas características implicam em uma outra mais importante: “A língua, assim delimitada no conjunto dos fatos de linguagem, é classificável entre os fatos humanos, enquanto que a linguagem não o é” (SAUSSURE, 1975, p. 23). Para Saussure, o signo lingüístico, entidade psíquica, se divide em duas faces: conceito e a imagem acústica. Far-se-á a seguir uma correlação entre este entendimento do signo lingüístico apresentado por Saussure e os triângulos de Ogden e Richards (1976, p. 32), reformulado por Ullmann (1977):



Observa-se que a categoria *coisa*, explicitada por Saussure, está relacionada ao *referente* citado por Ogden e Richards, assim como também *realidade/coisa* expressa por Ullmann. Carvalho (1980), analisando os princípios saussurianos, compara a interpretação dada por Saussure para o signo lingüístico e o triângulo de Ogden e Richards e propõe: [...] “o triângulo (*de Ogden e Richards*) inclui o referente ou coisa significada, embora ressaltando (por meio da linha pontilhada da base) que não existe nenhum vínculo direto entre a coisa e o símbolo” [...] (CARVALHO, 1980, p. 99). Percebe-se, então, que Ogden e Richards propõem uma linha pontilhada a fim de relacionar o símbolo ao referente, bem como Ullmann, que estabelece uma ligação também por uma linha não contínua entre o significante e a realidade. Carvalho (1980) afirma ser pertinente a reintrodução da coisa significada no triângulo, demonstrando que, sendo considerada extralingüísticamente ou não, não pode ser *ignorada* pela Semântica. Saussure (1975) também apresenta o signo lingüístico com duas características primordiais: a *arbitrariedade* e o *caráter linear do significante*. Segundo este lingüista, o significante é arbitrário em relação ao significado e a segunda característica, que trata do caráter linear do significante, diz que o significante representa uma extensão mensurável numa só dimensão.

Carvalho (1980), criticando o princípio da arbitrariedade do signo lingüístico proposto por Saussure, afirma que para o mestre de Genebra não existe o *significante verdadeiro* e que qualquer um é válido, no entanto este aspecto é o mais criticado, reacendendo a polêmica existente entre os antigos filósofos gregos, que se preocupavam em saber se o laço entre o significante e o significado era natural ou produto da convenção humana. Carvalho (1980) ainda acrescenta:

Alguns dos críticos de Saussure objetaram, entre outras coisas, que o signo, na sua totalidade, não é tão arbitrário como pretendia o mestre, porque uma das suas duas faces (o significante) não poderia combinar-se arbitrariamente com a segunda face (o significado) correspondente em outra língua. Por exemplo, o inglês /<sup>4</sup>tít:ʃə/ (teacher) não poderia jamais tornar-se o significante do significado português “professor” (se é que é possível representar-se visualmente um significado), porque /<sup>4</sup>tít:ʃə/ é parte inseparável e necessária (assim pensam esses críticos) de um signo cujo significado não é, em todos os sentidos e nuances, igual à idéia que nós, falantes de português, fazemos de “professor” . (CARVALHO, 1980, p.101)

Cumprе salientar, no entanto, que não há como negar a contribuição dada por Saussure à lingüística, como afirma Carvalho (1980, p. 137): [...] “a primeira posição estruturalista, de caráter rigoroso, e consciente, é a de Saussure. A partir da publicação do seu Cours, formaram-se várias correntes lingüísticas, todas calcadas no pensamento

“estruturalista” do mestre suíço”. Apesar disso, a separação da língua em relação à fala, da sincronia e da diacronia são aspectos hoje criticados pela lingüística moderna.

Guiraud (1980, p. 18), tratando também dos signos afirma: “Os signos de comunicação propriamente ditos são essencialmente *convencionais*: seu sentido resulta de um acordo entre os que os empregam”. Guiraud (1980) reportando-se à visão saussuriana tece argumentações a respeito das definições do signo lingüístico. O autor chama a atenção para as noções dos termos *arbitrariedade*, *motivação* e *convencional*. O *arbitrário* se opõe a motivado e tem como corolário *convencional*, mas o *convencional* não exclui o *motivado*. O trocadilho demonstra, do ponto de vista do autor, que uma grande parte das palavras que se emprega é efetivamente motivada, e essa motivação, mais ou menos consciente, determina o emprego e a evolução das palavras e que qualquer nova criação verbal é necessariamente motivada, podendo conservar essa motivação até que acabe no arbitrário, quando a motivação deixa de ser percebida. O autor ainda declara que na língua de comunicação, o sentido do termo novo fica inserido na situação e faz com que o interlocutor possa reconhecê-lo e interpretá-lo, e a medida em que essa nova palavra é reconhecida, aceita e repetida, uma convenção se institui. Borba (2003), também relacionando as características *arbitrário* e *convencional* do signo lingüístico à noção de polissemia, expõe seu ponto de vista:

Se o signo lingüístico é arbitrário e convencional e se o significado é um conjunto de traços sêmicos, então, potencialmente, todo signo pode ser polissêmico uma vez que esses traços podem expandir-se em várias direções provocando pluralidade significativa, o que naturalmente está ligado à convenção lingüística, que possibilita não só a comunicação interpessoal, mas ainda a sobrevivência do código como sistema instituído e suprapessoal. [...] Do que se disse, deduz-se que a polissemia é uma propriedade do signo, mas ela tem caráter discursivo na medida em que depende do contexto e da situação a realizar-se. (BORBA, 2003, p. 161)

Propõe-se, pelas afirmações dos autores citados, que o signo lingüístico pode ser convencional, arbitrário ou motivado. O contexto vai auxiliar e às vezes determinar a situação. Se o termo é comum na linguagem dos falantes, o seu sentido, correlacionado ao significante se enquadra, visto que é familiar aos sujeitos envolvidos no processo. No entanto, caso o termo não seja comum, ou mesmo seja desconhecido, ou novo, o contexto tem um papel fundamental para auxiliar e definir os vários sentidos do signo lingüístico. Sendo assim, o signo tem a característica de ser motivado, ou seja, relacionado a uma cor, textura, tamanho, forma e outros elementos interligados ao contexto, como demonstra a fala do lavrador identificando um tipo de trator: *Ará a terra é chegá com... quando num qué ará cum boi, ara cum tratô, cum bisôro* (AJ; M). O trator, antigo, de pequeno porte, de formas arredondadas,

para o agricultor, se assemelha à forma de um inseto, como um besouro. A motivação está evidentemente justificada pela associação que o informante faz entre um equipamento agrícola e um inseto comum no cotidiano campestre. Na verdade, não determinando a seqüência dos fatos – o convencional, o arbitrário ou o motivado – estabelecido o motivo pelo qual se define o termo, convencionam-se e correlacionam-se ao sentido deste a fim de tornar um uso comum e adequado entre os falantes. Sabe-se, então, que o valor da palavra é determinado pelo contexto, ou seja, a palavra está situada em um ambiente que fixa momentaneamente seu valor (Vendryes, 1958).

Wartburg (1975), relacionando a língua e a palavra, diz que a língua é o sistema de expressão global que serve de meio de compreensão no interior de uma certa comunidade humana. Ela é também um bem social, comum a todos os membros de uma comunidade lingüística. A palavra, ao contrário, é o uso que cada membro da comunidade lingüística faz do sistema de expressão considerado. O autor afirma que língua e palavra estão unidas por elos de estreita conexão. Souza (2002a) referindo-se às afirmações de Bakhtin (1979) diz que a palavra tem a característica de ubiquidade social, ou seja, a palavra penetra em todos os domínios sociais e ainda declara que a palavra é um signo neutro em relação a qualquer função ideológica, isto é, estética, científica, moral, religiosa. Souza (2002a) exemplifica tal questão dizendo que a palavra *trabalho* tem um sentido diferente para um burguês e para um trabalhador; ou seja, a palavra na interação deixa de ser neutra e adota o sentido contextual. Bakhtin (1979) também afirma que as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. Esta afirmação traduz a força e o poder das palavras nas relações humanas, tanto sozinhas quanto acompanhadas de várias outras. Sendo assim, argumenta-se que a palavra ajuda a enfatizar e/ou a desvalorizar as idéias, ou seja, qualificar em todos os sentidos o discurso verbal.

No que diz respeito à mudança de sentido da palavra, Vendryes (1958) apresenta a seguinte classificação: *restrição*, quando o sentido passa do geral para o particular; *extensão*, quando inversamente, o sentido passa do particular para o geral e *deslocamento*, quando ambos os sentidos são equivalentes ou indiferentes quanto ao ponto de vista da extensão, passando de um para o outro por proximidade, como ocorre na linguagem figurada. O autor sugere que estes tipos de troca de sentido são explicados através do uso que o falante faz das palavras. Propõe-se então que, com a finalidade de ser compreendido, o falante pode transitar pelo emprego das palavras dentre os vários sentidos em que estas podem

se apresentar. Tendo em vista esta classificação expressa por Vendryes (1958), ser adotada indiscriminada e involuntariamente por qualquer grupo de indivíduos, destaca-se do TMO o uso da *restrição* na fala do homem do campo: T1 – *É, aí já tem vinte centímetros*. RS – *Aqui tem... aqui tem... tem **medida**, tem tudo*. T1 – *Aqui tem tudo... ((risos)) produtô do Riachão de Perêra chega junto*. ((falas)) JQ – *É, tá com vinte e cinco centímetros...* (f. 14). **Medida** neste contexto vem substituindo o termo **trena**, que é um instrumento utilizado para se fazer uma medição. Quanto à *extensão*, da fala do técnico, foi extraído:

[...] Então, o laboratório, tem laboratório que já manda, né, mandô dizê que é pra mandioca, né, o laboratório já analisô, já viu o que é que precisa, se é de mais fósforo, se é de mais potássio, se é de mais de... se é de mais nitrogênio, né, então, eu sei que vocês não conhece com esse nome, conhece que é **uréia**, né, que é o nitrogênio, o cloreto de potássio, quando o camarada, lá do... da casa do fazendeiro... o cloreto de potássio, que é a fonte de potássio, né, e o super simples, que tem um pó e tem em grão, né, que é o fósforo [...]. (T1; f. 20).

**Uréia**, pelo contexto, se refere a adubo, uma vez que no meio rural a uréia é utilizada de uma forma generalizada, substituindo tanto pela aplicação quanto pela nomenclatura na adubação do plantio. No que se refere ao *deslocamento*, evidencia-se do discurso o seguinte: *Os olhinho, aqueles **piquinho*** (VNF; F). *Piquinho* pode significar para o informante *gemas da maniva* por se assemelhar com pequenos sinais pretos ao sair inicialmente a brotação da maniva.

### III. LEXICOGRAFIA: o dicionário e o glossário

A lexicografia, o dicionário e o glossário estão inteiramente relacionados, visto que a lexicografia é a técnica de feitura dos dicionários (HOUAISS; VILLAR, 2001) e, por extensão, dos glossários, em uma definição geral. Poucos são os textos que tratam da teoria lexicográfica. Algumas das informações disponíveis se fazem através de revistas ou artigos apresentados em congressos ou seminários mais recentes. Do ponto de vista de Borba:

[...] a lexicografia pode ser vista sob duplo aspecto: (i) como técnica de montagem de dicionários, ocupa-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes etc.; (ii) como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes. (BORBA, 2003, p. 15)

Isso posto, a lexicografia se propõe descrever o léxico, organizá-lo e disponibilizá-lo ao usuário da língua. Face à vasta heterogeneidade e possibilidade de usos do

léxico que a língua detém, o registro de informações nos dicionários torna-se um elemento auxiliar fundamental no convívio homem/língua. Considerando-se a diversidade de sentido, destaca-se, aleatoriamente, o verbo *abrir* do dicionário de Houaiss e Villar (2001) a fim de ilustrar esta questão: os lexicógrafos registram 50 possibilidades sintáticas com diversidade de sentido no uso deste verbo; e se fosse feito um levantamento mais sistemático, seria observada a existência de vocábulos com inúmeros sinônimos ou várias subentradas. Destaca-se, então, a importância dessas obras lexicográficas para os usuários, auxiliando no emprego adequado e contextualizado das lexias.

Antigamente, as definições dos vocábulos nos dicionários eram tidas como elementos fragmentados, externos aos usuários da língua e ao contexto em que seriam aplicados. Nos tempos atuais, ao apresentarem-se afirmações pertinentes a um verbete qualquer, o lexicógrafo está definindo o termo, expandindo a acepção e até contextualizando-o em dado momento. Definir algo, segundo Souza (2002), é manifestar para outrem a referência que o sujeito construiu socialmente sobre uma dada realidade. Souza (2002) ainda afirma que, além do conteúdo mínimo de pertinência lingüística, a definição representa o objeto nomeado suficiente para permitir uma identificação efetiva. O ato de definir é um ato de fala cujo objetivo é demonstrar o ponto de vista de alguém que tende a induzir o outro a adotar a sua definição. Assim, a definição tem por objetivo relacionar, apresentar e integrar o consulente a um contexto referencial. As definições do homem da zona rural, por exemplo, são tecidas a partir do seu modo natural e simples de falar. Vale destacar que a definição estabelecida pelo lexicógrafo nos dicionários deve utilizar palavras usualmente conhecidas pelos falantes da língua, a fim de que atinja o objetivo de esclarecer claramente ao usuário o sentido daquele verbete.

Do ponto de vista de Borba (2003), um dicionário deve ser um guia de uso, um instrumento pedagógico. O usuário, então, tomará o dicionário como base para ampliar os seus conhecimentos, visto que as acepções estão descritas e apresentadas, considerando-se uma pesquisa em geral feita pelo dicionarista, baseada também em obras já publicadas. Cumpre salientar, assim, a responsabilidade na elaboração desses glossários, uma vez que os lexicógrafos basearão as informações de suas publicações em pesquisas geralmente testadas *in loco* pelos pesquisadores. Apresenta-se, então, a preocupação de Borba (2003, p. 139):

Os nossos dicionários constituem-se em extensos acervos lexicais colhidos ao longo da história da língua, apoiando-se uns nos outros, e, na maioria das vezes, sem teste (sistemático) de uso. Isso se constata facilmente quando se



observa a grande discrepância entre as acepções que os dicionários registram como possíveis para cada item e aquilo que realmente ocorre nos textos. O desajuste é geral.

No entanto, o consulente não poderá deixar à margem o fato de que o uso que o falante faz da língua não é estático. Borba (2003, p. 16), em relação à função da língua, afirma: “Isso (*o fato de o dicionário ser um guia de uso, um instrumento pedagógico*) se torna crucial quando se focaliza a função de interação social da linguagem, o que permite avaliar a importância da língua para qualquer comunidade”. Destacam-se, então, as palavras do autor *a função de interação social da linguagem*, em que se coloca a língua como um instrumento que interage e não esquecendo a característica de ser dinâmica entre indivíduos de uma comunidade qualquer. Imbuído pelo caráter dinâmico, há de se considerar a dinamicidade tanto da língua, relativo ao processo de interação entre os sujeitos que mobilizam as ações relativas ao contexto, como do item lexical que varia de sentido a depender da necessidade do falante. No tocante ao léxico e à natureza dinâmica da língua, Borba (2003) propõe que um acervo de conceitos, pela sua natureza dinâmica, tem equilíbrio instável, não apenas por causa das pressões externas, mas ainda de transformações, migrações, reacomodações internas. Ao final do texto o lexicógrafo ainda determina o objetivo básico do dicionário de uso:

[...] registrar a norma da comunidade, pautando-se pelo esforço contínuo em representar fielmente a práxis lingüística dos falantes, procurando abarcar, quanto possível, os significados e usos correntes, reconhecendo os diversos matizes que caracterizam a variação. (BORBA, 2003, p. 320)

Afunilando estas observações, diferenciando-se o dicionário e o glossário no que diz respeito à especificidade deste, em relação àquele, que é mais generalizado, Xavier e Mateus (1992) propõem para estes termos, nos respectivos verbetes:

**Dicionário** “Repertório estruturado de unidades lexicais, contendo informações lingüísticas de natureza semântica, nocional, referencial, gramatical ou fonética sobre cada uma delas. A organização de um dicionário pode ser de caráter formal (dicionário alfabético) ou semântico (dicionário conceptual).” (Xavier e Mateus, 1992, p. 127).

**Glossário** “denomina-se glossário um dicionário que contém sob forma de simples definições (ou traduções) as significações das palavras raras ou pouco conhecidas”. (Xavier e Mateus, 1992, p. 190).

Salienta-se a informação: *significações das palavras raras ou pouco conhecidas*, bem como o que registra a enciclopédia Mirador (1990), no verbete *léxico*, obtém-se a seguinte definição para *glossário*:

[...] corresponde, via de regra, a um léxico de uma obra, de uma área, de uma delimitação espacial ou temporal em que se relacionam não todos os

vocábulos empregados aí, mas os inusitados ou os eventualmente acolhidos pela primeira vez sob forma escrita, dando-se as respectivas significações e, quiçá, informações complementares. (Mirador, 1990, p. 6757)

Buscou-se a definição de dicionário e glossário em um dicionário de termos lingüísticos e na literatura corrente, a fim de se verificar a extensão de uma obra em relação a outra. A definição de 1992 corresponde mais especificamente à forma como se organiza a obra, referendo-se também à questão dessas obras conterem itens lexicais pouco conhecidos pelos falantes. No entanto, apesar de mais antiga – 1990 – a enciclopédia Mirador apresenta um detalhe que se aproxima do sentido a que esta pesquisa se propõe, ou seja, *em que se relacionam não todos os vocábulos empregados aí, mas os inusitados ou os eventualmente acolhidos pela primeira vez sob forma escrita, dando-se as respectivas significações e, quiçá, informações complementares*. Como o conceito de glossário explicita, os itens lexicais que o compõem são lexias específicas de uma área qualquer e mesmo sendo neologismos, empregados, pela primeira vez, por um grupo de falantes de uma região, podem ser adotados por um número maior de falantes, considerados como formas cristalizadas e, posteriormente, serem agregados a uma obra de porte mais amplo, como o dicionário. Algumas informações complementares poderão ser inseridas em notas de pé da página, objetivando dar maior clareza e auxiliar no entendimento do leitor, assim como algumas observações referentes à forma escrita, tendo em vista serem vocábulos não registrados anteriormente. É oportuno enfatizar a importância do glossário, apesar de ser uma obra evidentemente menor, pois se restringe a uma área específica, traz as informações contextualizadas, de acordo com o uso. Estas obras, em geral, servem de suporte para os lexicógrafos ao organizarem as vastas edições dos dicionários. Quanto aos dicionários, Biderman (1996) esclarece que, por o léxico estar em perpétua mutação e movimento, acompanhando as mudanças socioculturais, nenhum dicionário conseguirá registrar fidedignamente esse acervo, pois as unidades complexas encontram-se em estágios diferentes de cristalização. Nenhum dicionário pode ser considerado árbitro, trata-se sempre de uma obra incompleta, inacabada, dada a natureza real do léxico. De fato, para a autora, todo dicionário precisaria ser atualizado, no mínimo, a cada dez anos.

A velocidade na modificação da língua implica na atualização dos dicionários. Esta é a razão pela qual Biderman se refere ao fato de estas obras estarem sempre incompletas. O dicionário vai descrevendo e registrando os vocábulos utilizados pelos falantes, através de formas cristalizadas ou não. Cristalizadas são aquelas pertencentes à língua, e formas não cristalizadas se referem àquelas palavras que foram introduzidas

recentemente no acervo lexical, sendo empregadas por um grupo de indivíduos, mas que já podem ser consideradas como parte integrante da linguagem desta comunidade e, dessa maneira, serem introduzidas nos dicionários para dar conhecimento aos usuários.

Este estudo, restrito ao léxico da agricultura, apresenta o levantamento de alguns vocábulos da terminologia empregada pelo técnico e/ou pelo agricultor no processo de interação entre eles em atividades relativas ao trabalho na lavoura, para a elaboração de um glossário específico desta área. O objetivo desta pesquisa já explicitado, é analisar o léxico na interação entre estes sujeitos, para organizar os vocábulos característicos da linguagem destes informantes. Além disso, pretende-se estar colaborando com a preservação da linguagem e até da cultura de um povo. Por ser a língua um instrumento vivo, que se apresenta em constante movimento, estas pesquisas que relacionam formas socioculturais de um grupo ou de uma região ou ainda formas técnicas têm papel importante no sentido de apresentarem um conteúdo substancial no campo da lexicografia. Houaiss e Villar (2001) trazem, nas referências bibliográficas de sua obra, uma relação de outros dicionários, assim como glossários, obras com dados históricos, literatura de áreas específicas que auxiliaram na elaboração do dicionário. O propósito deste trabalho é, justamente, dar este apoio técnico e informativo. Biderman afirma sobre o dicionário:

O *dicionário da língua* faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Por outro lado, o dicionário é um objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas, sendo uma das mais relevantes instituições da civilização moderna. (BIDERMAN, 1998a, p.15/16)

Os pesquisadores apresentam uma organização sistemática do léxico do idioma, através destes dicionários e glossários. Biderman (1998a) também afirma que o dicionarista é o porta-voz de sua sociedade, registrando, no dicionário, a linguagem aceita e valorizada em sua comunidade. Sendo assim, o produto extraído especialmente deste estudo será denominado *glossário* justamente pelo fato de serem os termos desta investigação pertencentes à área da agricultura, utilizados por um grupo de falantes de uma região. Além disso, justifica-se a não inclusão da designação técnica como *glossário técnico*, uma vez que este levantamento detém termos também de uso corrente, geral, que por opção e familiaridade com o repertório do homem do campo, passou a ser empregado pelo mesmo com um sentido técnico. O caminho percorrido pelo termo é que vai determinar o seu “destino”; a classificação do item como *técnico* ou *não técnico* é instável. Esta argumentação está pautada na observação apresentada por Borba (2003, p. 130):

Hoje vivemos uma época de desenvolvimento da divulgação do conhecimento científico e técnico. Um novo termo ou um novo emprego surge num artigo e só é acessível a um elite de especialistas. De repente, torna-se familiar para milhões, simplesmente porque o artigo ou o assunto foi discutido num programa de TV ou veiculado num jornal. Essa situação torna perigosa a rotulação de uma palavra como técnica.

Isto posto, apresentam-se, ao final, como resultado da pesquisa, itens lexicais técnicos ou não que podem auxiliar na interação entre os sujeitos aqui estudados.

## 2 METODOLOGIA

*Reconhecemos que a simples presença de objetos novos, de uma técnica, de uma forma diferente de proceder, em uma comunidade, provoca atitudes que podem ser de desconfiança, de recusa, total ou parcial, como de aceitação também.*

*Paulo Freire (1992, p. 32)*

Antes de iniciar a descrição metodológica, propriamente dita, convém retomar alguns elementos da organização do trabalho, a fim de facilitar a compreensão dos procedimentos utilizados na realização da pesquisa:

- Momento I – Primeira fase da pesquisa, correspondente ao período do mestrado.
- Momento II – Segunda fase da pesquisa, correspondente ao período do doutorado.
  - Etapa I: Estudo Piloto
  - Etapa II: Parte I – Entrevista Documentadora X Homem do Campo  
Parte II – Treinamento de Mão-de-Obra
  - Etapa III: Glossário

O presente estudo foi desenvolvido, assim como no Momento I, na zona rural de Sítio Novo, distrito do Município de Catu – Bahia, fato esclarecido em outra oportunidade. Com a finalidade de obter maiores informações que pudessem dar embasamento teórico para auxiliar na análise dos dados, foi feita uma visita à Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA) do município, onde foram esclarecidos os seguintes aspectos: o município dispõe de assistência técnica oficial e constante através da EBDA, há aproximadamente dezoito anos; o agricultor tem conhecimento da terminologia usada pelo técnico nos eventos desenvolvidos no distrito, no entanto, ainda de forma restrita; além disso, foi informado pelo técnico que os profissionais que trabalham com a extensão rural também adotam algumas formas do repertório do agricultor, a fim de tornar o discurso mais claro, buscando a simetria na interação entre eles. A seguir, apresenta-se a descrição das etapas que se processaram no Momento II, visto que o Momento I se refere às atividades que foram desenvolvidas no Curso do Mestrado:

### **Etapa I**

Inicialmente, aproveitaram-se as formas analisadas no Estudo Piloto a fim de que fossem introduzidas no glossário, cuja descrição está desenvolvida na análise dos dados.

Os dados foram coletados através de entrevistas gravadas, realizadas nas residências ou na rua do informante, no distrito de Sítio Novo. Analisaram-se dez lexias, verificando-se as ocorrências e o contexto empregado pelos informantes.

## **Etapa II**

Refere-se ao levantamento e análise dos dados do Momento II, que foi dividida em: Parte I e Parte II.

A Parte I diz respeito ao levantamento das ocorrências nas entrevistas entre a documentadora e o homem do campo, tendo em vista os pressupostos da dialectologia. Foi feito um levantamento mais minucioso das transcrições das entrevistas feitas aos dois informantes do Momento I, referentes ao Questionário Experimental e aos doze inquiridos, que fizeram parte do Questionário Definitivo. Ao todo perfaz um total de quatorze informantes, cuja transcrição está distribuída em duzentas e trinta e sete folhas<sup>18</sup>. O levantamento destas ocorrências diz respeito a uma reanálise do *corpus*, com a finalidade de retirar os itens lexicais, contendo a compreensão dada pelo agricultor, seja em termos de uma terminologia específica, seja em termos da descrição da atividade correspondente. Os itens lexicais analisados, aqui, possivelmente farão parte da terceira etapa da pesquisa.

As unidades léxicas destacadas da transcrição dos dados se referem às respostas dos lavradores concernentes à aplicação do questionário em que foi empregado o *Método Onomasiológico*, bem como à *Identificação de Itens Lexicais, Processos e Instrumentos usados na agricultura*, contendo itens que se referem às etapas do plantio e que se encontram descritos na análise dos dados separadamente. Considerando que esta é uma reanálise do *corpus*, algumas das respostas fizeram parte do Momento I, enquanto que outras estão sendo inseridas neste Momento II. Registra-se que três lexias que compunham a lista pretendida originalmente a ser analisada, em decorrência de alguns imprevistos que acontecem com as pesquisas de campo, foram excluídas desta Etapa. São elas: *despenhar*, *minador* e *xarope*. Cumpre sublinhar que a *Identificação de Itens Lexicais, Processos e Instrumentos usados na agricultura* é composta também por formas destacadas pela documentadora e que foram empregadas eficazmente com um sentido contextualizado. Algumas destas unidades lexicais foram introduzidas neste Momento, apesar de terem sido

---

<sup>18</sup> O material em questão não foi anexado a este trabalho, uma vez que se refere aos dados da pesquisa de campo do Curso de Mestrado e por se apresentar com um volume muito extenso de folhas.

retiradas do diálogo e não do questionário, ou seja, não foram expressões preestabelecidas no projeto inicial, a saber: *culturas anuais* foi uma expressão que pertenceu ao questionário aplicado, enquanto que *aguar/aguado* foi registrado na fala do agricultor ao ser questionado sobre *escarificação*.

As respostas dos informantes que foram destacadas para fins da análise, classificaram-se em: *lexias específicas da área da agricultura, coincidentes com a terminologia técnica* e *lexias específicas da área da agricultura, não coincidentes com a terminologia técnica*. O interesse da pesquisadora se detém, especificamente, nesta última classificação, juntamente com outras formas destacadas na Etapa II, que serão comentadas na análise dos dados, uma vez que estas variantes, provavelmente, comporão o glossário. Segue um exemplo de cada categoria a fim de que fique mais compreensivo para o leitor:

✓ *lexias específicas da área da agricultura, coincidentes com a terminologia técnica*

**Aceiros** ⇒ O que deve ser feito para isolar uma determinada área a ser queimada, de forma que o fogo não passe para outros locais?

(3) Um *acêro*. (JM, M)

✓ *lexias específicas da área da agricultura, não coincidentes com a terminologia técnica*

**Área de capoeira** ⇒ Como se chamam as áreas cobertas por mato fechado, que ficam algum tempo sem serem cultivadas?

(4) A gente chama *arrancadô* [...] É, que a gente não prantô mais, o mato creceu, a gente chama aqui *arrancadô*. (AJ, M)

A apresentação da descrição de cada item lexical/expressão se faz através da inclusão da forma lingüística em ordem alfabética, em negrito, seguida da formulação da pergunta utilizada na entrevista entre a documentadora e o informante. Prosseguindo dispõem-se as repostas dos lavradores contendo a forma evidenciada pela analista em itálico. Foram feitos cortes de informações desnecessárias da fala do informante pelo sinal [...], já explicitado nas convenções, que indica transcrição parcial, uma vez que a eliminação do trecho não interfere na compreensão da resposta. Além disso, a intenção da autora é destacar o contexto que interessa à análise. Após a resposta, entre parênteses, registram-se as iniciais do nome do agricultor, seguidas das letras M, quando o informante pertencer ao gênero masculino e F, quando o informante se enquadra no gênero feminino. Após as repostas, constam os comentários e impressões da documentadora. Alguns dos comentários da

dissertação de Oliveira (2001b) foram resgatados neste segundo momento, a fim de corroborar e auxiliar na argumentação desta etapa.

Buscou-se o registro de algumas unidades léxicas em dicionários, objetivando uma argumentação mais consistente, mesmo porque é importante para a análise dos dados a verificação da existência ou não destas expressões em obras lexicográficas. Biderman (1996) defende a tese de que não vale a pena usar um dicionário como árbitro numa tarefa de estatística léxica, pois, de fato, ele não satisfaz as necessidades teóricas e práticas do lexicólogo. No entanto, a mesma autora ainda afirma que é preciso ter um parâmetro a fim de estabelecer os argumentos da pesquisa. Percebe-se, então, que não se deve usar apenas um dicionário, no entanto, é impossível se fazer um levantamento lexicográfico em todos os dicionários disponíveis no mercado, seja através de um estudo sincrônico, seja diacrônico. Sendo assim, no Momento I, tomaram-se como base os dicionários: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* de Caldas Aulete (1964); *Índice do Vocabulário do Português Medieval* de Antônio G. da Cunha (1986); *Novo dicionário da língua portuguesa* de Aurélio Buarque de H. Ferreira (1986); *Moderno dicionário da língua portuguesa* de Michaelis (1998); *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* da Academia Brasileira de Letras (1999) e *Enciclopédia e dicionário ilustrado* de Abrahão Koogan e Antônio Houaiss (2000), bem como o seu registro no *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* de Nelson Rossi (1963) e no *Léxico Rural: glossário, comentários* de Cardoso e Ferreira (2000). A partir deste levantamento, analisaram-se os dados, agrupando-os em categorias, que encontram-se expressos no resumo relatado na introdução deste trabalho.

A Parte II, concernente ao Treinamento de Mão de Obra (TMO), em que se processou a interação face a face entre o extensionista e o agricultor, deteve-se em uma análise léxico-semântica e interacionista. O Treinamento de Mão de Obra foi condensado em um dia, com a parte teórica e a prática, em que participaram o técnico e o homem do campo<sup>19</sup>. Os dois profissionais da EBDA do município que conduziram o evento dispõem do seguinte perfil: o instrutor atua na área de extensão rural por vinte e três anos e na região de Catu por, aproximadamente, oito anos; o gerente do escritório, colaborador do treinamento, que entreviu em alguns momentos, encontra-se na região por cinco anos; ambos são agrônomos, como foi previsto, inicialmente, no projeto. Nesta fase, não foram consideradas a faixa etária e o

---

<sup>19</sup> Nesta etapa a pesquisadora estava como observadora, a fim de detectar ações e reações dos interlocutores.



gênero, visto que não são elementos relevantes neste momento. No entanto para fins de complemento de informação ambos os técnicos são do gênero masculino.

Quanto aos trabalhadores rurais, foram em número aproximado de vinte e cinco informantes, uma quantidade um pouco maior do que geralmente ocorre, uma vez que a pesquisadora tinha, como objetivo, absorver um número razoável de dados. Neste ponto, não foi feita uma seleção rígida de informantes, observando-se critérios sistemáticos, uma vez que os técnicos fizeram um convite coletivo, para os agricultores participarem do evento, como normalmente se faz, independente do controle das variáveis sociais. No entanto, como se percebe a necessidade de, neste tipo de pesquisa, estar atento ao gênero, à faixa etária e à escolaridade, procurou-se preencher uma ficha de identificação do informante da atividade, para uma possível necessidade de observação destes critérios, modelo disponível no Apêndice 1.

O TMO foi realizado em uma propriedade rural no distrito de Sítio Novo, a fim de tornar o momento da recolha dos dados o mais familiar e descontraído possível, bem como minimizar a timidez da platéia e em oposição estimular a participação, estreitando as relações de interação entre os participantes. Foi selecionada a cultura da mandioca por ser de interesse coletivo dos agricultores. Além disso, observou-se, na escolha da cultura, uma lavoura em franco desenvolvimento na zona rural de Sítio Novo. O instrutor, que organizou o evento, selecionou um roteiro constando os itens de maior interesse do lavrador: *escolha da área, preparo do solo, adubação, seleção e preparo de maniva, qualidade da maniva, tratamentos culturais, colheita, comercialização*. Os profissionais também levaram um desenho apresentando algumas técnicas do plantio, uma vez que algumas atividades não poderiam ser realizadas durante o treinamento, objetivando uma melhor participação e entendimento do conteúdo. Foram feitas algumas demonstrações práticas na área, aproveitando-se o que dispunham no terreno e no plantio existente.

Esta fase foi filmada e gravada, para se fazer uma análise mais cuidadosa da explanação dos profissionais. Foi feita a transcrição integral das falas gravadas durante a realização do TMO, que constam de quarenta e oito folhas, Anexo C. Reproduziu-se a fala dos envolvidos, atendendo a algumas das peculiaridades da transcrição fonética e observando-se as normas apresentadas por Marcuschi (1999). Foram adotados alguns sinais, que vêm expressos a seguir, com as suas significações e um exemplo de cada, a fim de ilustrar e fazer com que o leitor compreenda a sistemática:

- ✓ **Pausas: (+)** Pausas e silêncios, conforme o exemplo a seguir:  
(5) [...] *tê problemas sérios e até a morrê...* (+) *Continuano né* [...] (T1; f. 10)
- ✓ **Truncamento brusco:** / Quando o falante corta uma idéia ou uma unidade léxica, bem como quando o parceiro é interrompido bruscamente por algum motivo ou por alguém, conforme o exemplo a seguir:  
(6) [...] *É, **prefe**/ vocês têm que realmente fazê primêro* [...] (T1; f. 09)
- ✓ **Ênfase ou acento forte: MAIÚSCULA** Quando uma sílaba ou palavra é pronunciada com ênfase ou com um acento forte, sendo transcrita a forma em letras maiúsculas, conforme o exemplo a seguir:  
(7) **ARENOSO**... (T1; f. 36)
- ✓ **Comentários do analista:** (( )) Quando existe a necessidade de se apresentar alguma informação no tocante à transcrição e que não se refere à fala dos informantes, conforme exemplo a seguir:  
(8) T1 – *É?*  
**((Murmúrio entre eles difícil de ser compreendido))**  
T1 – *É, tirano junto... Pra mandá pro laboratório...* (T1; f. 11)
- ✓ **Indica interrupção de fala: ...** Quando o falante suspende a sua fala, interrompendo o pensamento, conforme exemplo a seguir:  
(9) *Já ouvi falá, mas...* (JQ; f. 33)
- ✓ **Indica corte de trechos de fala: [...]** Quando foram feitos cortes de informações desnecessárias da fala do informante, conforme exemplo a seguir:  
(10) [...] *Vai ficá bom, não, vai piorá, a pessoa hipertensa vai comê sal? [...]* então pronto [...] (T1; f. 21)
- ✓ **Dúvidas e suposições: ( ) ou (incompreensível)** Quando a documentadora não compreende a fala do informante, conforme exemplo a seguir:  
(11) T1 – *Né, vá...* ((*falas*)) *Tá bom. Duas, né, vamo tirá só umas quatro, viu, porque a gente tem muita coisa pra vê...*  
RS – **(incompreensível)** (RS; f. 15)

A análise dos dados desta Etapa, como foi esclarecido anteriormente, divide-se em análise léxico-semântica e análise da interação propriamente dita, observando-se como o

técnico interage diretamente com o homem do campo. As formas em evidência vêm contextualizadas e aparecem em itálico. Após o trecho extraído da fala do extensionista, informou-se complementarmente, também, se o trecho diz respeito ao técnico, instrutor do treinamento, ou ao chefe do escritório, apesar de a intenção da investigadora ser analisar o discurso do técnico, independente de ser este ou aquele profissional. Os comentários da autora vêm em seguida.

Quanto às respostas dos lavradores, a organização segue a mesma sistemática da Parte I desta Etapa: após a resposta, nos parênteses registram-se as iniciais do nome do agricultor, seguidas das letras M, quando o informante pertencer ao gênero masculino e F, quando o informante for do gênero feminino, além das folhas onde se localizam as respostas, visto que as transcrições da recolha dos dados do Momento II estão disponíveis para o leitor. Após isso, constam as impressões da pesquisadora quanto às lexias destacadas. Verificou-se o emprego das unidades lexicais dos técnicos, assim como do agricultor. A classificação dos dados foi distribuída da seguinte maneira e que vem explicitada através de exemplos:

1. Da fala dos extensionistas, destacaram-se:

1. 1. Lexias específicas da área da agricultura inerentes à fala popular<sup>20</sup>

(12) *Dez-dez-dez*

[...] Então, antes de mais nada, antes de chegá na casa do fazendêro e comprá *dez-dez-dez*, que é um adubo que o produtô costuma comprá [...] (T1; f. 11)

2. Da fala do homem do campo

2. 1. Lexias específicas da área da agricultura

(13) *Adubo orgânico*

*Adubo orgânico*, eu conheço como que fosse o adubo de galinha, o de gado, é esterco de ovelha [...] tombém esse adubo que é titorado, do... do lixo [...] (JQ; M; f. 36)

2.2. Lexias não específicas da área da agricultura

(14) *Acomodado*

[...] a gente fica *acomodado* com medo [...] (JQ; M; f. 48)

---

<sup>20</sup> Convém esclarecer que *fala popular* se refere ao vocabulário que diz respeito ao conhecimento informal do lavrador.

### 2.3. Lexias específicas da área da agricultura inerentes à fala popular<sup>21</sup>

#### (15) *Mata nego* (variedade de aipim)

[...] porque aqui nois temos a *mata nego*, tem maniveja, tem mariquita, temo a ruadêra [...] (RS; M; f. 32/33)

Como, pelo contexto, as *lexias específicas e não específicas da área da agricultura* – números **2.1.** e **2.2.** – estão adequadamente contextualizadas, salienta-se que estes vocábulos foram destacados a fim de demonstrar o convívio com que o agricultor demonstra ter com o extensionista, ou ainda, que possivelmente, indivíduos que dispõem de um repertório lingüístico específico da área agrícola estão próximos do trabalhador rural. No entanto, estes vocábulos estarão em evidência no Capítulo da Análise dos Dados, contudo não estarão presentes no glossário. Já os números **1.1.** e **2.3** serão devidamente comentados e possivelmente constarão na organização dos verbetes.

Para observação das ocorrências em evidência, tomaram-se como referência alguns dicionários a fim de se analisar o emprego adotado pelos informantes. São eles: *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi* de Antônio Cunha (1982), a fim de se verificar se existia alguma lexia com esta origem e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2001), que se coloca como uma obra lexicográfica ampla e atual. Buscaram-se em Cardoso e Ferreira (2000), também, todas as unidades lexicais analisadas no Momento II, a fim de se verificar em um glossário anterior ao trabalho que aqui se desenvolve, o registro ou não destes itens na região da Bahia. Observaram-se os vocábulos em Marroquim (1996), para analisar as palavras que se originaram do Tupi. Além disso, verificou-se o significado apresentado para estas formas, observando-se a equivalência ou não de sentidos entre elas. A análise lingüística das lexias se processou através da verificação das ocorrências destas unidades lexicais nos dicionários, observando-se o sentido que os lexicógrafos apresentavam, a fim de compará-lo àquele expresso pelo informante, estabelecendo-se correlações semânticas inerentes ao estudo. Ao final da análise, verificou-se que algumas unidades léxicas – *aradar*, *arrancador*, *birro* (gemas da maniva), *cálice*, *funisuper*, *granjeira*, *varjada* (feijão, feijão macáçar) – ainda necessitavam de uma confirmação quanto ao seu emprego. Sendo assim, a analista fez uma consulta oral para um camponês da região, objetivando ratificar se este tinha conhecimento das mesmas.

---

<sup>21</sup> Cf. Nota 20.

No que diz respeito à análise do processo de interação, os dados foram separados em *aspectos positivos*, em que a interação entre o técnico e o homem do campo se processou convergentemente, e *aspectos negativos*, onde se percebeu, nitidamente, uma divergência de ações, dificultando total ou parcialmente a interação. Os comentários da autora estão seguidos de exemplos, para ilustrar a argumentação, constando, em cada destaque, as folhas onde localizam-se os elementos na transcrição do TMO.

### **Etapa III**

Constitui-se da elaboração de um glossário, contendo as formas ligadas à área agrícola e áreas afins, organizadas em ordem alfabética, de acordo com os pressupostos da lexicografia. É oportuno esclarecer que o glossário engloba itens técnicos com a acepção dada pelo lavrador, bem como lexias não técnicas com o sentido apresentado na interação entre o agricultor e o profissional em extensão rural, a fim de que fique registrada a diversidade lexical agrícola no Município de Catu. Além disso, sempre que possível foram colocadas ilustrações nos verbetes para auxiliar no entendimento do leitor.

### 3 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

*[...] A maioria dos que trabalham na agricultura não têm estímulo para o aprendizado de novas técnicas, para a aceitação de inovações [...] A produtividade é pouco significativa para grande parte dos trabalhadores rurais. Então, deixa de existir motivação e abertura para que seja aceita uma nova prática que alterará os costumes antigos. E sem essa motivação para um rendimento maior não poderão existir inovações.*

*Luis Augusto Milanese (1973, p. 35)*

Neste capítulo são detalhados os procedimentos adotados na análise dos dados, fazendo-se a descrição dos resultados obtidos na pesquisa e conduzindo-se à elaboração e organização do glossário.

#### I. ETAPA I: Estudo Piloto

Referente à Etapa I, aproveitaram-se as formas analisadas no Estudo Piloto do Momento I, a fim de que sejam introduzidas no glossário. Os dez itens lexicais selecionados inerentes à área da agropecuária – *bezerro, cabresto, caule da mandioca, chicote para animal, erosão, galinha d' Angola, parte terminal da inflorescência da bananeira, peça do aparelho de ralar mandioca, sabugo de milho, sem rabo* (pinto \_, galinha \_) – foram analisados, comparando-se a coincidência das lexias nos *Atlas Prévio dos Falares Baianos, Atlas Lingüístico de Sergipe* e na região de Catu, a fim de se verificarem as coincidências das ocorrências dos vocábulos nestas áreas e as aceções constatadas entre elas. Para fins de análise dos dados obtidos, recorreu-se ao dicionário de Ferreira (1986), objetivando a verificação do significado das formas dicionarizadas. As unidades léxicas *cabresto* e *chicote para animal* serão desconsideradas aqui, visto que ao final do trabalho, Oliveira (2000) verificou que houve um comprometimento com a formulação das perguntas na entrevista e com o resultado obtido. Quanto aos vocábulos *bezerro, galinha d' Angola* e *sem rabo* (pinto \_, galinha \_) também não serão aproveitadas neste momento, uma vez que fazem parte da área de zootecnia, não evidenciada na pesquisa em questão. Resgatam-se a descrição e considerações finais da amostra analisadas no que diz respeito às formas: *caule da mandioca, erosão, parte terminal da inflorescência da bananeira, peça do aparelho de ralar a mandioca e sabugo de milho*. Neste momento, para auxiliar na argumentação dos itens que integrarão o glossário, estes serão investigados no trabalho de Ferreira; Mota e Rollemberg (1994), no glossário de Cardoso e Ferreira (2000) e no dicionário de Houaiss e Villar (2001):

**Caule da mandioca** ⇒ Como se chama a parte utilizada no plantio de mandioca?

Para a forma *caule da mandioca*, obtiveram-se *manaíba* e *maniba* em Sítio Novo, que constam dos Atlas Prévio dos Falares Baianos e Atlas Lingüístico de Sergipe. Ferreira (1986), objetivando a verificação do significado das formas dicionarizadas, apresentou para *manaíba*: “[var. de maniva < tupi mani’iwa] s. f. Bras. Tolete do caule do aipim ou da mandioca, cortado para plantio, muda de aipim ou de mandioca”; *maniba* não foi encontrada no dicionário, mas é uma variante fônica de *manaíba*. Todas as formas estão incluídas no glossário de Cardoso e Ferreira (2000). Como este item lexical está bem discutido posteriormente por fazer parte das ocorrências levantadas no Momento II, faz-se a opção de comentá-lo oportunamente.

**Erosão** ⇒ Como se chamam os buracos que a água faz quando a chuva bate nas encostas ou morros?

*Erosão* se apresentou com várias possibilidades de ocorrências segundo os produtores rurais: como *erosão* mesmo; como *buraco*, *grotá*, *corveta*, *pingueira* e *rachado*. As unidades lexicais foram localizadas no dicionário de Ferreira (1986): *erosão* como “[do lat. Erosione] s. f. Ato de carcomer e corroer a pouco e pouco”; *Buraco* como s. m. **8** – “depressão mais ou menos considerável de um terreno”; *Grotá* como “[do gr. Krypte, pelo lat. Crypta] s. f. 1. Abertura produzida pelas enchentes na ribanceira ou na margem de um rio”; *Rachado* “[part. de rachar] adj. **1**. Que tem rachas”. Não se localizou *corveta* com a acepção da pesquisa, assim como *pingueira* não está registrada no dicionário pesquisado naquele momento. Os atlas pesquisados – APFB e ALS – não contemplam a forma *erosão*, impossibilitando que se faça uma comparação com os dados aqui analisados.

No Momento II não se localizou em Houaiss e Villar (2001) qualquer acepção que se assemelhe à agricultura, no que se refere à *buraco*. No entanto, considerando-se a significação apresentada por Ferreira (1986) de ser: “depressão... de um terreno”, faz sentido a relação estabelecida pelo informante uma vez que o homem do campo não costuma fazer distinção nem especificidades de sentido entre as unidades lexicais. Prosseguindo a análise aqui, assim como foi constatado inicialmente, *corveta* em Houaiss e Villar (2001) está com uma acepção diferente da pesquisa; *pingueira* não está neste dicionário e *rachado* vem registrado como **1** “que apresenta racha (‘fenda’)”, assemelhando-se à erosão no terreno.

Quanto à *grotta*, vai ser discutida posteriormente. As lexias aqui em evidência não foram localizadas nem em Ferreira; Mota e Rollemberg (1994), nem em Cardoso e Ferreira (2000).

Neste sentido, *buraco* fará parte do glossário com a acepção de *erosão*, assim como *rachado*. Não se encontrou justificativa plausível para que *corveta* e *pingueira* possam integrar o glossário.

**Parte terminal da inflorescência da bananeira** ⇨ Como se chama a parte roxa da bananeira, que fica pendurada ao cacho da banana?

*Buzina*, *coração* e *manguço* foram os itens lexicais identificados pelos lavradores para *parte terminal da inflorescência da bananeira*, constando em Ferreira (1986), respectivamente, como: “[do lat. *bucina* em vez de *buccina*.] s. f. ... **11** – Bras., ES. A flor da bananeira, quando ainda em botão, antes de se lhe verem os dedos”. “Qualquer objeto cuja forma lembra a do coração, a que se convencionou ser a do coração”; e a última, não foi encontrada no dicionário. *Buzina* e *coração* estão cartografadas equivalendo à *parte terminal da inflorescência da bananeira* no Atlas da Bahia e apenas *buzina* no Atlas de Sergipe. O item *buzina* ocorreu com maior freqüência do que *coração* e *manguço* nesta pesquisa.

*Buzina* está em Houaiss e Villar (2001) com acepções diferentes das da pesquisa e não registra a informação prestada por Ferreira (1986), constante no parágrafo anterior. *Coração* para Houaiss e Villar (2001) se configura com acepções mais generalizadas e assim como em Ferreira (1986) diz: “objeto ou desenho com esse formato”, havendo uma motivação semântica do formato do coração com a forma como se apresenta a *parte terminal da inflorescência da bananeira*. *Manguço*, assim como no primeiro levantamento, não está registrada no dicionário agora pesquisado. Registra-se a ocorrência de *buzina* e *coração* no glossário de Cardoso e Ferreira (2000) e a não existência do vocábulo *manguço* nesta mesma obra, porém documenta *bagunço* que pode ser entendida como co-variante de *manguço*. Sendo assim, *buzina*, *coração* e *manguço* estarão sendo incluídos no glossário deste trabalho, por apresentarem relação de forma e sentido, apesar de a primeira, na obra lexicográfica mais atual, ter um sentido diferente do pretendido na pesquisa e a segunda ter uma significação mais ampla. Além disso, as citadas lexias estão presentes na linguagem dos baianos da região, segundo o APFB.



**Peça do aparelho de ralar mandioca** ⇒ Como se chama o lugar onde passa a mandioca para ser ralada?

Para o camponês, *bola* se refere à *peça do aparelho de ralar a mandioca* e que em Ferreira (1986) corresponde à “[do lat. Bulla, atr. Do provenc. Ant bola] s. f. **1.** Qualquer corpo esférico. z. p. ext. Qualquer coisa a que se dá feitio ou forma de bola...” Os atlas pesquisados apresentam *bola* como uma forma identificada na linguagem dos falantes baianos e sergipanos, relacionada semanticamente com o aparelho que rala a mandioca por ser circular.

Houaiss e Villar (2001) registram várias acepções para *bola*, contudo nenhuma delas a define como a que aqui se estuda. Em Cardoso e Ferreira (2000) esta unidade léxica está presente com o mesmo sentido aqui estudado. Considerando-se as observações anteriores feitas por Oliveira (2000), inclusive por estar no APFB, inclui-se este item lexical no glossário.

**Sabugo de milho** ⇒ Como se chama o que fica da espiga quando retiramos os grãos do milho?

*Capuco* se apresentou como uma forma que se refere à *sabugo de milho*. Encontra-se registrada no APFB e no ALS, porém não foi localizada em Ferreira (1986). Constatou-se que *capuco* é um item lexical produtivo na região de Catu, usado independente de gênero e idade e por todos os informantes investigados naquele momento da pesquisa. Vale a pena chamar a atenção para o fato de que, apesar de estar presente tanto no APFB, quanto no ALS, a forma popular *capuco* não se encontra dicionarizada e sim *sabugo* que tem a acepção em Ferreira (1986) de **6.** “Espiga de milho sem grãos” semelhante à significação de *capuco*.

Houaiss e Villar (2001) apresentam *capuco* como o mesmo que *sabugo*, assim como Cardoso e Ferreira (2000) também a apresentam. Além disso, Ferreira; Mota e Rollemberg (1994), investigando algumas diferenças lexicais em Sergipe e na Bahia, registraram tanto *capuco* quanto *sabugo* como ‘espiga de milho sem os grãos’ nessas regiões, assim como o sentido empregado nesta pesquisa. Isto posto, *capuco* será considerado como parte integrante do glossário com a acepção de *sabugo de milho* devido a todas as afirmações já declaradas.

## II. ETAPA II

### A. Parte I: Entrevista Documentadora X Homem do Campo

Como foi esclarecido na Metodologia, a Parte I relaciona as ocorrências extraídas nas entrevistas entre a documentadora e o homem do campo do Momento I. Consideram-se aqui as *lexias específicas da área da agricultura, não coincidentes com a terminologia técnica*. A descrição desta parte está organizada em formas que pertencem à aplicação da subdivisão dos dados em *Método Onomasiológico e Identificação de Itens Lexicais, Processos e Instrumentos usados na agricultura* separadamente. A segunda subdivisão se caracteriza pelo questionamento da forma através da pergunta: *o que você entende por.....?* completada pela unidade lexical que deve ser inquirida.

Com o objetivo de se fazer uma análise mais minuciosa dos dados coletados no Momento I, as transcrições das entrevistas realizadas nessa etapa foram lidas, mais uma vez. Na escolha das respostas dos informantes foram desconsideradas, nesta descrição, as respostas que demonstraram o não entendimento da pergunta por parte do informante. Desconsiderou-se, também, quando a documentadora usou na pergunta o item lexical julgado de interesse e o informante apenas o repetiu, como por exemplo, quando a pesquisadora disse: *Que nome se dá às ferramentas utilizadas na agricultura?* e eles responderam *ferramenta*. Ressalta-se que, em alguns momentos, os informantes não responderam de imediato, mas continuando-se o diálogo no mesmo tema, a documentadora atestou que o informante conhecia o que era perguntado.

O levantamento dos dados contempla todas as ocorrências que foram destacadas pela analista e que poderão ser aproveitadas em outras análises, face à grande quantidade de material que poderá ser investigado em outros estudos, em áreas distintas. Os dados que integram o agrupamento – *lexias específicas da área da agricultura, não coincidentes com a terminologia técnica* – cuja resposta compreende uma denominação ou descrição apresentada através de unidades lexicais regionais, serão analisadas, a fim de que possam compor o glossário, pois o objetivo destes comentários é destacar itens lexicais que podem ser divulgados para os extensionistas e estudantes da área agrícola, concluintes ou não, de forma que seja adotada uma linha de conduta também lingüística nos trabalhos de extensão rural. Sendo assim, destacaram-se estes vocábulos, observando-se o sentido apresentado pelo

informante, ligado a sua experiência, ou seja, às associações que o trabalhador rural faz com o seu cotidiano e a nomenclatura que ele adota.

Destacaram-se itens ou expressões considerados importantes para o diálogo entre os envolvidos no processo, mesmo que estes não fizessem parte dos questionários. São eles: *aguar/aguado; besouro; bombar; braça; buraco; chão; cultivar; grotá; imbacerado; maniva da mandioca; metragem do terreno; mussuquinha; poça* (leia-se póça) *de água; sementeira; terra malhada; terra pilada; tolete*. Analisou-se, como foi explicitado anteriormente, o questionário experimental assim como o questionário definitivo, uma vez que são dados importantes e que os ajustes entre a aplicação de um e outro questionário não interferem no objetivo final do estudo. As formas que integram os comentários abaixo pertencem tanto ao repertório do extensionista quanto à linguagem regional do homem da zona rural. Algumas lexias, apesar de estarem em dicionários com o mesmo sentido apresentado pelo homem do campo, foram incluídas, pois, não são as formas usualmente adotadas na linguagem dos profissionais da área agrícola. Cumpre salientar que o foco da atenção desta investigação é o léxico, observando-se, evidentemente, a eficácia na interação dos sujeitos envolvidos, através do uso deste léxico. Percebe-se que a ocorrência do vocábulo apenas uma vez não invalida que o item lexical seja considerado como marca lingüística daquela comunidade campestre. Seguem abaixo os respectivos comentários:

## 1. Lexias específicas da área da agricultura, não coincidentes com a terminologia técnica

### 1.1. Método Onomasiológico

**Adubo orgânico** ⇒ Como se chama o esterco de galinha ou gado colocado nos pés das plantas, pra fazer com que elas cresçam mais vigorosas?

(16) Tem adubo *natural*. (VJS; M)

(17) Adubo natural de *galinha*. (VNF; F)

A denominação empregada pelo homem do campo de ser *natural* se refere ao que a natureza dispõe, uma vez que este adubo é proveniente das fezes dos animais, como foi exemplificado pelo informante como *adubo natural de galinha*.

Houaiss e Villar (2001), para confirmar, assim a define na acepção **2** como: “que é produzido pela natureza” ou em **12**: “preparado sem adição de ingredientes tóxicos ou que não sofreu a ação de agrotóxicos (diz-se de alimentos, frutas, legumes etc.)”.

**Adubo químico** ⇒ Qual é o tipo de adubo utilizado na adubação foliar?

(18) Aqui nois bota *oréa* [...] As folhas fica viçosa [...] Bunita, é... (JSS; M)

Para o produtor rural, de um modo geral, o *adubo químico* conhecido e utilizado na lavoura é a *uréia*, correspondente a um produto químico, que é administrado sem critério, visto que não há distinção das peculiaridades na aplicação do adubo.

**Amontoa** ⇒ Que nome se dá na lavoura de mandioca, quando o agricultor, por exemplo, chega um pouco de terra junto ao pé da planta?

(19) Tá limpano, tá chegano terra pra podê a mandioca sai bonitinha. Porque senão elas morre também. (VNF; F)

O informante define *amontoa* de uma forma bem simples, como uma atividade corriqueira em seu dia-a-dia na lavoura, de maneira muito clara e compreensível como o extensionista define a técnica: *limpar, chegar a terra junto ao pé da planta para que a mandioca saia bonitinha*.

**Arar a terra** ⇒ Que nome se dá quando invertemos a camada superficial do solo, com a finalidade de afofar o terreno e enterrar o mato?

(20) Recortano. (JM; F)

(21) Recortano. (JPS; M)

*Recortar*, para o lavrador, se correlaciona a *arar a terra*, que condiz com a descrição técnica para aração de inversão da camada superficial do solo, com a finalidade de afofar o terreno e enterrar o mato.

**Área com declividade** ⇒ Como se chamam as áreas sujeitas ao processo de erosão?

(22) A gente chama de *áreas lavada*. (JM; F)

(23) É *disincerta*. (DAF, M)

(24) Um *morro* [...] E *alto*. (JSS; M)

(25) Uma área sem relevo ou *altos e baixo* [...] Ou *acidentada*. (JPS; M)

(26) *Ladêra* ou uma *montanha*. (MASS; F)

Nas definições acima prestadas pelos informantes, verifica-se que *área com declividade* se refere ao desnível do terreno, demonstrando que o mesmo não é plano, regular, é *desincerto*. A forma *disincerta*, que foi expressa em um outro momento, será comentada mais adiante. Quanto ao sentido dado por um deles de ser uma área lavada, diz respeito aos lugares do terreno que estão sujeitos à ação da chuva, chegando ao processo de desgaste da área, através da erosão.

**Área de capoeira** ⇒ Como se chamam as áreas cobertas por mato fechado, que ficam algum tempo sem serem cultivadas?

(27) *Capôra*. (VBS; M)

(28) É *área abandonada* [...] É área abandonada, que não é cultivada. (JS; F)

(29) A gente chama *arrancadô* [...] É, que a gente não prantô mais, o mato creceu, a gente chama aqui *arrancadô*. (AJ; M)

(30) Se chama, aqui a gente conhece que nem ali tem, chama *capôra*, (+) assim tem mato pequeno, não é mato que chama uma mata [...] *Capôra*. (VNF; F)

A denominação que foi dada pelo informante para *área de capoeira*, como *área abandonada*, ou seja, que não é cultivada, pode ser corroborada pelas acepções **1** e **2** de Houaiss e Villar (2001) para *capoeira*: **1** “AGR B área de mato cuja vegetação anterior foi roçada e/ou queimada para cultivo ou outros fins, e que se está renovando **2** FITOG vegetação que surge logo após a derrubada ou queima da mata primária, pelo fato de o solo não estar inteiramente degradado, composta de indivíduos jovens oriundos da dispersão da mata remanescente vizinha e acrescida de plantas heliófilas comuns”.

Quanto à forma *arrancador*, Michaelis (1998) traz a definição como: s.m. **1**. “o que arranca. **2**. Instrumento para arrancar batatas. **3**. V. arracadouro [s.m. **1**. Terreno em que houve roçado. **2**. Sítio para pasto de gado e onde se fizeram anteriormente plantações de cereais]”. *Arrancador* foi localizada no *Atlas Prévio dos Falares Baianos* com a acepção de *tipo de pastagem*. Além disso, Ferreira; Mota e Rollemberg (1994), investigando algumas diferenças lexicais em Sergipe e na Bahia, registraram também o citado vocábulo como ‘pastagem para gado’ nessas regiões. Observa-se que a forma produzida pelo informante, a definição do dicionário e a maneira como se apresenta a lexia em questão não condizem com o sentido técnico dado à *área de capoeira*. No entanto, a resposta do informante aproxima-se da acepção dicionarizada e do sentido documentado no glossário de Cardoso e Ferreira (2000); bem como, neste momento, do sentido localizado em Houaiss e Villar (2001) na acepção **3**: “diz de ou área de pastagem formada após a colheita por arrancamento, em plantações de mandioca e outras culturas temporárias”. Ao se fazer uma consulta posterior à coleta, um dos agricultores da região disse que identifica *arrancador* como *área de capoeira*. Este item lexical fará parte do glossário.

No item lexical *capora* (leia-se *capôra*), em que ocorreu a supressão fonética do ditongo – ei –, Oliveira (2001b) o considerou como variante de *capoeira*, apesar do vocábulo não estar no dicionário. Houaiss e Villar (2001) também não registram esta unidade

léxica, contudo apresentam *capoeira* com o mesmo sentido empregado pelos técnicos da agricultura.

**Armazenar** ⇒ O que deve ser feito com os produtos agrícolas quando se quer esperar uma melhora nos preços?

(31) *Guardá*. (JM; F)

A resposta do camponês para *armazenar* como *guardar* é um emprego comum, que pode ser usado em diálogos corriqueiros e não apenas técnicos, mas que tem o sentido de aguardar um período melhor para se utilizarem os produtos.

**Balizamento** ⇒ Que técnica deve ser usada no plantio de laranjeira para que todas as plantas formem uma linha reta?

(32) Aqui a gente chama *base* [...] É, bota um pau e bota uma corda pra sai certa e aí vai marcano... (JM; F)

Neste item lexical, o agricultor fez a associação do *balizamento*, que é uma técnica usada no plantio da laranjeira, de forma que as plantas estejam dispostas em uma linha reta, denominando-a como *base*, que em Houaiss e Villar (2001) pode ser associada à acepção 1: “tudo que serve de sustentáculo ou de apoio; TOPG distância criteriosamente medida no terreno para a determinação topográfica e geodésica de outras distâncias”. Sendo assim, faz sentido a maneira como o informante se expressou, uma vez que além de nomear, ainda descreve a forma como desenvolve a técnica do *balizamento* ao fazer o plantio, de acordo com a sua experiência.

**Beneficiamento do produto** ⇒ O que deve ser feito com os produtos agrícolas, após a colheita, para que sejam comercializados e consumidos seguindo as normas de qualidade?

(33) Bem, *colhê bons produtos, separá aqueles produto mais*, que dê mais vista, aqueles mais bonito, pra pudê levá até o comércio pra vendê [...] Separano aquelas bonitas, vamo dizê, a gente tira um cacho de banana [...] A gente corta e agora aquelas mais bonita leva pra fêra, aquelas outra menorzinha deixa dentro de casa pra o uso. (VNF; F)

(34) *Ranca, limpa e lava* [...] Uma limpeza. (JSS; M)

(35) *Lavá, cuidá direitinho, tirá as folha podre*... (RSF; F)

Consideram-se as respostas pertinentes dos agricultores, que se relacionam, especificamente, às suas atividades diárias, *beneficiamento do produto* se refere à: *colher bons produtos, separar aqueles produtos mais bonitos, para levar até o comércio para vender; arrancar, limpar e lavar; lavar, cuidar direitinho, tirar as folhas podres*.

**Brotar a planta** ⇒ O que acontece com a semente ao ser jogada ao solo, após o plantio?

(36) Vai inchá pra *nacê*... (JC; M)

(37) Ela vai *nacê*. (VBS; M)

(38) Cinco dias pra *nacê*. (AJ; M)

(39) *Nace*. (JSS; M)

(40) Elas começa a *germiná*. (JPS; M)

(41) *Nacê*. (MJB; F)

(42) Vai *nacê*... (MASS; F)

Os vocábulos *nascer* e *germinar*, segundo Koogan e Houaiss (2000) são sinônimos de *brotar* e que condizem com a nomenclatura apresentada pelos agricultores, bem como com a significação dada por Houaiss e Villar (2001) para esta lexia. Desta forma, existe uma equivalência evidente entre as formas aqui destacadas, inclusive porque *nascer* foi apresentada por vários lavradores, como, possivelmente, sendo uma tendência da zona rural. No entanto, *brotar* é a terminologia mais adotada pelos profissionais da área da agricultura, assim como *germinar* que foi proferida por apenas um inquirido.

**Capina manual** ⇒ Como se chama a limpeza que o agricultor faz nas leiras utilizando as mãos?

(43) Eu sei, *cata os mato*. (VJS; M)

(44) *Rancano os pés de mato*. (VNF; F)

(45) *Limpá*, quando a gente vai *limpá*, aí meu tio fala: ‘faça o favô, vá *limpá*, quela lêra ali’  
[...] A gente chama de *limpá*. (JSS; M)

(46) *Limpeza*. (MJB; F)

(47) *Alimpano*... né? (MASS; F)

O homem da zona rural descreveu a ação de retirar os matos das leiras como catar os matos ou arrancar os pés de mato ou limpar, que corresponde semanticamente à atividade inerente ao seu cotidiano de extrair aquilo que é maléfico para o plantio, ou seja, o mato.

No que diz respeito ao que Oliveira (2001b) se referiu quanto ao item lexical *alimpendo*, obtém-se que o vocábulo é formado pelo acréscimo de um prefixo ao verbo *limpar*. *Alimpendo* encontra-se em Cunha (1986), com o sentido de *limpar*. Houaiss e Villar (2001) apresentam o significado de *alimpar*, que é o infinitivo da forma *alimpendo* proferida pelo informante, como o mesmo que *limpar*, e de acordo com os lexicógrafos a data de inserção deste item lexical na língua portuguesa foi do século XIV. Causou estranheza à

pesquisadora o uso desta *lexia*, visto que esta não é comum entre os falantes mais escolarizados. Sendo assim, percebe-se que *alimpando* deve ser considerada como variante de *capina manual*, e que se encontra presente na linguagem do homem da zona rural.

**Colo da planta** ⇒ Como se chama a parte aérea da planta que fica junto ao chão?

(48)[...] o *cálice* [...] O *cálice* é esse que sobe, né? (JS; F)

Pelo que o informante demonstrou, existe uma correlação entre o *cálice* e o *colo da planta*. Em Houaiss e Villar (2001), estes sinônimos não se aplicam, apesar de *cálice* estar relacionado com a morfologia da botânica, com o sentido de “verticilo floral mais externo, caduco ou persistente, formado pelas sépalas livres ou concrecentes, ger. verdes ou herbáceas; acetábulo, cálix ou ainda como envoltório de uma flor ou fruto; flor ou fruto com seu envoltório; cálice da flor, botão”. *Cálice*, no glossário de Cardoso e Ferreira (2000), vem definido como uma forma cartografada no APFB como “copo com pé, de pequena dimensão, para vinhos, licores, etc. ”, o que não se relaciona com a identificação feita pelo informante em sua resposta. No entanto, ao se fazer uma consulta oral a um dos agricultores da região, posteriormente, o mesmo informou que o *cálice* é a parte da planta que fica próxima ao chão. Sendo assim, a forma em questão será parte integrante do glossário.

**Controle de pragas e doenças** ⇒ O que deve ser feito na lavoura, quando as pragas e doenças atacam?

(49) Tem que botá *remédio*. (VBS; M)

(50) Aí tem *remédio* pa botá [...] A senhora vai com a bomba, compra uma bomba, bota *veneno* e bate a bomba [...] Bate a bomba. (AJ; M)

(51) Tem que botá, procurá um *remédio* pra colocá pra matá as praga. (VNF; F)

(52) Bota *remédio*. (JSS; M)

(53) Botá *remédio*. (RSF; F)

(54) Fazê a *pulverização*, não é? (JPS; M)

Para os produtores rurais, fazer o controle de pragas e doenças é quando se adota a *pulverização* nas lavouras, resposta, inclusive, proferida por um deles; *pulverização*, esta, que pode ser aplicada com inseticidas ou fungicidas que, para o homem do campo, se define e expande como *remédio*. Em Houaiss e Villar (2001), a significação dada para *remédio*, de uma forma generalizada e objetivando correlacionar com o sentido dado pelo informante, pode estar assemelhada à expressão em questão: **1.** “substância ou recurso utilizado para combater uma dor, uma doença; **3.** tudo que serve para eliminar uma inconveniência, um mal, um transtorno; recurso, solução”.



**Coroamento** ⇒ Como se chama a capina realizada em volta das plantas?

(55) Vamo *rodá* ele. [...] Ele, laranjêra, vamos rodá ele aqui. (JS; F)

(56) Uns chama *rodá* o coquêro. (AJ; M)

(57) A gente tamos fazeno um... um *rodêro* na... nos pé do... da planta pa mantê limpo [...] Um rodêro. (DAF; M)

(58) É, que geralmente eles dizem vou *arrudiá* o pé do coquêro. (JPS; M)

(59) *Limpação*, não? (MJB; F)

Verifica-se nas respostas apresentadas pelos informantes para a técnica do coroamento que é realizada em volta das plantas, que o agricultor fez uma analogia daquilo que se pratica na lavoura, como *rodar* e *arrodear*, que têm o mesmo sentido de se fazer um círculo, ou percorrer um giro ou ainda o mesmo que *rodear*, sentidos apresentados por Michaelis (1998) ou Houaiss e Villar (2001).

Quanto ao item lexical *rodeiro*, tanto em Koogan e Houaiss (2000) quanto em Houaiss e Villar (2001), apresenta-se definido como: “jogo de duas rodas presas a seu eixo”. Não se encontrou associação lógica para este uso, no entanto, poderia haver uma suposição de que por um desvio de linguagem, os informantes estariam se referindo ao vocábulo *rodeio*, definido em Houaiss e Villar (2001) como “ação ou efeito de rodear”, também conforme Houaiss e Villar (2001) se apresenta como sinônimo de *arrodear*, *circundar*, que retorna ao sentido de círculo – “andar em volta de; contornar, rodar”. Esta unidade lexical será incluída no glossário, objetivando contudo ser investigada em estudos posteriores.

A forma *limpação* tem o sentido em Michaelis (1998) de “s.f. 1. O mesmo que limpadeira [s.f. 1. Ato ou efeito de limpar 2. Pequena limpeza; limpeza superficial]”. Esta resposta refletiu a linguagem informal do agricultor, relacionada a uma atividade que lhe é muito familiar. Houaiss e Villar (2001) manifestam sinônimos semelhantes com aqueles relacionados por Michaelis (1998), aproximando o sentido de *limpação* ao de limpeza. O vocábulo *limpação* não é comumente adotado pela comunidade urbana.

**Coveamento** ⇒ Qual é o nome dado ao preparo do solo para o plantio feito com a enxada?

(60) *Cova*, né? (VBS; M)

(61) *Cova*. (AJ; M)

(62) *Buraco*. (MJB; F)

Para *coveamento*, os informantes empregaram os termos *cova* e *buraco*, que são vocábulos adotados pelos produtores rurais e não pelos extensionistas, se comparado a

*coveamento*. Ressalta-se que, ao buscar a lexia *coveamento* no dicionário utilizado pela investigadora, foi constatada a não existência desta unidade léxica em Houaiss e Villar (2001), o que causou surpresa, visto que este termo é comum na linguagem técnica.

**Cultura anual** ⇨ Tipos de vegetais de vida curta cultivados e colhidos dentro de um ano agrícola?

(63) [...] *de ano...* de tempo, de plantá no *tempo certo*. (JC; M)

(64) *Milho, mangalô, feijão de corda, feijão*. (VNF; F)

Aos tipos de vegetais de vida curta cultivados e colhidos dentro de um ano agrícola, denominou-se como *de ano, de tempo certo*, que diz respeito ao período em que o homem da zona rural destina para o plantio de determinada cultura. Quanto a outra resposta, percebe-se que o informante cita tipos de culturas que são comuns em suas roças para a colheita anual: *milho, mangalô, feijão de corda ou feijão*. Este dado ratifica a argumentação apresentada na dissertação do mestrado de Oliveira (2001b) de que os lavradores estão atentos ao seu cotidiano e não à nomenclatura técnica que deve ser adotada.

**Curva de nível** ⇨ Como se chama o plantio que é realizado cortando as águas da chuva?

(65) Fazenda *valeta*. (VJS; M)

(66) *Inverso*, não sei [...] Então eu acho que é inverso, o contrário, eu não sei o nome correto. (VNF; F)

Na primeira resposta destaca-se a lexia *valeta*, cujo sentido dado pelo trabalhador rural se refere ao corte do terreno para se fazer o plantio, através de valetas. Cardoso e Ferreira (2000) registram *valeta* como um vocábulo localizado na Bahia, com a acepção de “canteiro”. Houaiss e Villar (2001) a definem como: *pequena vala à beira de ruas ou estradas, para o escoamento de águas*, ou seja, com um sentido diferente da terminologia técnica. No entanto, o informante associou *valeta* à *curva de nível*, referindo-se à maneira como o lavrador desenvolve esta atividade no campo, inclusive quando vai marcar um canteiro. Oliveira (2001b) apresenta *valeta* com equivalência de sentidos com a forma *curva de nível*.

Considera-se a mesma argumentação para a unidade lexical *inverso*, uma vez que o homem da zona rural costuma fazer o plantio cortando o terreno ao contrário da correnteza das águas da chuva. A forma *inverso*, então, foi empregada por ele para responder à questão e ainda acrescentar que não sabia o nome correto. Mais uma vez corroborando o que

foi constatado, o agricultor utilizou a prática para poder dar uma denominação a uma técnica. As unidades léxicas *valeta* e *inverso* farão parte do glossário.

**Defensivo agrícola** ⇒ Produtos usados para controle de pragas e doenças nas culturas agrícolas?

(67) Tem um *funisupi* [...] Que é um líquido [...] Tem o veneno mermo em pó, pa formiga miúda que destrói também [...] (VBS; M)

*Funisupi*, na primeira etapa da pesquisa, foi descrito por Oliveira (2001b) como variante lingüística de *folisuper*, que é o nome comercial de um inseticida, usado como defensivo agrícola, segundo os técnicos da área. Este item lexical não foi localizado nos dicionários pesquisados neste momento. No entanto, ao se fazer uma consulta a um dos produtores rurais da região, após a coleta dos dados, verificou-se que este identifica *funisupi* como um produto químico usado na lavoura. Sendo assim, inclusive por apresentar uma ligeira diferença fonética, *funisupi* fará parte do glossário como variante de *folisuper*, com o sentido de *defensivo agrícola*. *Folisuper* também não está presente em Houaiss e Villar (2001).

**Destocar** ⇒ Como é que se diz quando o trabalhador rural retira os tocos de uma área que vai ser cultivada?

(68) Vô arrancá os toco ou *aradá*... (JM; F)

*Aradar* foi localizada em Houaiss e Villar (2001) com acepção relacionada à área da agricultura, ou seja, como “abrir sulcos com arado em; sulcar”. Contudo, pelo contexto, o produtor rural está se referindo à retirada dos tocos de um terreno, a fim de deixar a área livre para se fazer o plantio. Apesar de todo este comentário, percebe-se que o informante tem noção do uso de *aradar* como *arrancar os tocos*, mesmo porque o homem do campo utiliza a conjunção alternativa *ou*. Além disso, foi feita uma consulta posterior à coleta dos dados e um agricultor da região que disse identificar *aradar* com o sentido de *destocar*. Esta lexia fará parte do glossário.

**Desbaste da plantação** ⇒ O trabalho de retirada do excesso de plantas de um canteiro de hortaliças se chama como?

(69) Ah, eu conheço assim, a gente *tá tirano a metade pra corrê vento, pra elas saírem* [...] Eu digo assim meu filho, vá ali ranque a metade daquela pranta ali pras outra saíre, dá espaço pro vento corrê pra saíre. (JM; F)

(70) Rumbora *fazê uma mudança daqui, pra aqui, mais... [...] Que é pra num ficá imbacerado* (JS; F)

Os agricultores associaram o sentido do termo *desbaste* às atividades desenvolvidas por eles em suas práticas diárias: *tirar a metade das plantas para correr vento no plantio, para as outras saírem; fazer uma mudança das mudas de um lugar para outro, que é para não ficar imbacerado.*

**Destorroar o solo** ⇒ Qual é a finalidade de se fazer a gradagem de uma área recém-arada?

(71) Aí é pa *rebatê a terra* [...] Rebatê, (+) rebate, *ara*. Aí agora volta, *recorta com o arado*, recorta, recorta duas vezes, *ara*, volta, recorta, vai recorta três vezes que é *pra terra ficá fofa*. (AJ; M)

(72) É, faz isso pra praticamente, *pra recortá mais o terreno, pa afofá*. Certo, pra o ligume dá melhó, porque sem fazê isso o ligume nunca dá bom. (DAF; M)

Os agricultores responderam considerando os objetivos em se fazer a gradagem de uma área recém-arada, empregando uma linguagem peculiar ao seu grupo, que diz respeito à orientação técnica: *rebate a terra, ara, recorta com o arado várias vezes, para a terra ficar fofa; recorta o terreno, para afofar.*

**Época do plantio** ⇒ O melhor período de plantio de cada cultura é chamada de...?

(73) (+) Na *conjunção* boa? [...] Na *conjunção* [...] Pra mim, a *conjunção* que a gente fala, que a gente entende, quando a gente vai plantá. A *conjunção da lua*, tá entendeno e também não pode sê na lua cheia e nem no minguante. [...] Crecente, quê dizê, pra gente né? E o crecente, aí arrente vai plantá aquele mió, qu'ê pra ele num dá bichado, num dá largata. Porque prantano nessas *conjunção* forte... Ele só dá largata. (JS; F)

(74) Planta milho *em mauço, dia de São José* e na *lua nova de abril* [...] Porque na lua nova... porque toda semente só pode plantá na lua nova [...] É, dá milhó, na crecente se plantá, bicha. (AJ; M)

*Conjunção*, apresentada pelo informante, foi utilizada como a expressão que indica a melhor época de plantio, ou seja, o tempo certo de se plantar. O lavrador relacionou também a época do plantio com a lua, com datas comemorativas. Na primeira etapa desta pesquisa, referente ao mestrado, Oliveira (2001b) afirmou ser *época de plantio* variante de *conjunção*, relacionando este último vocábulo à data ou tempo certo para se desenvolver uma atividade agrícola qualquer. Assim como o dicionário pesquisado no primeiro momento – Koogan e Houaiss (2000) – define *conjunção* como “o conjunto de circunstâncias; conjuntura, oportunidade”; Houaiss e Villar (2001) também relacionam estas acepções dentre várias

outras encontradas. Além disso, ressaltam-se as definições **1**, **4** e **9** destes mesmos lexicógrafos que podem estar sendo correlacionadas com o sentido dado pelo informante: **1** “ato de ligar, unir ou associar uma coisa ou pessoa a outra e ainda **4** ocorrência conjunta no espaço e/ou no tempo; ocorrência de eventos conexos; combinação de eventos ou circunstâncias ou **9.1** p. ext. suposta influência dos astros na vida humana”, presumindo também que haja uma relação entre a lua e a época de se desenvolverem as atividades de plantio nas lavouras agrícolas. Não muito distantes em significação, ressalta-se a ocorrência desta forma no APFB como “menstruação”, segundo o glossário de Cardoso e Ferreira (2000) que, apesar de estarem em áreas completamente diferentes, não deixam de estar relacionadas em sentido, pelo fato de esta ocorrer num período de tempo determinado. Por toda esta argumentação apresentada *conjunção* fará parte do glossário.

**Erosão** ⇨ Como chamamos os buracos que a chuva faz quando bate nas encostas ou morros?

(75) *Grota*. (JM; F)

(76) Aqui a gente trata *valetão*. (VBS; M)

(77) A gente chama *grota*. (AJ; M)

(78) Eu conheço por *grota*. (VNF; F)

(79) *Brocotó*. (DAF; M)

(80) *Valeta*. (JSS; M)

(81) *Grota*. (RSF; F)

Estas formas anteriormente destacadas e que foram respostas apresentadas pelos agricultores são variantes do termo técnico *erosão*. Oliveira (2001b) observou que as formas cartografadas no *Atlas Prévio dos Falares Baianos* são *borocotó*, *brocotó* e outras co-variantes fônicas, com o mesmo sentido do da pesquisa: “tipo de terreno; lugar, caminho, estrada com buraco, sulco, grota”. A lexia *valeta* pertence à zona rural da Bahia, segundo Cardoso e Ferreira (2000), no entanto, apresenta uma acepção um pouco diferente de *erosão* nesta pesquisa, ou seja, *valeta* como “canteiro”, informação já prestada. *Grota* não está no APFB, no entanto Oliveira (2000) registrou o uso desta lexia na região de Catu como uma forma similar à *erosão*. Na primeira etapa da investigação ficou declarado que as acepções localizadas nos dicionários pesquisados condizem com os sentidos empregado pelos informantes. *Valetão*, de acordo com Oliveira (2001b), apesar de não estar no dicionário, apresenta relação de forma e sentido com *valeta*.

Nesta etapa, ao se fazer um novo levantamento em Houaiss e Villar (2001), percebeu-se que algumas informações são as mesmas daquelas apresentadas por Oliveira

(2001b), para *grota*, *valetão* [não dicionarizada] e *valeta*. Já *brocotó* está registrada com a acepção diferente daquela pretendida aqui, assemelhando-se à *borocotó* [3. “fenda cavada por enxurradas em ruas de terra batida”]. Convém chamar a atenção para o fato de que estas lexias acima destacadas estão presentes na linguagem do homem do campo, diferentemente do termo técnico *erosão*, constante na linguagem adotada pelo extensionista. Cumpre sublinhar que, ampliando-se as informações referentes à lexia *brocotó*, localizou-se a citada forma em Marroquim (1996) como uma palavra originária do Tupi. As unidades lexicais *grota*, *valetão*, *brocotó* e *valeta* estarão presentes no glossário como variantes de *erosão*.

**Escarificar o solo** ⇒ A quebra da superfície impermeável de um canteiro feita com um escarificador para melhorar a infiltração de água e a aeração se chama...?

(82) *Fofá* a terra. (VBS; M)

(83) *Fofano* a terra. (VNF; F)

(84) *Fofá*. (JSS; M)

(85) Tamos *afofano* a terra. (RSF; F)

(86) Vai *fofá*, *folgá* (JPS; M)

O lavrador informou como faz a atividade e a experiência de que dispõe determina o que deve ser feito no plantio – *afofar*, *folgar a terra*. Apesar de não ser uma forma usualmente empregada pelos falantes da zona urbana, *fofar* está registrada em Houaiss e Villar (2001) como sinônimo de “afofar”, que é mais comum na linguagem dos indivíduos escolarizados. A denominação admitida pelo agricultor deixa claro que existe diferença entre a terminologia do homem do campo e a terminologia adotada pelos profissionais da área da agricultura, sem esquecer o objetivo principal da escarificação que é afofar e folgar a terra a fim de melhorar a infiltração da água no solo.

**Feijão macáçar**<sup>22</sup> ⇒ Como se chama o feijão que produz vagens em ramas espalhadas pelo chão?

(87) *Fêjão de corda*... (JC; M)

(88) Ah, *fêjão de corda*. (JM; F)

(89) *Fêjão de corda*. (VJS; M)

(90) *Fêjão de corda*. (JPS; M)

(91) *Fêjão de corda*. (MJB; F)

(92) *Fêjão de corda*? (MASS; F)

<sup>22</sup> No Momento I a grafia desta lexia estava registrada como *macaçá*, entretanto neste momento verificou-se que esta forma deverá estar escrita como *macáçar*.

O *feijão de corda* pelas respostas quase unânimes dos informantes dadas ao feijão que produz em ramas espalhadas pelo chão e que é um produto muito cultivado nas roças é o *feijão macáçar*. Houaiss e Villar (2001) apresentam *feijão de corda* como o mesmo que “feijão-fradinho”. Sendo assim, considera-se o *feijão de corda* como sinônimo do *feijão macáçar*.

**Forrageira** ⇒ Que nome se dá aos diferentes tipos de capim utilizados na alimentação animal?

(93) Tem a *marianinha* e tem aquele *capim de corte*. (JM; F)

(94) Aqui a gente conhece muitos, tem o... tem o *sempre-verde*. [...] Que serve pa alimentação, tem o *capim elefante* que propiado pra cortá. (VBS; M)

(95) Aqui tem *baqueara* [...] Tem *arenito* [...] *Marianinha*. (VJS; M)

(96)...eu sei bem mermo chamá capim elefante [...] O *branquiario*. (JS; F)

(97) Tem *branquiario*, tem *arenito*, tem *angolinha* [...] Sempre verde. (AJ; M)

(98) Muda de capim, por exemplo, é, o, a *marianinha*, o *braquiario*, o *erenito*, já tem um que chama, um *vermelhinho*, que tem o *erenito* e o *vermelhinho*. E tem o capim, o de corte. Que tem *elefante*, tem outro que chama cab... cabo... *caboró*, *coboró*, num sei como é, me esqueci o nome até e tem desses tipos de capim. (DAF; M)

(99)[...] É *arenito*, tem *sempre-verde* que é esse aí que a senhora tá vendo aí na frente, *braquiage*. (JSS; M)

(100) É, *vermelhinho* ou *arenito* como chama [...] É, sempre verde. (JPS; M)

(101) Eu conheço o capim *arenito*, *gordura*.... (MASS; F)

Nesta pergunta, os agricultores citaram as variedades de capim utilizadas na alimentação animal. São elas: *angolinha*, *arenito*, *baqueara*, *branquiario*, *braquiage*, *braquiario*, *caboró*, *capim de corte*, *capim elefante*, *coboró*, *elefante*, *erenito*, *gordura*, *marianinha*, *sempre verde*, *vermelhinho*. Foram levantadas as acepções destes itens lexicais em Houaiss e Villar (2001) e obtiveram-se como resultados:

- ✓ **Angolinha** – os significados denotados neste item lexical são diferentes dos pretendidos neste momento: variedade de capim e forrageira. A posição encontrada que poderia estar associada a *forrageira* foi como “capim-angola (Angios planta forrageira [...] capim-da-colônia, capim-de-angola [...])”.
- ✓ **Arenito** – definição inerente à área da petrologia, que é um ramo da geologia que trata das rochas. Sendo assim, não se associaria à variedade de capim utilizada como forrageira. No entanto, os profissionais da área agrícola que foram consultados

oralmente quanto ao vocábulo *arenito*, afirmaram com convicção, que este se refere a um tipo de capim, que dá em solos mais fracos, com textura arenosa. Possivelmente a correlação entre a denominação *arenito* para um tipo de capim e a área da petrologia se refira ao solo ser formado em sua composição por uma maior quantidade de partículas de solo, cuja predominância dos grãos de areia varia em tamanho tecnicamente entre 2,0 a 0,05 mm.

- ✓ **Baqueara, branquiario, braquiage, braquiario** – estas unidades lexicais não se encontram no dicionário pesquisado. São variantes da forma *braquiária*, que é a designação técnica para a variedade de capim. Houaiss e Villar (2001) definem *braquiária* como: “angios **1**. design. comum às plantas do gên. das Brachiária, da fam. das gramíneas, que reúne cerca de cem spp., em sua maioria nativas de regiões tropicais e subtropicais, esp. da África, algumas muito cultivadas como forrageiras **1.1** m.q. capim-marmelada”.
- ✓ **Caboró e coboró** – não localizados no dicionário utilizado por esta pesquisa.
- ✓ **Capim de corte** – “Angios m.q. capim-guiné (angios erva, da fam. das gramíneas [...] e muito cultivada como forrageira)”.
- ✓ **Capim elefante e elefante** – relativa a discussão em questão, localizou-se apenas *capim-elefante* “(Angios planta da fam. das gramíneas [...] us. como forragem [...])”.
- ✓ **Erenito** – não registrado no dicionário pesquisado, é variante de *arenito* que também traz uma significação diferente para variedades de capim e forrageira. Não identificada também no dicionário na coluna que especifica os vários tipos de capim.
- ✓ **Gordura** – situado como forma reduzida de *capim-gordura* “(Angios erva de até 1m da família das gramíneas [...] muito cultivado no Brasil, como uma das mais importantes forrageiras [...])”.
- ✓ **Marianinha** – a maioria das acepções se enquadra na classificação das angiosperma, que é uma subdivisão do reino vegetal. Entretanto, nenhuma delas se assemelha ao sentido de ser tipo de capim ou forrageira.
- ✓ **Sempre verde** – na acepção **2** é: “m.q. sempre-viva” (todas as acepções apresentadas estão distantes dos sentidos presumidos neste momento de ser tipo de capim ou forrageira)
- ✓ **Vermelhinho** – identificado como *capim-vermelho* “(Angios m.q. jaraguá [**1** Angios B erva de até **2** m [...] da família das gramíneas [...] muito cultivada, esp. no Brasil, como uma das principais forragens para bovinos)”.



As unidades lexicais acima foram detalhadas, objetivando-se organizar quais seriam as variedades de capim cujas formas são dicionarizadas e que poderiam estar relacionadas ao vocábulo *forrageira* para fazerem parte do glossário. São elas: *angolinha* como variante de *capim-angola*, *baqueara*, *branquiario*, *braquiage*, *braquiario*, como variantes de *braquiária*; *capim de corte*; *elefante* como variante de *capim elefante*; *erenito* como variante de *arenito*; *gordura* como variante de *capim-gordura*; *marianinha*; *vermelhinho* como variante de *capim vermelho*. As formas *caboró*, *coboró* e *sempre-verde*, apesar de não estarem no dicionário, ou estar com um sentido distante daquele aqui pretendido, respectivamente, serão incluídas no glossário por terem sido vocábulos produzidos pelos informantes e que poderão ser analisados com mais cuidado em outras oportunidades.

**Fungicida** ⇒ Qual é o veneno utilizado para combater as doenças nas plantas?

(102) *Folidol*. (JSS; M)

*Folidol* não foi localizado em Houaiss e Villar (2001). Entretanto, segundo informação do técnico da área agrícola, o termo em questão se refere a um tipo de inseticida. Sendo assim, resgata-se o que foi declarado: os agricultores não distinguem *inseticida* de *fungicida*.

**Fungo** ⇒ Que nome se dá ao causador de mofo nas plantas?

(103) É, eu sei o mofo é aquele que dá um negoço branco nas planta [...] *Lêndia*. (VNF; F)

(104) Chama de *lêndia*. (MASS; F)

Procurou-se estabelecer uma relação para as respostas prestadas pelos informantes, no entanto considerando-se os sinônimos apresentados por Houaiss e Villar (2001), esta relação não ficou constatada. A única justificativa plausível e que poderia se aproximar seria o fato da *lêndea* ter uma coloração branca assim como o mofo ou de se fazer uma correlação com *lêndea* de cabelo. Dessa forma, *lêndea* poderia ser variante de *fungo*.

**Gema da maniva** ⇒ Como se chama a parte da maniva que brota quando plantamos?

(105) É, eu conheço por *trôço*. (JM; F)

(106) *Trôço*. (VBS; M)

(107) O *olho*. (VJS; M)

(108) O *trôço*. (JS; F)

(109) O *olho*. (AJ; M)

(110) Que sai os ollhinho [...] De *olho*. (+) (VNF; F)

- (111) Chama o *olho*. (DAF; M)  
 (112) *Ôiu*. (JSS; M)  
 (113) O *olho*. (RSF; F)  
 (114) Nois chamamo de *olho*. (JPS; M)  
 (115) O *olho*. (MJB; F)  
 (116) *Olho*. (MASS; F)

Resgatando o que foi declarado em Oliveira (2001b) quanto às formas *troço* (leia-se *trôço*) e *olho* para *gemas da maniva* obtém-se a relação de *olho* pela definição dada pelos lexicógrafos, apesar de que ambas não estão registradas no APFB. Para *troço* (leia-se *trôço*) não foi encontrada semelhança entre a nomenclatura dada pelo agricultor e o que registra o dicionário pesquisado, Koogan e Houaiss (2000) que a conceitua com uma acepção diferente da de *gema da maniva*. Quanto ao sinônimo dado por Michaelis (1998), existe uma pequena similaridade entre *troço* (leia-se *trôço*) e *gemas da maniva*: “s.m. bot: parte mais grossa da raiz, da qual nascem várias radículas, por cujo meio ela chupa a substância que alimenta a planta”.

Neste momento, fazendo-se uma análise em Houaiss e Villar (2001), a lexia *olho* está assinalada como o mesmo que *gema*. Já para *troço* (leia-se *trôço*) não se encontrou um sentido que pudesse correlacionar com *gema*, dentre as acepções apresentadas pelos lexicógrafos. Contudo, pelas respostas apresentadas pelos informantes percebe-se que *olho* e *troço* (leia-se *trôço*) são lexias conhecidas pelos falantes da região, razão pela qual serão aproveitadas no glossário.

**Herbicida** ⇒ Que produto você usa para matar a planta ou o mato?

- (117) Vamo botá... um *veneno*. (DAF; M)

*Veneno*, para o produtor rural, define todo e qualquer produto que se aplica na lavoura a fim de eliminar um elemento ruim do plantio.

**Instrumento agrícola** ⇒ Que nome se dá às ferramentas utilizadas na agricultura?

- (118) É *enxada* [...] *Pá, picareta* (JC; M)  
 (119) Os *aferramento*. (JM; F)  
 (120) *Foice* [...] *Facão*. (JS; F)  
 (121) Chama *enxada* [...] *Inxadadeta, picareta* [...] (AJ; M)  
 (122) As *ferramento*. (RSF; F)  
 (123) *Enxada* [...] *Foice, gadanho* [...] (MASS; F)

Neste quesito, os informantes responderam, citando os tipos de instrumentos agrícolas, que são propícios ao questionamento pretendido: *enxada, pá, picareta, foíce, facão, enxadeta, gadanho*. Além disso, os agricultores mencionaram outros vocábulos, como: *aferramento, ferramento*. Referindo-se a estes itens lexicais, ressalta-se o que foi declarado por Oliveira (2001b); *ferramento* e *aferramento* foram apresentadas com o mesmo sentido de *instrumentos agrícolas*. *Ferramento* não é uma forma dicionarizada e *aferramento* em Koogan e Houaiss (2000) está presente com um sentido diferente daquele do trabalho.

Na etapa da pesquisa em questão, as considerações expressas na fase da dissertação serão mantidas, visto que os resultados da análise apresentaram o mesmo comportamento, inclusive no que se refere às informações em Houaiss e Villar (2001).

**Material orgânico** ⇒ Que nome se dá à mistura de esterco de galinha, gado e folhas, após sua decomposição?

(124) Pode sê *estrumo* também. (VBS; M)

(125) Eu sei que chama *adubo*. (VNF, F)

*Estrumo*, não localizada nos dicionários pesquisados, foi considerada como variante de *estrume* por Oliveira (2001b), uma vez que em Koogan e Houaiss (2000) *estrume* tem o mesmo sentido apresentado para *material orgânico* do da pesquisa – “produto que fertiliza a terra” – assim como consta em Houaiss e Villar (2001). Além disso, os lexicógrafos registram *estrumoso*, classificado como adjetivo, com uma significação condizente com a de *estrume*: “que recebeu estrume (diz-se de solo, terreno, etc.); coberto de estrume”.

O outro informante generalizou a denominação para material orgânico como *adubo*, uma vez que esta é a finalidade para a mistura de esterco de galinha, gado e folhas após a decomposição, havendo uma *extensão* quanto ao sentido da palavra, segundo a classificação de Vendryes (1958), referida na fundamentação teórica.

**Olerícola** ⇒ Que nome se dá às plantas cultivadas em uma horta?

(126) *Granjêra* (JC; M)

(127) De *verduras*. (JM; F)

(128) *Hortaliça*. (VBS, M)

(129) *Horticultura*. (VNF; F)

(130) Numa horta é, por exemplo, *pimentão, alface, coentro, cebolinha* [...] As como é... (+)  
*verdura*. (DAF; M)

(131) Com *verduras, legumes*. (JPS; M)

(132) *Verdura?* (MASS; F)

Não se encontrou uma justificativa condizente para que o lavrador usasse o vocábulo *granjeira* em lugar de *olerícola*, mesmo porque não existe o termo *granjeira* em Houaiss e Villar (2001). Além disso, foi feita uma consulta oral a um dos informantes da região, e este disse não conhecer a forma. Sendo assim *granjeira* não será incluída no glossário.

Quanto aos outros itens: *horticultura, verdura, legume, hortaliça* obteve-se em Koogan e Houaiss (2000): *horticultura* como “a arte de cultivar os jardins e as hortas; verduras são plantas hortenses cujas folhas são comestíveis; hortaliça [...]” e *legumes* são “produtos alimentícios de origem vegetal [...]; hortaliça”. *Hortaliça*, que não foi comentada anteriormente, nesta ocasião torna-se justificável, visto que no recorte extraído de Oliveira (2001b) para o termo *horticultura* menciona-se a acepção *horta*, que se encontra relacionada à *hortaliça*. Em *verdura* e *legume*, o lexicógrafo remete a *hortaliça*, confirmando-se as correlações em questão. A pesquisadora ainda afirma que todas estas formas estão semanticamente próximas, distinguindo-se apenas em contexto técnico, em que *olerícola* é a forma privilegiada.

Retornando para a presente investigação, propõe-se que as formas descritas em outra ocasião sejam consideradas como correlatas face à mesma condução de sentidos entre as lexias encontradas em Houaiss e Villar (2001). Um dos inquiridos optou por exemplificar as plantas cultivadas em uma horta como: *pimentão, alface, coentro, cebolinha*.

**Podar** ⇒ A atividade de retirada dos galhos mortos ou ramos ladrões das plantas é chamada de...?

(133) A gente tá dando vida a ela, porque a gente tá *decotando*... (JM; F)

A resposta acima foi destacada em função do item lexical *decotar* apresentar-se com o mesmo sentido do que aquele localizado em Houaiss e Villar (2001): “recortar em volta ou por cima; aparar, podar (esp. árvore e arbusto)”.

**Podão** ⇒ Qual é o nome da ferramenta de trabalho usada para se fazer a poda?

(134) Com o *serrote*. (JM; F)

O informante citou *serrote* que é um tipo de instrumento utilizado para cortar as árvores. No entanto, esta associação não será considerada, uma vez que estes instrumentos

não têm a mesma forma, nem a mesma função: o *serrote* é utilizado para serrar e o *podão* é mais utilizado no corte das árvores e na colheita dos frutos.

**Praga** ⇒ Que nome se dá aos insetos que atacam as culturas causando prejuízo?

(135) *Formiga* mermo é um dos inseto ruim. (JM; F)

(136) É, aqui mesmo o *gafanhoto* come mesmo, destrói mesmo. (VBS; M)

(137) A gente chama *gafanhoto* [...] *Largata*. (JS; F)

(138) É *gafanhoto* [...] É *grilo* [...] É, *tamanjuá* [...] De *lagarta*. (AJ; M)

(139) *Largata* [...] *Gafanhoto* [...] Tá destruino. (DAF; M)

(140) De *largata*, de *formiga*. [...] *gafanhoto*. (VNF; F)

Os produtores rurais especificaram as pragas, referindo-se aos insetos que prejudicam a lavoura, dando prejuízo ao plantio. São elas: *formiga*, *gafanhoto*, *lagarta*, *grilo*, *tamanjuá*. Sendo assim, os informantes identificam *praga*, epecificando-as através dos tipos de insetos que comumente atacam a plantação. Quanto à *tamanjuá*, comentada por Oliveira (2001b), não está no dicionário, contudo foi encontrada no APFB, como *doença que ataca a mandioca*, segundo o glossário de Cardoso e Ferreira (2000). Houaiss e Villar (2001) também não definem *tamanjuá*, no entanto, propõe-se aqui que esta lexia seja correlata à *praga*, visto que o atlas da Bahia já a consagra como uma lexia conhecida pelos falantes da região e com o mesmo sentido relacionado pelo informante.

**Prevenção** ⇒ Combater as pragas e doenças antes que elas ataquem as culturas é chamado de quê?

(144) *Uma proteção*. (DAF; M)

O sentido apresentado pelo agricultor de que fazendo uma proteção o lavrador estará fazendo uma prevenção no plantio, a fim de combater as pragas e doenças nas plantas, está adequado tecnicamente.

**Produtividade** ⇒ Que nome se dá ao resultado da divisão da quantidade de produto colhido pela área cultivada?

(141) Tê *rendimento*, né? (JC; M)

(142) Ele rendeu mais, deu mais do que a quantidade do outro [...] Teve *rendimento*. (VNF; F)

(143) *Rendimento*. (RSF; F)

Conforme consta em Houaiss e Villar (2001) *rendimento* é sinônimo de *produtividade*.

**Pulverizador costal** ⇒ O aplicador de inseticida e fungicida em pulverizações carregado pelo agricultor tem o nome de quê?

(145) Eu conheço por *bomba*. (JM; F)

(146) *Bomba*. (VBS; M)

(147) O nome que eu conheço, chama uma *bomba*, né? (DAF; M)

(148) *Bomba*. (JSS; M)

(149) *Bomba*, né? (JPS; M)

A *bomba*, a qual o informante se refere, é um equipamento muito comum, utilizado pelo trabalhador rural nas costas, quando vai aplicar produtos na lavoura.

**Raiz Pivotante** ⇒ Que nome se dá às raízes que alcançam grandes profundidades no solo em busca de água e nutrientes?

(150) *Ispigão*. (JC; M)

*Ispigão* não foi localizado em Houaiss e Villar (2001). Relativa à semelhança fônica dos termos *ispigão* e *espigão* ambas são variantes. *Espigão* está registrado em Houaiss e Villar (2001), contudo não existe nenhuma acepção no dicionário que possa justificar o uso dado pelo informante neste momento. Pode-se inferir que o acréscimo do sufixo -ão, que dá uma idéia de aumentativo, está associado ao sentido de uma coisa grande, assim como se refere o informante quanto ao crescimento da raiz. Este item lexical será retomado, posteriormente, na Parte II, uma vez que foi empregada por um agricultor, na ocasião da realização da coleta dos dados do Momento II.

**Relevo acidentado** ⇒ A parte de cima do solo com muitas ondulações tem o nome de...?

(151) *Disincerto*. (DAF; M)

Neste momento serão discutidas as formas *desincerto* e *desincerta*; esta última foi referida anteriormente na resposta do informante, quando se refere à *área com declividade*. Oliveira (2001b) chamou a atenção para a forma *desincerta* produzida pelo agricultor, onde foram empregados dois prefixos de negação *des* e *en* (em lugar de *in*) pelo falante, demonstrando que ele entendeu o que foi questionado como uma área irregular. Ressaltou ainda o fato de a forma *desincerta* ter sido utilizada pelo mesmo informante para duas questões distintas. Assim, observa-se que o traço mais significativo entre os itens lexicais *relevo acidentado* e *área com declividade*, referida anteriormente, é exatamente a irregularidade que o homem do campo traduz como característica do que não é certo, regular.

Faz-se necessária uma correção quanto ao comentário apresentado por Oliveira (2001b), na primeira fase da pesquisa: naquele momento, a pesquisadora se referiu à forma *desincerta*, enquanto que o falante se expressou foneticamente *disincerto* ou *disincerta*. A gramática normativa (Rocha Lima, 1999, ) prevê os prefixos *dis-* e *in-*, como nos exemplos *discordar* ou *incapaz*, respectivamente. Ao que se referiu Oliveira (2001b) quanto ao prefixo *des-*, a norma padrão a apresenta com o sentido de “separação ou ação contrária”, e não como negação como proferiu o informante dando a *desincerto/a* o sentido do que não é certo ou regular.

Carvalho (1980), abordando também este aspecto, se refere aos prefixos *in-* e *des-* com valor negativo e informa que ambos existem em potencial na língua, estando à disposição dos falantes, no entanto o uso de um ou de outro vai depender da comunidade lingüística, que estabelece o que é normal (o que se diz) ou anormal (o que se poderia dizer). Assim sendo, o autor exemplifica dizendo que a norma coletiva consagrou *infeliz*, e não *desinfeliz*. Inversamente, preferiu *descontente* e rejeitou *incontente*. Ao falante, como parcela de pensamento coletivo, só cabe aceitar, inapelavelmente, o que o seu grupo lingüístico consagrou, pois na língua não existe propriedade privada, tudo é socializado.

Quanto à lexia do trabalho em questão – *desincerto/a* – salienta-se que, mesmo sendo uma expressão de um informante – proferida por duas vezes –, e apesar de o falante ter optado pelo uso dos dois prefixos *dis-* e *in-* na mesma forma lingüística, reforçando a idéia de negação; pelo contexto a interpretação deste item lexical é óbvia para qualquer ouvinte/leitor. No entanto, não foi localizada em Houaiss e Villar (2001) nenhuma destas lexias – *desincerto/a*, *disincerto/a*, *desincerto/a*. Além disso, reiterando ainda mais a argumentação, destaca-se da citação de Carvalho (1980) acima, que o *anormal* seria *o que se poderia dizer*, de forma que *disincerto/a* é aceitável e compreensível. *Disincerto* e *disincerta* farão parte do glossário.

**Solo** ⇒ De onde as plantas cultivadas tiram os nutrientes necessários ao seu desenvolvimento?

(152) Do *chão*... (JC; M)

(153) Do *chão*. (JM; F)

Para o agricultor, *chão* corresponde a *solo*. Houaiss e Villar (2001) apresentam *solo* e *chão* como sinônimos. No entanto, *solo* é geralmente empregado pelos profissionais e *chão* pelos produtores rurais.

**Sulco** ⇒ A abertura de valas rasas no terreno com a finalidade de se fazer o plantio tem o nome de quê?

(154) Não é *valeta*? (JC; M)

(155) Bom, eu conheço por *valetinhas*. (JM; F)

(156) *Rego*. (VJS; M)

(157) *Rego*. (VNF; F)

(158) Uma *valeta*. (DAF; M)

(159) Não, sei chamá de *valeta* mermo [...] De *regos*. (JSS; M)

(160) *Valeta*? (MASS; F)

Referente aos itens *valeta*, *valetinhas*, *regos* acima relacionados, Oliveira (2001b) comentou que apesar de serem dicionarizadas, apenas *regos* apresenta o sentido compatível com o vocábulo *sulco*. O item lexical *valeta* encontra-se cartografado no APFB com o sentido de *canteiro*, como já foi expresso, diferente daquele usado na pesquisa, enquanto que *regos* não foi encontrado no referido Atlas.

Houaiss e Villar (2001) confirmam o que foi informado, ou seja, *regos* como sinônimo de *sulco*. Entretanto percebe-se que, embora *valeta* esteja com o sentido diferente do de *sulco*, os lexicógrafos remetem o leitor ao vocábulo *regos*, que, por extensão, caminha para a lexia *sulco*. Quanto à *valetinha*, a justificativa transita pelo mesmo motivo visto ser este um diminutivo de *valeta*. Estas três unidades léxicas estarão presentes no glossário como equivalentes de *sulco*.

**Transplantar** ⇒ Que nome se dá à retirada das mudas da sementeira para plantá-las no local definitivo?

(161) *Mudano*... (JM; F)

(162) *Mudá*. (VJS; M)

(163) *Mudá*. (JSS; M)

(164) *Replantano*, né? (JPS; M)

(165) *Mudação*. (MJB; F)

(166) *Mudança*? (MASS; F)

*Mudar* e *mudando* são formas que apresentam sentidos semelhantes ao de *transplantar*. Houaiss e Villar (2001) propõem significações gerais para *mudar* como, “fazer mudança ou remover, transferir”, aplicável também à transposição das mudas de um local para outro. Considerando-se o que foi discutido no capítulo da fundamentação teórica, em que se diferencia a linguagem especializada da linguagem comum, percebe-se que o falante utiliza



a linguagem não especializada para se comunicar no dia-a-dia, inclusive para descrever ações próprias do cotidiano campestre, ou seja, o indivíduo utiliza o léxico da língua corrente com um sentido pertinente a uma determinada área.

Quanto ao vocábulo *mudança*, destacado no primeiro momento por Oliveira (2001b), justificou-se que a forma citada atendia às expectativas da questão, mas de maneira incompleta, pois o significado do vocábulo pretendido era *transplantar*. Naquele momento, a pesquisadora detectou que *mudança*, segundo a definição de Koogan e Houaiss (2000) era: “Ato ou efeito de mudar / Alteração, modificação”. Os lexicógrafos remeteram a significação para o verbo *mudar*, que, por extensão, absorve o gerúndio *mudando*. Em Houaiss e Villar (2001), as definições inerentes a esta pesquisa para a lexia *mudar* são **1** e **2**: **1**. “fazer ou sofrer mudança [...]” ou **2**. “deslocar de posição, posto etc., remover transferir” que podem ser aplicadas em várias áreas, bem como quanto ao aspecto descrito neste momento, o de se retirarem as mudas de um local para plantá-las em um outro local definitivamente.

Referente à *mudação*, Oliveira (2001b) comentou que esta lexia não se encontra registrada no dicionário e que foi produzida por um dos informantes, com o acréscimo do sufixo *-ção*, morfema derivacional bastante recorrente na língua para dar idéia de processo, denominando a técnica de transplante de mudas. Houaiss e Villar (2001) trazem *mudação* com a acepção de: *m.q. mudança* e remete para a etimologia da palavra *mudar* + *ção* e ainda para a datação histórica dos vários momentos em que esta forma foi detectada, sendo o século XIV o primeiro registro, constando: *mudação*. Para o informante *mudação* pode ter sido proferido por ser semelhante ao verbo *mudar*.

Relativo ao vocábulo *replantar*, infinitivo de *replantando*, está definido em Koogan e Houaiss (2000) como: *v. t. Plantar novamente*, percebe-se que atende às expectativas da questão, entretanto de maneira incompleta, pois o vocábulo pretendido era *transplantar*. Houaiss e Villar (2001) revelam a mesma significação descrita na dissertação do mestrado. Ressalta-se que *replante* é uma técnica diferente do *transplante*, no entanto, mais uma vez chama-se a atenção para o fato de que o produtor rural não faz as distinções terminológicas.

*Mudar, mudando, mudança, mudança, replantar* são formas que podem ser consideradas como variantes de *transplantar*.

**Uréia** ⇒ Qual é o adubo químico mais recomendado para se fazer a adubação de cobertura ou foliar nas culturas com o objetivo de acelerar o crescimento da parte aérea das plantas?

(167) *D-dez*. (AJ; M)

(168) *Dez-dez* [...] É, ou *dez-dez* ou a *orêa*. (DAF; M)

(169) *Dez-dez*, aqui nois utiliza também assim como a senhora falô, nois utiliza *dez-dez*. (JSS; M)

As formas *d-dez* e *dez-dez* foram consideradas como variantes lingüísticas de *uréia* por se referirem ao adubo mais recomendado e utilizado pelo agricultor no campo. Esta denominação se faz pelo fato de haver uma correspondência com a formulação de percentagem dos elementos químicos que a compõem: nitrogênio (N), fósforo (P) e potássio (K) que são representados pelos símbolos NPK. O percentual presente nesta formulação é a de dez por cento de nitrogênio, dez por cento de fósforo e dez por cento de potássio. O informante reduziu a denominação para *d-dez* ou *dez-dez*. Posteriormente, na Parte II do levantamento e análise dos dados, o leitor poderá confirmar esta afirmação quando foi destacada da fala do técnico o item lexical não abreviado *dez-dez-dez*.

## 1.2. Identificação de Itens Lexicais, Processos e Instrumentos usados na agricultura

### Ácaro

(170) Ácaro é... *inseto* [...] Eles corroem ... estraga ou mata planta. (JPS; M)

O lavrador expressa uma maneira generalizada para denominar *ácaro* como *inseto*, associando ao prejuízo dado ao plantio.

### Adubação foliar

(171) É botá o adubo líquido e... (VBS; M)

(172) Ah, é o da *bomba* [...] O da *bomba que a pessoa carrega nas costa* ((sorriu)) [...] Doc – O que é que a gente coloca dentro daquela bomba, então? Diga aí pra mim. VNF – *Inseticida* [...] *Com água* [...] *Poverizá* [...] *As planta* [...] *Nas folha*. (VNF; F)

(173) É praticamente, o *adubo químico*, né? [...] Que a gente pode pegá ele. Doc – E a gente *aplica* esse adubo químico aonde? Na... DAF – Nas, *nas folhas*. (DAF; M)

Justificando a fala dos informantes, percebe-se que os produtores rurais ensinam como colocar adubo líquido ou químico na bomba que carrega nas costas e aplicar nas folhas, como *adubação foliar*.

### **Adubo orgânico**

(174) *Adubo de galinha, adubo de gado.* (JSS; M)

O termo técnico seria *adubo orgânico*, no entanto, o homem da zona rural citou os tipos de animais, como *galinha* ou *gado*, que produzem fezes apropriadas para adubar o plantio.

### **Adubo químico**

(175) Rapaiz, quando nós compra aqui, nós compra na rua, na casa do fazendêro [...] Ele é assim, ele é uns *caroço* assim que... nem quando tem a *oréa* [...] Tem o adubo *vermeinho* assim [...] Só sei chamá de *dezdeiz*. (JSS; M)

A definição dada pelo homem do campo para *adubo químico* é muito familiar ao seu dia-a-dia: como dizer onde compra, a textura e a cor do adubo; e finalmente cita a forma generalizada para o adubo químico comumente usado – a *uréia* – que ele denomina como *dez-dez*, forma já comentada.

Quanto à correlação feita pelo informante para *adubo químico* ser *caroço* e *vermeinho*, salienta-se o que expressa Bakhtin (1992), referindo-se à contextualização da palavra; ele afirma que as significações lexicográficas das palavras garantem sua utilização comum e a compreensão mútua de todos os usuários da língua, mas a utilização da palavra na comunicação verbal ativa é sempre marcada pela individualidade e pelo contexto. Dessa forma, as acepções apresentadas nos dicionários disponibilizam as suas utilizações, no entanto, o falante é que dá vida, sentido, quando recorre aos itens lexicais, interligando-os ao contexto, como aconteceu com o exemplo que antecedeu.

### **Aguar/aguado**

(176) Vamo *aguá* [...] Mas tá duro, mas a gente vai *aguá o terreno pa amulecê* [...] enche o regradô e *água* ele todo, quando tá bem *aguado*, aí mete a enxadeta ou a picareta. (JS; F)

*Aguar* é um verbo no infinitivo, enquanto que *aguado* é o particípio do verbo *aguar*. O sentido dado pelo inquirido, no contexto, é o de colocar água no terreno para amolecer, embora a finalidade técnica seja a de irrigar a terra. Foi localizado o vocábulo *aguador* no glossário de Cardoso e Ferreira (2000) como uma forma pertencente à zona rural da Bahia, com uma acepção equivalente à resposta do informante: “regador de plantas”. Em Houaiss e Villar (2001), *aguar* e, conseqüentemente, seus conjugados existem com a acepção de “regar, molhar com água ou outro líquido”, a mesma idéia aplicada pelo agricultor.

Ressalta-se que esta lexia não é comum entre os falantes da zona urbana. Entretanto, acrescenta-se a este item a informação de que a sua datação de inclusão na língua portuguesa é muito antiga – século XIII – registrada no dicionário.

### **Arar a terra**

(177) *Aração* que é pra *cortá a terra*... (JC; M)

(178) Por ixemplo, *ará* a terra é o trabalho mais ou menos que a gente fazemos, é *limpá*... [...]

Aí já é um ará... [...] É *limpá* e no fim nois *cortá ela pa fazê a plantação* [...] *Tô misturano o solo*. (DAF; M)

(179) *Ará* é *limpá*, é *fofá*, é *folgá*, é *cortá* (JPS; M)

(180) *Limpano* [...] *Revirano* que é pra *depois prantá*. (MAMN; F)

Os agricultores apresentam a *aração* de uma maneira simples, relacionada as suas atividades de campo e que condizem a definição e a função técnica para este termo: *cortar a terra; limpar, cortar (a terra) para fazer a plantação, misturar o solo; fofar, folgar, cortar; limpar, revirar e plantar*.

### **Área com declividade**

(181) O terreno que fica, fica assim, *declive*, *não tá plano*, tá com declive. (JC; M)

(182) Essa área tá *com declividade*, ela tá *declina*... tá, hum, *desceno*. (VNF; F)

(183) Sei, é uma área por exemplo cum *dispenho*, né? [...] É uma área *dispenhada*, que aí ela tá, é... com' é que diz? Com' é que a senhora falô aí? (DAF; M)

(184) Uma área *com declividade* realmente é uma área... *cheia de altos e baixa*, de talvez *brejo*, outras coisas que muita vez atrapalha até como se trabalhá. (JPS; M)

Destacam-se os itens com maior carga de significação das respostas apresentadas pelos lavradores para serem comentadas: *declive, não plano, declina, descendo, despenho, área cheia de altos e baixos, brejo*.

Houaiss e Villar (2001) apresentam *declive*, dentre outros, com o mesmo sinônimo de declividade em 3: “Geo. grau de inclinação de uma superfície; declividade. *Não plano e cheia de altos e baixos* como uma área irregular. *Declina*, em Houaiss e Villar (2001), está com um sentido muito distante daquele empregado pelo informante; no entanto, percebe-se que o agricultor está tentando associar *declina* ao verbo *declinar*, como se expressa o lexicógrafo na acepção 6: “tornar-se em declive; declivar, descair”. *Descendo* traz a mesma idéia de *declinar*, com o sentido de *declive*, de uma área que está inclinada como se fosse uma ladeira.

Os vocábulos *despenho* ou *despenhada* estão associados, uma vez que Houaiss e Villar (2001) remetem ao termo *despenhamento*, que se refere à: *queda de grande altura*, fazendo-se uma associação com declividade. Oliveira (2001b) fez as mesmas referências às que foram localizadas neste momento. Entretanto, não se justifica o emprego do informante no tocante à sinonímia entre *declividade* e *brejo*, uma vez que no dicionário pesquisado *brejo* está como terreno alagadiço e ainda com uma idéia contrária à discussão em questão em 1.2.: “terreno baixo, plano ou pouco acidentado, situado entre colinas, bem irrigado e fértil”. Ressalta-se, neste momento, que *declividade*, segundo a definição de Houaiss e Villar (2001), engloba a idéia de uma superfície com um grau de inclinação, e para o técnico é uma área sujeita ao processo de erosão, uma vez que as áreas que possuem declive no campo são aquelas que sofrem desgaste provocado pelas águas da chuva.

Destacam-se então as definições para *área com declividade* que serão aproveitadas no glossário: *terreno em declive, que não tá plano; área com declina (com o sentido de declinar), que está descendo; área com despenho, despenhada; área cheia de altos e baixos.*

### **Área de capoeira**

(185) É, a gente praticamente, *área de capoêra, a gente roça...* A gente roça [...] É, é, *uma área que tem o mato*, que não dá pra gente limpá de enxada, aí a gente tem que roçá [...] Que a gente *não tem condições de limpá de enxada, a gente tem que roçá* pra limpá que aí se chama *áre/ uma área de capoêra...* (DAF; M)

(186) Uma *área de capoêra*? Eu sei da *área de capoêra é mato*, né? [...] *Médio*. (JSS; M)

Considerando a pergunta elaborada pelo técnico quanto à *área de capoeira*: *Como se chamam as áreas cobertas por mato fechado, que ficam algum tempo sem serem cultivadas?* e as respostas apresentadas pelos agricultores: *a gente roça uma área que tem o mato, que não tem condições de limpá de enxada, aí a gente tem que roçá [...].é mato, né?[...] Médio*, percebe-se que o produtor rural tem uma idéia que condiz com a definição técnica do vocábulo.

### **Besouro**

(187) Ará a terra é chegá com... quando num qué ará cum boi, ara *cum tratô*, cum *bisôro*. (AJ; M)

*Bisôro* equivale ao vocábulo *besouro*. Como foi colocado em Oliveira (2001b), *besouro* refere-se a um trator antigo, de pequeno porte, de formas arredondadas, que se

assemelha à forma de um inseto da ordem dos *coleopteros*. Houaiss e Villar (2001) não apresentam correlação de significado semelhante ao que foi referido pelo informante. No entanto, informa-se que na linguagem das pessoas da região, a correlação em questão se enquadra.

### **Bombar**

(188) *Vô colocá pra botá na bomba, pra bombá formiga.* (AJ; M)

O vocábulo *bombar* proferido pelo informante expressa a ação de aplicar produtos na lavoura. Sendo assim, do substantivo *bomba* derivou o verbo *bombar*, que não se encontra registrado em Houaiss e Villar (2001).

### **Braça**

(189) De acordo eu sei assim, é três *braça de um coquêro pra outro* [...] conheço *braça*, metrage não [...] aqui é, trata *braça*, agora o povo trata metrage, né isso? (AJ; M)

*Braça*, no contexto, tem o sentido da medida utilizada pelo agricultor para estabelecer distância no plantio, que confere com o significado 1 registrado em Houaiss e Villar (2001): “METR antiga medida (ainda em uso no Brasil), com variações de país para país, equivalente à extensão que vai de um punho ao outro, ou da extremidade de uma mão aberta à outra, ou da ponta de um polegar em abdução ao outro, num adulto com os braços estendidos horizontalmente para os lados (em Portugal e no Brasil, 2,2 m lineares)”. Verifica-se que, segundo a equivalência da medida ser feita com a distância das partes do corpo, dispensa-se a utilização de equipamentos na roça, uma vez que facilita muito ao trabalho na lavoura. Ressalta-se, ainda, a observação do agricultor de que conhece *braça* e *o povo*, na concepção do informante, quer dizer, as outras pessoas, conhecem como *metragem*. Salienta-se o fato de que a datação de introdução da lexia *braça* na língua portuguesa ser muito antiga – 1253 – no citado dicionário, não é uma questão de antigüidade; as pessoas da cidade não precisam usar *braça*. O contexto não favorece. *Braça* não é um arcaísmo.

No tocante à *formas em desuso*, destaca-se Correia (1998) quando afirmou que algumas unidades caem em desuso, tornando-se arcaísmos e que os *arcaísmos*, embora continuem a pertencer ao sistema lingüístico, deixam de estar disponíveis e presentes à consciência dos usuários da língua. *Braça* é uma lexia que está viva, produtiva na comunicação interativa daquela comunidade lingüística naquele momento e não disponível para os usuários da língua da comunidade urbana na maioria das vezes.

### **Brotar a planta**

(190) *Naceu.* (VNF; F)

(191) *Nacê.* (JPS; M)

Esta unidade léxica foi discutida quando analisadas as formas no método onomasiológico. Neste sentido, *nascer* estará no glossário como sinônimo de *brotar*, considerando-se a resposta dada pelos informantes ao processo de germinação da semente após o plantio.

### **Buraco**

(192) A gente chama roça, as cova que a pessoa vai pa fazê [...] os montinho de terra pra pudê plantá, que... a mandioca plantada de buraco, ela não é correto, tá entendeno, na hora de arrancá, ela é muito ruim, é dura e feito as cova, na hora da gente arrancá é mais fácil, o fêjão é a mesma coisa se a gente planta o fêjão de *buraco* ele num presta. Doc – Aí eu não entendi uma coisa, qualé a diferença que a senhora entende por buraco e por cova?  
VNF – Aquele que a gente *bate com a enxada* assim... [...] *É buraco*, e *quando que a gente faz a ruminha* [...] *É a cova.* (VNF; F)

A diferença que o informante estabeleceu para *buraco* e *cova* é: a primeira, quando se bate com a enxada e a segunda se faz a ruminha de terra. Houaiss e Villar (2001) não apresentam nenhum sinônimo que se correlacione *buraco* especificamente com a área da agricultura, enquanto que *cova* é: “AGR abertura que se faz na terra para lançar sementes ou plantar uma muda ou vegetal desenvolvido”. No entanto, percebe-se que, estabelecida a diferença quanto à forma de se fazer a abertura na terra, *cova* e *buraco* têm o mesmo objetivo de lançar a semente no solo. *Buraco* não está registradas em Cardoso e Ferreira (2000). Existe no APFB e ALS a carta COVA PARA SEMEAR, quando um informante explicou que *cova* e *mussuca* são a mesma coisa.

### **Camalhão**

(193) *Camaleão é tipo uma lêra* (JC; M)

(194) Sei, *camaleão* [...] *Ele sai cortano o terreno* assim oh ((faz o gesto)). *E fazeno* aquele... *aquelas lêra.* [...] *Ele faz assim vai cortano*, corta toda aí assim, vai cortano. (AJ; M)

(195) *É as lêra, né? As horta? Faz os camalhões* assim de terra. (VNF; F)

O homem da zona rural identificou *camaleão* como *camalhão*. Resgatando as declarações de Oliveira (2001b), *camaleão* se apresenta como variante de *camalhão*, pois o informante em sua resposta descreveu corretamente a técnica de proteção de solo contra erosão no processo de plantio, demonstrando ter conhecimento da mesma. O dicionário de

Michaelis (1998) dá uma definição na acepção **2** que se assemelha ao sentido do item *camaleão*: “s.m. pequena elevação de terra entre os sulcos deixados pelas patas de animais nas estradas de terra. Var: camalhão”. Ferreira (1986), apesar de ser uma edição mais antiga, apresenta um significado mais próximo da descrição do informante quando diz: “[...] pequenas lombas em meio a terras planas”. O item lexical *camaleão* não se encontra cartografado no APFB.

Houaiss e Villar (2001) expressam as duas definições para *camaleão* constatadas pela literatura lexicográfica anterior a esta, ou seja, em **1, 2 e 3**: **1.** “Trecho ou faixa mais elevada que fica entre os sulcos ou marcas deixadas por carros, carroças e animais numa estrada de terra molhada ou lamacenta **2.** pequena elevação num trecho plano **3.** trecho de terreno plano que apresenta lombas e elevações”. E ainda remete à *camalhão* indicando serem estes vocábulos variantes.

A resposta do informante VNF indica que o seu emprego não foi totalmente condizente com o sentido do termo técnico, inclusive chamando a atenção para o início da resposta do homem da zona rural referindo-se à leira, uma vez que ele está associando às valetas que ficam entre um canteiro e outro quando o mesmo vai chegar a terra para construir a leira. Localizando o significado de *camalhão*, em Houaiss e Villar (2001), obtém-se: “AGR trecho de terra mais elevado, entre dois regos, que se utiliza para sementeira”. Apesar de estar definido no dicionário relacionando à sementeira, o técnico consultado neste momento explica que o objetivo do camalhão não é o de ser sementeira e sim de ser uma técnica que protege o solo contra a erosão no processo de plantio. No entanto, em se tratando do cultivo da cultura da batata doce, a recomendação técnica é de que as ramas sejam plantadas em camlhões de topo arredondado. *Camalhão*, então, estará no glossário como sinônimo de *leira* desde quando esta é a forma que o agricultor possui para defini-la, através de ações relacionadas ao seu cotidiano.

### **Capina manual**

(196) A gente vamos *rancá os matinho* que tamos *na lêra*, tamos na lêra e *vamos é fofá* [...]

*Com a própria mão.* (DAF; M)

Esta forma acima de o homem da zona rural se referir demonstra o modo simples e corriqueiro e inclusive propício de expressão do sujeito, relacionando às atividades do dia-a-dia da lavoura.



### Chão

(197) Doc – Como é que a gente chama o chão?

*Terra vegetal* (JC; M)

(198) Doc – Tem outro nome pro chão que a gente fala?

*Terra, né?* (JM; F)

Estas denominações manifestadas pelos produtores rurais estão presentes em Houaiss e Villar (2001) para *chão* como “terra” e “solo”, apesar de não mencionar a especificidade de ser *terra vegetal*. No entanto, *chão* de uma forma generalizada é mais freqüente na linguagem dos moradores da região.

### Controle de pragas e doenças

(199) Sei, quereno *eliminá eles com algum produto*. (JM; F)

(200) O que eu acho assim, é *aquela doença que dá nas planta, né?* [...] Se tivé o *remédio pa botá*, bota; se num tivé, tem que rancá aqueles que já tá morreno. (JS; F)

(201) Hum, tem que procurá tê um *remédio pra matá* [...] (VNF; F)

(202) Controlano, a gente tem que botá um... um... *um produto ou um remédio que combata aquele... aquela doença, né?* (DAF; M)

(203) *Vai botá remédio né nas planta, né?* (JSS; M)

Controlar as pragas e as doenças, segundo o lavrador, seria eliminar aquilo que está prejudicando a lavoura com remédio, ou um produto, ou mesmo retirando as plantas que estão contaminadas. Este dado demonstra, assim, como foi relatado no item anterior, o elemento natural na escolha de formas lingüísticas pelos indivíduos ao expressarem suas ações.

### Cova

(204) A gente *faz os montinhos e chama de cova* (JM; F)

(205) É, exato, a gente tem que *pegá uma enxada* [...] *Levantá a terra e fazê a cova*. (VBS; M)

Para os agricultores *cova* é fazer os montinhos, levantando a terra com a enxada, que condiz com a definição de Houaiss e Villar (2001), destacada anteriormente, e a descrição de ação apresentada pelo homem da campo.

### Cultivar

(206) Doc – Não, aquele feijão que produz em vagens [...] a senhora chama como [...]?

JM – Ah, fêjão de corda.

Doc – Sim.

JM – *Lavro* muito. (JM; F)

*Cultivar* e *lavar* são sinônimos de acordo com Houaiss e Villar (2001). Vale a pena ressaltar que *cultivar* faz parte do acervo lingüístico do extensionista e *lavar* do agricultor. Objetivando estender a informação, destaca-se do dicionário de Houaiss e Villar (2001) que *cultivar* vem datado de 1539 e *lavar* do século XIII, supondo-se, talvez, que, pelo fato de a segunda ser de uso mais antigo, possa fazer parte da linguagem de comunidades mais distantes, livres de outras influências lingüísticas.

### **Defensivo agrícola**

(207) São *remédio*. (VNF; F)

(208) *Formicida*. *Alguma coisa que combate as praga, né?* (MASS; F)

Para o agricultor, *defensivos agrícolas* são “remédios”, generalizando a questão, e ainda especificando, quando disse que é *formicida*. No entanto, *formicida* é aplicado apenas para as formigas, que é um tipo de praga. Na prática, as duas respostas podem ser adotadas no campo indiscriminadamente.

### **Derrubada da mata**

(209) A *derrubada* é pra *ficar* o campo livre, a *área livre* (JC; M)

A definição dada pelo informante para *derrubada* se aplica perfeitamente, uma vez que ao fazer a derrubada da mata, o produtor rural está liberando a área para torná-la agricultável.

### **Época do plantio**

(210) Um exemplo mesmo, é essa data qui nós tamos hoje [...] Já estamos no princípio do plantio e... [...] De milho [...] Um exemplo, é d’agora por diante a gente pode plantá [...] *Estano choveno pode plantá qualqué coisa* que nois querê. (DAF; M)

(211) É porque a época plantio é a *época de chuva* né? Tem que medi na época de chuva pra pudê fazê o plantio, a não ser que seja terra irrigada e aí irrigação, terra irrigada não precisa tê época né? (JPS; M)

*Época do plantio* é a data definida pelo homem do campo como propícia para se iniciar a plantação, que seria neste caso aqui: época da chuva.

### **Escarificar o solo**

(212) O que é...? É *limpá*, é... pra podê a terra, a água... *afofá a terra pra podê a água entrá* [...]É... com aquele negoço, escarificadô. (VNF; F)

*Escarificar o solo* seria, tecnicamente, a quebra da superfície impermeável de um canteiro feita com um escarificador para melhorar a infiltração de água e a aeração, que o lavrador define, adequadamente, como *afogar a terra*, a fim de que a água penetre com mais facilidade na terra, tornando-a úmida.

### **Feijão macáçar**

(213) *Fêjão macaçá* que a gente cunhece é, aquele fêjão que o povo chamava *varjada* que vende as varge dele mole, pa fazê salada. (JS; F)

(214) Fei/ é... tenho pra mim que é *fêjão de corda*. (VNF; F)

(215) *Fêjão macaça* é o de *corda*. (DAF; M)

Para Oliveira (2001b) o informante denominou o *feijão macáçar* como feijão de vagem ou *varjada*, que não se encontrou nos dicionários pesquisados. Houaiss e Villar (2001) não registram este item lexical. Dessa forma, não será integrado ao glossário, mesmo porque, ao se fazer uma consulta oral para um dos agricultores da região, posterior à coleta de dados do Momento II, obteve-se a informação de que *varjada* seria área de baixada, que não condiz com o sentido o expresso para *feijão macáçar*.

*Feijão macáçar*, mais uma vez, se apresenta como *feijão de corda*. Relativo a *macáçar*, Oliveira (2001b) informou que o informante pronunciou *macaçá* como *macaça*. *Macaça* foi localizada em Michaelis (1998) com uma significação bastante diferente de feijão macáçar ou de corda: “s.m. Ictiol. o mesmo que corcoroca [s.f. 1. Peixe marinho da família dos Hermulídeos [...] macaça]”. Houaiss e Villar (2001) trazem o sinônimo de *macaça* da mesma maneira que Michaelis (1998) refere. *Macaça* e *macáçar* contudo, por se apresentarem com uma pequena diferença fonética, farão parte do glossário como variantes. Propõe-se que *feijão de corda* e *macaça* sejam variantes de *feijão macáçar*.

### **Fungicida**

(216) É o *veneno* que nós tamos usano *pa combatê né? Os inseto*. (DAF; M)

(217) É um veneno, né? Eu acho que é *veneno* [...] *Pra matá os... a... os... a... bicho que tem na... pertubano as plantação*. (JSS; M)

Segundo o agricultor, *fungicida* é um veneno usado para combater os insetos e até os bichos. No entanto, tecnicamente, *fungicida* é o veneno utilizado para combater as

doenças nas plantas. Percebe-se que o agricultor não diferencia *inseto* e *doença de bicho*, como fica claro na resposta acima; apesar de que, na prática, esta diferenciação lingüística não interfere nas atividades agrícolas, visto que os resultados são alcançados, mesmo que não sejam os ideais, alcançando-se a produtividade perfeita.

### **Gema da maniva**

(218) [...] se tivé chuveno, ela vai inchá e vai botá a raiz e ali saí aquelas *socazinhas* [...] E aquelas *socazinhas* vai aumentano com o tempo [...] (JC, M)

(219) É, é os *birro da maniva*. [...] É aqueles carocinhos que ela tem, que é onde nasce o pé da mandioca. (VBS; M)

(220) A gente não conhece por gema ((ri)) a gente conhece o *ôio* da manaíba. (JS; F)

(221) A gema da manaíba é o *olho*. (AJ; M)

(222) Os *olhinho*, aqueles *piquinho*. (VNF; F)

(223) Pra mim é aonde está o *olho*. (JPS; M)

Comentando-se a primeira resposta desta questão, constata-se que o informante associa *socazinhas* diminutivo de *socas* às *gemas da maniva*. *Soca*, em Houaiss e Villar (2001), está inteiramente relacionada à área da agricultura, quando vem expresso no sinônimo **1** do vocábulo, dentre os três apresentados pelo lexicógrafo, como: **1.** “infrm. rizoma ou caule subterrâneo **2.** (1711) brotação após o primeiro corte da cana-de-açúcar”. No glossário de Cardoso e Ferreira (2000) esta forma vem indicada como cartografada no APFB, como empréstimo da língua indígena, estando com o sentido de “segunda folha, renovo, do fumo, da cana, etc”. Para o técnico, *gemas da maniva* é a parte da maniva que brota quando se planta, que não se distancia da idéia adotada pelo informante, apesar de, tanto em Houaiss e Villar (2001), como no glossário rural, *socas* se refere a brotação após o primeiro corte do plantio de cana-de-açúcar e não da mandioca. Entretanto, percebe-se que o informante fez uma correlação lingüística e semântica dentro da mesma área, inclusive Cardoso e Ferreira (2000) estendem as acepções de *soca* para outras culturas: fumo, cana de açúcar e *etc.*

Para Michaelis (1998), *birros* seria: “s.m. **1.** Bengala grossa. **2.** Cacete. [...] **6.** Gênero (Byrrhus) de minúsculos besouros, só encontrados na Europa. [...]”. Conforme Oliveira (2001b), este sentido de *birros* não se aproxima do conceito técnico de brotação da maniva, o que não significa que se desconsidere essa designação popular dada pelo agricultor. Houaiss e Villar (2001), além das acepções descritas, não apresentam sentido semelhante à concepção dada pelo produtor rural, no entanto, mantêm-se as afirmações que Oliveira

(2001b) apresentou na dissertação do mestrado. Houaiss e Villar (2001) também a registram como “minúsculo besouro”. Esta lexia será incluída no glossário.

Considerando-se, ainda, aquilo que foi manifestado por Oliveira (2001b) quanto à designação de *gemas da maniva* para *olho*, registrada na fala de alguns dos informantes, confirma-se a relação das duas formas pela definição dada por Koogan e Houaiss (2000) para *olho* – “s. m. [...] Botão ou rebento das plantas. [...]”. Houaiss e Villar (2001) também, dentre as várias acepções apresentadas, define *olho* na acepção 8 como o mesmo que “gema” e que em *gema* traz sinônimos de: “borbulha, botão, brotação, brotadura, brotamento, broto, olho”; adequado a tudo o que foi declarado pela pesquisadora.

Supõe-se que *piquinho*, expresso pelo informante, pode significar a semelhança das *gemas da maniva* com pequenos sinais pretos ao sair, inicialmente, a brotação da maniva, não constante em Houaiss e Villar (2001), nem como uma forma no diminutivo, nem como uma forma primitiva. *Socas, birros, olho e piquinho* serão incluídas no glossário.

### **Gradear**

(224) Tá *afofano a terra*, nas plantação pra plantá. (VJS; M)

(225) Gradeá é *tirá o cisco* [...] Que o arado já passô e vem a grade pra gradeá e tirá o cisco, *pra a terra tá pronta pra plantio*. (VNF; F)

(226) Gradeá é quando a gente, a gente passa o arado e volta grandiano, né? Aí a gente chama gradiá [...] A gente tamo *misturano* ali, fofano ele (*o terreno*). (DAF; M)

(227) Gradeá é *passá a máquina, recortá pra deixá o terreno em posição de plantá*, né? (JPS; M)

(228) É... *Fazê coisa com o arado*, com a grade [...] Tá... gradiando, pa, com'ê, arenano, *pa podê prepará a terra*, né? (MASS; F)

*Gradear* se refere ao ato de desmanchar as leiras e torrões que ficam numa área após a aração, para o técnico da agricultura. O agricultor a define, descrevendo as atividades que são praticadas para fazer o plantio como: *afofar a terra; tirar o cisco para deixar a terra pronta para o plantio; misturar o terreno; passar a máquina, recortar o terreno; passar o arado, a grade para preparar a terra*.

### **Grota**

(229) *Buraco grande e fundo*. (VNF; F)

*Grota* é uma forma que foi descrita em outra oportunidade na questão em que se aplica ao método onomasiológico para o termo *erosão*. Neste momento, a resposta foi dada ao se fazer a identificação da forma *erosão* em que o informante respondeu como *grota*, assemelhando-a a um *buraco grande e fundo*, provocando *erosão* no terreno causada pelas águas da chuva. Houaiss e Villar (2001) também a definem como: “GEO 1. cavidade, na encosta de serra ou de morro, provocada por águas das chuvas, ou, em ribanceira de rio, por águas de enchentes”.

## **IBAMA**

(230) Pra *protegê as mata*. (VJS; M)

(231) O IBAMA é um... uns pessoais que *proíbe* a... a... a... de... como... *a destruição dos animais*. (DAF; M)

(232) O IBAMA é pra mim *num dêxá matá os bicho*, né? [...] *Num desmatá*, né? (JSS; M)

Os produtores rurais conhecem o órgão *IBAMA* com uma função específica e definida: *proteger as matas; pessoas que proíbem a destruição dos animais; não deixa matar os bichos, nem desmatar*.

## **Imbacerado**

(233) Rumbora *fazê uma mudança daqui, pra aqui*, mais... [...] Que é pra num ficá *imbacerado*. (JS; F)

*Imbacerado* foi comentada por Oliveira (2001b) afirmando-se que este item lexical não está dicionarizado, mas que, pelo contexto, tem o sentido de estar cheio, lotado demais. Neste momento também não se encontrou registrada a lexia em questão em Houaiss e Villar (2001).

## **Instrumento Agrícola**

(234) As *ferramenta* [...] *Enxada, gadanho*. (VJS; M)

(235) É *enxada, foice*, né? *Facão*. (JS; F)

(236) Instrumentos agrícolas... qu’eu conheço é *enxada, foice, machado*. *Enxadeta*, que eu cunheço. (AJ; M)

(237) Instrumento agrícola, é... praticamente são as *enxada* [...] *A pá* [...] *O gadanho*. (DAF; M)

(238) *Ferramento?* [...] *Foice*... [...] *Machado* [...] *Massadeira*. (RSF; F)

(239) Ah! Os *aferramento?* [...] *Enxada*, que eu já disse... *Istrovenga*... [...] *Machado*, martelo. (MAMN; F)

(240) *Enxada... A pá... [...] O gadanho... [...] Cava... o cavadô não?* (MASS; F)

Este item lexical foi comentado em um momento antecedente. Nesta ocasião, os informantes mais uma vez citam os tipos de instrumentos agrícolas: *cavador, enxada, enxadeta, estrovenga, facão, foice, gadanho, machado, massadeira, pá*. Ressalta-se que para surpresa da pesquisadora, a forma *enxadeta*, vocábulo muito produtivo na região estudada, como tipo de instrumento agrícola utilizado na lavoura, não se encontra registrado no dicionário de Houaiss e Villar (2001). Este item será, então, incluído no glossário como uma forma não dicionarizada nas obras aqui pesquisadas. Convém esclarecer que investigou-se a existência do termo *massadeira* e que o mesmo não se encontra registrado no dicionário pesquisado. Além disso, os técnicos não a reconhecem, contudo a forma em questão será aproveitada no glossário por ter sido proferida pelo informante, bem como para fins de registro e possível estudo posterior.

Apresentaram-se outras lexias, que, coincidentemente, foram as mesmas proferidas pelos informantes na aplicação do método onomasiológico: *ferramenta, ferramento, aferramento*. Destacando-se as considerações apresentadas por Oliveira (2001b) para *ferramento* e *aferramento* no trabalho do mestrado na descrição do método onomasiológico, afirma-se que estas duas unidades léxicas foram consideradas como equivalentes à *instrumentos agrícolas*. Quanto à *ferramenta*, identificada neste instante quando solicitado o entendimento do informante ao item *instrumento agrícola*, Houaiss e Villar (2001) atestam a definição dada pelo agricultor na acepção: “1. qualquer apetrecho de metal us. em artes e ofícios”.

### **Maniva da mandioca**

(241) Doc – A maniva da mandioca...?

*A maniba.* (JC; M)

A pesquisadora fez a opção de comentar esta unidade lexical *maniba* posteriormente, visto que existem outras formas relacionadas à maniva da mandioca que farão parte do mesmo contexto.

### **Marcação**

(242) É a gente *botá um pau* e puxa um... e *abri ali aquele rego* naquilo ali, *pra saí tudo igual.* (JM; F)

(243) *Eu acho assim que é linhêro* [...] *Linhêro, prantá certinho a linhêra certa?* [...] *Pa ficá tudo dequadazinha*, no níve... (JS; F)

- (244) ((sorriu)) *marcá o... [...] marcá alguma coisa, a gente tem que marcá ali no cantêro, então a gente tá marcando alguma coisa, indicano alguma coisa [...] Da horta, do cantêro, do plantio que a gente fez.* (VNF; F)
- (245) *A marcação, vamo supô, é... a gente é, faz o alinhamento, né? [...] Aí já é uma marcação, aí por exemplo, bota uma linha lá, ôtra cá, aí tamo, tamo fazeno marcação de umas lêra [...] Aí, disso aí por diante aí vamo fazê a lêra.* (DAF; M)
- (246) *Espaço [...] Midino [...] Com o metro.* (RSF; F)
- (247) *Fazê uma marcação.... a senhora vai... vai medi pra determiná como cavá, ou cortá, ou plantá.* (JPS; M)
- (248) *Marcá o lugá de prantá, né não? [...] Fazê a prantação.* (MAMN; F)

Este item lexical foi descrito pelos agricultores referente às práticas desempenhadas na lavoura, quanto à *marcação*. Segue-se um resumo das descrições apresentadas com as adaptações necessárias para tornar a informação mais clara: *botar um pau e abre um rego naquilo para sair tudo igual; eu acho assim um linheiro, que é plantar certinho, a linheira certa; marcar no canteiro o plantio que o trabalhador rural fez; fazer o alinhamento, botar uma linha em um lugar e outra em outro, fazendo a marcação das leiras; medir com o metro; fazer a marcação, medir para determinar como cavar ou cortar ou plantar; marcar o lugar de fazer a plantação.*

Michaelis (1998) apresenta *linheira* como substantivo e com um significado diferente do da pesquisa: “s.f. [...] **2.** caminho estreito”. A proximidade da significação recai sobre *linheiro* também expressa pelo lavrador, porém como adjetivo, no mesmo dicionário: “adj. [...] **2.** que não é torto; reto: Árvore linheira”. Em Houaiss e Villar (2001) as acepções para *linheira* são diferentes daquelas analisadas aqui. Apesar da significação de *linheira* não ser aquela aqui pretendida, percebe-se que há uma similaridade quanto à acepção de *linheiro* quando o lexicógrafo diz: “**2.** que é reto, vertical”. Assim, o informante mudou o gênero da forma lingüística do masculino para o feminino, respectivamente *linheiro* e *linheira*, embora com o mesmo sentido. Além disso, o agricultor relacionou as formas em discussão com o vocábulo *linha*, sentido inclusive utilizado na lavoura para definir uma técnica de plantio que utiliza uma medida certa. *Linheira* e *linheiro* farão parte do glossário.

### **Material orgânico**

- (249) *Material orgânico, é como eu disse vai trabalhá com fezes de animais, galinha ou porco mesmo, boi ou outras coisas, né?* (JPS; M)



(250) É desse *adubo* que nois usa, né? [...] *De gado, de galinha...* [...] *De carnêro...* [...] Não. Quando nois faz assim, nois faz separado, pa vê qualé, que bota o de *gado* pra uma coisa e planta, bota o de *galinha*, já bota ne outra lêra, separado daquela pa vê. (MASS; F)

*Material orgânico*, para os especialistas da área da agricultura, é a mistura de esterco de galinha, gado e folhas em um processo de decomposição que o lavrador generaliza associando como adubo das fezes de animais: *galinha, porco, gado, carneiro*. Salienta-se a informação prestada pelo agricultor, demonstrando a experiência que dispõe, quando diz que as fezes de gado são utilizadas para um tipo de plantio, enquanto que as de galinha são para outro e assim por diante.

### **Metragem do terreno**

(251) [...] muitos chama de *hectare*, né? outros chama de *tarefas...* (JC; M)

(252) Tem a *medida*, tem a *metrage*. (JC; M)

O inquirido definiu *metragem* como *hectare, tarefa* ou *medida*. Houaiss e Villar (2001) apresentam como significado *medida em metros*. Fazendo uma correlação de sentido destas formas, obtém-se neste mesmo dicionário para *hectare* como: “unidade de medida para superfícies agrárias corresponde a cem ares ou um hectômetro quadrado”; *tarefa* como **8**. “certa medida agrária que varia de um estado para outro” e *medida* como “ato ou efeito de medir; medição”. Sendo assim as formas analisadas transmitem a mesma idéia.

### **Mussuquinha**

(253) Doc – O que são mussuquinhas?

*Aquela covinha rasa pra fazê a plantação.* (JC; M)

Este vocábulo não foi localizado no dicionário pesquisado nem na forma normal, nem no diminutivo como foi proferido pelo agricultor; nem com a grafia *ss*, nem com *ç*. Por falta de parâmetro, a investigadora fez a opção pela escrita da *lexia* com *ss*, no entanto, não existe uma justificativa cabal para tal preferência. O sentido dado pelo agricultor quanto a *mussuquinha* foi a de ser uma cova rasa para se fazer a plantação. *Mussuquinha* será incluída no glossário uma vez que a forma *mussuca* estará descrita, posteriormente, na parte II, no que se refere à análise do dados retirados do TMO, e com o sentido similar àquele aqui expresso pelo informante.

### Piqueteamento

(254) *Fazê aqueles piquetinho* pa... porque tem gente que pranta umas coisa e *marcá* né? [...]

Nos piquetinho, bota uns piquetinho, *ou de cimento ou de pau* e numera. (JS; F)

(255) *É botá o ponto*. (AJ; M)

(256) Piquete... piquete, a gente vai *enfincá um pau*, pra *fazê um piquete*... como é que diz?

Nem sei o que é, indicano uma coisa então... ou vai *enfincá* alguma coisa pra *fazê* uma cerca, um cercado, então a gente tem que *enfincá* um pau assim num canto... (VNF; F)

(257) *Botá uns piquete*, a gente *faz uns ponto* e *bota vai botano os piquete* e aí tá... tamos

fazeno uns piqueteamento [...] *É umas varinha, né?* [...] *As varinha faz a ponta* e... [...]

*Bota linha*. (DAF; M)

(258) Não, os piquete que eu sei é *botá* [...] A senhora (incompreensível) *botá um piquete aqui*

[...] *Ôtro ali, ôtro ali* [...] *Pra plantá alguma coisa* [...] *Cavá o lugá certo e prantá* [...]

Ah, ah, sim, ele tá saino certo porque tá os piquete [...] Se num é os piquete, nosis *bota uma linha*. [...] *Bota um piquete aqui e ôtro lá e aí vai cavano certo*. (JSS; M)

(259) Piquetiá é... (+) *fazê as filêra tudo certinha pra pudê trabalhá na área certa*, pra ficá

assim retirano, pra... fazeno as carrêra [...] A senhora *tem que pegá um arame, colocá uma linha pra pudê*... [...] *Marramos os piquete*, puxa no primeiro pra o último e...

(incompreensível). (JPS; M)

(260) Piquete é *marcá o lugares pa prantá as coisa* [...] A gente *sai medino, botano os*

*pauzinho, pa voltá prantano, pa prantá certo*. (MAMN; F)

A forma *piqueteamento*, tecnicamente, é a marcação do local exato do plantio das culturas permanentes e para o agricultor, referindo-se as suas ações diárias, é: *fazer os piquetinhos e marcar, ou de cimento ou de pau; é botar o ponto; enfiçar um pau, para fazer um piquete; botar uns piquetes, fazer uns pontos, faz a ponta das varinhas e bota a linha; botar um piquete aqui, outro ali para plantar alguma coisa, cavar o lugar certo e plantar; fazer as fileiras certinhas para trabalhar na área certa, tem que pegar um arame, colocar uma linha para amarrar os piquetes; marcar os lugares para prantá as coisas, sai medindo, colocando os pauzinhos, para voltar plantando certo*.

### Poça (leia-se póça) de água

(261) *Buracos cheios de água* (JC; M)

Pelo contexto *poça* (leia-se póça) *de água* seriam os buracos cheios de água da chuva. Houaiss e Villar (2001) trazem este item lexical com timbre do fonema *o* fechado – *ô* – ou aberto – *ó* – e com o significado similar àquele dado pelo informante em: **1.** “depressão

pouco profunda de um terreno, com água”. O que chamou a atenção da pesquisadora foi justamente o uso da ocorrência com o fonema *o* aberto, quando na verdade o que é mais comum na linguagem coloquial seria poça (leia-se pôça).

### **Poda**

(262) A poda é o mermo que eu tô dizeno... *uma limpeza, serra tudo, né?* [...] Ali *aqueles galhos ruim*, porque têm galhos ruim que brota, que num serve aí a gente tem que serrá... (JM; F)

Os produtores rurais têm noção do que seja o termo *poda* e os benefícios que este trato cultural traz para o plantio: *a poda é uma limpeza, serra tudo, aqueles galhos ruins*.

### **Podão**

(263) Podão [...] é num jeito duma *foice* pra gente puxá assim a árvore, tirá assim o fruto que não quêra... que às vezes é alto, uma laranja, uma lima, uma coisa... eu conheço por isso podão. (JM; F)

A definição apresentada pelo lavrador para *podão* será considerada em parte, ou seja, até o momento em que ele define como *foice*, uma vez que Houaiss e Villar (2001) dizem na acepção 1: “variedade de foice muito afiada, de cabo curto, us. para cortar madeira, podar árvores etc”.

### **Praga**

(264) A praga é essa que eu tô falano que é os *gafanhoto*, as *largata*. (JS; F)

(265) Praga, por um ixemplo, *gafanhoto*, *grilo*... [...] É praga ((galo canta)) a *paca*, é ôtra praga, e disso por diante, tem muitos [...] Umas *rosquinha* também que dá, né? Que acaba com as semente que a gente planta (incompreensível). (DAF; M)

(266) Pragas é uns *inseto* que dá nas planta que a pessoa num tivé, num vê eles mata. (JSS; M)

O homem do campo opta por exemplificar tipos de *praga* como *gafanhoto*, *lagarta*, *grilo*, *paca*, *rosquinhas*, ou mesmo, generaliza como *inseto*. No entanto, o agricultor conhece bem o prejuízo que a praga poderia causar ao campo, independente de saber a nomenclatura.

Ressaltam-se as formas *paca* e *rosquinha*, proferidas pelos informantes, e registradas em Houaiss e Villar (2001). A primeira remete à *grilo-toupeira*, cuja definição se assemelha à de praga: “design. comum aos insetos ortópteros [...] de 2 cm a 5 cm de

comprimento [...] bicho-da-terra, cahorrinho-da-areia, cachorrinho-d'água, cahorrinho-da-terra, cachorrinho-do-mato, cachorro-d'água, cavador, cava-terra, frade, macaco, paca, paquilha, paquinha, paquinha-das-hortas, ralo, rela, toupeirinha [De hábitos noturnos, podem ser ouvidos durante o dia, quando os machos estridulam na abertura de suas covas; cavam regularmente galerias para roer raízes ou predar animalejos [...] ataca as raízes de uma infinidade de plantas cultivadas, esp. arroz, cana-de-açúcar e milho". A segunda foi investigada de forma que fosse encontrada uma significação que se aproximasse de praga: *pequena rosca*. Em rosca [entrada reduzida de *lagarta-rosca* {1. "design. comum a diversas lagartas de mariposas de hábitos noturnos [...] que se alimentam de raízes e brotos de várias plantas herbáceas e passam o dia enroladas, abrigadas no solo [...] atacam diversas culturas, com destaque para a batatinha e hortaliças"}].

### Prevenção

(267) É a gente se *privini daquele mal*. (JM; F)

(268) Previnino [...] *Das pragas, dos fungos* que tivé nas plantas. (VN; F)

(269) É, *colocá remédio no... no solo pra evitá*. (JPS; M)

(270) Fazê alguma coisa pra *preveni pra não ficá continuano... os fungo*. (MASS; F)

Para definir a prevenção o informante responde com um repertório lingüístico muito específico do seu dia-a-dia e condizente com a concepção técnica: *é se prevenir daquele mal; prevenir dos pragas, dos fungos que tiver nas plantas; é colocar remédio no solo pra evitar (as pragas e as doenças); fazer alguma coisa pra prevenir, para não continuar os fungos*.

### Produtividade

(271) *Rendeu mais*. (RSF; F)

*Produtividade* se define como *rendimento* para o produtor rural, como foi declarado neste mesmo item no método onomasiológico.

### Pulverização

(272) *Matano os insetos*. (JM; F)

(273) Eu sei que é um *remédio* [...] É a gente *colocá uma bomba nas costa* [...] E sai provizano tudo, as plantações toda. (VBS; M)

(274) É coisá com *aquele negócio que bota nas costa*. O *remédio nas água*, né? (MASS; F)

Para o trabalhador rural, a *pulverização* se associa ao extermínio dos insetos, com um remédio misturado com água, que é colocado numa bomba localizada nas costas do

agricultor. Percebe-se, no entanto, que ele não sabe distinguir os produtos aplicados, generaliza então como *remédio*.

### **Pulverizador costal**

(275) De *botá remédio nas planta*. (MAMN; F)

A argumentação utilizada para este item lexical se assemelha à lexia anterior, quando o informante generaliza a questão.

### **Relevo acidentado**

(276) Cheio de buraco [...] *Cheio de buraco, de valeta...* (JC; M)

(277) Relevo, ah relevo é assim, um lugá que *não é nem plano*, é isso aqui que não é plano e *não é alto* [...] É um relevo [...] (+) Ele é alto [...]. (VNF; F)

(278) É um terreno *cheio de altas e baixas* e precisa vê... Trabalhá nele, aqui por exemplo, nois somo exemplo... Catu... A cidade toda acidentada e é muito difícil, pra se trabalhá com ela, né? Tem que realmente sê corrigida, analisá, cortá, iniciá pra pudê... (JPS; M)

Para o especialista da área agrícola, *relevo acidentado* é a parte de cima do solo com muitas ondulações que o lavrador a define como *uma área cheia de buraco, de valetas; que não é nem plano, nem é alto; cheio de alto e baixo*. Os sentidos expressos pelos inquiridos demonstram o conhecimento do termo *acidentado* como sendo uma *área irregular*.

### **Sementeira**

(279) É uma *lêra*, agora só é sementêra, só é *pra samiá*. (JM; F)

Houaiss e Villar (2001) designam *sementeira* como 4. “camada de terra pronta para ser semeada; viveiro de plantas; canteiro, pepineira”; semelhante ao que definiu o informante. Ressalta-se que *leira* e *canteiro* são sinônimas, entretanto, *leira* é um vocábulo comumente adotado pelo homem da zona rural da região e *canteiro* pelos profissionais da área da agricultura. Convém salientar que além da correlação feita pelo agricultor entre *leira* e *sementeira*, este ainda acrescenta como informação que aquele espaço será para semear, que é realmente o objetivo da sementeira. *Leira* vai ser discutida posteriormente.

### **Solo**

(280) O solo é o *terreno*, não é não? (JC; M)

*Solo*, para o trabalhador rural, se refere a *terreno*, assim como Houaiss e Villar (2001) que apresentam em seus registros estas formas como sinônimas. Como foi destacado anteriormente, *solo* é mais usado pelos extensionistas e *terreno* pelo agricultor.

### **Sulco**

(281) Sulco é abri as *valada pra podê escorrê a água*. (VNF; F)

A definição empregada pelo informante indica que o mesmo conhece o termo *sulco*, no entanto a sua função técnica é a de abrir valadas rasas apenas para se fazer o plantio e não para escorrer a água do terreno, como expressou o informante. Salienta-se que *valadas*, segundo Houaiss e Villar (2001), são *valas*, que ainda no mesmo dicionário se apresenta como sinônimo de *rego*, que retorna à *sulcos*, conforme o mesmo lexicógrafo.

### **Terra malhada**

(282) *Maiada* [...] é essa *terra plana* que *não tem mata*, e a terra que tem mato chama de roçada, de derruba, toca fogo, qué dizê naquele tempo é mais seco pra fazê a plantação dela. (JC; M)

(283) *Se não tivé toco*, terra *chã*, *maiada*. (AJ; M)

*Terra malhada*, referida pelo informante, dentre as várias acepções de Houaiss e Villar (2001) poderia ser a de número treze: “BA nas fazendas de criação da zona das caatingas, área gramada diante da casa”, visto que pela definição do informante, esta é uma terra plana, sem mata, como o dicionário afirma sendo uma área gramada. Percebe-se, então, que a área já foi destocada, possui uma grama baixa desprovida de árvores grandes que impeçam o plantio ou o trânsito de pessoas ou carros. *Malhada*, em Cardoso e Ferreira, (2000) vem identificada como forma usada pelos falantes da Bahia definida com o sentido de “tipo de pastagem”. Além disso, para corroborar esta argumentação, buscou-se em Houaiss e Villar (2001) o termo *chã* empregado pelo informante AJ, obtendo-se como resultado: “área ou extensão plana de terra, planície”, que dá a idéia se ser um lugar descampado.

### **Terra pilada**

(284) (terra) *Fica agarrada no chão* [...] Hum, quando a pessoa *pisa* assim e *amassa a terra*...  
[...] *Tá dura*. (MASS; F)

A forma registrada em Houaiss e Villar (2001) referente à *pilada* foi o infinitivo do verbo *pilar* que apresenta dentre as anotações registradas pelo lexicógrafo: “reduzir a pequenos pedaços, reduzir a pó, socar, pisar, esmagar”, que está condizente com o sentido dado pelo agricultor. Segundo o técnico *terra pilada* refere-se a terra compactada, confirmando-se com o emprego dado pelo lavrador.

### **Tolete**

(285) Doc – Sim, a maniba, então como é que a gente chama a parte que brota onde a gente planta?

Inf. – Chama de *tolete*. (JC; M)

O vocábulo *tolete* está presente em Houaiss e Villar (2001), contudo não traz nenhuma acepção inerente à agricultura. Ao fazer uma consulta a dois técnicos da área agrícola, os mesmos afirmaram ser *tolete* uma forma popular e que se refere ao *pedaço da maniva*. Além disso *tolete* está cartografada no Atlas da Bahia, cujo sentido vem registrada em Cardoso e Ferreira (2000) como “caule da mandioca”, que vem corroborar com a argumentação dos profissionais da agricultura.

### **Topografia**

(286) Topografia é pra *sabê a metrage do terreno*. (JC; M)

(287) Pra vê *se é plano*, ou... é isso? [...] *Se é laderado, se é de curva...* (MASS; F)

Houaiss e Villar (2001) apresentam *topografia* com as acepções **1** e **2** que podem se assemelhar ao que disseram os informantes: **1.** “descrição ou delineação exata e minuciosa de uma localidade; topologia **2.** arte de representar no papel a configuração de uma extensão de terra com a posição de todos os seus acidentes naturais ou artificiais, como metragem ou a forma do relevo ser acidentada”.

### **Transplantar**

(288) A gente vai *fazê uma muda* [...] *Plantá em outro local*. (VJS; M)

(289) *Mudá né?* (AJ; M)

(290) *É mudá de um lugá pra outro*. (VNF; F)

(291) *Tirá de um lugá e passá pra outro*. (MASS; F)

*Transplantar*, para o técnico, é o ato de retirar as mudas da sementeira para plantá-las no local definitivo. Os informantes deram respostas mais associadas ao *ato de mudar*. Foram feitas afirmações semelhantes sobre este vocábulo no método onomasiológico, inclusive destacando-se as definições de Houaiss e Villar (2001), relacionadas às respostas dos agricultores acima mencionadas.

### **Trato cultural**

(292) *Tratos culturais é limpá, zelá, não deixá a formiga cortá*. (AJ; M)

(293) Trato culturais, eu num sei... ajeitá, arrumá alguma coisa, *limpá* que num tá... arrumá [...] Nas planta, vamo dizê, podá alguma coisa, *cortá algumas galha* pra podê ficá um quintal... (VNF; F)

(294) Tratos culturais é... a limpa, por exemplo, a gente vem fazê o trato cultural, a gente vamo *limpá* ela, né? [...] *Purificá* ela pa ela ficá saudável. (DAF; M)

(295) *Cuidá das planta*. (JSS; M)

*Tratos culturais* são ações inerentes às atividades agrícolas definidas como *limpar, zelar, não deixar que as formigas destruam; cortar algum galho (da planta); purificar (a planta); cuidar (da planta)*. Destaca-se um dos sinônimos e variantes da forma *purificar* em Houaiss e Villar (2001) por se assemelhar ao sentido dado pelo informante – “limpar” – e que identifica-se como *trato cultural*. As demais respostas são definições comuns da linguagem dos falantes.

### Uréia

(296) A *uréa* é um negócio que *parece sal*. [...] Meu pai usô muito *pa coquêro*. Aí pegava, abria aquelas valetazinha em roda do pé do coquêro e ele mermo ia botano aquela uréia, pra gente num botá. E a gente ia atrás cobrino aquela uréia toda. (JS; F)

(297) A *oréia* é de botá em coquêro [...] *Uréia*, ela é um *tipo dum sal* [...] Pa coquêro [...] Bota em roda, um metro fastado. (AJ; M)

(298) *Orêa* é um *produto químico*, né? A gente... Doc – Esse produto químico é utilizado pra quê? Inf. – É. Po/ é, digamos assim, é mais ou menos pa coquêro. Coquêro é bom ((galo canta)) e digamos muitas né planta também que selve, né? (DAF; M)

(299) *Oréa* é um *produto branco* que ele é *feito* assim *uns caroço*, como a senhora viu aquela *farinha grossa* [...] Aquela é um bichinho assim, uns carocinho assim [...] Quando pega ele assim e *bota na água, ele desmancha todo* [...] *Pra botá ni planta*, se ali tivé uma planta feia, a senhora pega uma mão assim e joga dento de um vaso de água, um dedo de água pra saí fino, cum uma semana depois a senhora já vê, e se ele tivé assim, dessa cô ali que tá aquele mato ali [...] E aquela cô ali (incompreensível) o mato aqui tá feio, a senhora vê que vai morrê. A senhora bota... Se ele se dé ele sobe e se num se dé, morre. (JSS; M)

A uréia, por ser o adubo mais usado pelo trabalhador rural, é identificada de várias formas pelo agricultor: *parece um sal, usado no coqueiro; é um produto químico; é um produto branco, feito uns caroço, como uma farinha grossa, que quando coloca na água, desmancha todo, para colocar nas plantas*.



## B. Parte II: Treinamento de Mão-de-Obra

### 1. Análise Léxico-Semântica

No diálogo entre o técnico e o homem do campo constata-se a necessidade de haver uma preocupação maior com a linguagem utilizada, uma vez que as expressões usadas pelos profissionais da área da extensão rural, tanto técnicas, quanto não técnicas, estão, em alguns momentos, muito além da compreensão do agricultor. Este fato dificulta e distancia o objetivo a que os técnicos se propõem nos treinamentos de mão-de-obra, que é apresentar ao agricultor técnicas de experimentos desenvolvidas por empresas especializadas para facilitar o andamento dos projetos, bem como aumentar a produtividade no plantio, observando o baixo custo de produção e a maior obtenção de lucro. Sendo assim, foram lidas as transcrições das entrevistas do TMO, a fim de se fazer um levantamento minucioso das falas dos dois técnicos da EBDA, que ficaram responsáveis pelo treinamento. Estes profissionais foram denominados T1, o instrutor do treinamento e T2, o chefe do escritório da cidade de Catu, que também colaborou em alguns momentos no decorrer das atividades, apresentando informações e também sugestões técnicas específicas da cultura da mandioca.

Foi feito um levantamento inicial da linguagem adotada pelos participantes do TMO, em que constam seiscentas e quatorze expressões. Neste levantamento, agruparam-se, inicialmente, os vocábulos específicos da área agrícola ou que necessitavam de um conhecimento prévio dessa área e os vocábulos não específicos, que necessitam de conhecimentos gerais.

Percebeu-se, também, que tanto os profissionais da área quanto o homem do campo, numa proporção menor, empregam termos técnicos, bem como um e outro utilizam formas mais simples em seus discursos. A utilização da terminologia técnica por parte do trabalhador rural, em um percentual muito menor se comparado à linguagem mais simples do homem da zona rural, faz com que se perceba, então, que o lavrador, por uma convivência com os profissionais, detêm esses termos e os adotam em seu discurso. Isto posto, salienta-se que, do agrupamento inicial, destacaram-se para descrição e análise nesta pesquisa os itens lexicais mais regionais, mais simples, que foram classificados de acordo com as categorias a seguir, separando-se a linguagem do extensionista e a linguagem do homem do campo:

#### 1. Da fala dos extensionistas:

##### 1.1. Lexias específicas da área da agricultura inerentes à fala popular

## 2. Da fala do homem do campo

### 2.1. Lexias específicas da área da agricultura

### 2.2. Lexias não específicas da área da agricultura

### 2.3. Lexias específicas da área da agricultura inerentes à fala popular

Para facilitar a análise e compreensão do leitor, as lexias, neste levantamento, vêm contextualizadas e em itálico, visto que são aquelas que a pesquisadora, numa análise em conjunto com um técnico da área, identificou como formas relevantes a esta investigação. Convém esclarecer que o itálico é a correlação de uma forma com a outra ou a definição dada pelo informante. Estes itens, possivelmente, farão parte do glossário.

Verificou-se que algumas formas apresentam o sentido contextual, levando-se em consideração o significado que os falantes lhes atribuem, visto que a literatura lingüística propõe que as palavras modificam-se semanticamente de acordo com o contexto. Salienta-se também que, mesmo que o item tenha sido proferido por mais de uma vez, este foi destacado apenas uma. Além disso, caso o técnico tenha explicado o sentido da forma desconhecida, esta foi relacionada, pois se imaginou que a dificuldade poderia persistir para o agricultor no momento em que a palavra se apresenta pela primeira vez. Assim, este levantamento contempla, também, estas expressões que foram esclarecidas pelos técnicos. Destaca-se, a seguir, um exemplo da fala do técnico, a fim de ilustrar este comentário: [...] *voçoroca né, aqueles buracos enormes [...]*. (T1; f. 13).

Considerando-se a propriedade versátil quanto à diversidade de sentido da palavra, localizou-se, no dicionário, o significado de alguns termos destacados pela investigadora a fim de se comparar o sentido dado pelos informantes da pesquisa. Além disso, as lexias descritas possivelmente comporão o glossário, visto que são termos adotados e utilizados pelo povo, quer sejam dicionarizados ou não, como foi colocado em outro momento. Para retirar dúvidas, através de consultas não sistemáticas, a investigadora procurou um dos técnicos da EBDA e um professor da Escola Agrotécnica Federal de Catu-BA para auxiliar em informações técnicas que fossem necessárias na análise dos dados. Convém esclarecer que, ao localizar a forma no dicionário, foi extraída a acepção que melhor se relacionava ao sentido contextualizado da pesquisa. Para facilitar a compreensão do leitor, as expressões vêm em destaque, seguidas dos comentários inerentes a cada expressão:

## 1.1. Da fala dos extensionistas

### 1.1.1. Lexias específicas da área da agricultura inerentes à fala popular

#### **Dentro da porteira [...] fora da porteira**

(300) [...] produzi pra *dentro da portêra*, hoje é *fora da portêra* [...] (T1; f. 44)

A expressão em destaque, pelo contexto, se refere à produção nos limites de uma área territorial do tipo fazenda, seja particular ou não. Esta chamou a atenção da investigadora por ser uma linguagem mais difícil de se compreender e não comum entre os falantes da área rural. Em função da aplicação dada pelo profissional, a citada expressão será divulgada no glossário para conhecimento dos falantes da área agrícola.

#### **Dez-dez-dez**

(301) [...] Então, antes de mais nada, antes de chegá na casa do fazendêro e comprá *dez-dez-dez*, que é um adubo que o produtô costuma comprá [...] (T1; f. 11)

A denominação *dez-dez-dez* dada ao adubo é referente à composição do produto: dez por cento de nitrogênio, dez por cento de fósforo e dez por cento de potássio. Tecnicamente, tal adubo vem designado pela forma abreviada NPK. Este comentário foi abordado anteriormente.

#### **Limpada**

(302) [...] quando entrá pra fazê a farinha, dá uma *limpada*, tá entendeno [...] (T2; f. 42)

Pelo contexto, este item tem sido utilizado em conversas informais do tipo coloquiais pelos falantes de uma maneira geral e aqui apresenta o sentido de se fazer uma limpeza no local do fabrico da farinha. Neste momento, o informante substantivou a ação de *limpar*, no entanto, não foi localizada no dicionário pesquisado.

A gramática normativa denomina este fenômeno como derivação sufixal (Rocha Lima, 1999) em que ocorreu o acréscimo de um sufixo a um radical, a uma palavra primitiva. Esta derivação pode gerar substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Determina-se a este fenômeno como gramaticalização, em que se processou uma alteração de paradigmas gramaticais, com acréscimo de formas vindas do acervo lexical, face à necessidade do falante no processo de comunicação. Quanto a isso, Borba (2003) afirma que a motivação para a gramaticalização está nas necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes, como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações lingüísticas ou as que existem são insuficientes. Face ao exposto, percebe-se que o falante se

utilizou deste processo para atender a uma necessidade momentânea. O contexto foi quem determinou que aquele item lexical absorvesse um valor gramatical. Borba (2003) diz que se esse uso se repete e se fixa com o tempo, tem-se a gramaticalização do item. Neste caso, o sufixo *-ada*, foi integrado ao radical *limp-* do verbo *limpar*. *Limpada* encontra-se adequadamente contextualizado e pode, como foi explicitado no início deste comentário, ser utilizado em conversas informais. No entanto, o uso é que vai determinar a cristalização da lexia, adotando-se este fenômeno de gramaticalização.

### **Manaíba, manaíva, maniba**

(303) AM – É o que se planta pra saí raiz.

RS – É que corta os pedaços...

AM – É.

T1 – E o produtô chama como isso?

AM – Maniba.

RS – Maniva. ((Risos))

AM – É, tem diversas manêra. ((risos))

T1 – *Maniba, manaíba*. Então o técnico chama de maniva, não é? (T1; f. 24)

[...]

Quantidade da *manaíva*, foi feito uns cálculos aí, a gente sabe mais ou menos [...]. (T1; f. 30)

Referindo-se à *maniba* e *manaíba*, é importante extrair um trecho do diálogo com o objetivo de demonstrar que tanto os agricultores quanto os técnicos têm consciência da existência das diversas formas para a designação dada à parte utilizada no plantio da mandioca. As formas destacadas foram pesquisadas por Oliveira (2000), constatando-se serem familiares aos moradores da zona rural do distrito de Sítio Novo e que fazem parte do dialeto dos falantes desta região, correspondendo ao termo técnico *maniva*.

Resgatando os dados analisados no Momento I – Oliveira (2001b) – e ampliando a análise, observou-se que o registro do dicionário de Michaelis (1998) apresenta *manaíba* com o mesmo sentido do da pesquisa e remete o leitor ao item *maniba* V. *maniba*; além de mencionar ser este item variante de *manaíba*: *Var.: manaíba*. Quanto à *maniba*, a acepção dada diverge do sentido que aparece na pesquisa, ou seja, a parte que brota da maniva. O sentido dado pelo lexicógrafo Michaelis (1998) é o de mandioca brava e também apresenta este item como variante de *maniba*. Sendo assim, Oliveira (2001b) informou, também, que face à análise da pesquisa, o item passa a ser considerado como variante, ao

observar o detalhe do próprio dicionarista quando se refere a *maniva* como variante de *maniba*. *Manaíba* e *maniba* estão presentes no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Neste momento, ao levantar as ocorrências em Houaiss e Villar (2001), não foi localizado o termo *maniba*. *Manaíba* encontra-se registrada em Houaiss e Villar (2001) como “pedaço do caule da mandioca us. para muda”, assim como se refere o informante. Este item lexical também foi identificado em Cunha (1982) como uma palavra de origem tupi, significando pé de mandioca e constando como variantes as formas: “mandiiba, baniba, manaiba, manayba, maniva, manaíba, maniba, manaíba”. O lexicógrafo ainda informa a datação de localização do verbete e mais alguns detalhes: em Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* registra-se: “a mandioca-dôce pode de repente virar azangada – motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas – vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas”.

*Manaíva* foi comentada por Oliveira (2000), ao analisar a variação lexical de alguns itens das áreas agrícola e zootécnica na região de Catu-BA e está documentada no *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963); foi também registrada na pesquisa de Oliveira (2001b), que identificou a forma mais uma vez na fala de um dos técnicos entrevistados durante a coleta dos dados. Além disso, este item foi empregado no Treinamento de Mão de Obra, tanto por um dos instrutores, como por dois agricultores que estavam participando do evento. No entanto, salienta-se que não se localizou *manaíva* no dicionário pesquisado neste momento. O sentido dado para esta lexia, em todos os momentos citados, é de ser a parte utilizada no plantio da mandioca, sendo considerada pela investigadora como variante de *maniva*, *manaíba* e *maniba*.

### **Mandioca brava e mansa**

(304) [...] o *teô de ácido é bem, bem fraquinho*, que nós temos *mandioca mansa e brava*, né? E tem aquela intermediária, que se faz a mandioca, né? E é bem... é... essa de ciclo mais curto, né [...] (T1; f. 10)

Em Houaiss e Villar (2001) *mandioca mansa* é o mesmo que *aipim*, e *mandioca brava* é o mesmo que *mandioca*. A primeira é a usada para o consumo do homem, tanto a raiz cozida, assada ou frita como também para a confecção de bolos e doces; e a segunda só pode ser consumida quando beneficiada, transformada em farinha.

### **Mussuca**

(305) Cova virada chama *mussuca*, porque *vai ficá um pouco suspensa* [...]. (T1; f. 29)

Segundo o técnico, *mussuca* é o mesmo que cova virada, que vai ficar um pouco elevada do nível do chão, onde estará localizada a maniva ao se plantar; técnica adotada em lugares em que o terreno é mais úmido. Este vocábulo não foi localizado no dicionário, como já foi afirmado, quando se tratou da lexia *mussuquinha*, no diminutivo, expressa por um dos informantes. Observando-se a transcrição do diálogo, percebeu-se que não houve questionamento por parte dos ouvintes quanto ao vocábulo proferido. Imagina-se, então, que este seja conhecido da platéia, por ser regional. O sentido dado pelo agricultor quanto a *mussuquinha* foi a de ser uma cova rasa para se fazer a plantação. Cardoso e Ferreira (2000) apresentam *mussuca* como uma forma pertencente à região da zona rural da Bahia, constante no APFB, como empréstimo da língua indígena, com o sentido de *cova para semear*, assim como se expressou o informante.

### **Palmo**

(306) RS – Aí, aí agora vem a distância desse adubo pra botá no pé da lavra.

T1 – Deve sê um *palmo* mais ou menos... (T1; f. 22)

Destacou-se, neste momento, a pergunta do trabalhador rural para salientar que o técnico quer a informação sobre uma medida, referente à distância adotada para se colocar o adubo ao redor da planta. Houaiss e Villar (2001) definem *palmo* nas acepções **1** e **2** como: **1**. “extensão medida entre a extremidade do dedo polegar e a do mínimo, na parte interna da mão bem aberta **2**. METR. medida de comprimento que corresponde a oito polegadas (‘medida’) ou 22 cm, baseada no comprimento médio de um palmo”. Apesar de estar no dicionário com o mesmo sentido adotado pelo técnico, salienta-se que esta unidade léxica refere-se a uma medida que as pessoas adotam quando não dispõem de um equipamento ou um instrumento de medição. Desta forma, percebeu-se que o técnico procurou facilitar o entendimento fazendo uma correlação mais acessível ao informante.

### **Roça**

(307) [...] que a gente chega ne *roça* aí, é um pé em cima do outro [...] (T1; f. 27)

O termo *roça* chamou a atenção da analista por ter sido empregado de forma diferente daquela comumente adotada pelos falantes em geral. O sentido dado pelo técnico foi o de ser *roça* como plantio, que confere com o que apresentam Houaiss e Villar (2001) na acepção **5**: “terreno de lavoura, grande ou pequeno; plantação, plantio”. Esta seria a aplicação de um profissional da área agrícola, ou seja ‘chegar em um plantio, ou plantação’. *Roça* pode ser adotada com os sentidos de “zona rural, pequena propriedade agrícola”, inclusive constando em Houaiss e Villar (2001) que são mais comuns na linguagem dos moradores da

idades. No entanto o técnico preferiu usar uma linguagem mais simples, ‘*chega ne roça*’, própria do homem do campo.

### **Terra pesada**

(308) [...] que o solo às vezes muito pesado, aquele so/ *solo argiloso*, ele simplesmente *faz com que a água não penetre muito* e crie aquela poça de água e causa o quê... o apodrecimento, como aconteceu, certo? É, às vezes tem área do terreno que é toda solta, mas tem um pedacinho que não desenvolveu, que às vezes o teô de argila ali, nesse caso... *terra pesada* não desenvolveu, por causa disso. [...] (T2; f. 13)

A expressão *terra pesada*, usada por um dos técnicos, apresenta-se com o sentido de que o solo possui um teor de argila a mais em relação a areia, percebe-se que é uma forma coloquial e não técnica.

### **Valeta, valetazinha**

(309) [...] ele vai fazê aqui uma *valetazinha* né, um buraco [...] (T1; f. 14)

(310) [...] torna a fazê a *valeta* pra tirá mais um... uma porção de terra né? (T1; f. 14)

O técnico se refere ao vocábulo *valeta* ou ao seu diminutivo *valetazinha* com o sentido de buraco, inclusive porque o instrutor explicou que vai fazer uma *valetazinha*, *né um buraco* para a retirada de uma porção de terra que será encaminhada para se fazer a análise do solo. Consta *valeta* na dissertação de mestrado de Oliveira (2001b), como já foi explicitado; em que o homem do campo apresentou equivalência de sentidos com as formas *erosão*, *curva de nível*, *marcação de canteiros* e *sulco*. Houaiss e Villar (2001) apresentam *valeta* como “pequena vala à beira de ruas ou estradas, para o escoamento de águas”. Sendo assim, *valeta*, no dicionário, não condiz com o uso empregado aqui pelo técnico, como *buraco*. Entretanto, considerando-se o emprego adequado do técnico ao vocábulo *valeta*, este será incluído no glossário com o sentido de *buraco*.

## 1.2. Da fala do homem do campo

Fazendo um retrospecto do que foi explicitado na metodologia, no levantamento dos dados na fala dos produtores rurais, destacaram-se formas lexicais que foram separadas também como: *Lexias específicas da área da agricultura*, *Lexias não específicas da área da agricultura* e *Lexias específicas da área da agricultura inerentes à fala popular*. As duas primeiras categorias têm o propósito de exemplificar que o agricultor tem incorporado em seu repertório lingüístico, apesar de não ser em grande número, formas técnicas e mais específicas, demonstrando que o contato com o técnico, bem como a experiência com o trabalho na lavoura, ou a escolaridade, ou até mesmo o gênero fazem com que o lavrador se aproxime da linguagem dos profissionais da área técnica. Sendo assim, as unidades léxicas que compõem os dois primeiros itens não farão parte do glossário, enquanto aqueles que formam o último integrarão o glossário.

Considerando-se a variável gênero, segue abaixo um levantamento com o número de vezes que os homens e as mulheres se pronunciaram durante o treinamento. Cumpre sublinhar que as letras maiúsculas se referem às iniciais do nome do informante:

<b>Gênero Feminino</b>	<b>Gênero Masculino</b>
AM – 61	RS – 136
VNF – 32	JQ – 52
DJ – 23	CC – 7
NIM – 3	NIH – 6
AA – 4	AJ – 6
JS – 2	

Relativo ao levantamento acima, verifica-se que, em um número aproximado de trinta participantes, apenas onze se pronunciaram; destes onze, seis são do gênero feminino e cinco masculino e de forma ligeiramente equilibrada; dois homens e três mulheres se destacaram em relação aos outros. Além disso os dados indicam que o gênero masculino se destacou consideravelmente em relação ao feminino, uma vez que os homens apresentaram 73% da tomada de turno do discurso em relação às mulheres que intercederam 37% em relação aos outros. É evidente que não se deve desconsiderar as idiosincrasias dos indivíduos ou a aproximação do falante com o instrutor ou o fato de o sujeito ser mais desinibido, o que pode justificar o desprendimento maior de um se comparado com o do outro. Salienta-se também que apesar de a mulher ter se expressado, considera-se que um dos homens se



destacou expressivamente em relação aos outros e às mulheres. Este levantamento, no entanto, demonstra que a maioria dos treinados ainda fica calada, apenas ouvindo o que os instrutores estão transmitindo; este é um dado real nesta pesquisa. Percebe-se que a timidez ou até a forma como se organizam as atividades pode estar interferindo no processo. Esta observação poderá servir para despertar nos profissionais da área uma modificação na metodologia utilizada, bem como da linguagem adotada. Como esta pesquisa se propõe a analisar a interação, relativa às questões lingüísticas, a expectativa é a de que o glossário seja utilizado para prestar informações aos técnicos quanto à linguagem usada pelo homem do campo.

Chama-se a atenção para o fato de que as reduções fonéticas foram designadas pela investigadora como formas variantes em relação ao item dicionarizado, ou seja, *poverizá* em lugar de *pulverizar*. Objetivando-se prestar esclarecimentos sobre a lexia, os vocábulos foram comentados logo depois, fazendo-se uma análise mais detalhada das *lexias da fala popular*. Seguem os itens lexicais destacados, lembrando que as formas logo abaixo não farão parte do glossário. As *lexias específicas da área da agricultura inerentes à fala popular* é que integrarão o glossário:

#### 1.2.1. Lexias específicas da área da agricultura

**Adubo orgânico, amostras, arado, área, argila, argiloso, cova, cultivar, decotar, EBDA, hectares, horta, lagarta, maniva, praga, prática, uréia**

(311) *Adubo orgânico*, eu conheço como que fosse o adubo de galinha, o de gado, é esterco de ovelha [...] tombém esse adubo que é titurado, do... do lixo [...] (JQ; M; f. 36)

(312) [...] uma área com dois *hectares* [...] Quantas *amostras* [...] (RS; M; f. 16)

(313) Porque onde eu moro não tem... não tem... nunca foi *arado*, então a gente tem que limpá de enxada. (VNF; F; f. 29)

(314) E quando se planta, que nois somos costumado a plantá assim, no período de março mesmo né, aí uma *área* só pa, que não se tem tempo de fazê tanta área [...] (VNF; F; f. 38)

(315) [...] solo *agiloso* [...] contém *agila* [...] o solo que contém *agila* é aquele solo que tem mais a natureza que é do barro [...] (JQ; M; f. 36)

(316) E sim, qual o melho pra plantá ela é fazê a *cova* ou cavá de buraco? [...] (VNF; F; f. 28)

(317) [...] como a gente deve *cutivá* mais um pôco a mandioca. (VNF; F; f. 51)

- (318) *Decotá* [...] nois vamos, nois vai prantá [...] essa manaíba [...] cortamo [...] pegamo essa manaíba pra ir prantá, aí nois chama de decotá [...] A manaíba corta, corta aqui [...] (RS; M; f. 34)
- (319) [...] mas adespois que começô vim as *prática*, né, da *EBDA* [...]. (JQ; M; f. 47)
- (320) [...] eu trabalho de *horta* e me naceu um mato que chama dandá [...] (JS; F; f. 45)
- (321) Mandarová é o quê, uma *largata*, uma praga? (JQ; M; f. 35)
- (322) *Maniva*. (RS; M; f. 24)
- (323) Tem uma *praga* de bananêra... as vez dá pra ficá amarela... [...] (VNF; F; f. 39)
- (324) [...] o dono trôche uma *uréia*, né, um adubuzinho branco [...] (RS; M; f. 22)

Os itens destacados nos trechos acima extraídos dos diálogos são formas específicas da área agrícola e chamaram a atenção da investigadora por serem vocábulos que pertencem mais, especificamente, ao repertório do extensionista, entretanto foram empregados pelo produtor rural nesta situação. Percebe-se que existe uma familiaridade entre os termos usados pelos informantes e os usados pelos técnicos, visto que esta comunidade tem um contato mais próximo com os profissionais das empresas que desenvolvem trabalhos na extensão rural.

É oportuno esclarecer que os vocábulos *adubo orgânico*, *cova*, *cultivar*, *decolar*, *hectare*, *maniva*, *praga* e *uréia* estão presentes na linguagem do produtor rural, como aqui se comprova, pelos exemplos destacados, no entanto, estão também relacionados no glossário como itens lexicais que correspondem a outras formas e com definições próprias do seu repertório lingüístico. Isto posto, comprova que o convívio com os profissionais da área técnica auxilia na interação e nos propósitos inerentes ao trabalho do extensionista rural. Cumpre destacar, também, a proposta de Koch e Travaglia (2002) que apresenta fatores que auxiliam a estabelecer a coerência no discurso, especialmente o *conhecimento de mundo* e *conhecimento partilhado*, uma vez que é neste sentido que a presença/interação do técnico no meio rural gera uma troca, uma permuta, uma reciprocidade de papéis e de linguagem.

#### 1.2.2. Lexias não específicas da área da agricultura

**Acionar, acomodado, adaptando, adequado, atravessador, basear, básico, civilização, comitiva, entrar em acordo, evento, fiscalização, oportunidade, qualidade, reunião**

- (325) [...] bem vão *acionar* até a polícia [...] a gente fica *acomodado* com medo [...] (JQ; M; f. 48)
- (326) [...] pessoal já tá *adaptano* a prantá [...] sendo ensinado. (JQ; M; f. 26)

(327) ...o mais *adequado* é fazê no mês de agosto. (RS; M; f. 31)

(328) ...*atravessadô* do lugá... (JQ; M; f. 43)

(329) Se *basêa*. (RS; M)

É na direção da outra, fica certinho aqui [...] (T1; f. 28)

(330) Acho que quase todo mundo aqui, o *básico* é esse. (RS; M; f. 26)

(331) Antigamente ninguém tinha esse cuidado, hoje, por causa da *civilização*... (JQ; M; f. 42)

(332) [...] pessoas aqui querê *entrá em acordo* [...] a diretoria mas tombém os membro [...] uma *comitiva* vamo dizê assim, qué dizê o número de pessoas é com a direção e pessoas que né... são associados [...] (JQ; M; f. 48)

(333) [...] a S. que me deu essa *portunidade*, que ela foi nos procurá [...] tô contente e qualqué *reunião ou evento* que tenha eu... eu tô... [...] (VNF; F; f. 51)

(334) Veja se tivesse essa *fiscalização* pela roça [...] (JQ; M; f. 42)

(335) [...] melhorá a nossa *qualidade* de... de agricultura [...] são culturas que podemos apricá [...] (JQ; M; f. 50)

Foram agrupadas as lexias acima, tentando demonstrar que os agricultores também dispõem de vocábulos com significados mais distantes da linguagem coloquial adotada por estes falantes. Destacam-se, deste levantamento acima, as formas *comitiva* e *acionar* por terem chamado a atenção da investigadora, no momento em que são itens mais comuns entre indivíduos escolarizados e que os agricultores apresentaram, também, em seu repertório lingüístico estas unidades lexicais com um sentido aguçado e sincronizado. Ao proferir o item *comitiva*, o lavrador fez questão de apresentar aos participantes do treinamento o sentido que ele estava dando à forma e que condiz perfeitamente com o sentido apresentado por Houaiss e Villar (2001): **1.** “grupo de pessoas que acompanha alguém ou algo”. *Acionar* se comportou da mesma maneira, assim como apresentou o informante, Houaiss e Villar (2001) a definem como **2.** “causar ou determinar o início de (ação, evento, atividade, trabalho, funcionamento, etc.)”.

### 1.2.3. Lexias específicas da área da agricultura inerentes à fala popular

Resgatam-se, aqui, algumas informações que foram apresentadas, contudo serão retomadas para fins de maiores esclarecimentos: as unidades lexicais a seguir relacionadas farão parte do glossário, visto que são formas que estão presentes no repertório do agricultor, assim como são consideradas como *fala popular*, cuja designação se refere ao conhecimento informal do lavrador.

**Aimpim, cacau, casca de queijo, mandioca, mandioca mansa, maniveja, manteiguinha, mariquita, mata negro, milagrosa, ruadeira**

(336) [...] com aimpim também é a mesma coisa. Porque eu plantei um pedaço de *aimpim* (AM; F; f. 10)

(337) [...] porque aqui nois temos a *mata nego*, tem *maniveja*, tem *mariquita*, temo a *ruadêra* [...] *milagrosa* são mandioca que a gente pranta aqui, todas são *mandioca* [...] o aimpim que é *mandioca mansa* [...] *manteiguinha*, *cacau* [...] *casca de queijo*, são, é o tipo de aimpim. (RS; M; f. 32/33)

*Mata negro*, *maniveja*, *mariquita*, *ruadeira*, *milagrosa* foram expressas pelo homem do campo como variedades de mandioca, enquanto que *mandioca mansa*, *manteiguinha*, *cacau*, *casca de queijo* são denominações para as várias variedades de aipim, segundo os informantes e que farão parte do glossário. Estas variedades acima, destacadas pelo agricultor, são diferenciadas através das diversas espécies disponíveis da raiz e que se distinguem através da qualidade do cozimento, do sabor, da produtividade, buscadas através das pesquisas das empresas de agropecuária, ou, até mesmo, através da experiência demonstrada pelos produtores da região. *Maniveja*, *ruadeira*, *cacau*, *casca de queijo* não estão registradas no dicionário pesquisado, no entanto percebe-se que são denominações que fazem parte da linguagem do homem do campo. *Manteiguinha* não está neste dicionário também, no entanto constata-se ser um diminutivo de *manteiga*, que será comentada posteriormente. *Mata negro*, em Houaiss e Villar (2001), vem definido como “variedade de mandioca, que tem o talo grande e o pé curto”, assim como *milagrosa*, que é uma variedade de mandioca. *Mandioca-mansa*, que foi destacada na linguagem do técnico, traz como significação o mesmo que *aipim* e o mesmo que *mandioca*, neste dicionário.

Ressalta-se, ainda, a diferença entre mandioca e aipim: Houaiss e Villar (2001) definem a mandioca como “arbusto [...] cultivado pelas raízes tuberosas, muito semelhantes às do aipim e tb. ricas em amido e de largo emprego na alimentação, embora sejam ger. mais venenosas e freq. us. apenas para a produção de farinha de mandioca, farinha-d’água e ração animal”. O lexicógrafo traz vários sinônimos e variantes para esta unidade léxica, dos quais serão destacados alguns: “aipim, aimpim, macaxeira, macaxera, mandioca-brava, mandioca-doce, mandioca-mansa, pão de pobre”. Para fins de complementação de informação registra-se que *mandioca* foi localizada em Marroquim (1996) como uma palavra originária do Tupi. Quanto à aipim, Houaiss e Villar (2001) a apresentam como “raiz dessa planta, consumida frita, assada ou cozida e de que tb. se fazem doces e bolos; macaxeira, macaxera, mandioca,

mandioca-doce, mandioca-mansa”. Os falantes diferenciam comumente no cotidiano a raiz do aipim como sendo aquela que pode ser consumida na alimentação do homem, cozida com água e sal ou frita ou feita como purê, ou de várias outras maneiras utilizadas em receitas caseiras, como foi expresso em um momento anterior a este. *Aipim* é um item lexical comumente usado entre os falantes da zona rural, assim como entre aqueles que residem nas cidades. Salienta-se que, inicialmente, a pesquisadora tinha conhecimento de que o termo encontrado no dicionário seria apenas *aipim*, contudo, buscando outras formas no andamento da pesquisa, percebeu-se que tanto *aipim* como *aimpim*, que é mais comum entre os falantes da zona rural, são formas dicionarizadas e que podem conviver paralelamente na fala dos indivíduos. No entanto, destaca-se a informação de data em que a forma entrou no português, segundo Houaiss e Villar (2001), de que *aipim* vem registrada com a datação anterior a 1576, enquanto que *aimpim* se apresenta com uma forma mais recente, comparada a esta primeira, ou seja datada de 1914.

### **Assombrado**

(338) Porque não tem ventilação, pro vento né?... fica muito *assombrado*... [...] (AM; F; f. 27)

Referindo-se a *assombrado*, a designação apresentada pelo informante usualmente é mais conhecida com o sentido de estar assustado, entretanto, ao verificar no dicionário, percebe-se que a acepção apresentada no item 1 em Houaiss e Villar (2001): “coberto de sombra” condiz com o uso dado pela informante. Posteriormente, este item poderá ser analisado diacronicamente, a fim de se verificar o uso desta forma na zona rural, uma vez que, com este sentido, não é comum na cidade. No entanto, esta forma poderá ser incluída no glossário para ser aproveitada pelos falantes.

### **Bagaço**

(339) T1 – Né, cê tá colocando a terra que... que teve né, que a formiga já trabalhô, né, que tá com casca, que tá com... Tá com, né...

RS – Tá com *bagaço*. (RS; M; f. 17)

*Bagaço* é um item dicionarizado, no entanto, das acepções apresentadas por Houaiss e Villar (2001), a que mais se assemelhou com o sentido dado pelo informante seria a de número 4. “p.ext. (da acp. 1) resto de coisa tornada imprestável”. *Bagaço*, para o informante, se refere às cascas, supondo-se serem folhas ou pequenos pedaços de galhos quebrados das plantas, que podem ser inclusive utilizados como adubo. Então não seria tão imprestável assim como indica o sentido mais próximo destacado do dicionário.

### **Brotagem**

(340) [...] É ou brotá, retonhá ou *brotagem* [...] (JQ; M; f. 34)

A unidade léxica *brotagem*, adotada pelo agricultor, não foi localizada no dicionário pesquisado. A idéia repassada pelo contexto demonstra que *brotagem*, substantivo, foi utilizada pelo informante com o mesmo sentido dos verbos *brotar* ou *retonhar*. Este item lexical precisará ser pesquisado posteriormente, porque como foi proferida pelo informante, poderá estar sendo usada pelos falantes da zona rural em atividades afins.

### **Capinação**

(341) T1 – Já ouviu falá em capina?

JQ – *Capinação*, já. (JQ; M; f. 33)

*Capinação* foi o termo proferido pelo informante que, pelo contexto, tem o mesmo sentido de *capina* e pelo dicionário de Houaiss e Villar (2001), também. No entanto destacou-se, uma vez que existe uma preferência entre os falantes em usarem *capina* ao invés de *capinação*.

### **Cianidro**

(342) [...] aquele aipim que a casca é branca que nem a mandioca e ele é manso, tombém, ele não tem o *cianidro* [...] (JQ; M; f. 32)

*Cianidro* corresponde foneticamente à *cianídrico*, na qual houve a redução de uma sílaba. Pelo contexto, tem o mesmo sentido de ser o elemento que diferencia o aipim da mandioca, ou seja, o aipim pode ser consumido pelo homem cozido, frito ou como ingrediente em receitas, por ter uma quantidade de ácido cianídrico menor na raiz da maniva; ou a mandioca de ser a matéria prima na produção de farinha, por possuir uma quantidade maior deste elemento.

O referido ácido em Houaiss e Villar (2001) vem definido como sendo utilizado em navios, no extermínio de insetos e roedores ou mesmo na execução de condenados em câmara de gás. Sendo assim, por ser venenoso, a quantidade de ácido presente na mandioca é que a diferencia do aipim, utilizada apenas na produção de farinha.

### **Coritizada**

(343) Ela não é *coritizada* não né? É branca mesmo né? Que tem aquela né vermelhinha... (referindo-se a farinha) (JQ; M; f. 43)

*Coritizada* é um termo de uso comum, que não existe no dicionário pesquisado; no entanto, pelo contexto, apresenta-se como uma farinha que tem cor, talvez vermelha, como o informante se expressou, possivelmente adicionada a algum corante, fazendo a associação da forma lingüística *corante* com o a forma *coritizada*.

### **Dandá**

(344) [...] eu trabalho de horta e me naceu um mato que chama *dandá* [...] ele fica assim embutido [...] algum remédio que eu possa eliminá ele? (JS; F; f. 45)

*Dandá* não é registrada no dicionário pesquisado, pelo contexto, é um mato resistente, cuja raiz acumula substância de reserva, formando uma batata, e que cresce muito junto um do outro, de forma embutida. O técnico da EBDA, responsável pelo TMO, foi consultado sobre a lexia e informou que ouviu o termo entre os produtores da região em outros momentos. Considera-se, então, ser esta uma terminologia popular para a espécie de capim, com as características descritas anteriormente.

### **Ensombrada, sombrada**

(345) Porque se plantá ela junta, ela vai ficá muito *sombrada* [...] *ensombrada* [...] (RS; M; f. 27)

*Sombrada* e *ensombrada*, as duas formas foram proferidas pelo informante com o sentido de dar sombra, assim como vem registrada na literatura lexicográfica. A primeira forma se refere ao gerúndio do verbo *sombrar* e em Houaiss e Villar (2001) está registrada como o mesmo que *assombrar*, que vem definido como o mesmo que “sombrear (‘dar sombra’, cobrir[-se] de sombra)”, referindo-se à segunda forma que foi localizada no infinitivo com o significado de “encobrir(-se) de sombra; ensombrear(-se)”. Percebe-se, então, que as duas lexias em questão não são comuns entre os falantes não residentes na zona rural. No entanto, o agricultor as utilizou de forma adequada às acepções apresentadas no dicionário pesquisado. *Ensombrada* foi localizada no glossário rural de Cardoso e Ferreira (2000) como uma forma pertencente à linguagem dos falantes da região da Bahia, contudo com um significado distante daquele aqui analisado, ou seja como: “umedecida pela chuva, referente à terra”, que difere da acepção localizada em Houaiss e Villar (2001), bem como do sentido expresso pelo informante, coincidentes entre si. *Ensombrada* e *sombrada* estarão no glossário deste trabalho com o sentido de *sombra*.

### **Espigão**

(346) [...] os pés tavam bonitos, só que não tinham raízes, assim, só tinha aqueles *espigão* (referindo-se ao pé de aipim) assim [...] (AM; F; f. 10)

A forma *espigão*, empregada pelo informante, trouxe o sentido de um objeto alto, comprido, inclusive por ser conter o sufixo -ão, que dá uma idéia de aumentativo, como foi correlacionado na Parte I deste trabalho. Localizou-se a forma em Houaiss e Villar (2001), cuja acepção apresentada pelo lexicógrafo, no item 5, poderia estar mais próxima em termos de sentido: “prédio de apartamentos muito alto, ger. em contraste com os edifícios da vizinhança e que desvirtua a concepção urbanística”. A correlação se faz quando assim como a altura do prédio se destaca em relação aos edifícios que estão nas proximidades, os pés de aipim apresentaram um desenvolvimento de crescimento em relação aos outros plantados na mesma época. Os sentidos apresentados pelos informantes nos dois momentos em que se coletaram os dados serão integrados no glossário.

### **Fazer uma roça, lavra, lavrar**

(347) Aí, aí agora vem a distância desse adubo pra botá no pé da *lavra*. (RS; M; f. 22)

(348) [...] nois foi *lavrá* pinha aqui [...] eu tenho um pé de cacau, bota muito, *faça uma roça* [...] pra vê se ele vai produzi como um pezinho que tem lá no quintal? (RS; M; f. 40)

*Lavra*, para o produtor rural, é o pé da planta da cultura cultivada. Houaiss e Villar (2001) a apresentam como preparo e cultivo da terra ou lavoura. Como o uso apresentado pelo agricultor é adequado e comum na linguagem do homem da zona rural, este item lexical fará parte do glossário.

*Lavrar* foi destacado pelo fato de ter o mesmo sentido de *cultivar*, inclusive no dicionário. No entanto, a forma mais comumente usada pelos profissionais é *cultivar* e não *lavrar*, como foi declarado em outro momento.

A expressão *faça uma roça* foi proferida pelo informante no sentido de se fazer um cultivo, um plantio de determinada cultura. Este uso não é comum, a menos que seja utilizado pelos falantes da zona rural. *Roça* foi comentada anteriormente por ter sido proferida pelo técnico também com o mesmo sentido de plantio.

### **Labutar**

(349) [...] tem que *labutá* com mandioca [...] (RS; M; f. 20)



*Labutar* foi proferida com o sentido de trabalhar, assim como Houaiss e Villar (2001) apresentam: “trabalhar com esforço e perseverança”. O item lexical destacado não é comum entre os falantes residentes na zona urbana.

### **Lagoa branca, lagoa preta, pracatu, rosa**

(350) Tem a *pracatu* [...] *lagoa preta*... [...] *lagoa branca*... (variedades de mandioca) (AJ; M; f. 31)

(351) E o *rosa* (aipim) (AJ; M; f. 32)

O lavrador apresentou muitas variedades de mandioca: *pracatu*, *lagoa preta*, *lagoa branca* e a variedade de aipim: *rosa*. *Pracatu*, *lagoa preta* e *lagoa branca* não foram localizadas no dicionário pesquisado. *Rosa* está presente em Houaiss e Villar (2001) com sentido diferente daquele apresentado pelo informante, contudo as formas em evidência são identificadas como específicas da linguagem do homem da zona rural.

### **Leira**

(352) Lá, lá tem umas *lêra* que já oh...(JQ; M; f. 45)

*Leira* encontra-se no dicionário de Houaiss e Villar (2001) como sinônimo de *canteiro*, o primeiro como “parte de uma horta em que se cultiva uma única espécie de planta” e o segundo apresenta uma especificidade em sua definição em relação à *leira*, ou seja, *canteiro* como “porção de terra em que se plantam flores ou hortaliças, geralmente cercada de pedras, ripas de madeira, tela de arame, etc.”. *Canteiro* se distingue de *leira* por ser cercada em relação à *leira*. Na prática, esta distinção não se aplica, ou seja, as duas formas são empregadas indistintamente com o mesmo sentido. No glossário rural de Cardoso e Ferreira (2000) estes vocábulos estão como sinônimos e pertencentes à região da Bahia.

### **Macaxeira**

(353) [...] ele plantô uma roça [...] de *macaxêra*, de aimpim [...] (JQ; M; f. 37)

Em *plantar uma roça de macaxêra*, como foi expresso pelo informante, *macaxeira* tem o mesmo sentido do que aquele registrado no dicionário de Houaiss e Villar (2001) de ser *mandioca* ou *aipim*, que são raízes cultivadas pelo homem do campo. O destaque da forma em questão foi feito, considerando-se que *mandioca* é um termo mais comum na região do que *macaxeira*. A forma destacada aqui foi localizada em Marroquim (1986) como um vocábulo existente no nordeste do Brasil, originária do Tupi. Salienta-se, também, a existência de *macaxeira* e *macaxera* no dicionário como o mesmo que *mandioca*.

### **Manaíba, manaíva**

(354) [...] a mesma *manaíva*, tem de duas cô [...]. (RS; M; f. 25)

(355) [...] tem umas *manaíba* que os miolo dela é moiado [...] aquele miolo branco ressecado [...]. (RS; M; f. 25)

A lexia *manaíva* foi comentada em momento anterior a este, quando localizada na fala do técnico e classificada como forma específica à área da agricultura e inerente ao discurso popular. As mesmas considerações devem ser apresentadas para *manaíba* que também já foi descrita.

### **Mandiba**

(356) Eu já vi alguém chamá *mandiba*... (JQ; M; f. 45)

*Mandiba* é uma outra variante de *maniva*, que em Houaiss e Villar (2001) é uma variedade de mandioca, da etimologia do Tupi “maniva, planta, talo ou folha da mandioca”.

### **Maniba**

(357) T1 – E o produtô chama como isso?

AM– *Maniba*. (AM; F; f. 24)

*Maniba*, proferida pelo agricultor, é uma lexia comum entre os falantes da região e inclusive foi comentada por ter sido uma forma destacada da fala do técnico.

### **Manteiga, moleque, pratinha**

(358) O aimpim *moleque* é o que tem a casca branca [...] (DJ; F; f. 32)

(359) Eu conheço *pratinha*... (AA; F; f. 32)

(360) Aimpim vários, né, *manteiga*, cacau, vários qualidade... (AA; F; f. 32)

Considerando-se as características do *aipim*, os lavradores apresentam denominações para as variedades de *aipim*, que poderão ser adotadas pelos falantes ao utilizarem esta terminologia relativa a uma raiz que as pessoas consomem. Destaca-se a designação regional *pratinha* que não foi localizada no dicionário pesquisado. *Moleque* está registrada em Houaiss e Villar (2001) com acepção distante daquela proferida pelo informante; o glossário rural de Cardoso e Ferreira (2000) também a identifica como unidade léxica pertencente à região da Bahia, com um sentido diferente daquele tratado nesta pesquisa, ou seja, como “local onde se põe o feijão a secar”. *Manteiga* encontra-se registrada em Houaiss e Villar (2001), como variedade de manga, de couve e de feijão, no entanto não ocorre como variedade de aipim. Salienta-se, inclusive, que a pesquisadora, moradora da zona

urbana, conhece este termo *manteiga* como uma variedade de aipim de cor amarela e que amolece com facilidade.

### **Medida**

(361) [...] aqui tem... tem *medida*, tem tudo. (RS; M; f. 14)

Quando o agricultor falou em *medida* estava se referindo à disponibilidade de instrumento que o lavrador teve quando, no desenvolvimento do treinamento, houve a necessidade de se usar uma trena para medir o espaço em que estava sendo retirada a terra para se fazer a amostra.

### **Molha**

(362) Ele demora mais com a *molha*, o fino... (RS; M; f. 16)

Referindo-se ao item *molha*, proferido pelo agricultor, percebe-se que existe uma correlação com a umidade do solo, do terreno molhado, irrigado. Houaiss e Villar (2001) apresentam esta forma com um sentido similar ao do informante: *molha*, com o timbre aberto e com o mesmo sentido que *molhadela* ('*ato de molhar-se*', '*chuva*') e ainda com a identificação de ser este um substantivo feminino, assim como foi empregado pelo informante. Ressalta-se que este termo não é tão comum entre os falantes residentes na zona urbana.

### **Olho**

(363) T2 – Tem menos gema [...]

RS – A gente chama *olho*. (RS; M; f. 26)

*Olho*, que equivale ao termo *gemas da maniva*, é utilizado pelos profissionais da área da agricultura. Serão consideradas as observações referentes à *olho* descritas em momento anterior.

### **Pulverizar**

(364) Ninguém procurô *poverizá* nem nada [...] (JQ; M; f. 35)

*Poverizá* é variante fonética de *pulverizar*, um vocábulo técnico e que apresenta o mesmo sentido tanto para o agricultor como para o técnico, que é o de espalhar um pó ou um líquido na lavoura. No entanto, chama-se a atenção para a mudança na articulação fonética do falante que além de eliminar a ocorrência da consoante lateral alveolar "l", reduz o grau de abertura da vogal alta que se torna menos fechada, que é comum entre os falantes da região.

### **Retonhar**

(365) [...] esse toco que ficô lá, aí nois vem, dá uma limpa, que'le vai torná a *retonhá* novo pé aqui... [...] *Retonhá* e crescê. (RS; M; f. 34)

*Retonhar* foi destacado no levantamento de dados e comentado na dissertação de mestrado de Oliveira (2001b): esta forma não está registrada nos dicionários mais atuais utilizados no primeiro momento; mas, comentou-se naquele trabalho que, na oralidade, é muito comum entre os falantes da região, inclusive foi empregada por um dos técnicos entrevistados. *Retonhar* tem o sentido de *rebrotar*. Localizaram-se também no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da *Academia Brasileira de Letras* (1999) as formas *Retonhar* (v.) e *Retonho* (s.m.). Além disso, investigando-se estes vocábulos em dicionários de edições de datas anteriores, constatou-se a existência das duas formas no *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (5v.) de Caldas Aulete (1964), com o sentido de “rebentar (a planta)” e “rebento vegetal, abrôlho, brôto” (p. 3527), respectivamente. Estes itens lexicais são considerados como oriundos do Minho, segundo Caldas Aulete. Oliveira (2001b) registrou também que esta forma não chamou a atenção inicialmente da pesquisadora por lhe ser familiar. Feita uma ligeira investigação oral sobre a significação de *retonhar*, percebeu-se que a maioria dos sujeitos abordados na região, inclusive com faixa de idade mais avançada, conhecia o termo em questão com o sentido de *rebrotar*. No entanto, alguns dos inquiridos mais novos não o conheciam. Como foi sugerido que este termo poderia ser investigado posteriormente e levando-se em consideração que foi constatado mais uma vez na fala dos agricultores, foi feita uma busca em Houaiss e Villar (2001), neste segundo momento, obtendo-se como resultado para *retonhar* o mesmo sentido de “voltar a dar brotos, o que brotara uma primeira vez”. Salienta-se que este item está registrado com uma data antiga – 1596 – em Houaiss e Villar (2001).

### **Varote**

(366) *Varote* que eu chamo é a manaí/ a manaíva né, é a que nace em vários pés né, em vez de nacê um ou dois, nace cinco, seis pés, assim sem aquela... (JQ; M; p. 38)

*Varote*, em Houaiss e Villar (2001), apresenta-se com uma acepção muito diversa daquela que o agricultor define. O dicionário se refere a uma plantação de erva-mate ainda nova e que se reserva para futura colheita, enquanto que para o informante este termo popular é definido como as diversas manivas que nascem em uma mesma cova.

## 2. Análise do Processo de Interação

A descrição do *corpus* a seguir foi feita através de uma leitura minuciosa da transcrição de todo o diálogo transcorrido entre os técnicos da empresa EBDA e os agricultores convidados para participarem do TMO. A descrição será feita comentando-se as partes em que foram encontrados elementos importantes para serem observados quanto à interação face a face dos componentes envolvidos no processo, de acordo com a fundamentação teórica da interação. Os comentários foram separados em aspectos positivos, quando estes elementos contribuíram para que a interação se processasse de forma mais eficaz e aspectos negativos, quando no decorrer do treinamento ficou patente que a interação não aconteceu, dificultando o objetivo do treinamento. Os aspectos analisados, tanto positivos, quanto negativos, foram agrupados considerando-se os elementos com as mesmas características. Para facilitar o entendimento do leitor, os trechos comentados estão identificados com as folhas a que se referem nas transcrições, no Anexo C. Além disso as falas dos informantes encontram-se em itálico. Seguem os aspectos positivos e posteriormente os negativos:

### 2.1. Aspectos Positivos

Os aspectos positivos são fatores destacados pela investigadora como estratégias adotadas pelos instrutores que contribuem para o andamento das atividades, objetivando uma compreensão mais eficiente das informações prestadas, tanto lingüísticas, quanto metodológicas.

- 1) O T1, às folhas 09/10, terminou de explicar e então indagou aos ouvintes se eles tinham alguma pergunta, deixando a platéia bastante à vontade para que pudessem tirar as dúvidas que surgissem.
- 2) Observou-se que houve uma preocupação por parte dos instrutores em apresentar, ou através de um desenho, ou através da prática, o que estava sendo repassado, para que os agricultores observassem como poderiam processar estas técnicas em seu cotidiano:
  - 2.1.) Identificou-se, como aspecto importante, o técnico ter levado um roteiro escrito, em um papel metro, para auxiliar no desenvolvimento do treinamento.

2.2.) Folhas 12/13: o técnico fez a coleta do solo, junto com o produtor rural, para que ele verificasse como é que deveria ser feita posteriormente, se houver alguma necessidade no seu dia-a-dia.

2.3.) Folhas 28/29: o T1 apresentou um desenho para ajudar a explicar a questão do espaçamento e o sistema de fileira simples e fileira dupla, de forma que ficasse mais fácil quando o agricultor fosse adotar esta prática no plantio da lavoura. Observa-se que o instrutor foi mostrando o desenho e explicando a condução do processo durante a explicação:

(367) T1- [...] então, se eu boto o adubo, já sabeno o espaço certo, chega aqui, de junto, boto outro, esse aqui tá competino com esse. [...] É por isso que é bom, observá o espaço, não só pra mandioca, como todas as cultura [...] tem a parte também de um sombreá o outro, não é... Toda cultura precisa de sol, né, ela precisa de sol pra desenvolvê bem e produzi melhó, certo? E também pra aproveitá melhó o adubo, então cê tem... O ideal na filêra simples... Nós temos a filêra simples... ((falas variadas)) (+) Filêra dupla... isso aqui é um esquema de um... de um... de uma pesquisa que é feita, né, de como a gente deve fazê o experimento, né. Eu trôxe só pra mostrá a vocês... A gente não tá fazeno experimento aqui, né, mas a filêra simples, em que é colocado aqui, ói, cê planta uma semente aqui, certo e aqui, nessa rua aqui, nessa linha aqui, você coloca de sessenta em sessenta centímetros, sessenta em sessenta e de uma... de um sulco desse aqui, né, o... ou rua, né, pra outra né, cê deixa um metro... um metro por sessenta, certo, desde que você não plante também ladêra, certo, em qualqué sentido que você faça o espaçamento, é esse aqui, 1/0,60, cês podem fazê por exemplo, fez essa carrêra aqui, fez... não precisa marcá tudo não, cê fez essa carrêra... essa primêra carrêra aqui, né e aí você já faz um metro e aí já vai abrino na direção da ôtra.

3) O T1 fez comparações, associações, relações com o cotidiano do produtor rural por perceber que facilitaria o entendimento dos participantes:

3.1.) O T1 comparou a análise do solo com o exame de sangue, uma vez que ambos se propõem a diagnosticar no laboratório elementos que estão faltando, que poderão ser compensados, a fim de se estabelecer uma melhoria. Esta comparação simples encontra-se bem no nível de compreensão do agricultor:

## 3.1.1.) Folhas 11/12:

(368) T1 – [...] *Eu costume compará a análise do solo das culturas né, com o exame de sangue do... da gente né, das pessoas, não é isso? Quando a gente vai ao médico, que é que o médico diz? Bom, eu não sei bem o que é...? O médico diz o quê? Primêro, a pessoa chega lá né, diz que tá sentino uma série de problemas, não é isso? De dô, isso e aquilo, o que é que o médico passa logo? Exame... Não faz exame de sangue, de fezes, de urina, que é pra vê, né, vai pra o laboratório, pra vê qual o remédio que vai passá. Na cultura, a gente fala em adubação, mas como é que a gente vai adubá, mandioca, banana, seja qual cultura fô, se a gente não sabe o que é que o solo tem, o que é que o solo precisa [...].*

## 3.1.2.) Folha 21:

(369) T1 – [...] *a adubação não foi a correta, não foi a que... a que a cultura tá precisano, né, como eu falei antes, o médico manda fazê o exame, né, aí o sangue deu que o camarada não pode comê açucá, aí, tome-le açucá... ((risos e falas)) Vai ficá bom, não, vai piorá, a pessoa hipertensa vai comê sal? [...] Então pronto, então a coisa tem que sê de acordo com o resultado daquela análise que foi feita [...].*

## 3.2.) O T1 comparou o solo com um ser humano, à folha 20:

(370) T1 – [...] *aí a terra vai ficano cansada, como se dizem, pra aquela cultura [...].*

## 3.2.1.) O técnico faz uma comparação entre os nutrientes das plantas na adubação e a alimentação das pessoas, correlacionando os processos:

## 3.2.1.1.) Folha 27:

(371) T1 – [...] *Aí ele pega o prato de comida dele como tá ali... ((risos)) Aí ele pega esse prato de comida, e a... distribui aqui, com seu... Como é o nome do senhô? CC– C. T1 – Com seu C. também que é fortizinho, não é da mesma altura, mas é forte, aí pega o rapaizinho, ali, C. dá mais um pouquinho, qué dizê, o prato de comida que era só pra alimentá ele, tá alimentano três. Que é que vai acontecê com ele? CC – Vai ficá fraco. VNF – Fraco... ((risos)) T1 – Não vai alimentá nenhum dos três, então, se eu boto o adubo, já sabeno o espaço certo,*

*chega aqui, de junto, boto outro, esse aqui tá competino com esse. Tá tirano a comida desse e esse tá tirano a comida desse. Então a produção vai caí. É por isso que é bom, observá o espaço, não só pra mandioca, como todas as cultura, como ela colocô, como ele colocô também, tem a parte também de um sombreá o outro, não é... Toda cultura precisa de sol, né, ela precisa de sol pra desenvolvê bem e produzi melhó, certo? [...]*

3.2.1.2.) Folhas 38/39:

*(372) T1 – [...] porque tudo isso aí é competição, a não sê que a senhora já teja próximo a colhê, aí não vai, não vai, não vai prejudicá mais né [...] mas se a senhora planta com, com a cultura em desenvolvimento, lógico que uma vai senti e a outra também vai, é o negócio do prato de comida né, pra dois, três, né? [...] T1 – Aí a senhora diz, não, mas produziu, produziu... mas poderia tê produzido mais. T2 – É igual pegá um menino crescono e dava muita comida, alimentava ele direito, o menino vai ficá forte, se você trabalha com alimentação regrada, de pôquinho em pôquinho, ele vai crescê, só que vai ficá ainda pequeno em relação pra o que ele poderia crescê.*

- 4) Van Dijk (2002), tratando das estratégias semânticas adotadas pelos usuários da linguagem numa conversação, afirma que, como os participantes estão particularmente interessados em evitar conclusões erradas do discurso dos interlocutores, adotam algumas estratégias, a saber, evasivas, correções, adições e atenuações. Destaca-se, neste contexto, a estratégia da adição que se dá quando o falante adiciona algum detalhe, explicando porque alguma crença ou opinião foi expressa. No *corpus* analisado, observou-se que, ao longo do treinamento, o instrutor percebe a necessidade de que os participantes tenham conhecimento da linguagem adotada. Este dado demonstra que o técnico está preocupado em aproximar a linguagem do profissional à linguagem do produtor rural, de forma que ambos tenham conhecimento tanto de uma forma como da outra. Sendo assim, os extensionistas procuram prestar informações que facilitem a compreensão da platéia. Destacaram-se, então, trechos que ilustram a estratégia da adição:



- 4.1.) Folha 14: por ter percebido que às vezes não consegue ser claro no discurso utilizado, o técnico interrompeu o diálogo e procurou saber se o agricultor tinha conhecimento de alguns termos empregados por ele:

(373) T1 – [...] *se o produtô tivesse um trado, cê sabe o que é trado? [...] ...trado é aquele instrumento que você roda, roda...*

- 4.2.) Folha 19: o T1 explicou o termo específico da área da agricultura:

(374) T1 – [...] *análise simples ou completa, né, então se você qué uma análise, você qué sabê tudo né, o que é que você vai... vai precisá colocá, o que é que a terra tá precisano, com recomendação, com tudo, é uma análise completa [...].*

- 4.3.) Folha 20: o T1 falou dos termos específicos e disse como o lavrador os conhecia:

(375) T1 – [...] *analísô, já viu o que é que precisa, se é de mais fósforo, se é de mais potássio, se é mais de... se é de mais nitrogênio, né, então, eu sei que vocês não conhece com esse nome, conhece que é uréia, né, que é o nitrogênio, o cloreto de potássio, quando o camarada, lá do... da casa do fazendeiro... o cloreto de potássio, que é a fonte de potássio, né, e o super simples, que tem um pó e tem em grão, né, que é o fósforo [...].*

- 4.4.) Folha 20: o técnico usou a linguagem adotada pelo trabalhador rural na denominação do adubo e exemplificou como ele costuma fazer ao comprar adubo, de forma que ele possa ser compreendido:

(376) T1 – [...] *Chega na casa do fazendêro, ou na casa, né, qualquer outra casa que vende material de agropecuária, de agricultura e pecuária, o que é que tem lá, dez, dez, dez, certo? Ou então, o produtô chega e compra uréia, então, isso aí é mais o quê, é mais nitrogênio, o que é que o nitrogênio faz na planta, bota ela pra ficá bonita, mais não produz, quando vai vê não tem raiz [...].*

- 4.5.) Folha 21: o T1 verificou se o agricultor reconhecia o termo e o que significava para ele:

(377) T1 – [...] *Então, a adubação orgânica, cê faz a lanço, né, como 'é a lanço? Com 'é a lanço, a adubação a lanço, como é? RS – Jogano, né? T1 – Jogando né, pode fazê isso antes da... antes de ará [...].*

- 4.6.) Folha 22: o técnico estabeleceu uma correlação do produto com o termo que é mais familiar ao homem da zona rural. Por um lado, o técnico está buscando esclarecer e aproximar a linguagem usada pelo colega objetivando a compreensão dos ouvintes:

(378) T2 – *É exatamente ele, e o super simples que ele falô, todo mundo já viu? É o granulado branco... T1 – O pessoal conhece mais a uréia.*

4.7.) Folha 24: o T1 questionou ao produtor e estes dão as várias designações que estão correlacionadas ao termo técnico *maniva*:

(379) T1 – [...] *O que é maniva? O que é maniva?* AM – *É o que se planta pra sai raiz.* RS – *É que corta os pedaços...* AM – *É.* T1 – *E o produtô chama como isso?* AM – *Maniba.* RS – *Maniva.* [...] T1 – *Maniba, manaíba. Então o técnico chama de maniva, não é?* AM – *É, eu mesmo já tô aprendeno a falá...* T1 – *É bom vocês ir se fami/ familiarizano, porque quando falá, você diz, eu sei o que é isso, né?* JQ – *Eu já vi alguém chamá mandiba...*

4.8.) Folha 26: o diálogo gira em torno do termo técnico *gemas da maniva*:

(380) T1 – [...] *Se a senhora planta os toquinho, esse aí não é garantido, né. Né isso?* T2 – *Tem menos gema.* T1 – *Tem menos gema, vou falá aqui, daqui a pouco* [...] Doc – *Cadê a gema?* [...] T1 – *Ói ela aqui.* [...] *Esses nozinhos...* Doc – *E ele chama gema...?* RS – *A gente chama olho.* T1 – *Cê chama olho, né?* RS – *É olho* [...] *Olho da mandioca.* Doc – *E todo mundo conhece como olho, é?* Todos<sup>23</sup> – *Conhece.* Doc – *Tem alguém que conhece diferente?* NIM – *Eu num conheço... só como olho.*

4.9.) Folhas 33: o técnico se certificou se o produtor rural sabia o termo técnico. Como não conhecia, os profissionais passaram a dar as informações necessárias:

(381) T1 – [...] *Quem sabe o que é trato cultural?* JQ – *Já ouvi falá, mas...* T1 – *Já ouviu falá em capina?* JQ – *Capinação, já.* T1 – *É um trato cultural, né...* T2 – *É um trato que você dá na planta...* [...] *É o cuidado que você tem com ela...* T1 – *Entendeu?* T2 – *...é chamado de trato cultural* [...] T1 – *Então plantô, depois vem os tratos, vai... vai fazê uma catação de uma praga né, ou vai aplicá um produto, é... é... é uma, é um trato cultural. Vai fazê o quê... um desbaste, ou seja, tirá o excesso de planta, é um trato cultural, vai fazê uma capina é um trato cultural* [...]

4.10.) Folha 35: o T1 procurou informação sobre o termo técnico e a platéia não sabia:

(382) T1 – *O que é um trato fitossanitário?* (+) JQ – *Trato o quê?* T1 – *Fitossanitário.* JQ – *Fitossanitário... eu não sei.* AM – *Não sei também.* RS – *Pode sê inté...*

Observar como o técnico interrompe o informante: T1 – *Sabe o que é combate a praga?* (+) *Sabe o que é combatê uma doença, uma praga?* Cê tá

<sup>23</sup> Os produtores rurais respondem em conjunto.

*fazeno um trato fitossanitário. ((falas diversas)) Aplicação de defensivos, né, então, a praga [...].*

4.11.) Folha 35: o produtor rural questionou ao técnico:

(383) *T1 – [...] é a da folha que chama de mandarová [...] JQ – Mandarová é o quê, uma largata, uma praga? T1 – Isso, uma lagarta. Só fica o talo, não é formiga não.*

5) À folha 19: o T1 observou a dificuldade em preencher o formulário de análise do solo que vai para o laboratório e colocou os técnicos da empresa EBDA à disposição do agricultor:

(384) *T1 – [...] vocês é... se tiverem dificuldade em preenchê esse questionário, você pode procurá o técnico da EBDA, né, que ele pode orientá vocês, que é uma série de perguntas que é feita, com relação a propriedade e a terra [...] então, esse questionário, o produtô que tivê dificuldade, pode preenchê com o técnico...*

6) À folha 22: o técnico retornou ao conteúdo de uma pergunta que fora tratada anteriormente, com o objetivo de fixar a compreensão do conteúdo:

(385) *T1 – [...] veja bem, quando cê fez aquela pergunta, ‘eu ainda posso adubá’? Eu falei, né, eu digo ói, o superfosfato simples, o cloreto de potássio, a gente coloca na época de plantio na cova, né, embaixo da semente, né, cê coloca, joga um poquinho de terra em cima, que se não, queima a semente. Então, esses dois adubos, cloreto de potássio e super simples, na quantidade que foi recomendada, se coloca... na cova...*

7) Os agricultores procuraram demonstrar o conhecimento que possuem através de sua experiência, tanto para a atividade técnica, quanto para os termos empregados, apesar de algumas vezes não saberem a terminologia adotada. Referindo-se ao que foi discutido em outro momento, relaciona-se a necessidade que os falantes possuem em disporem de informações conjuntas para facilitar o diálogo. Sendo assim, os elementos *conhecimento de mundo* e *conhecimento partilhado* entre os participantes auxiliam no processo. A experiência é um elemento facilitador e que aproxima os participantes da interação:

7.1.) Folha 15: cada um dos participantes procurou demonstrar o que conhece e como desenvolve o seu trabalho na lavoura:

(386) *AM – E o ideal, sabe B., quando a gente fô tirá uma amostra, é fazê isso aí, com cavadô, com o cavadô a gente consegue tirá né, é... é... RS – Cavadêra... AM – Hã, a cavadêra, né, também a gente consegue tirá o bolinho, oh ((falas))*

*a cavadêra, é que aperta... O cavadô.. ((falas)) já aparece aquele entradinho de tirá né, só que vem terra a mais, de que tirá isso com essa aí.*

7.2.) Folhas 22/23: o informante associou os produtos usados nas plantações com as formas, cores, textura e aspecto que são familiares ao seu dia-a-dia:

(387) *T2 – A uréia é aquele pozinho. VNF – A uréia que é o branco. T2 – É o branco. VNF – É o branco que parece um sal.*

7.3.) Folha 29: o agricultor desafiou o técnico e o questionou, isso quer dizer que os informantes procuraram mostrar o valor da experiência que eles trazem, no entanto o técnico conseguiu apresentar um argumento para justificar a questão:

(388) *T2 – E vai desenvolvê mais, se você tem um solo duro, pra raiz penetrá não vai sê mais difícil? Então ela rompê, pra engrossá, pra ficá maió, não vai sê mais difícil? AM – É claro. T2 – Ela não vai tê resistêcia para crescê...? VNF – E como ela sai na pedra? T1 – Como é? Ela não sai na pedra, nos espaços... agora, ela vai empurrano, mas ela não desenvolve do mesmo jeito que ela desenvolveria num solo assim... ((risos)) RS – É tanto que a mandioca que ela planta numa pedra, ela nunca é mandioca, ela é toda cheia de buraco... T2 – Ela é toda atrofiadazinha, porque ela vai procurano os espaços pra desenvolvê.*

7.4.) Folha 30: o agricultor declarou que o seu trabalho é feito sem cálculo, ao contrário do técnico que procura desenvolver as atividades levando em consideração a orientação técnica:

(389) *T2 – [...] um hectare de mandioca aqui, você tira quanto? RS – Eu, eu mesmo, eu não tenho base que nós, eu mesmo, vou fazendo os poucos pra comê e nunca fiz base... ((risos)) T2 – Mais ou menos?*

O T2 está questionando e o T1 muda de assunto: *T1 – Isso aqui foi meu filho... eu pedi pra ele botá um pedaço de maniva aqui ((risos)).*

Então o técnico insiste na pergunta: *T2 – Mais ou menos... RS – Num hectare, mais ou menos ela vai pra... T2 – Aqui na região B. um hectare dá quanto? T1 – A média é treze tonelada por hectare de raiz.*

7.5.) Folha 33: o produtor rural falou que fazia as atividades de acordo com a sua experiência:

(390) *DJ – Porque tem que sabê a verdade mesmo, se ele é o aimpim prantado, a semente certa, pa num prantá pensano que é ôtra mandioca, a toa, e prejudicá*

*a saúde da pessoa. JQ – Já se pranta separado... DJ – É separado... tem que prantá separado...*

7.6.) Folha 35: os lavradores sabiam diferenciar uma *lagarta* de uma *praga*, mas não conheciam o termo *mandarová* que, segundo o técnico, é uma lagarta:

(391) *JQ – Mandarová é o quê, uma largata, uma praga? T1 – Isso, uma lagarta. Só fica o talo, não é formiga não.*

7.7.) Folha 37: chama-se a atenção para o uso da forma *reproduzir* que, pelo contexto, foi apresentada pelo agricultor com o mesmo sentido de *produzir*:

(392) *JQ – Pra produzi mais... AM – Pra produzi, isso. JQ – Pra reproduzi. AM – Isso faz caí a queda do... na produção dela, ou não tem portância?*

As formas lingüísticas utilizadas pelo produtor rural em alguns momentos apresentam desvios na correlação entre a unidade léxica e a acepção adotada, havendo uma dissociação de sentido, sem causar transtorno técnico.

7.8.) Folha 37: o lavrador sabe distinguir os tipos da cultura e as formas lingüísticas de que dispõe:

(393) *JQ – Porque viu B., porque o meu menino mermo, ele plantô uma roça de aim/de... de macaxêra, de aimpim, que agora mermo ele já tá começano com sete meses [...]*

7.9.) Folha 39: o informante sabia as características da praga, mas não sabia a designação terminológica, nem também, deu nenhuma designação popular:

(394) *VNF – Tem uma praga de bananêra... as vez dá pra ficá amarela... aquela praga de bananêra, né isso? Doc – Como é o nome da praga? VNF – Ah, não sei o nome não. Doc – E faz o quê? VNF – Ah, o pé vai ficano amarelado e vem a Morrê e ele num bota, num bota cacho...*

O técnico dá a informação: *T1 – Mal do cigatoca. Doc – Como é o nome? T1 – Mal do cigatoca. Pode sê cigatoca amarela [...]*

8) No que tange à significação do discurso ser atribuída pelos usuários da língua em interação e contextos determinados, van Dijk (2002) defende que na conversação diária, os interlocutores estão permanentemente ocupados, interpretando o fluxo da conversa, isto é, o turno corrente ou a troca de turno do outro falante, com objetivos de, semanticamente, conectar este turno, ou trocar de turno às suas próprias contribuições anteriores e obter a informação necessária para efetuar as próximas trocas na conversação. O autor então conclui que o processamento de coerência semântica local pode ser retrospectivo e

prospectivo. Em relação ao que defende van Dijk (2002), destacam-se trechos do *corpus* que indicam o processo de interação entre os falantes quando tratam de um conteúdo, e um falante procura complementar a idéia do outro, em um sentido prospectivo, a fim de estabelecer uma coerência semântica do discurso:

8.1.) Folha 13: o T1, demonstrando estar interagindo com o colega T2, complementou a informação que estava sendo dada e ilustrou com um fato que havia ocorrido com eles:

(395) T2 – ...da ladêra você plantá, porque normalmente se a ladêra tá assim ((mostra com a mão)), você planta assim ((mostra com a mão)) aí você vem e planta agora o inverso, qué dizê é coisa simples, tá? Vamo fazê a análise? T1 – Só completano aqui o que o colega tá colocano, nós fomos visitá uma área de iame lá em Maragojipe e tinha um plantio que tava justamente, como o colega A. tá colocano, de ladêra abaixo, aí o pessoal da EBDA disse ‘nós tamo cansado de falá isso’ a gente sempre fala isso [...]

8.2.) Folha 16: o técnico estava explicando sobre os diferentes tipos de terra, então o agricultor fez uma observação que confirmou o seu entendimento:

(396) T1 – [...] mas se você vê que a terra tá muito diferente uma da outra, vocês não mistura não. Só se ela tivé a mesma coloração, né? RS – E aqui é uma terra, ali já é outra.

Nesta mesma folha, outro exemplo de interação entre os falantes se apresenta quando o técnico estava falando sobre a terra molhada e o produtor rural justificou e complementou a idéia dizendo com a linguagem específica do seu grupo: T1 – Mas não tá, ela não tá é... tá mais úmida né? ((falas)) Tá mais molhada. RS– É porque sempre um lugá grosso... T1 – É. RS – Ele demora mais com a molha, o fino... T1 – É. AM – ...num instante seca. RS – ...num instante a terra, a água vai embora e o mais grosso não, ele demora mais com a molha e o fino é ligêro. Bateu, o sol bateu já tá enxuto.

Percebe-se que a relação feita pelos informantes é a de que o tipo de solo dificulta a absorção da água. A interação neste momento é evidente uma vez que o diálogo flui do técnico para o informante do gênero masculino e depois para o do gênero feminino.

8.3.) Folha 36: o produtor rural questionou preocupado com a compreensão dos outros companheiros, uma vez que o agricultor reconhece a argila como barro:

(397) *JQ – Eu queria fazê uma pergunta, é... você já falô aí várias veze é... solo agiloso, né, agiloso, agila, né, contém agila, né, o solo que contém agila é aquele solo que tem mais a natureza que é do barro, que a gente chama barro de telha, é cerâmica, né, massapê né... [...] Que fala em agila, agiloso né, as pessoas teem que sabê né, qual a natureza ... T1 – Arenoso, arenoso é mais fácil de compreendê que vem de areia, né? JQ – De areia... T1 – ARENOSO...*

O outro técnico ajudou a explicar: *T2 – Normalmente quando cê pega, quando tá molhado cê pega aquelas bola e ruma nos outros e dá uma dô danada, né isso? [...] Cê observa logo, quando você tem um solo muito argiloso, quando chove, fica aquela poça, aquele negócio, aquele bem carregado...*

E o outro retornou ao assunto, auxiliando ao colega: *T1 – Uma dica que eu tenho pra dá pra vocês é o seguinte, se vocês tem um solo com muita areia, você coloca o adubo orgânico pra ele ficá mais consistente, se você tem o solo muito argiloso, a... o próprio adubo orgânico melhora as condições química dele.*

8.4.) Folha 36: referindo-se às afirmações de van Dijk (2002), destaca-se a questão do processamento de coerência semântica local, que pode ser retrospectivo e prospectivo. Quanto a este item, coloca-se em evidência um trecho do TMO em que o técnico e o produtor rural definem juntos o sentido de *adubo orgânico*, em que se constata um retrospecto na fala do agricultor, a fim de dar uma informação mais condensada e completa sobre o assunto:

(398) *JQ – Adubo orgânico, eu conheço como que fosse o adubo de galinha, o de gado, é esterco de ovelha, é... e me parece que tombém esse adubo que é titurado, do... do lixo, aquele né, orgânico? Né, o lixo? T2 – Resto vegetal, orgânico, resto de alimentação... o processo de decomposição, o processo de tá fermentando, aí ele se torna bom pra colocá na, no plantio, isso é que é também adubo orgânico...*

9) O profissional da área da extensão rural aproveitou o treinamento para dar orientações técnicas e aconselhamento inerente à área agrícola bem como sobre assuntos gerais, objetivando a expansão do conhecimento do produtor rural:

9.1.) Folha 10: o agrônomo, ao falar sobre a diferença entre o *aipim* e a *mandioca* solicitada pelo participante, aproveitou para chamar a atenção para o cuidado que

deve ser tomado ao se comer esta raiz, desde quando a raiz da mandioca deve ser mais usada como matéria-prima na produção da farinha:

(399) *T1 – [...] de vez em quando aparece uma reportage na televisão né, pessoas que são envenenadas comeno raiz de mandioca crua né, o próprio animal né, se você pega as folhas, né, não deixá exposta ao sol né, durante vinte e quatro horas né...*

9.2.) Folha 18: o T1 informou sobre medida:

(400) *T1 – Porque um hectare são dois vírgula tarefas [...].*

9.3.) Folha 20: o T1 aproveitou para aconselhar:

(401) *T1 – [...] aí ele vai dizê quanto é que usa por hectare e se vai comprá aquela quantidade, nem mais e nem menos. Por que nem menos? Porque não vai sai como tá recomendado. E porque não vai comprá mais, porque adubo não é pra se guardá, porque tem prazo de validade, né, cês tem que comprá a quantidade que cês vão utilizá ou então um pouco maió, se você vai utilizá menos de um ano, né, dentro da validade, aí cê pode comprá pra aproveitá o preço, mas o ideal é que vocês compre o que vocês vai utilizá, né [...]*

9.4.) Folha 20: o T1 informou o que aconteceria ao comprar o produto errado:

(402) *T1 – [...] compra uréia, então, isso aí é mais o quê, é mais nitrogênio, o que é que o nitrogênio faz na planta, bota ela pra ficá bonita, mais não produz, quando vai vê não tem raiz, ela tá toda viçosa, bonita, porque o nitrogênio, né, ele dá o desenvolvimento da planta, se colocá demais aí, fica, é o que chama de estiolamento, ele fica compridão... Quando cê vê falá estiolado, é que ele fica compridão, pode ficá verde, mas quando vai vê não tem produção... É justamente isso, é porque a adubação não foi a correta, não foi a que... a que a cultura tá precisam [...]*

9.5.) Folha 28: o técnico aproveitou também para apresentar as vantagens do sistema de plantio:

(403) *T1 – [...] E esse sistema de filêra dupla é bom também pra quem tem pouca área. [...] vai plantá sua mandioca, né então com a filêra dupla, nesse espaço aqui de dois metros, cê vai plantá um feijão, um amendoin, um milho, então cê vai tê duas, três culturas numa mesma área. Aí cê diz assim, não, ‘mas a mandioca vai sê pouca’, engano, a quantidade de pés vai sê menó, mas a produção, ó, vai sê pau a pau com a filêra simples. T2 – Porque a área vai sê maior, então ela tem como a raiz desenvolvê. T1 – Ela vai desenvolvê mais de*



*um lado e do outro, a questão da... do sol, vai batê bem de um lado e do outro, né então não vai interferi na produção e você vai tê uma produção tão grande como a da fileira simples e vai aproveitá mais a área pra plantá o amendoim, pra plantá o feijão, pra plantá o milho. [...] T2 – Na verdade as pessoas têm receio de como tem poucas plantas, automaticamente tem pouca raiz e não é verdade, porque com muito espaço você tem condições da raiz desenvolvê, tem menos concorrência na comida propriamente dita, então em vez disso o quê que vai acontecê? Ela não vai deixá de desenvolvê porque tá uma perto da outra, ela com essa distância daqui, vai tá desenvolvendo porque ela tem todo espaço possível.*

- 9.6.) Folhas 28/29: o informante procurou saber se seria melhor fazer o plantio através de *buraco* ou *cova*. O profissional aproveitou a oportunidade ao apresentar a resposta para dar algumas orientações a respeito de forma de plantio e tipo de solo, inclusive onde adotar o plantio através de *cova* ou de *mussuca*:

(404) *VNF – E sim, qual o melho pra plantá ela é fazê a cova ou cavá de buraco? [...] fazeno a cova um pôquinho alta ou cavano de buraco, sem fazê a cova? [...] Doc – E tem diferença de buraco pra cova? T1 – Tem, tem, [...] T1 – Veja bem, geralmente, se a senhora fô num lugá do semi-árido, lá onde chove pouco, o pessoal vai plantá mais em buraco... Né? Doc – E qual a diferença? T1 – A diferença é a questão da umidade do solo, né, então cê tem, se a senhora tem um lugá que chove mais, lógico que a senhora não vai botá em uma cova, né, no que chama mussuca, né? VNF – É. T1 – Cova virada chama mussuca, porque vai ficá um pouco suspensa. Já no lugá que chove menos, a... a... a maniva vai precisá de um lugá mais úmido, né isso, então tem que sê um buraco, né, que já imaginô num lugá que chove pouco, a senhora ainda fazê uma mussuca, né, aí ali vai secá, ali é que não vai nada. T2 – Não vai tê água. T1 – [...] pra mussuca, é mais num lugá que chove mais, né, lugá que tem mais umidade e o buraco no lugá que tem pouca umidade, ou seja, lugá que tá menos molhado.*

- 9.7.) Folha 30: então o técnico aproveitou para explicar o que seria *produtividade*:

(405) *T2 – Treze toneladas de raiz. Treze, isso você produziu, se você chegá a quatorze, quinze, você chegô a uma produtividade, se você chegá dentro de treze toneladas, se você chegá cinco toneladas, você não deixou de produzi,*

*deixou? RS – Não, não. T2 – Você produziu... só que você não alcançou a produtividade. É o máximo que naquela área se colhe [...].*

9.8.) Folha 37: o técnico deu uma explicação sobre o que é ciclo:

(406) *T1 – Ói, existe uma coisa chamada ciclo, se o ciclo, ou seja, a cultura é pra se, é... é pra, é... a produção dela é com um ano né, o que passá daí, a tendência é diminui, por isso que vocês não pode demorá de fazê a colhêta, se você demora de fazê a colheta, a produção... [...] a produção diminui, tendeu? Por isso que eu não tenho, eu não tenho esse dado de pesquisa, mas eu acredito se ela com, chegô com, completô o ciclo, chegô no tempo de rancá e não rancá, a produção tende a caí. Agora, inhame, inhame, eles usam muito a questão da capaço que ele tira aquela semente tuberosa grande, corta e dêxa ali e vai nascê as, nas extremidades vai sai aquelas ali, que eles utiliza pra replantá, agora, pra mandioca... mandioca passô o ciclo, dêxô lá, a produção vai caí, a tendência é caí.*

9.9.) Folha 43: o T2 aproveitou para dar orientação quanto às ações das associações:

(407) *T2 – [...] A associação é isso, vocês se juntarem pra que vocês tenham compra de produtos mais barato, pela quantidade e vendê o seu produto também mais caro, com um preço melhó e em locais que normalmente você sozinho não chegaria, porque você não tem uma quantidade, você não tem condições de talvez mandá em Salvador, mas um grupo tem condições de fazê isso, então, além de você plantá com qualidade, tem que tê uma preocupação de você vendê bem [...]*

9.10.)Folha 44: o T1 definiu o que é ser competitivo na comercialização dos produtos:

(408) *T1 – O que é sê competitivo? É você também chegá no mercado e vendê o seu produto tanto quanto aquele que veio de fora né, ou mais, que você não tá pagano transporte, não tá pagano nada... Como é que justifica uma farinha vim do Paraná, chegá aqui mais barato do que a da Bahia, não justifica, né? Isso é o efeito da globalização, qué dizê, não tem mais fronteira né, antigamente se trocava um produto até por outro produto, ou seja, você tem um... banana troca por sabão, né, camarada tinha farinha troca por óleo, isso há muitos anos atrás né, é o que diz produzi pra dentro da portêra, hoje é fora da portêra, né, a coisa mudô muito, evoluiu de tal ponto que vem de outro país, pra que aqui, né, e as veze chega com um preço melhó, mas o que é isso? [...]*

## 2.2. Aspectos Negativos

Os aspectos negativos são fatores destacados como elementos que interferiram no andamento das atividades, prejudicando a compreensão das informações prestadas aos ouvintes do treinamento. São eles:

- 1) Ressaltam-se as primeiras vinte e três expressões da fala do T1 extraídas logo no início da fala do instrutor do TMO. As citadas expressões encontram-se abaixo relacionadas e foram consideradas como formas que apresentam dificuldade de compreensão por parte do agricultor em uma atividade desta natureza, no início do evento. Para fins de melhor compreensão do leitor estas expressões encontram-se em itálico e contextualizadas:

### 1.1.) Folhas 09/10:

- (409) *EBDA é uma empresa baiana de desenvolvimento agrícola*
- (410) dando *orientação técnica e extensão rural*
- (411) *treinamento de mão de obra*
- (412) *unidade de demonstração da própria mandioca*
- (413) realizamos excursões pra *Embrapa*
- (414) *no andamento do treinamento*
- (415) vocês *implante* a cultura da mandioca
- (416) Geralmente pega a *melhó área* pra banana, pra feijão, não é, pra *frutêra*
- (417) produzi mais e o produtô tê um *melhó retorno*
- (418) o solo tem que sê *areno-argiloso*, nem areia pura, nem argila pura
- (419) *solos [...] férteis*
- (420) *solo [...] que seja bem drenado*
- (421) na terra, então ela tem que tá bem *destorroadinha*
- (422) *ará, passá uma grade*
- (423) *aração recomendada pela técnica é de 15 a 20 centímetros*
- (424) já fazem algumas *práticas corretas*
- (425) *gradagem [...] após a aração*
- (426) a gente coloca nessa *seqüência [...] o encoivramento*, pra depois queimá
- (427) *o solo tem seus nutrientes*
- (428) *sai devastando tudo*
- (429) faça a queima e depois a *destoca*
- (430) a *tecnologia*, né as *técnicas de experimentos*
- (431) *assistência técnica.*

2) Apesar de que em algumas vezes o técnico procurou se aproximar dos participantes, como foi colocado na relação dos aspectos positivos, percebe-se que, em alguns momentos, o extensionista optou por uma linguagem muito além do entendimento do agricultor, o que pode ser observado através da transcrição dos dados do TMO. Seguem abaixo alguns trechos em que se constataram estes equívocos por parte dos instrutores do treinamento. As formas sublinhadas foram consideradas difíceis para o homem da zona rural compreender; algumas vezes elas se repetem por estarem em outros contextos:

2.1.) Folha 12:

(432) T1 – [...] *então, o que é que acontece, vai se plantá a mandioca... fez a cova, bota logo o cloreto de potássio, que é a fonte de potássio e o super simples, que é a fonte de fósforo, embaixo, né, joga um pôquinho de terra, joga o adubo e cobre. Trinta a quarenta e cinco dias é que você faz a adubação nitrogenada, né, pode sê uréia, né, cê coloca na linha do plantio né, esse é o recomendado, certo? [...]*

2.2.) Folha 21: o técnico vai prestar um esclarecimento, mas a forma adotada por ele para dar a explicação e a linguagem empregada tornaram este trecho difícil para compreensão:

(433) T1 – [...] *Porque muitas vezes não precisa do calcário, né, o calcário a pessoa coloca, por exemplo, quando chegá a análise de solo, vai vê se seu terreno tá ácido, porque eles chama que tem o pH, o pH baixo, né, abaixo de... de sete, né, abaixo de seis e meio; sete então, mais não é todas as culturas que necessita de fazê a calagem, né, esses experimentos que a pesquisa vem fazendo tem demonstrado que a mandioca não responde ao calcário, que é que eu quero dizê com isso? É que não necessita, não... não, o calcário não faz aumentá a produção de mandioca, pode fazê aumentá a produção de banana, pode fazê a de coco, mas os... os experimentos que foram feitos, quase que não teve resposta nenhuma pra calcário. E eu tô sempre batendo na tecla, né, tô sempre dizendo que a gente tem que evitá o custo, tem que diminui custo, né, a gente tem que gastá menos, pra ganhá dinheiro, né isso? Tem que gastá menos. Então, se o calcário pra mandioca, nos experimentos que foram feito pela pesquisa, diz que não tá dando resultado, não tá interferino, não tá modificando a produção, porque que é que eu vou comprá o calcário? Não é? [...] Se falá assim, tá precisano de nitrogênio na planta. Tá precisano de uréia, né? Tá precisano de fósforo... Cê pode usá o superfosfato simples, tem também*

*o superfosfato triplo, que é o mais forte... não, ali a gente tá precisando mais de potássio, cloreto de potássio, essas quantidades que foi colocada aqui, é quando você não faz análise de solo, então, em média, as... o... o... é recomendado você colocá sessenta e sete quilos por hectare, de uréia; superfosfato simples, trezentos e trinta quilos por hectare e o cloreto de potássio, cinquenta quilos por hectare. Certo?*

2.3.) Folha 23: chama-se a atenção para o grande número de lexias distantes da fala do agricultor, num agrupamento pequeno de fala do instrutor, dificultando o entendimento da platéia:

(434) T2 – *Quando você compra o dez, dez, dez, cada solo tem o nutriente já existente. Se você usa esse dez, dez, dez, se você já tem nitrogênio, cê tá aumentano esse nitrogênio, o que é que vai fazê, há outras fontes de potássio e de... é... de fósforo, vai, faz... vai ficá inibido, porque se tem muito um, que é o nitrogênio, os outros vão ficá inibido, e na realidade, o que é que... vai só fornecê nitrogênio. E aí a planta cresce, cresce, a raiz não desenvolve...*

2.4.) Folha 45: ressalta-se a linguagem utilizada pelo T2, neste momento de atendimento a um caso específico ao produtor rural:

(435) T2 – *Porque olhe só, se colocá, um de... de determinado herbicida tem que vê se ele é pró-emergencial, é pré-emergencial, então, tem que tê uma preocupação com isso, que daqui a pouco, pode tá botano, pode ficá o solo, durante um período até muito grande, sem podê utilizá o solo. Tá entendeno? [...] Vê se tem que tê alguma forma biológica, forma orgânica de combatê isso também. Tá bom?*

3) Como o planejamento das atividades é um fator primordial para que a eficácia do treinamento esteja garantida, os instrutores deverão prever todos os entraves, como a dificuldade de material disponível no campo, a localização da área, enfim todos os aspectos que podem dificultar o processo:

3.1.) Folhas 17/18: o informante justificou a sua pergunta com o não entendimento do grupo, isso quer dizer que o treinamento, apesar das dificuldades, deve prever todas as etapas, com práticas tecnicamente corretas, de forma que os treinados entendam, ou chamar bem a atenção dos presentes para as dificuldades de circunstâncias do treinamento, a fim de que haja um entendimento por parte de todos os participantes. Destaca-se todo o trecho para justificar a argumentação acima:

(436) AM – *Por exemplo, aí tem essa areia, esse... esse barro solto aí em cima, né, é de... é... é... com 'é assim, a gente pode fazê como... como... vamo dizê, tá fazeno aí, que não raspô ou é melhó, assim, fazê bem lisinho que não misture com essa terra aí? T1 – É, não... não... aqui não é o local recomendado não, a gente tá só demonstrano. AM – É isso, eu sei. T1 – Né. Porque aqui se fô feito dessa manêra como tá sendo feito aqui, em cima da... da... da terra... AM – É. T1 – Né, aqui tem o quê, tem folhas, tem o bagaço... AM – É. T1 – A formiga passô por aqui, já trabalhô essa área, então, o lugá, se você tivé um lugá acimentado, ou se não tivé, pega um plástico, forra, né? AM – E até dentro do balde mesmo, pode sê? T1 – Pode sê dentro do balde, mas eu digo, quando você tem muitas, né? AM – É, muitas... T1 – Uma área maió, como ele mesmo perguntô, vamo dizê que ele tirasse, vinte amos/ vinte, de vinte partes ali... ((falas)) Aí, aí, você vai, vai coletano no balde e vai colocano naquela área, né, uma área forradazinha, vai misturá bem... AM – Por que aí misturô, né? T1 – É. AM – A terra misturô com essa aí né? Porque quem já modificô, né, porque quem tá, pode não entendê, né? [...] T1 – ...faz de conta que aqui tava forrado, né, ói, né? [...]*

3.2.) Folha 18: no momento em que o técnico vai preencher o formulário num treinamento deste, percebeu-se que, se o agricultor tivesse algumas cópias para acompanhar a explicação, seria mais fácil de entender, uma vez que alguns dos presentes são escolarizados. Na verdade, apenas três não eram escolarizados dos que prestaram informações para o preenchimento das fichas de identificação da pesquisa.

4) O técnico fazia a pergunta aos participantes do treinamento e não aguardava a resposta ou ele mesmo respondia. É preciso, então, estar atento à condução da atividade educativa. Recorrendo à Santos (2002), ao analisar o discurso em sala de aula, destaca-se que o professor tem um papel central, embora procure reverter esse quadro, colocando o aluno e as atividades em grupo como o centro do ensino. A autora afirma que o professor mantém o turno por longo tempo, através de artifícios como a indiferença à resposta do aluno mediante o silêncio, o uso de perguntas que simulam a participação do aluno e o uso de operadores modais que fortalecem o poder em sala de aula e finaliza afirmando que o aluno ocupa, por pouco tempo, o turno.

Percebe-se, então, que no processo de transmissão de conhecimento, é necessário estimular a participação e compreensão dos participantes através de perguntas que tornarão

a dinâmica do treinamento mais eficiente, aspecto não evidenciado em alguns momentos ao longo do TMO:

4.1.) Folha 10: o instrutor ao longo do diálogo mudou de assunto sem observar o entendimento do produtor rural:

(437) T1 – [...] *não deixá por vinte e quatro horas exposta ao sol, pra ela murchá um pouco né, o animal também pode né, pode vim a tê problemas sérios e até a morrê... (+) Continuano né, a adubaçã... a adubaçã, antes de qualqué coisa... de falá, antes de comprá o adubo né, você tem que fazê o quê, a análise do solo, né? [...]*

Isto indica que o profissional não observou a compreensão da platéia e conseqüentemente se o objetivo daquela etapa do treinamento tinha sido alcançado, pois toda e qualquer exposição de informação necessita de verificação do entendimento dos ouvintes.

4.2.) Folha 22: o técnico perguntou e logo depois informou as características dos produtos questionados:

(438) T2 – *Todo mundo sabe o que é um cloreto de potássio que ele falô aqui? (+)*  
*((tosse)) Cê já viu aquele vermelhinho, granuladozinho vermelho...*

4.3.) Folha 30: o técnico fez várias contas seguidas. Pergunta-se, será que os ouvintes entenderam o que estava sendo transmitido? Apesar de um dos agricultores ter acompanhado e respondido o que foi perguntado, considera-se que estes cálculos feitos mentalmente sejam difíceis para a compreensão dos participantes:

(439) T1 – *Quantidade de manaíva, foi feito uns cálculos aí, a gente sabe mais ou menos quanto é né, então de quatro a seis metros cúbicos de haste para plantio de um hectare, então veja bem, com manivas de vinte centímetros, seiscentas hastes dessa aqui, cê tirando, as... as extremidades né, a parte de cima e a parte de baixo da base, fica mais ou menos, vamo dividi uma pela outra, cinco metros, aí você tirando de vinte em vinte centímetros, dá cinco covas, não é? O suficiente pra cinco covas, né, então com seiscentas hastes, você tem três mil manivas que dá um metro cúbico, então, vamos botá aqui, entre quatro e seis, vamo dizê que um hectare pede cinco metros cúbicos... Então aqui, vai dá o quê? Três mil vezes cinco, quinze mil, quinze mil o quê? Pedacos daquele, né, ou seja... RS – Quinze mil covas, quinze mil buracos.*

4.4.) Folha 36: o técnico fez uma pergunta e ele mesmo respondeu:

(440) T1 – [...] *O que é a rotação de cultura? É i mudano o produto, certo?*

No entanto, o produtor rural, com a sua experiência, determinou o que pode ser plantado, antes que o técnico conclua a seu pensamento: *CC – Só presta isso aí... banana, né... O lugar que apodrece muita mandioca, é bom, só dá banana, quiabo, esses negócio... esses daí não apodrece. T1 – Qu'ê solo pesado... CC – É solo pesado... a mandioca não guenta, a banana não apodrece.*

4.5.) Folha 44: a documentadora questionou, por curiosidade, sobre a diferença entre a *cepa* e a *raiz*; o técnico respondeu, no entanto, mudou logo de assunto, passando para a finalização do treinamento:

(441) *Doc – É... qualé a diferença da... da... da cepa que você tá falano e a raiz? T1 – A cepa é essa parte grossa aqui né... Doc – Ah! T1 – Olhe, eu quero dizê a vocês aqui, eu quero dizê a vocês o seguinte, esse bate papo hoje...*

4.6.) Folha 45: o técnico estava explicando como combater um mato resistente que estava nascendo na lavoura do agricultor:

(442) *T2 – Porque olhe só, se colocá, um de... de determinado herbicida tem que vê se ele é pró-emergencial, é pré-emergencial, então, [...] Vê se tem que tê alguma forma biológica, forma orgânica de combatê isso também. Tá bom?*

Imediatamente, o T1 tomou a palavra e, para encerrar o assunto e o evento, fez as considerações finais do treinamento, sem se dirigir aos ouvintes para questionar o entendimento, compreensão e satisfação do conhecimento adquirido: *T1 – Pode fazê? ((falas)) Bom, eu queria agradecê a presença de vocês, né, por esse bate papo hoje, a gente chama de treinamento de mão de obra, TMO, né, como tá aqui né, treinamento de mão de obra, certo, sobre a cultura da mandioca, que foi um treinamento, foi um bate papo né [...]*

5) Em alguns momentos, percebe-se, claramente, a dissociação de interação entre os falantes do discurso, quando um integrante do processo procura traçar um caminho, que não é seguido pelo outro. Quanto a este aspecto, chama-se a atenção para o fato de que quanto maior o número de envolvidos no ato comunicativo, maior o grau de dificuldade para se estabelecer a interação. Kerbrat-Orecchioni (1990) propõe que quanto mais aumenta o número de participantes ativos, mais o funcionamento da interação se complica, no que se refere à tomada de turno, uma vez que os diferentes participantes não partilham, necessariamente, dos mesmos interesses, nem dos mesmos saberes.



Verifica-se, então, que apesar do objetivo do treinamento girar em torno de um tema comum – a agricultura – em que de um lado, o extensionista pretende apresentar elementos facilitadores para o plantio; do outro, o agricultor tem o objetivo de estabelecer um elo com as técnicas trazidas pelos instrutores, a fim de melhorar o seu dia-a-dia, apesar disso, é visível que em alguns momentos este elo não se estabelece. Além deste aspecto, ainda convém lembrar aquilo que foi apresentado anteriormente como motivo para que a interação não se configure, como a timidez e a insegurança dos agricultores frente ao discurso dos profissionais, em decorrência também da assimetria constante no processo de interação entre falantes com conhecimento diferenciado. Seguem abaixo exemplos retirados do TMO que ilustram esta dissociação na interação:

5.1.) Folha 13: o instrutor, ao ser questionado quanto ao apodrecimento da raiz da mandioca quando *ainda não com um ano ou após um ano*<sup>24</sup>, procurou levantar características específicas da área, do terreno, da escolha da maniva a ser plantada, das pragas e doenças, buscando a causa para o problema questionado pela agricultora. Mesmo depois de fazer toda esta investigação através de perguntas muito diretas e de ter descartado o fator mais lógico para dar a resposta, justificando a causa do apodrecimento da raiz – alagamento do terreno – o técnico informou que vai retornar a pergunta posteriormente e deixa o produtor rural sem a resposta pretendida. Percebe-se que o técnico tinha uma intenção pré-determinada do caminho a ser seguido e posterga a informação requerida pelo agricultor para apresentá-la em uma oportunidade posterior.

5.2.) Folha 19: o técnico estava explicando sobre o preenchimento do formulário, e então o agricultor fez uma pergunta completamente diferente, indicando que neste momento ocorreu um desvio no processo de interação:

(443) *TI – [...] então, esse questionário, o produtô que tivé dificuldade, pode preenchê com o técnico... VNF – E qual o período que a pessoa pode plantá, fazê uma plantação de uma mandioca para ôtra? A gente plantô assim uma mandioca, que nem lá mesmo, nós temos uma que tá com três anos [...] a gente tem que fazê o quê?*

5.3.) Folha 21: o técnico estava falando sobre a quantidade do adubo que deve ser colocada e o lavrador tomou a palavra referindo-se à forma de como vai ser colocado o adubo, interrompendo o discurso:

---

<sup>24</sup> Palavras do informante

(444) T1 – [...] é recomendado você colocá sessenta e sete quilos por hectare, de uréia; superfosfato simples, trezentos e trinta quilos por hectare e o cloreto de potássio, cinqüenta quilos por hectare. Certo? RS – Aqueles adubo ali tem que sê lançado, né? T1 – Não... não... o lançado é adubo orgânico [...]

5.4.) Folhas 36/37: um dos técnicos mudou o assunto sobre o que o colega estava falando:

(445) T1 – Colhêta, né, colhêta, completado o ciclo né, as folhas mais velha começa a ficá amarela, cai né [...] Então tem que vê tudo isso, porque não é só, não é só um fatô, né, não é só, ficô amarela, porque tá madura, né ou então deu um problema né, pode sê a semente, pode sê a adubação, pode sê uma praga, pode sê uma doença, entendeu, então as coisas tem que sê observada, tem que acompanhá né, e sempre que não tivé a resposta, procurá um técnico. Porque uma coisa pode parecê que, que, que é o problema e muitas vezes não é né, é mais de uma coisa. Muitas vezes até amareleceu porque o sol foi muito intenso e as vezes não é problema nenhum. T2 – Agora falá de uma coisa que vocês mais gosta né, de lucro.

5.5.) Folha 37: os técnicos tentaram mudar de assunto para falar sobre *lucro*, mas o informante retornou para outro assunto:

(446) T2 – Agora falá de uma coisa que vocês mais gosta né, de lucro. T1 – Ah, isso é o que eu mais gosto de falá também... ((risos)) AM – É, é quando a gente pranta a maniva, então nasce muitos olhos, né, assim, aí o pessoal, tem algumas pessoa que tem a mania de pegá e diz que tirá a metade dos olho dela e deixá só um, aquele bonitão, dois né, um ou dois e rancá os outros três, que as vezes dá três, quatro, isso é certo? Ou então quando ela também já tá grande, que ela tá toda esgalhada, quando a gente vai limpá ela, a gente tem uma mania de tirá uma galha daqui, tira uma galha de lá, dizem que... pra ela crescê... são duas pergunta.

Sendo assim, a informante fez uma pergunta referente ao *desbaste*, mas o técnico respondeu sobre outro assunto, a *colheita*: [...] AM – Isso faz caí a queda do... na produção dela, ou não tem portância? T1 – Ói, existe uma coisa chamada ciclo, se o ciclo, ou seja, a cultura é pra se, é... é pra, é... a produção dela é com um ano né, o que passá daí, a tendência é diminui, por isso que vocês não pode demorá de fazê a colhêta, se você demora de fazê a colheta, a produção... [...] a produção diminui, tendeu? Por isso que eu não tenho, eu não tenho esse dado de pesquisa, mas eu acredito se ela com, chegô

*com, completô o ciclo, chegô no tempo de rancá e não rancá, a produção tende a caí. Agora, inhame, inhame, eles usam muito a questão da capação que ele tira aquela semente tuberosa grande, corta e dêxa ali e vai nascê as, nas extremidades vai sai aquelas ali, que eles utiliza pra replantá, agora, pra mandioca... mandioca passô o ciclo, dêxô lá, a produção vai caí, a tendência é caí.*

5.6.) Folha 38: o instrutor está se referindo à rotação de culturas e o informante, ao cultivo consorciado, que são assuntos tecnicamente diferentes:

(447) *TI – [...] O que é a rotação de cultura? É você tá mudano a cultura, certo? Descansá a terra ali, com aquela, com aquele, por exemplo, plantô mandioca muitos anos, descansa um pouquinho, dá dois anos aí planta feijão, planta milho, que se não, a produção também vai caí. Então tem que fazê a rotação de cultura, tem que i mudano, se tem duas, três área, ali onde não tinha mandioca, planta mandioca, onde tava mandioca planta ôta coisa, planta o amendoim, que amendoim também vai bem né... VNF – E quando se planta, que nós somos costumado a plantá assim, no período de março mesmo né, aí uma área só pa, que não se tem tempo de fazê tanta área, então uma área só a gente planta a mandioca e planta feijão, no fundo da mandioca, das cova, se planta feijão, ou as vezes batata, ou as vezes mesmo amendoins, no fundo da cova, da... da mandioca.*

Os técnicos retornam à questão da competição das culturas: *TI – Mas o bom mesmo pra senhora fazê o consórcio, é com a filêra dupla, com espaço maió, porque tudo isso aí é competição, a não sê que a senhora já teja próximo a colhê, aí não vai, não vai, não vai prejudicá mais né, se já tá próximo a colhê, não vai tê mais o que prejudicá, né, mas se a senhora planta com, com a cultura em desenvolvimento, lógico que uma vai senti e a outra também vai [...].*

5.7.) Folha 45: o diálogo está acontecendo sobre o problema na utilização de herbicida para exterminar um mato no terreno da agricultora, então o técnico muda o assunto para as considerações finais. Não contente com isto, o agricultor retorna com a questão anterior, absorvido pela curiosidade, ou a fim de prestar uma informação através da experiência de que dispõe:

(448) *TI – O impor/ é bom mesmo vê isso, entendeu, pode fazê as considerações finais? JQ – Viu B., é... é... é... esse é, essa, esse matozinho, ele, ele não tem o*

*conteúdozinho de uma batata embaixo, ele é todo conteúdo de batata, as batatinhas, aí ele sai assim oh...*

### III. ETAPA III: Glossário

A Etapa III concerne à elaboração do glossário composto por formas específicas ou não da área da agricultura pertinentes ao repertório dos técnicos e dos agricultores. Após o levantamento de itens lexicais constantes nas entrevistas entre a documentadora e os agricultores e no Treinamento de Mão-de-obra, organizou-se o glossário. Observou-se, neste levantamento, a ocorrência da forma lexical, o sentido contextual ou o sentido dado pelo informante em questões diretas e específicas quanto à identificação de itens lexicais, processos e instrumentos usados na agricultura. Os significados dos vocábulos destacados da fala do extensionista ou do agricultor, além de estarem de acordo com o contexto, apresentam-se relacionados às acepções constantes em dicionários gerais da língua, com significados similares àqueles empregados pelos informantes na pesquisa de campo. Algumas das definições têm a característica de serem longas, uma vez que apresentam as considerações dos informantes face ao conhecimento mais corriqueiro e familiar ao lavrador. Sendo assim, o verbete é constituído de uma linguagem simples e objetiva, cuja função é a de prestar uma informação segura àquele que o consultar. Vale a pena ressaltar, também, que na organização do glossário, as definições apresentadas estarão formuladas segundo a norma culta. Por outro lado, algumas lexias descritas e analisadas são apresentadas com as especificidades fonéticas com que foram realizadas pelos informantes. Além disso, algumas adaptações foram inseridas pela pesquisadora nas considerações apresentadas pelos informantes, a fim de tornar a acepção mais unificada e clara para os usuários, ou seja, os substantivos definidos com nomes, os verbos com ações, dentre outras que se fizeram necessárias; bem como a reunião de informações a fim de tornar a definição da unidade léxica um conjunto de idéias mais completo para o leitor, observando-se para que não haja desvio no sentido apresentado. Em cada verbete, sempre que possível, colocou-se um trecho da fala do informante, contextualizando-se o item lexical que está sendo definido.

Borba (2003) chama a atenção para a informação de que em um dicionário de usos de variação tanto espacial, como social, os diferentes registros são utilizados pelas pessoas nas diferentes situações da vida social. Trazendo esta orientação para este estudo, salienta-se que o glossário, aqui apresentado, analisa uma comunidade lingüística rural, pertencente a uma classe social menos favorecida ao se comunicar com um profissional

também da região, contudo social e culturalmente distante dos trabalhadores rurais. O registro da coleta dos dados é a realidade *in loco*, em um jogo de ação e reação muito ativo entre os sujeitos envolvidos, o que torna o mais real e fiel possível o resultado da investigação no que diz respeito à linguagem da comunidade estudada. Não há como esquecer que se analisaram os termos técnicos e que foram mesclados por termos correntes e mais gerais. Então, a uniformidade e a delimitação da situação analisada é bastante clara e específica.

Na estruturação dos verbetes, a entrada lexical se fez, inicialmente, por ordem alfabética dos termos técnicos ou não, seguidos das definições absorvidas na análise dos dados. Em alguns momentos o ponto e vírgula separa a definição individual dos informantes, indicando o pensamento de cada um sobre o item lexical. As formas do glossário pertencem tanto ao repertório do extensionista, quanto à linguagem regional do homem da zona rural. As definições das respostas obtidas na aplicação do questionário do Momento I estão dispostas, separando-se o *Método Onomasiológico da Identificação de Itens Lexicais, Processos e Instrumentos usados na agricultura*. O segundo agrupamento estará indicado no verbete com a abreviatura **IIP**.

A organização dos verbetes segue as orientações de Cardoso e Ferreira (2000) e Borba (2003) adaptada às necessidades e interesse da pesquisadora, obtendo-se como resultado o que se segue:

- ✓ Entrada ocorrente na região, independente de estar registrada nos dicionários ou não;
- ✓ Categoria gramatical;
- ✓ Gênero;
- ✓ Definição atribuída à forma;
- ✓ Equivalência sinonímica ou termo variante, quando disponível;
- ✓ Sempre que possível, a abonação dos informantes.

Entrada → categoria gramatical + gênero + definição + equivalência sinonímica  
ou termo variante + abonação

Além disso a categoria gramatical, o gênero, o termo *variante* e alguns itens que possuem equivalência simultânea estarão indicados com a expressão *mesmo que*, de acordo com a seguinte abreviatura:

<i>Adj.</i>	Adjetivo
<i>Aum.</i>	Aumentativo
<i>Dim.</i>	Diminutivo
<i>m.q.</i>	Mesmo que
<i>s.f.</i>	Substantivo feminino
<i>s.m.</i>	Substantivo masculino
<i>v.</i>	Verbo
<i>Var.</i>	Variante <sup>25</sup>

Vale a pena esclarecer que a abonação extraída da fala do informante, algumas vezes vai atestar o verbete em apreço, conforme exemplo a seguir:

**Brotar a planta** ⇒ *v.* nascer; germinar

Vai inchá pra *nascê*... (JC; M)

Elas começa a *germiná*. (JPS; M)

As equivalências sinonímicas destacadas das respostas dos informantes serão remetidas a verbete de conteúdo similar, a fim de proporcionar uma informação mais completa quanto à linguagem do homem da zona rural de Catu. Segue um exemplo para ilustrar tal situação:

**Caule da mandioca** ⇒ *s.m.* manaíba, maniba.

**Manaíba** ⇒ *s.f., m.q.* maniva, caule da mandioca.

**Maniba** ⇒ *s.f., m.q.* maniva, caule da mandioca.

Cumpra sublinhar, também, que algumas lexias nunca vistas, ou registradas pela literatura lingüística ou nos dicionários pesquisados foram aproveitadas por se entender que estas fazem parte do idioleto do falante e pelo fato de ser esta análise pautada especificamente de forma qualitativa, segundo os pressupostos teóricos da sociolingüística interacional, que não valoriza a necessidade de um número maior de ocorrências. Acrescenta-se ainda que, como não se sabe o percurso que a lexia tomará e como existe a possibilidade de que esta possa ser absorvida pelo grupo posteriormente, ou utilizada em outras pesquisas, justifica-se a inclusão destas unidades lexicais no glossário a seguir apresentado:

<sup>25</sup> Ressalta-se que são formas com leves variações, especialmente fonéticas, no entanto sem alteração de sentido, ou seja, com o mesmo valor de verdade.

- Ácaro** ⇒ *s.m.* inseto que corroe e estraga ou mata a planta. **(IIP)**  
 Ácaro é... *inseto* [...] Eles *corroem ... estraga ou mata planta*. (JPS; M)
- Adubação foliar** ⇒ *s.f.* processo de se colocar adubo líquido e ou químico na bomba, que o agricultor carrega nas costas para pulverizar nas folhas das plantas. **(IIP)**  
 É *botá o adubo líquido* e... (VBS; M)  
 Ah, é o da bomba [...] O da *bomba que a pessoa carrega nas costas* ((sorriu)) [...] Doc – O que é que a gente coloca dentro daquela bomba, então? Diga aí pra mim. VNF – Inseticida [...] Com água [...] *Poverizá* [...] As planta [...] *Nas folha*. (VNF; F)  
 É praticamente, o *adubo químico*, né? [...] Que a gente pode pegá ele. Doc – E a gente *aplica* esse adubo químico aonde? Na... DAF – Nas, *nas folhas*. (DAF; M)
- Adubo** ⇒ *s.m., m.q.* material orgânico.
- Adubo natural** ⇒ *s.m., m.q.* adubo orgânico.
- Adubo orgânico** ⇒ *s.m.* adubo natural; adubo natural de galinha.  
 Tem adubo *natural*. (VJS; M)  
 Adubo natural de *galinha*. (VNF; F)  
 ⇒ adubo de galinha, adubo de gado. **(IIP)**  
*Adubo de galinha, adubo de gado*. (JSS; M)
- Adubo químico** ⇒ *s.m.* uréia.  
 Aqui nois bota *oréa* [...] As folhas fica viçosa [...] Bunita, é... (JSS; M)  
 ⇒ caroços como a uréia, adubo vermelho; dez-dez. **(IIP)**  
 Rapaiz, quando nós compra aqui, nós compra na rua, na casa do fazendêro [...] Ele é assim, ele é uns *caroço* assim que... nem quando tem a *oréa* [...] Tem o adubo *vermeinho* assim [...] Só sei chamá de *dezdez*. (JSS; M)
- Aferramento** ⇒ *s.m., m.q.* instrumento agrícola.
- Aguado** ⇒ participio do verbo aguar. **(IIP)**
- Aguar** ⇒ *v.* ação de colocar água no terreno para amolecer, irrigar as plantas. **(IIP)**  
 Vamo aguí [...] Mas tá duro, mas a gente vai *aguí o terreno pa amulecê* [...] (JS; F)
- Aimpim** ⇒ *s.m., Var.* aipim.  
 É... essa... esse... esse planejamento que você está falano, por exemplo, com *aimpim* também é a mesma coisa.(AM; M)
- <sup>1</sup>Aipim** ⇒ *s.m.* raiz consumida na alimentação humana, cozida com água e sal ou frita ou feita como purê, ou de várias outras maneiras utilizadas em receitas caseiras.  
*Varietades de aipim*: cacau; casca de queijo; mandioca mansa; manteiga; manteiguinha; moleque; pratinha; rosa.  
 Aimpim vários, né, *manteiga, cacau*, vários qualidade... (AA; F)  
 [...] o aimpim que é *mandioca mansa* [...] *manteiguinha, cacau* [...] *casca de queijo, são*, é o tipo de aimpim. (RS; M)

<sup>2</sup>Aipim  
Alimpar  
Amontoa<sup>26</sup>

Angolinha  
Aradar  
Arar a terra

Área com declividade



- O aimpim *moleque* é o que tem a casca branca. (DJ; F)  
Tem a pracatu, tem a *pratinha*... (AJ; M)  
E o *rosa* (aipim) (AJ; M)
- ⇒ *s.m., m.q.* macaxeira.  
⇒ *v.* relativo à capina manual.  
⇒ *s.f.* processo de limpar, chegar a terra junto ao pé da planta para que a mandioca saia bonitinha.  
*Tá limpano, tá chegano terra pra podê a mandioca sai bonitinha.* Porque senão elas morre também. (VNF; F)
- ⇒ *s.f.* relativo à variedade de forrageira; *Var.* capim-angola.  
⇒ *v., m.q.* destocar.  
⇒ *v.* recortar (o solo).  
*Recortano.* (JPS; M)
- ⇒ cortar a terra; limpar, cortar (a terra) para fazer a plantação, misturar o solo; fofar, folgar; revirar e plantar. **(IIP)**  
Aração que é pra *cortá a terra*... (JC; M)  
Por ixemplo, ará a terra é o trabalho mais ou menos que a gente fazemos, *é limpá*... [...] Aí já é um ará... [...] É limpá e no fim nois *cortá ela pa fazê a plantação* [...] Tô *misturano o solo*. (DAF; M)  
Ará é limpá, *é fofá, é folgá, é cortá*. (JPS; M)  
Limpano [...] *Revirano que é pra depois prantá*. (MAMN; F)
- ⇒ *s.f.* área lavada; área desincerta; um morro alto; área com altos e baixos, área acidentada; ladeira ou montanha.  
A gente chama de *áreas lavada*. (JM; F)  
É *disincerta*. (DAF, M)  
Um *morro* [...] E *alto*. (JSS; M)  
Uma área sem relevo ou *altos e baixo* [...] Ou *acidentada*. (JPS; M)  
*Ladêra* ou uma *montanha*. (MASS; F)
- ⇒ terreno em declive, não plano; área em declina (com o sentido de declinar), que está descendo; área com despenho, despenhada. **(IIP)**  
O terreno que fica, fica assim, *declive, não tá plano, tá com declive*. (JC; M)  
Essa área tá com declividade, ela tá *declina*... tá, hum, *desceno*. (VNF; F)  
Sei, é uma área por exemplo cum *dispenho, né?* [...] É uma área *dispenhada*, que aí ela tá, é ... com'ê que diz? Com'ê que a senhora falô aí? (DAF; M)

<sup>26</sup> Não confundir a técnica da *amontoa* com a forma verbal *amontoar*.



**Área de capoeira**

⇒ *s.f.* capora (leia-se capôra); área abandonada, que não é cultivada; arrancador.

*Capôra.* (VBS; M)

É área abandonada [...] É área abandonada, que não é cultivada. (JS; F)

A gente chama *arrancadô* [...] É, que a gente não prantô mais, o mato creceu, a gente chama aqui *arrancadô*. (AJ; M)

⇒ área que tem mato e que não tem condições de limpar de enxada, tem que roçar para limpar; mato médio. (IIP)

É, a gente praticamente, área de capoeira, a gente roça... A gente roça [...] É, é, *uma área que tem o mato*, que não dá pra gente limpá de enxada, aí a gente tem que roçá [...] É, mato grosso [...] Que a gente *não tem condições de limpá de enxada*, a gente tem que roçá pra limpá que aí se chama *áre/ uma área de capoeira*... (DAF; M)

Uma área de capoeira? Eu sei da área de capoeira *é mato*, né? [...] *Médio*. (JSS; M)

**Arenito**

⇒ *s.m.* relativo à variedade de forrageira.

**Armazenar**

⇒ *v.* guardar.

Doc – O que é que a gente deve fazer com os produtos quando a gente qué esperá uma melhora dos preços [...]?

Inf. – *Guardá*. (JM; F)

**Arrancador**

⇒ *s.m., m.q.* área de capoeira.

**Arrodear**

⇒ *v.* ação de se fazer o coroamento.

**Assombrado**

⇒ *adj.* coberto de sombra.

Porque *não tem ventilação*, pro vento né?... fica muito *assombrado*... tem que sê espaçoso pra corrê ventro dentro, né, delas... (AM; F)

**Bagaço**

⇒ *s.m.* folhas ou pequenos pedaços de galhos quebrados das plantas, que podem ser utilizados como adubo.

T1 – Né, cê tá colocando a terra que... que teve né, que a formiga já trabalhô, né, *que tá com casca*, que tá com... Tá com, né...

RS – Tá com *bagaço*. (RS; M)

**Balizamento**

⇒ *s.m.* base, coloca um pau e amarra uma corda para sair certa e então vai marcando (o terreno).

Aqui a gente chama *base* [...] É, *bota um pau e bota uma corda pra sai certa e aí vai marcando*... (JM; F)


**Baqueara**

⇒ *s.f.* relativo à variedade de forrageira; *Var.* braquiária.

**Beneficiamento do produto**

⇒ *s.m.* processo de colher bons produtos, separar aqueles produtos mais bonitos, para levar até o comércio para vender; arrancar, limpar e lavar; lavar, cuidar direitinho, tirar as folhas podres.

Bem, *colhê bons produtos, separá aqueles produto mais*, que dê mais vista, aqueles mais *bonito*, *pra pudê levá até o comércio pra vendê* [...] Separano aquelas bonitas, vamo dizê, a gente tira um cacho de banana [...] A gente corta e agora aquelas mais bonita leva pra fêra, aquelas outra menorzinha deixa dentro de casa pra o uso. (VNF; F)

		<i>Ranca, limpa e lava [...] Uma limpeza. (JSS; M)</i> <i>Lavá, cuidá direitinho, tirá as folha podre... (RSF; F)</i>
<b>Besouro</b>	⇒	<i>s.m.</i> trator antigo, de pequeno porte, de formas arredondadas, que se assemelha à forma de um inseto. <b>(IIP)</b> Ará a terra é chegá com... quando num qué ará cum boi, ara cum <i>tratô</i> , cum <i>bisôro</i> . (AJ; M)
<b>Birro</b>	⇒	<i>s.m., m.q.</i> gema da maniva.
<b>Bola</b>	⇒	<i>s.f.</i> peça do aparelho de ralar mandioca.
<b>Bomba</b>	⇒	<i>s.f., m.q.</i> pulverizador costal.
<b>Bombar</b>	⇒	v. aplicar produtos na lavoura. <b>(IIP)</b> Vô <i>colocá</i> pra botá na <i>bomba</i> , pra <i>bombá formiga</i> . (AJ; M)
<b>Braça</b>	⇒	<i>s.f.</i> medida utilizada pelo agricultor para estabelecer distância no plantio, equivalente à extensão que vai de um punho ao outro, ou da extremidade de uma mão aberta à outra, ou da ponta de um polegar em abdução ao outro, num adulto com os braços estendidos horizontalmente para os lados. <b>(IIP)</b> De acordo eu sei assim, é três <i>braça</i> de um coquêro pra outro [...] conheço <i>braça</i> , <i>metrage</i> não. [...] aqui é, trata <i>braça</i> , agora o povo trata <i>metrage</i> , né isso? (AJ; M)
<b>Branquiario</b>	⇒	<i>s.m.</i> relativo à variedade de forrageira; <i>Var.</i> braquiária.
<b>Braquiagem</b>	⇒	<i>s.f.</i> relativo à variedade de forrageira; <i>Var.</i> braquiária.
<b>Braquiario</b>	⇒	<i>s.m.</i> relativo à variedade de forrageira; <i>Var.</i> braquiária.
<b>Brocotó</b>	⇒	<i>s.m., m.q.</i> erosão.
<b>Brotagem</b>	⇒	<i>s.f.</i> processo de brotar, retonhar (um broto de planta). É ou brotá, retonhá ou <i>brotagem</i> . (JQ; M)
<sup>1</sup> Brotar a planta	⇒	v. nascer; germinar. <b>(IIP)</b>
<sup>2</sup> Brotar a planta	⇒	v., <i>m.q.</i> brotagem. Vai inchá pra <i>nascê</i> ... (JC; M) Elas começa a <i>germiná</i> . (JPS; M)
<sup>1</sup> Buraco	⇒	<i>s.m.</i> quando se bate com a enxada e se faz o buraco para lançar a semente. <b>(IIP)</b> Aquele que a gente <i>bate com a enxada</i> assim... [...] É <i>buraco</i> [...] (VNF; F)
<sup>2</sup> Buraco	⇒	<i>s.m., m.q.</i> coveamento.
<sup>3</sup> Buraco	⇒	<i>s.m., m.q.</i> valeta.
<sup>4</sup> Buraco	⇒	<i>s.m., m.q.</i> erosão.
<b>Buzina</b>	⇒	<i>s.f., m.q.</i> parte terminal da inflorescência da bananeira.
		
<b>Caboró</b>	⇒	<i>s.m.</i> relativo à variedade de forrageira; <i>Var.</i> caboró.
<b>Cacau</b>	⇒	<i>s.m.</i> relativo à variedade de aipim.

**Cálice**  
**Camaleão**  
**Camalhão**



**Canteiro**



**Capim-angola**  
**Capim de corte**  
**Capim elefante**  
**Capim gordura**  
**Capim vermelho**  
**Capina**  
**Capinação**

**Capina manual**

**Capora (leia-se capôra)**  
**Capuco**  
**Casca de queijo**

**Caule da mandioca**  
<sup>1</sup>**Chão**

- [...] manteiguinha, *cacau* [...] casca de queijo, são, é o tipo de aimpim. (RS; M)
- ⇒ *s.m., m.q.* colo da planta.
- ⇒ *s.m., Var.* camalhão.
- ⇒ *s.m.* tipo uma leira, sai cortando o terreno e faz as leiras; *Var.* camaleão. (IIP)  
*Camaleão é tipo uma lêra.* (JC; M)  
 Sei, camaleão [...] Ele *sai cortano o terreno* assim oh ((faz o gesto)). *E fazeno aquele... aquelas lêra.* [...] Ele faz assim vai cortano, corta toda aí assim, vai cortano. (AJ; M)
- ⇒ *s.m., m.q.* leira.
- ⇒ *s.m., Var.* angolinha.
- ⇒ *s.m.* relativo à variedade de forrageira.
- ⇒ *s.m.* relativo à variedade de forrageira.
- ⇒ *s.m., Var.* gordura.
- ⇒ *s.m., Var.* vermelhinho.
- ⇒ *s.f., m.q.* capinação.
- ⇒ *s.f.* capina.  
 T1 – Já ouviu falá em capina?  
 JQ – *Capinação*, já. (JQ; M)
- ⇒ *s.f.* processo de catar os matos; arrancar os pés de mato; limpar; limpeza; alimpar.  
 Eu sei, *cata os mato.* (VJS; M)  
*Rancano os pés de mato.* (VNF; F)  
*Limpá*, quando a gente vai limpá, aí meu tio fala: ‘faça o favô, vá limpá, quela lêra ali’ [...] A gente chama de limpá. (JSS; M)  
*Limpeza.* (MJB; F)  
*Alimpano... né?* (MASS; F)
- ⇒ processo de arrancar os matinhos da leira com a própria mão. (IIP)  
 A gente vamos *rancá os matinho* que tamos *na lêra*, tamos na lêra e vamos é fofá [...] *Com a própria mão.* (DAF; M)
- ⇒ *s.f., m.q.* área de capoeira.
- ⇒ *s.m., m.q.* sabugo de milho.
- ⇒ *s.f.* relativo à variedade de aipim.  
 [...] manteiguinha, *cacau* [...] *casca de queijo*, são, é o tipo de aimpim. (RS; M)
- ⇒ *s.m.* manaíba, maniba.
- ⇒ *s.m.* terra; terra vegetal. (IIP)  
*Terra vegetal.* (JC; M)  
*Terra, né?* (JM; F)

<sup>2</sup>Chão  
Cianídrico

- ⇒ *s.m., m.q.* solo.
- ⇒ *s.m.* ácido que, a depender da quantidade presente na raiz, diferencia a mandioca do aipim, ou seja na mandioca, existe um teor maior do ácido cianídrico e no aipim, uma quantidade menor; *Var.* cianidro .

Cianidro

- ⇒ *s.m., Var.* cianídrico.  
[...] aquele aipim que a casca é branca que nem a mandioca e ele é manso, também, ele não tem o *cianidro* [...] (JQ; M)

Coboró  
Colo da planta



- ⇒ *s.m.* relativo à variedade de forrageira, *Var.* caboró.
- ⇒ *s.m.* cálice.  
[...] o *cálice* [...] O cálice é esse que sobe, né? (JS; F)

Conjunção  
Controle de pragas e doenças

- ⇒ *s.f., m.q.* época do plantio.
- ⇒ *s.m.* processo de colocar remédio ou veneno com a bomba; fazer a pulverização.  
Aí tem remédio pa botá [...] A senhora vai com a bomba, compra uma bomba, *bota veneno* e bate a bomba [...] Bate a bomba. (AJ; M)  
Tem que *botá*, procurá *um remédio* pra colocá pra matá as praga. (VNF; F)  
*Fazê a puerização*, não é? (JPS; M)
- ⇒ processo de eliminar as pragas e doenças que estão prejudicando a lavoura com remédio ou um produto ou mesmo retirando as plantas que estão contaminadas. **(IIP)**  
Sei, quereno *eliminá eles com algum produto*. (JM; F)  
O que eu acho assim, é *aquela doença* que dá nas planta, né? [...] Se tivé o *remédio pa botá*, bota; se num tivé, tem que *rancá aqueles que já tá morreno*. (JS; F)

Coração  
Coritizada

- ⇒ *s.m., m.q.* parte terminal da inflorescência da bananeira.
- ⇒ *adj.* que tem cor, associando à adição de algum corante ao produto beneficiado.  
Ela não é *coritizada* não né? É branca mesmo né? Que tem aquela né vermelhinha... (referindo-se a farinha) (JQ; M)

Coroamento



- ⇒ *s.m.* processo de rodar (a planta); rodeiro; arrodar (a planta); limpeza.  
Uns chama *rodá* o coquêro. (AJ; M)  
A gente tamos fazeno um... um *rodêro* na... nos pé do... da planta pa mantê limpo [...] Um rodêro. (DAF; M)  
É, que geralmente eles dizem vou *arrudiá* o pé do coquêro. (JPS; M)  
*Limpação*, não? (MJB; F)
- ⇒ *s.f.* montinhos de terra feitos com a enxada para lançar a semente. **(IIP)**  
A gente *faz os montinhos* e chama de cova. (JM; F)

<sup>1</sup>Cova

- É, exato, a gente tem que pegá uma enxada [...] *Levantá a terra e fazê a cova.* (VBS; M)
- <sup>2</sup>Cova** ⇒ *s.f., m.q.* coveamento.
- Coveamento** ⇒ *s.m.* processo de se fazer cova ou buraco.  
*Cova.* (AJ; M)  
*Buraco.* (MJB; F)
- Cultivar** ⇒ *v.* lavrar. **(IIP)**  
Doc – Não, aquele feijão que produz em vagens [...] a senhora chama como [...]?  
JM – Ah, fêjão de corda.  
Doc – Sim.  
JM – *Lavro* muito. (JM; F)
- Cultura anual** ⇒ *s.f.* (cultura) de ano; de tempo certo.  
*Tipos de culturas anuais:* feijão de corda ou simplesmente feijão; mangalô; milho  
*...de ano...* de tempo, de plantá no *tempo certo.* (JC; M)  
*Milho, mangalô, fêjão de corda, fêjão.* (VNF; F)
- Curva de nível** ⇒ *s.f.* valeta; (sentido) inverso.  
*Fazeno valeta.* (VJS; M)  
*Inverso,* não sei [...] Então eu acho que é inverso, o contrário, eu não sei o nome correto. (VNF; F)
- Dandá** ⇒ *s.m.* relativo à espécie de capim resistente, cuja raiz acumula substância de reserva, formando uma batata, e que cresce muito junto um do outro, de forma embutida.  
Eu trabalho de horta e me naceu um mato que chama *dandá* [...] ele fica assim embutido [...] algum remédio que eu possa eliminá ele. (JS; F)
- <sup>1</sup>D-dez** ⇒ *s.m., m.q.* uréia.
- <sup>2</sup>D-dez** ⇒ *s.m., dez-dez-dez.*
- Decotar** ⇒ *v.* podar.
- Defensivo agrícola** ⇒ *s.m.* funisuper.  
Tem um *funisupi* [...] Que é um líquido [...] Tem o veneno mermo em pó, pa formiga miúda que destrói também [...] (VBS; M)
- ⇒ remédios; formicida. **(IIP)**  
*São remédio.* (VNF; F)  
*Formicida.* Alguma coisa que combate as praga, né? (MASS; F)
- Dentro da portêra [...] fora da portêra** ⇒ produção nos limites de uma área territorial do tipo fazenda, seja particular ou não.  
[...] produzi pra *dentro da portêra*, hoje é *fora da portêra.* (T1)
- Derrubada da mata** ⇒ *s.f.* processo de retirar a mata para ficar o campo livre, a área livre, para torná-la agricultável. **(IIP)**  
A derrubada é pra *ficar o campo livre*, a área livre (JC; M)
- Desbaste da plantação** ⇒ *s.m.* processo de tirar a metade das plantas para correr vento no plantio, para as outras saírem; fazer uma mudança das mudas de um lugar para outro, que é para não ficar imbacerado.

		Ah, eu conheço assim, a gente tá <i>tirano a metade pra corrê vento, pra elas saírem</i> [...] Eu digo assim meu filho, vá ali ranque a metade daquela pranta ali pras outra saíre, dá espaço pro vento corrê pra saíre. (JM; F) Rumbora <i>fazê uma mudança daqui, pra aqui</i> , mais... [...] <i>Que é pra num ficá imbacorado</i> . (JS; F)
<b>Desincerta</b>	⇒	<i>adj.</i> relativo ao que é irregular.
<b>Desincerto</b>	⇒	<i>adj.</i> relativo ao que é irregular.
<b>Destocar</b>	⇒	v. arrancar os tocos, aradar. Vô <i>arrancá os toco</i> ou <i>aradá</i> ... (JM; F)
<b>Destorroar o solo</b>	⇒	v. rebater a terra, arar, recortar com o arado várias vezes, para a terra ficar fofa; recortar o terreno, para afofar. Aí é pa <i>rebatê a terra</i> [...] Rebatê, (+) rebate, <i>ara</i> . Aí agora volta, <i>recorta com o arado</i> , recorta, recorta duas vezes, ara, volta, recorta, vai recorta três vezes que é <i>pra terra ficá fofa</i> . (AJ; M) É, faz isso pra praticamente, pra <i>recortá mais o terreno, pa afofá</i> . Certo, pra o ligume dá melhó, porque sem fazê isso o ligume nunca dá bom. (DAF; M)
<b><sup>1</sup>Dez-dez</b>	⇒	<i>s.m., m.q.</i> adubo químico; <i>Var.</i> dez-dez-dez.
<b><sup>2</sup>Dez-dez</b>	⇒	<i>s.m., m.q.</i> uréia.
<b><sup>1</sup>Dez-dez-dez</b>	⇒	<i>s.m.</i> adubo referente à composição do produto: dez por cento de nitrogênio, dez por cento de fósforo e dez por cento de potássio. Corresponde tecnicamente ao adubo que tem a forma abreviada NPK; <i>Var.</i> dez-dez, d-dez. Então, antes de mais nada, antes de chegá na casa do fazendêro e comprá <i>dez-dez-dez</i> , que é um adubo que o produtô costuma comprá... (T1)
<b><sup>2</sup>Dez-dez-dez</b>	⇒	<i>s.m., m.q.</i> uréia.
<b>Elefante</b>	⇒	<i>s.m.</i> relativo à variedade de forrageira; <i>Var.</i> capim elefante.
<b>Ensombrada</b>	⇒	<i>adj.</i> relativo à sombra. Porque se plantá ela junta, ela vai ficá muito <i>sombrada</i> [...] <i>ensombrada</i> (RS; M)
<b>Enxadeta</b>	⇒	<i>s.f., m.q.</i> instrumento agrícola.
<b>Época do plantio</b>	⇒	<i>s.f.</i> conjunção (da lua); plantar em março, dia de São José e na lua nova de abril. Na <i>conjunção</i> boa? [...] Na <i>conjunção</i> [...] Pra mim, a <i>conjunção</i> que a gente fala, que a gente entende, quando a gente vai plantá. A <i>conjunção da lua</i> , tá entendeno e também não pode sê na lua cheia e nem no minguante [...] Crecente, quê dizê, pra gente né? E o crecente, aí arrente vai plantá aquele mió, qu'ê pra ele num dá bichado, num dá largata. Porque prantano nessas <i>conjunção</i> forte... Ele só dá largata. (JS; F) <i>Planta milho em mauço, dia de São José e na lua nova de Abril</i> [...] Porque na lua nova... porque toda semente só pode plantá na lua nova [...] É, dá milhó, na crecente se plantá, bicha. (AJ; M)



**Erenito****Erosão**

- ⇒ data definida pelo homem do campo como propícia para se iniciar a plantação, por exemplo a época da chuva. **(IIP)** É porque a época plantio é a *época de chuva* né? Tem que medi na época de chuva pra pudê fazê o plantio, a não ser que seja terra irrigada e aí irrigação, terra irrigada não precisa tê época né? (JPS; M)
- ⇒ *s.m.* relativo à variedade de forrageira; *Var.* arenito.
- ⇒ *s.f.* grotá; valetão; brocotó; valeta; buraco; rachado. A gente chama *grotá*. (AJ; M)  
Aqui a gente trata *valetão*. (VBS; M)  
*Brocotó*. (DAF; M)  
*Valeta*. (JSS; M)

**Escarificar o solo**

- ⇒ *v.* fofar ou afofar (a terra); folgar a terra. *Fofá* a terra. (VBS; M)  
Tamos *afofano* a terra. (RSF; F)  
Vai fofá, *folgá*. (JPS; M)
- ⇒ afofar a terra, com o escarificador, a fim de que a água penetre com mais facilidade na terra, tornando-a úmida. **(IIP)**  
O que é...? É limpá, é... pra podê a terra, a água... *afofá a terra pra podê a água entrá* [...] É... com aquele negoço, *escarificadô*. (VNF; F)

**Espigão**

- ⇒ *s.m.* objeto alto, comprido (relativo ao pé de mandioca que nasceu muito em relação aos outros na plantação); *Var.* ispigão.  
Os pés tavam bonitos, só que não tinham raízes, assim, só tinha aqueles *espigão* (referindo-se ao pé de aipim) assim. (AM; F)

**Estrovenga****Estrume****Estrumo****Fazer uma roça**

- ⇒ *s.f., m.q.* instrumento agrícola.
- ⇒ *s.m., Var.* estrumo.
- ⇒ *s.m., m.q.* material orgânico; *Var.* estrume.
- ⇒ *v.* fazer um cultivo, um plantio de determinada cultura. [...] eu tenho um pé de cacau, bota muito, *faça uma roça* [...] pra vê se ele vai produzi como um pezinho que tem lá no quintal. (RS; M)

**Feijão****<sup>1</sup>Feijão de corda****<sup>2</sup>Feijão de corda****Feijão macaça****Feijão macáçar**

- ⇒ *s.m., m.q.* tipo de cultura anual.
- ⇒ *s.m., m.q.* tipo de cultura anual.
- ⇒ *s.m., m.q.* feijão macáçar.
- ⇒ *s.m., Var.* feijão macáçar.
- ⇒ *s.m.* feijão de corda. *Fêjão de corda*. (VJS; M)  
⇒ *Var.* feijão macaça. **(IIP)**  
*Fêjão macaça* é o de corda. (DAF; M)

**Ferramenta****Ferramento**

- ⇒ *s.f., m.q.* instrumento agrícola.
- ⇒ *s.m., m.q.* instrumento agrícola.

**Foice**  
**Folidol**  
**Folisuper**  
**Formicida**  
**Forrageira**

- ⇒ *s.f.* tipo de podão.
- ⇒ *s.m., m.q.* fungicida.
- ⇒ *s.m., m.q.* funisuper.
- ⇒ *s.m., m.q.* defensivo agrícola.
- ⇒ *s.f. variedades de forrageira*: angolinha; arenito; baqueara; branquiario; braquiagem; braquiario; caboró; capim de corte; capim elefante; coboró; elefante; erenito; gordura; marianinha; sempre-verde; vermelhinho.  
 Tem *branquiario*, tem *arenito*, tem *angolinha* [...] *Sempre verde*. (AJ; M)  
 Aqui tem *baqueara* [...] Tem *arenito* [...] *Marianinha*. (VJS; M)  
 ...eu sei bem mermo chamá *capim elefante* [...] O *branquiario*. (JS; F)  
 [...] É *arenito*, tem *sempre-verde* que é esse aí que a senhora tá vendo aí na frente, *braquiage*. (JSS; M)  
 Tem a *marianinha* e tem aquele *capim de corte*. (JM; F)  
 Muda de capim, por exemplo, é o, *a marianinha*, o *braquiario*, o *erenito*, já tem um que chama, um *vermelhinho*, que tem o *erenito* e o *vermelhinho*. E tem o capim, o *de corte*. Que tem *elefante*, tem outro que chama *cab... cabo... caboró, coboró*, num sei como é, me esqueci o nome até e tem desses tipos de capim. (DAF; M)  
 [...] Que serve pa alimentação, tem o *capim elefante* que propiado pra cortá. (VBS; M)  
 Eu conheço o *capim arenito, gordura....* (MASS; F)

**Fungicida**

- ⇒ *s.m.* folidol.  
*Folidol*. (JSS; M)
- ⇒ veneno usado para combater os insetos e até os bichos. **(IIP)**  
 É o *veneno* que nós tamos *usano pa combatê* né? *Os inseto*. (DAF; M)  
 É um veneno, né? Eu acho que é veneno [...] Pra matá os... a... *os... a... bicho* que tem na... *pertubano* as plantação. (JSS; M)

**Fungo**

- ⇒ *s.m.* lêndea.  
 É, eu sei o mofo é aquele que dá um negoço branco nas planta [...] *Lêndia*. (VNF; F)

**<sup>1</sup>Funisuper**

- ⇒ *s.m.* líquido ou veneno em pó, para a formiga miúda; *Var.* folisuper.  
 Tem um *funisupi* [...] Que é um líquido [...] Tem o veneno mermo em pó, pa formiga miúda que destrói também [...] (VBS; M)

**<sup>2</sup>Funisuper**  
**Gema da maniva**

- ⇒ *s.m.; m.q.* defensivo agrícola.
- ⇒ *s.f.* troço (leia-se trôço); olho.  
 É, eu conheço por *trôço*. (JM; F)  
 Que sai os ollhinho [...] De *olho*. (+) (VNF; F)






- ⇒ socas; birro; piquinho. **(IIP)**  
 [...] se tivé chuveno, ela vai inchá e vai botá a raiz e ali saí aquelas *socazinhas* [...] E aquelas *socazinhas* vai aumentano com o tempo [...] (JC, M)  
 É, é os *birro da maniva* [...] É aqueles carocinhos que ela tem, que é onde nasce o pé da mandioca. (VBS; M)  
 Os olhinho, aqueles *piquinho*. (VNF; F)
- <sup>1</sup>Germinar** ⇒ v., *m.q.* nascer.
- <sup>2</sup>Germinar** ⇒ v., *m.q.* brotar a planta.
- Gordura** ⇒ *s.m.* relativo à variedade de forrageira; *Var.* capim-gordura.
- Gradear** ⇒ v. afofar a terra; tirar o cisco para deixar a terra pronta para o plantio; misturar o terreno; passar a máquina, recortar o terreno; passar o arado, a grade para preparar a terra. **(IIP)**  
 Tá *afofano a terra*, nas plantação pra plantá. (VJS; M)  
 Gradeá é *tirá o cisco* [...] Que o arado já passô e vem a grade pra gradeá e tirá o cisco, *pra a terra tá pronta pra plantio*. (VNF; F)  
 Gradeá é quando a gente, a gente passa o arado e volta grandiano, né? Aí a gente chama gradiá [...] A gente tamo *misturano* ali, fofano ele (*o terreno*). (DAF; M)  
 Gradeá é *passá a máquina, recortá* pra deixá *o terreno* em posição de plantá, né? (JPS; M)  
 É... *Fazê coisa com o arado, com a grade* [...] Tá... gradiando, pa, com'ê, arenano, *pa podê prepará a terra*, né? (MASS; F)
- <sup>1</sup>Grota** ⇒ *s.f.* buraco grande e fundo. **(IIP)**
- <sup>2</sup>Grota** ⇒ *s.f.*; *m.q.* erosão.  
*Buraco grande e fundo*. (VNF; F)
- Guardar** ⇒ v., *m.q.* armazenar.
- Hectare** ⇒ *s.m.*, *m.q.* metragem do terreno.
- Herbicida** ⇒ *s.m.* veneno.  
 Vamo botá... um *veneno*. (DAF; M)
- Hortaliça** ⇒ *s.f.*, *m.q.* olerícola.
- Horticultura** ⇒ *s.f.*, *m.q.* olerícola.
- IBAMA** ⇒ *s.m.* órgão que protege as matas; pessoas que proibem a destruição dos animais; não deixarem matar os bichos, nem desmatarem as florestas. **(IIP)**  
 Pra *protegê as mata*. (VJS; M)  
 O IBAMA é um... uns *peçoais* que *proibe* a... a... a... de... como... *a destruição dos animais*. (DAF; M)  
 O IBAMA é pra mim *num dêxá matá os bicho*, né? [...] *Num desmatá*, né? (JSS; M)
- Imbacerado** ⇒ *adj.* relativo ao que está cheio, lotado demais. **(IIP)**  
 Rumbora fazê uma mudança daqui, pra aqui, mais... [...] Que é pra num ficá *imbacerado*. (JS; F)
- <sup>1</sup>Inseto** ⇒ *s.m.*, *m.q.* praga.
- <sup>2</sup>Inseto** ⇒ *s.m.*, *m.q.* ácaro.
- Instrumento agrícola** ⇒ *s.m.* aferramento, ferramento.

- Tipos de instrumentos agrícolas:* enxada; enxadeta; facão; foice; gadanho; pá; picareta.  
 Os *aferramento*. (JM; F)  
 As *ferramento*. (RSF; F)  
 É *enxada* [...] *Pá, picareta*. (JC; M)  
 Chama *enxada* [...] *Inxadadeta, picareta* [...] (AJ; M)  
*Foice* [...] *Facão*. (JS; F)  
*Enxada* [...] *Foice, gadanho* [...] (MASS; F)
- ⇒ ferramenta. **(IIP)**  
*Tipos de instrumentos agrícolas:* cavador; estrovenga; machado; massadeira.  
 As *ferramenta* [...] *Enxada, gadanho*. (VJS; M)  
*Enxada... A pá...* [...] *O gadanho... Cava... o cavado não?* (MASS; F)  
 Ah! Os *aferramento?* [...] *Enxada, que eu já disse... Istrovenga... Machado, martelo*. (MAMN; F)  
 Ferramento? [...] *Foice... Machado... Massadeira*. (RSF; F)
- Inverso** ⇒ *adj.* relativo à curva de nível.  
**Ispigão** ⇒ *s.m., m.q.* raiz pivotante; *Var.* espigão.  
**Labutar** ⇒ *v.* trabalhar.  
 Tem que *labutá* com mandioca. (RS; M)
- Lagoa branca** ⇒ *s.f.* relativo à variedade de mandioca.  
 [...] *lagoa branca...* (variedade de mandioca). (AJ; M)
- Lagoa preta** ⇒ *s.f.* relativo à variedade de mandioca.  
 [...] *lagoa preta...* [...] *lagoa branca...* (variedade de mandioca) (AJ; M)
- Lavra** ⇒ *s.f.* pé da planta da cultura cultivada.  
 [...] a distância desse adubo pra botá no pé da *lavra*. (RS; M)
- Lavrar** ⇒ *v., m.q.* cultivar.  
 Nois foi *lavrá* pinha aqui [...] (RS; M)
- Legume** ⇒ *s.m., m.q.* olerícola.  
<sup>1</sup>**Leira** ⇒ *s.f., m.q.* camalhão.  
<sup>2</sup>**Leira** ⇒ *s.f., m.q.* canteiro.  
**Lêndea** ⇒ *s.f., m.q.* fungo.  
**Limpação** ⇒ *s.f., m.q.* coroamento.  
**Limpada** ⇒ *particípio* do verbo limpar; limpeza no local do fabrico da farinha ou em qualquer local caso se generalize a questão.  
 [...] quando entrá pra fazê a farinha, dá uma *limpada*, tá entendeno? (T2)
- Linheira** ⇒ *s.f., m.q.* marcação.  
**Linheiro** ⇒ *s.m., m.q.* marcação.  
<sup>1</sup>**Macaxeira** ⇒ *s.f., m.q.* aipim.  
<sup>2</sup>**Macaxeira** ⇒ *s.f., m.q.* mandioca  
 Ele plantô uma roça [...] de *macaxêra*, de aimpim. (JQ; M)
- <sup>1</sup>**Manaíba** ⇒ *s.f., m.q.* caule da mandioca.  
 [...] tem umas *manaíba* que os miolo dela é moiado [...] aquele miolo branco ressecado. (RS; M)

- <sup>2</sup>Manaíba** ⇒ *s.f., m.q.* maniva da mandioca.
- Manaíva** ⇒ *s.f., m.q.* maniva da mandioca.  
[...] a mesma *manaíva*, tem de duas cô. (RS; M)
- Mandiba** ⇒ *s.f., m.q.* maniva da mandioca.  
Eu já vi alguém chamá *mandiba*. (JQ; M)
- <sup>1</sup>Mandioca** ⇒ *s.f.* matéria-prima aproveitada na fabricação de farinha de mandioca.  
*Variedades de mandioca*: lagoa branca; lagoa preta; maniveja; mariquita; mata negro; milagrosa; pracatu; ruadeira.  
Tem a *pracatu* [...] *lagoa preta*... [...] *lagoa branca*... (AJ; M)  
[...] porque aqui nois temos a *mata nego*, tem *maniveja*, tem *mariquita*, temo a *ruadêra* [...] *milagrosa* são mandioca [...] (RS; M)
- <sup>2</sup>Mandioca** ⇒ *s.f., m.q.* macaxeira.
- <sup>3</sup>Mandioca** ⇒ *s.f., m.q.* mandioca brava.
- <sup>1</sup>Mandioca brava** ⇒ *s.f.* relativo à variedade de mandioca.  
[...] o teô de ácido é bem, bem fraquinho, que nois temos *mandioca* mansa e *brava*, né? (T1)
- <sup>2</sup>Mandioca brava** ⇒ *s.f., m.q.* mandioca.
- Mandioca mansa** ⇒ *s.f.* relativo à variedade de aipim; usada para o consumo do homem, tanto a raiz cozida, assada ou frita e como também se fazem bolos e doces.  
[...] o aimpim que é *mandioca mansa* [...] (RS; M)
- Mangalô** ⇒ *s.m., m.q.* tipo de cultura anual.
- Manguço** ⇒ *s.m., m.q.* parte terminal de inflorescência da bananeira
- <sup>1</sup>Maniba** ⇒ *s.f., m.q.* caule da mandioca.  
AM– É o que se planta pra sai raiz.  
RS– É que corta os pedaços...  
AM – É.  
T1 – E o produtô chama como isso?  
AM– *Maniba*. (AM; F)
- <sup>2</sup>Maniba** ⇒ *s.f., m.q.* maniva da mandioca.
- Maniva da mandioca** ⇒ *s.f.* parte utilizada no plantio da mandioca ou caule da mandioca, que corresponde às variantes: *manaíba*; *manaíva*; *mandiba*; *maniba*.  
[...] essa *manaíba* [...] cortamo [...] pegamo essa *manaíba* pra ir prantá, aí nois chama de *decotá* [...] (RS; M)  
[...] a mesma *manaíva*, tem de duas cô. (RS; M)  
Eu já vi alguém chamá *mandiba*. (JQ; M)  
*Maniba*. (JC; M)
- Maniveja** ⇒ *s.f.* relativo à variedade de mandioca.  
[...] tem *maniveja*, tem *mariquita*, temo a *ruadêra* [...] *milagrosa* são mandioca que a gente pranta aqui [...] (RS; M)
- Manteiga** ⇒ *s.f.* relativo à variedade de aipim.  
*Aimpim* vários, né, *manteiga*, cacau, vários qualidade... (AA; F)
- Manteiguinha** ⇒ *s.f. dim.* de *manteiga*; *m.q.* variedade de aipim.

- [...] *manteiguinha*, cacau [...] casca de queijo, são, é o tipo de aimpim. (RS; M)
- Marcação** ⇒ *s.f.* processo de colocar um pau e abrir um rego para sair tudo igual; um linheiro, plantar certinho, a linheira certa; marcar o plantio no canteiro; fazer o alinhamento, colocar uma linha em um lugar e outra em outro, fazendo a marcação das leiras; medir com o metro; fazer a marcação, medir para determinar como cavar ou cortar ou plantar; marcar o lugar de fazer a plantação. (IIP)  
É a gente *botá um pau* e puxa um... e *abri ali aquele rego* naquilo ali, *pra saí tudo igual*. (JM; F)  
*Eu acho assim que é linhêro* [...] Linhêro, *prantá certinho a linhêra certa?* [...] Pa ficá tudo dequadazinha, no níve... (JS; F)  
((sorriu)) *marcá o...* [...] *marcá alguma coisa*, a gente tem que *marcá ali no cantêro*, então a gente tá marcando alguma coisa, indicano alguma coisa [...] Da horta, do cantêro, *do plantio que a gente fez*. (VNF; F)  
A marcação, vamo supô, é... a gente é, *faz o alinhamento*, né? [...] Aí já é uma marcação, aí por exemplo, *bota uma linha lá, ôtra cá, aí tamo*, tamo *fazeno marcação de umas lêra* [...] Aí, disso aí por diante aí vamo fazê a lêra. (DAF; M)  
Espaço [...] *Midino* [...] *Com o metro*. (RSF; F)  
*Fazê uma marcação...* a senhora vai... *vai medi pra determiná como cavá, ou cortá, ou plantá*. (JPS; M)  
*Marcá o lugá de prantá*, né não? [...] *Fazê a prantação*. (MAMN; F)
- Marianinha** ⇒ *s.f.* relativo à variedade de forrageira.
- Mariquita** ⇒ *s.f.* relativo à variedade de mandioca.  
[...] tem *mariquita*, temo a ruadêra [...] milagrosa são mandioca que a gente pranta aqui [...] (RS; M)
- Massadeira** ⇒ *s.f., m.q.* instrumento agrícola.
- Mata negro** ⇒ *s.f.* relativo à variedade de mandioca.  
[...] porque aqui nois temos a *mata nego* [...] milagrosa são mandioca que a gente pranta aqui [...] (RS; M)
- Material orgânico** ⇒ *s.m.* estrumo; adubo.  
Pode sê *estrumo* também. (VBS; M)  
Eu sei que chama *adubo*. (VNF, F)  
⇒ adubo de fezes dos animais: galinha, porco, gado, carneiro. (IIP)  
Material orgânico, é como eu disse vai trabalhá com *fezes de animais, galinha ou porco mesmo*, boi ou outras coisas, né? (JPS; M)  
É desse *adubo* que nois usa, né? [...] *De gado*, de galinha... [...] *De carnêro*... [...] Não. Quando nois faz assim, nois faz separado, pa vê qualé, que bota o de gado pra uma coisa e planta, bota o de galinha, já bota ne outra lêra, separado daquela pa vê. (MASS; F)
- <sup>1</sup>Medida ⇒ *s.f.* trena.

<sup>2</sup> Medida	⇒ [...] aqui tem... tem <i>medida</i> . (RS; M)
<sup>3</sup> Medida	⇒ <i>s.f., m.q.</i> metragem do terreno.
Metragem do terreno	⇒ <i>s.f., m.q.</i> palmo.
	⇒ <i>s.f.</i> hectare, tarefa; medida. <b>(IIP)</b> [...] muitos chama de <i>hectare</i> , né? outros chama de <i>tarefas</i> ... (JC; M)
	Tem a <i>medida</i> , tem a metrage. (JC; M)
Milagrosa	⇒ <i>s.f.</i> relativo à variedade de mandioca. [...] <i>milagrosa</i> são mandioca que a gente pranta aqui. (RS; M)
Milho	⇒ <i>s.m., m.q.</i> tipo de cultura anual.
Moleque	⇒ <i>s.m.</i> relativo à variedade de aipim. O aipim <i>moleque</i> é o que tem a casca branca. (DJ; F)
Molha	⇒ <i>s.f.</i> umidade do solo, terreno molhado, irrigado. Ele demora mais com a <i>molha</i> , o fino... (RS; M)
<sup>1</sup> Mudação	⇒ <i>s.f.</i> relativo a transplante.
<sup>2</sup> Mudação	⇒ <i>s.f., m.q.</i> transplantar.
<sup>1</sup> Mudança	⇒ <i>s.f.</i> relativo a transplante.
<sup>2</sup> Mudança	⇒ <i>s.f., m.q.</i> transplantar.
Mudar	⇒ <i>v., m.q.</i> transplantar.
Mussuca	⇒ <i>s.f.</i> cova virada, que vai ficar um pouco suspensa do nível do chão, onde estará localizada a maniva ao se plantar; técnica adotada em lugares em que o terreno é mais úmido. Cova virada chama <i>mussuca</i> , porque vai ficá um pouco suspensa. (T1)
	
Mussuquinha	⇒ <i>s.f.</i> cova rasa para se fazer a plantação; <i>dim.</i> de mussuca. <b>(IIP)</b> JC – <i>Mussuquinhas</i> pra fazê a plantação. Doc – O que são mussuquinhas? JC – <i>Aquela covinha rasa pra fazê a plantação</i> . (JC; M)
Nascer	⇒ <i>v., m.q.</i> brotar a planta.
Olerícola	⇒ <i>s.f.</i> verdura; hortaliça; horticultura; legume. <i>Variedades de olerícola</i> : alface; cebolinha; coentro; pimentão. De <i>verduras</i> . (JM; F) <i>Hortaliça</i> . (VBS, M) <i>Horticultura</i> . (VNF; F) Com <i>verduras, legumes</i> . (JPS; M) Numa horta é, por exemplo, <i>pimentão, alface, coentro, cebolinha</i> [...] (DAF; M)
Olho	⇒ <i>s.m., m.q.</i> gema da maniva. T2 – Tem menos gema [...] RS – A gente chama <i>olho</i> . T1 – Cê chama olho, né?
Paca	RS – É olho /.../ Olho da mandioca. (RS; M) ⇒ <i>s.f., m.q.</i> praga.

- Palmo** ⇒ *s.m.* medida, referente a distância adotada para se colocar o adubo ao redor da planta.  
RS – Aí, aí agora vem a distância desse adubo pra botá no pé da lavra.  
T1 – Deve sê um *palmo* mais ou menos... (RS; M)
- Parte terminal da inflorescência da bananeira** ⇒ *s.f.* buzina, coração, manguço.
- Peça do aparelho de ralar mandioca** ⇒ *s.f.* bola.
- Piqueteamento** ⇒ *s.m.* processo de fazer os piquetinhos para marcar, ou de cimento ou de pau para plantar; colocar o ponto; enfincar um pau, para fazer um piquete; colocar uns piquetes, fazer os pontos com varinhas e colocar a linha; colocar um piquete aqui, outro ali para plantar alguma coisa, cavar o lugar certo e plantar; fazer as fileiras certinhas para trabalhar na área certa, tem que pegar um arame, colocar uma linha para amarrar os piquetes; marcar os lugares para plantar as culturas, sair medindo, colocando os pauzinhos, para voltar plantando certo. **(IIP)**  
*Fazê aqueles piquetinho pa... porque tem gente que pranta umas coisa e marcá né? [...] Nos piquetinho, bota uns piquetinho, ou de cimento ou de pau e numera. (JS; F)*  
*É botá o ponto. (AJ; M)*  
*Piquete... piquete, a gente vai enfincá um pau, pra fazê um piquete... (VNF; F)*  
*Botá uns piquete, a gente faz uns ponto e bota vai botano os piquete e aí tá... tamos fazeno uns piqueteamento [...] É umas varinha, né? [...] As varinha faz a ponta e... [...] Bota linha. (DAF; M)*  
*Não, os piquete que eu sei é botá [...] A senhora (incompreensível) botá um piquete aqui [...] Ôtro ali, ôtro ali [...] Pra plantá alguma coisa [...] Cavá o lugá certo e prantá [...] (JSS; M)*  
*Piquetiá é... (+) fazê as filêra tudo certinha pra pudê trabalhá na área certa, pra ficá assim retirano, pra... fazeno as carrêra [...] A senhora tem que pegá um arame, colocá uma linha pra pudê... [...] Marramos os piquete, puxa no primeiro pra o último e... (incompreensível). (JPS; M)*  
*Piquete é marcá o lugares pa prantá as coisa [...] A gente sai medino, botano os pauzinho, pa voltá prantano, pa prantá certo. (MAMN; F)*
- Piquinho** ⇒ *s.m., m.q.* gema da maniva.
- Plantio** ⇒ *s.m.* roça.
- Poça (leia-se póça) de água** ⇒ *s.f.* buraco cheio de água da chuva. **(IIP)**  
*Buracos cheios de água. (JC; M)*

**Poda**

- ⇒ *s.f.* processo de decotar.  
A gente tá dano vida a ela, porque a gente tá *decotano...* (JM; F)
- ⇒ a poda é uma limpeza (na planta), serra tudo, aqueles galhos ruins. **(IIP)**  
A poda é o mermo que eu tô dizeno... *uma limpeza, serra tudo, né?* [...] Ali *aqueles galhos ruim*, porque têm galhos ruim que brota, que num serve aí a gente tem que serrá... (JM; F)

**Podar**

- ⇒ *v., m.q.* decotar.

**Podão**

- ⇒ *s.m.* Tipo de podão: *foice*. **(IIP)**  
Podão [...] é num jeito duma *foice* [...] (JM; F)

**Poverizar**

- ⇒ *v., Var.* pulverizar.  
Ninguém procurô *poverizá* nem nada (JQ; M)

**Pracatu**

- ⇒ *s.f.* relativo à variedade de mandioca.  
Tem a *pracatu...* (variedade de mandioca). (AJ; M)

**Praga**

- ⇒ *s.f.* inseto.  
*Tipos de pragas:* formiga; gafanhoto; grilo; lagarta; paca; rosquinha; tamanjuá.  
*Formiga* mermo é um dos *inseto* ruim. (JM; F)  
É, aqui mesmo o *gafanhoto* come mesmo, destrói mesmo. (VBS; M)  
É gafanhoto [...] É *grilo* [...] É, *tamanjuá* [...] De lagarta. (AJ; M)  
A gente chama gafanhoto [...] *Largata*. (JS; F)  
[...] É praga ((galo canta)) a *paca*, é ôtra praga, e disso por diante, tem muitos [...] Um *rosquinha* também que dá, né? (DAF; M)

**Pratinha**

- ⇒ *s.f.* relativo à variedade de aipim.  
Tem a *pracatu*, tem a *pratinha...* (AJ; M)

**Prevenção**

- ⇒ *s.f.* processo de fazer uma proteção no plantio, para combater as pragas e doenças nas plantas.  
*Uma proteção*. (DAF; M)
- ⇒ processo de se prevenir daquele mal; prevenir das pragas, dos fungos que tiver nas plantas; é colocar remédio no solo para evitar (as pragas e as doenças); fazer alguma coisa para prevenir, para não continuar os fungos. **(IIP)**  
É a gente se *privini* daquele mal. (JM; F)  
*Previnino* [...] *Das pragas, dos fungos que tivé nas plantas*. (VN; F)  
É, *colocá remédio* no... *no solo pra evitá*. (JPS; M)  
*Fazê alguma coisa pra prevení pra não ficá continuano... os fungo*. (MASS; F)

**Produtividade**

- ⇒ *s.f.* rendimento.  
Ele rendeu mais, deu mais do que a quantidade do outro [...] Teve *rendimento*. (VNF; F)

**Proteção**

- ⇒ *s.f., m.q.* prevenção.

**<sup>1</sup>Pulverização**

- ⇒ *s.f.* processo de matar os insetos; colocar um remédio misturado na água, dentro de uma bomba localizada nas costas do agricultor e vai distribuindo na plantação. **(IIP)**

**<sup>2</sup>Pulverização**  
**Pulverizador costal**



**Pulverizar**

**Rachado**  
**Raiz Pivotante**

**Rebrotar**  
**Rego**  
**Relevo acidentado**

**Remédio**  
**Rendimento**  
**Replantar**  
**<sup>1</sup>Retonhar**



*Matano os insetos.* (JM; F)

Eu sei que é um remédio [...] É a gente *colocá uma bomba nas costa* [...] E sai *provizano* tudo, *as plantações* toda. (VBS; M)

É coisá com aquele negócio que bota nas costa. O *remédio* nas água, né? (MASS; F)

⇒ *s.f., m.q.* controle de pragas e doenças.

⇒ *s.m.* bomba.

Eu conheço por *bomba*. (JM; F)

⇒ De colocar remédio nas plantas. (**IIP**)

De *botá remédio nas planta*. (MAMN; F)

⇒ *v.* espalhar um pó ou um líquido na lavoura.

Ninguém procurô *poverizá* nem nada (JQ; M)

⇒ *adj.* relativo à erosão.

⇒ *s.f.* ispigão.

Doc – Não, é, como é que a gente chama as raízes que alcançam grandes profundidades no solo em busca de água e nutrientes [...]?

Inf. – *Ispigão*. (JC; M)

⇒ *v., m.q.* retonhar.

⇒ *s.m., m.q.* sulco.

⇒ *s.m.* relativo a desincerto.

Doc – A parte do solo é... de cima do solo que tem muitas ondulações. Tem o nome de quê, o senhô sabe? É muito, não é certinho.

Inf. – É *disincerto*, né? (DAF; M)

⇒ área cheia de buraco, de valeta; que não é nem plano, nem é alto; terreno cheio de alto e baixo. (**IIP**)

Cheio de buraco [...] *Cheio de buraco, de valeta*... (JC; M)

Relevo, ah relevo é assim, um lugá que *não é nem plano*, é isso aqui que não é plano e *não é alto* [...] É um relevo [...] (+) Ele é alto [...]. (VNF; F)

É um terreno *cheio de altas e baixas* e precisa vê... Trabalhá nele, aqui por exemplo, nois somo exemplo... Catu... A cidade toda acidentada e é muito difícil, pra se trabalhá com ela, né? Tem que realmente sê corrigida, analisá, cortá, iniciá pra pudê... (JPS; M)

⇒ *s.m., m.q.* defensivo agrícola.

⇒ *s.m., m.q.* produtividade.

⇒ *v., m.q.* transplantar.

⇒ *v.* voltar a dar brotos o que brotara uma primeira vez; rebrotar.



[...] esse toco que ficô lá, aí nois vem, dá uma limpa, que'le vai torná a *retonhá* novo pé aqui... [...] Retonhá e crescê. (RS; M)

**<sup>2</sup>Retonhar**  
**Roça**

- ⇒ *v., m.q.* brotagem
- ⇒ *s.f.* plantio.  
Que a gente chega ne *roça* aí, é um pé em cima do outro. (T1)

**Rodeiro**  
**Rosa**

- ⇒ *s.m., m.q.* coroamento.
- ⇒ *s.m.* relativo à variedade de aipim.  
E o *rosa* (aipim) (AJ; M)

**Rosquinha**  
**Ruadeira**

- ⇒ *s.f., m.q.* praga.
- ⇒ *s.f.* relativo à variedade de mandioca.  
[...] temo a *ruadêra* [...] milagrosa são mandioca que a gente pranta aqui [...] (RS; M)

**Sabugo de milho**

- ⇒ *s.m.* capuco.



**Sementeira**

- ⇒ *s.f.* leira usada para semear. **(IIP)**  
É uma *lêra*, agora só é sementêra, só é pra samiá. (JM; F)

**Sempre-verde**  
**Serrote**  
**Soca**  
**Solo**

- ⇒ *s.m.* relativo à variedade de forrageira.
- ⇒ *s.m., m.q.* tipo de podão.
- ⇒ *s.f., m.q.* gema da maniva.
- ⇒ *s.m.* chão.  
Do *chão*... (JC; M)

- ⇒ terreno. **(IIP)**  
O solo é o *terreno*, não é não? (JC; M)

**Sombrada**

- ⇒ *adj.* relativo à sombra.  
Porque se plantá ela junta, ela vai ficá muito *sombrada* [...]. (RS; M)

**Sulco**

- ⇒ *s.m.* valetinha; rego; valeta.  
Bom, eu conheço por *valetinhas*. (JM; F)  
*Rego*. (VJS; M)  
Uma *valeta*. (DAF; M)
- ⇒ valadas rasas (no terreno) para escorrer a água do terreno e para fazer o plantio. **(IIP)**  
Sulco é abri as *valada* pra podê escorrê a água. (VNF; F)

**Tamanjuá**

- ⇒ *s.m., m.q.* praga.

**Tarefa**

- ⇒ *s.f., m.q.* metragem do terreno.

**Terra**

- ⇒ *s.f., m.q.* chão.

**Terra chã**

- ⇒ *s.f., m.q.* terra malhada. **(IIP)**

**Terra malhada**

- ⇒ *s.f.* terra plana, sem mata; que não tem toco, terra chã. **(IIP)**  
Maiada [...] é essa *terra plana* que *não tem mata*, e a terra que tem mato chama de roçada, de derruba, toca fogo, qué

- dizê naquele tempo é mais seco pra fazê a plantação dela. (JC; M)  
*Se não tivé toco, terra chã, maiada.* (AJ; M)
- Terra pesada** ⇒ *s.f.* solo que possui um teor de argila mais acentuado em relação a areia.  
 [...] que o solo às vezes muito pesado, aquele so/ solo argiloso, ele simplesmente faz com que a água não penetre muito [...] tem um pedacinho que não desenvolveu, que às vezes o teô de argila ali, nesse caso... *terra pesada* não desenvolveu, por causa disso. (T2)
- Terra pilada** ⇒ *s.f.* terra pisada, amassada, que fica agarrada no chão; ou seja refere-se à terra compactada. **(IIP)**  
 (terra) *Fica agarrada no chão* [...] Hum, quando a pessoa *pisa* assim e *amassa a terra*... [...] Tá dura. (MASS; F)
- Terra vegetal** ⇒ *s.f., m.q.* chão.  
**Terreno** ⇒ *s.m., m.q.* solo.  
**Tolete** ⇒ *s.m.* pedaço da maniva. **(IIP)**  
 Doc – Sim, a maniba, então como é que a gente chama a parte que brota onde a gente planta?  
 Inf. – Chama de *tolete*. (JC; M)
- Topografia** ⇒ *s.f.* definição da metragem do terreno ou a forma do relevo ser acidentada ou não, se é plano, se é ladeirado ou se é de curva. **(IIP)**  
 Topografia é pra *sabê a metrage do terreno*. (JC; M)  
 Pra vê *se é plano*, ou... é isso? [...] *Se é laderado, se é de curva*... (MASS; F)
- Trabalhar** ⇒ *v., m.q.* labutar.  
**Transplantar** ⇒ *v.* mudar; replantar; mudando; relativo à mudança; mudança.  
*Mudá.* (VJS; M)  
*Replantano, né?* (JPS; M)  
*Mudano*... (JM; F)  
*Mudança?* (MASS; F)  
*Mudação.* (MJB; F)  
 ⇒ retirar as mudas da sementeira para plantá-las no local definitivo. **(IIP)**  
 A gente vai *fazê uma muda* [...] *Plantá em outro local*. (VJS; M)
- Trator** ⇒ *s.m., m.q.* besouro.  
**Trato cultural** ⇒ *s.m.* processo de limpar, zelar, não deixar que as formigas cortem (a planta); cortar algum galho (da planta); purificar (a planta); cuidar (da planta). **(IIP)**  
 Tratos culturais é *limpá, zelá, não deixá a formiga cortá*. (AJ; M)  
 Trato culturais, eu num sei... *ajeitá, arrumá alguma coisa, limpá que num tá... arrumá* [...] Nas planta, vamo dizê, *podá alguma coisa, cortá algumas galha* pra podê ficá um quintal... (VNF; F)

	Tratos culturais é... a limpa, por exemplo, a gente vem fazê o trato cultural, a gente vamo limpá ela, né? [...] <i>Purificá</i> ela pa ela ficá saudável. (DAF; M) <i>Cuidá das planta</i> . (JSS; M)
<b>Trena</b>	⇒ <i>s.f., m.q.</i> medida.
<b>Troço (leia-se trôço)</b>	⇒ <i>s.m, m.q.</i> gema da maniva.
<b><sup>1</sup>Uréia</b>	⇒ <i>s.f., m.q.</i> adubo químico. <i>D-dez.</i> (AJ; M) Dez-dez [...] É, ou dez-dez ou a orêa. (DAF; M)
	⇒ adubo usado pelo trabalhador rural, identificado como: <i>parece um sal, usado no coqueiro; produto químico; produto branco, feito uns caroços, como uma farinha grossa, que quando coloca na água, desmancha todo, para se colocar nas plantas. (IIP)</i> A uréia é um negoço que <i>parece sal</i> . [...] Meu pai usô muito <i>pa coquêro</i> . Aí pegava, abria aquelas valetazinha em roda do pé do coquêro e ele mermo ia botano aquela uréia, pra gente num botá. E a gente ia atrás cobrino aquela uréia toda. (JS; F) Orêa é um <i>produto químico</i> , né? (DAF; M) Oréia é um <i>produto branco</i> que ele é <i>feito</i> assim <i>uns caroço</i> , como a senhora viu aquela <i>farinha grossa</i> [...] Aquela é um bichinho assim, uns <i>carocinho</i> assim [...] Quando pega ele assim e <i>bota na água</i> , ele <i>desmancha todo</i> [...] <i>Pra botá ni planta</i> , se ali tivé uma planta feia, a senhora pega uma mão assim e joga dento de um vaso de água, um dedo de água pra saí fino. (JSS; M)
<b><sup>2</sup>Uréia</b>	⇒ <i>s.f., m.q.</i> d-dez.
<b><sup>3</sup>Uréia</b>	⇒ <i>s.f., m.q.</i> dez-dez.
<b>Valada</b>	⇒ <i>s.f., m.q.</i> sulco.
<b><sup>1</sup>Valeta</b>	⇒ <i>s.f., m.q.</i> curva de nível. Torna a fazê a <i>valeta</i> pra tirá mais um... uma porção de terra né? (T1)
<b><sup>2</sup>Valeta</b>	⇒ <i>s.f., m.q.</i> erosão.
<b><sup>3</sup>Valeta</b>	⇒ <i>s.f., m.q.</i> sulco.
<b><sup>4</sup>Valeta</b>	⇒ <i>s.f., m.q.</i> buraco.
<b><sup>5</sup>Valeta</b>	⇒ <i>s.f., m.q.</i> relevo acidentado.
<b>Valetão</b>	⇒ <i>s.m., m.q.</i> erosão; <i>aum.</i> de valeta.
<b>Valetazinha</b>	⇒ <i>s.f., dim.</i> de valeta. Ele vai fazê aqui uma <i>valetazinha</i> né, um buraco. (T1)
<b>Valetinha</b>	⇒ <i>s.f., m.q.</i> sulco; <i>dim.</i> de valeta.
<b>Varote</b>	⇒ <i>s.m.</i> diversas manivas que nascem em uma mesma cova. <i>Varote</i> que eu chamo é a <i>manái/ a manaíva</i> né, é a que nace em vários pés né, em vez de nace um ou dois, nace cinco, seis pés, assim sem aquela... (JQ; M)
<b><sup>1</sup>Veneno</b>	⇒ <i>s.m., m.q.</i> herbicida.
<b><sup>2</sup>Veneno</b>	⇒ <i>s.m., m.q.</i> fungicida
<b>Verdura</b>	⇒ <i>s.f., m.q.</i> olerícola.
<b>Vermelhinho</b>	⇒ <i>s.m.</i> relativo à variedade de forrageira; <i>Var.</i> capim vermelho.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Assim é que vemos o trabalho do agrônomo-educador. Trabalho no qual deve buscar em diálogo com os camponeses, conhecer a realidade, para com eles, melhor transformá-la.*

*Paulo Freire (1992, p. 85)*

Procurou-se apresentar para o técnico em agronomia uma análise simples e clara daquilo que se processou na interação comunicativa entre ele e o agricultor, demonstrando a correlação de sentido do léxico empregado por um e pelo outro, através das especificidades em seus discursos. Considerando-se que a finalização desta etapa se processou com o aproveitamento da análise do trabalho *Interação técnico/homem do campo: o léxico da agricultura* (Oliveira, 2001) para ampliação da investigação, resgatam-se algumas considerações expostas naquele momento e que vêm corroborar a hipótese aqui pretendida de que a existência de variedades lingüísticas distintas, tais como os dialetos rurais e o dialeto culto urbano, é determinante para a manifestação de ruído na comunicação, ruído que pode, inclusive, levar a interação verbal a um fracasso parcial ou total.

Neste sentido, no Momento I, no que concerne aos agricultores, destacou-se que a escolaridade, a faixa etária – os mais idosos, com maior experiência nos trabalhos da lavoura – bem como o gênero são elementos significativos neste tipo de interação. Contudo, a mulher, em um dado momento da pesquisa, apresentou um resultado diferente daquele previsto, uma vez que, apesar de não dispor de tempo integral no trabalho produtivo, verificou-se que esta não se encontra tão aquém no nível de conhecimento terminológico. Percebeu-se que o agricultor generaliza o uso dos produtos aplicados na lavoura, não estabelecendo distinção no que diz respeito a inseticida, fungicida, defensivos agrícolas e outros produtos utilizados no campo. Além disso, ao ser questionado, o produtor rural procura descrever as ações ou fazer denominações, usando sua linguagem familiar e coloquial, relacionada às atividades na lavoura.

Ressaltou-se que, na aplicação do questionário, dos aproximadamente sessenta itens lexicais técnicos analisados, dezessete destacaram-se como formas conhecidas pelo lavrador, a saber: *adubação de cobertura, adubo orgânico, adubo químico, aração, área de capoeira, brotar, cova, destorroar, época do plantio, erosão, gradear, IBAMA, praga, pulverizador costal, pulverizar, relevo acidentado e uréia*. Chama-se a atenção para o fato de

estas formas lexicais estarem relacionadas a expressões mais familiares das atividades rurais desenvolvidas pelos agricultores.

Verificou-se, pelo depoimento dos técnicos entrevistados da área agrícola, que estes profissionais têm consciência de que os termos específicos de sua área dificultam o sucesso na sua conversação com o homem do campo. Isto posto, percebeu-se a necessidade em uma mudança de estratégia na linguagem empregada, ou seja, quem ocupa a posição hierárquica mais alta – o técnico, neste estudo – deverá ajustar sua linguagem à linguagem do agricultor.

No que diz respeito ao Momento II, realizou-se a análise dos dados a partir do exame do léxico e das interferências que este léxico pode exercer no processo de interação verbal *técnico/homem do campo*. A interação entre os indivíduos pode ocorrer através de uma atividade ou trabalho compartilhado e, neste caso aqui investigado, como um encontro institucionalizado, onde existem objetivos e papéis definidos, ou seja, transmitir conhecimentos técnicos para um grupo de produtores rurais, abordando a cultura da mandioca. Nesse tipo de situação ficam claras as diferenças profissionais e socioculturais entre os participantes do evento, que são definidas como interação assimétrica. Vale pontuar, neste momento, a noção de *poder*, descrita como um fato que interfere no processo; o *poder* associado a fatores extralingüísticos como o gênero, a função social, a faixa etária e o conhecimento de um falante em relação ao outro, ou seja, do técnico em relação ao agricultor.

Apesar de perceber a experiência dos extensionistas, registra-se também que é preciso estar alerta, efetivamente, a fim de que o processo de interação seja eficaz, mesmo porque existe uma resistência por parte de alguns produtores ao serem expostos a novas tecnologias apresentadas pelas empresas de pesquisa de as adotarem, recaindo sobre o técnico a responsabilidade de inserção destas informações no meio rural. Cumpre sublinhar, todavia, que o técnico dispõe do saber teórico, às vezes não atestado *in loco*, no dia-a-dia; que o lavrador dispõe do saber empírico e que, em algumas ocasiões, a experiência faz com que o homem do campo tenha equidade de conhecimento, se comparado ao do técnico, por estar mais próximo da lavoura, apesar de apresentar distinção quanto à nomenclatura empregada e a profundidade dos conhecimentos utilizados na condução das atividades agrícolas.

Percebeu-se, ao longo das descrições relatadas na análise dos dados, que os extensionistas diagnosticam as dificuldades de interação no trabalho de extensão rural.

Distinguiram-se, então, elementos que podem interferir positiva ou negativamente na interação. Observou-se que a condução da atividade não é equilibrada, ou seja, ao mesmo tempo em que o instrutor conduz o roteiro para absorver os resultados benéficos, são apresentadas ações que dificultam o alcance dos objetivos propostos no Treinamento. No tocante aos aspectos positivos, constatou-se que:

1. houve uma preocupação em se questionar a compreensão dos ouvintes, bem como em se fazerem comparações, correlações ao longo do treinamento, bem em nível do entendimento da platéia sobre questões do cotidiano dos participantes, ou mesmo definindo a linguagem adotada por eles;
2. apresentou-se a teoria e imediatamente a prática daquilo que estava sendo informado ou, conjuntamente, agrônomo e produtor rural vão ao campo, e o agricultor com os instrumentos agrícolas vai processando a prática através de algumas atividades demonstrativas;
3. procurou-se organizar o treinamento, disponibilizando-se desenhos, roteiros de técnicas consideradas mais difíceis para o produtor visualizar e correlacionar com as práticas do cotidiano;
4. o profissional colocou a empresa à disposição do produtor rural para auxílio técnico, buscando uma aproximação com os agricultores;
5. o técnico retomou aspectos tratados ao longo do treinamento, a fim de auxiliar e fixar a compreensão dos participantes do processo;
6. o instrutor concedeu aos agricultores a oportunidade de demonstrar o conhecimento e a nomenclatura específica do cotidiano rural de que dispõem através da experiência na lavoura. Este elemento se apresenta como uma estratégia de aproximação entre os informantes;
7. existiu, em alguns momentos, a troca de turno, encadeando a conversação entre os sujeitos envolvidos;
8. o extensionista, com a experiência de que dispõe no campo, adentrou em outros campos de conhecimento, a fim de expandir, também, as informações que o produtor rural possui.

Observou-se, então, que os agricultores mais desinibidos e que têm uma tendência de serem mais prolixos, se pronunciam constantemente, demonstrando o seu

conhecimento e até colocando o que as suas experiências ensinam no dia-a-dia. Concluiu-se, então, que a maioria da platéia fica passiva, observando o andamento das atividades; isto é, o perfil dos indivíduos é que se apresenta como um diferencial neste processo, ou seja, o fato de o sujeito ser mais desinibido contribui para que este possa falar mais.

Cumpra sublinhar, então, que a interação entre o técnico e o agricultor existe e é evidente em alguns momentos, como foi descrito em outra ocasião, e muito mais comprovado, quando um falante se refere a um conteúdo complementado por outro, ou quando há uma reciprocidade de ações em torno de um aspecto. Neste momento, o processo de interação se realiza. No entanto, resgatando-se os aspectos negativos descritos no capítulo anterior, observou-se que existem alguns fatores que precisam ser revistos:

1. o uso de expressões que não fazem parte do repertório lingüístico do lavrador, tendo em vista as variáveis que foram apresentadas, como a escolaridade, a dedicação de tempo do agricultor à lavoura, o gênero, a experiência, associada à idade, que podem aproximar como também distanciar os envolvidos no processo;
2. o uso de estratégias pouco eficientes adotadas pelos profissionais ao apresentarem as teorias, voltadas para as novas tecnologias, em virtude do tipo de linguagem empregada pelos técnicos. Ressalta-se, ainda, que a diferença entre o saber teórico e o saber empírico apresenta-se como elemento inibidor, assim como comprometedor da interação verbal;
3. a seqüência do planejamento; que é fundamental neste processo pedagógico, atentando-se para os imprevistos que possam se apresentar durante o treinamento, a despeito de sua prévia organização. Contudo, o material necessário para se desenvolverem as práticas deve estar disponível, a fim de que estas transcorram com mais eficácia, buscando-se alcançar os objetivos. Além disso, desempenhando o papel de educador, o extensionista precisa estar atento para o entendimento do grupo; levantando as dúvidas, apresentando as informações solicitadas e as que se façam necessárias durante o processo.
4. a participação efetiva da platéia; é preciso proporcionar a interação entre os participantes, dando-lhes oportunidade de expressão. É necessário colocar o agricultor-aluno e as orientações em evidência, ao invés de o instrutor-professor ser o foco da atenção, considerando-se o aspecto educacional em questão;
5. a dispersão do discurso dos interlocutores, ou seja, o instrutor deverá estar atento para a manutenção do tema em foco.

Constatou-se, então, quanto ao discurso, que não há uma linha, mesmo que imaginária, de separação entre o discurso rural e o científico, ainda que tenham sido localizadas variantes lingüísticas de um na linguagem do outro e vice versa. Orlandi; Guimarães e Tarallo (1989), analisando o discurso na cidade e no campo, afirmam que não existe um discurso rural e um discurso urbano, existem instâncias em que do confronto de sentidos se configuram esses discursos. No entanto, observou-se, nesta pesquisa, que para o processo de interação verbal transcorrer com maior eficiência no andamento dos projetos agrícolas, seria necessário que estes falantes pudessem estar mais próximos lingüisticamente uns dos outros, buscando um entrosamento mútuo. Não é preciso, no entanto, que um anule a sua linguagem, substituindo-a pela do outro, mas que o extensionista, especialmente, tome conhecimento da fala de seus interlocutores. Neste sentido, a elaboração do glossário não implica o emprego unilateral dos termos adotados pelo agricultor. No entanto, pressupõe-se que o profissional que trabalha com a extensão rural, ao expor a tecnologia e sugestões aos agricultores, esteja familiarizado com a linguagem destes, inclusive com as formas neológicas, para que seja observado o uso de expressões mais próximas do entendimento das pessoas com quem estão dialogando, facilitando este processo de interação. Por outro lado, a utilização da terminologia técnica por parte do agricultor é restrita, todavia, está sendo ampliada através da convivência com os profissionais da extensão rural.

Ressalta-se que tanto o técnico como o produtor rural têm consciência da diferenciação no tocante as suas linguagens. Verificou-se que o homem da zona rural costuma fazer uma associação semântica, na identificação das formas lingüísticas às atividades desenvolvidas no campo, inclusive através do uso de itens lexicais gerais da língua em denominações específicas às práticas da lavoura, relacionadas semanticamente à maneira como faz, ao formato, ao aspecto, ao tempo, ao período, à cor, a exemplificação dos tipos ou variedades de plantas, culturas ou produtos, conforme exemplo a seguir: *coração*, para o agricultor, é a denominação para a *parte terminal da inflorescência da bananeira*, motivação semântica relacionada ao formato do coração e à forma arredondada da parte roxa da bananeira, que fica pendurada ao cacho da banana. Dessa forma, o agricultor não identifica a terminologia técnica, nem compreende integralmente o sentido desta nomenclatura específica, bem como não a utiliza em seu cotidiano rural ou então a utiliza em uma proporção muito menor, caso o termo técnico já esteja cristalizado em seu repertório lingüístico. Sendo assim, para o lavrador o *adubo orgânico* é *adubo natural* (fezes de galinha, gado...); *armazenar* é



*guardar; curva de nível é fazer uma valeta; cultivar é lavrar; época do plantio é a época da chuva, da lua; gema da maniva é olho; rebrotar é retonhar*, dentre outros.

Para alguns autores, como foi discutido em outro momento, os termos técnicos dispõem de uma precisão maior do que os termos correntes. Percebe-se que a especificidade do termo engloba de uma forma mais ampla o sentido que se quer empregar. No entanto, o uso indiscriminado da terminologia técnica estabelece uma distância entre o locutor e o interlocutor pois para o segundo o termo técnico aparece como *palavra misteriosa*, por dificultar a interpretação da mensagem. Isto posto, é preciso o extensionista aproximar-se e familiarizar-se com o sentido do léxico *adubo natural, guardar, fazer uma valeta, lavrar, época da chuva, olho, retonhar* e outros que estão disponíveis no glossário e na literatura lexicográfica regional, a fim de facilitar o trabalho da extensão rural. Percebe-se uma dificuldade na interação, quando se observa que o agricultor não entende o que o técnico diz, não apenas quanto ao léxico de conteúdo, mas essa dificuldade se manifesta também em certas estruturas gramaticais decorrentes do léxico-gramatical. Destacam-se exemplos discutidos no capítulo da fundamentação teórica de um e do outro, respectivamente, para ilustrar esta questão: *Porque olhe só, se colocá, um de... de determinado herbicida tem que vê se ele é pró-emergencial, é pré-emergencial, então, tem que tê uma preocupação com isso [...] (T2; f. 45) e [...] nós já realizamos aqui nessa comunidade alguns eventos, né, tais como, unidade de demonstração da própria mandioca, realizamos excursões pra EMBRAPA [...] já participaram do treinamento, sabe mais ou menos como é que acontece [...] então, não só com a cultura, mas também com as pessoas [...] (T1; f. 8)*. O léxico pode ser o responsável primeiro pela dificuldade ou facilidade na interação face a face, visto que este modo de interação configura-se como um modo de ação muito mais dinâmico, principalmente, neste processo que envolve sujeitos com conhecimentos diferenciados.

Revedo a interferência que o léxico de conteúdo pode exercer na conversação entre os usuários da língua e ainda a diversidade de sentido da palavra através da convenção aos termos adotada pelos falantes – técnicos ou correntes – é que se verifica que o profissional necessita do conhecimento do repertório do homem do campo, objetivando compreender as associações evidenciadas pelo agricultor. Dessa forma, quando o lavrador abre uma *valeta* no terreno para cortar as águas das chuvas, denomina a esta técnica como *fazer valeta* ou *Inverso [...] Então eu acho que é inverso, o contrário, eu não sei o nome correto*; como o informante mesmo declara que não sabe o nome certo. Na verdade, o produtor rural está se referindo à maneira como desenvolve aquela atividade que para o profissional da área da agricultura se

denomina como *curva de nível*. Quanto à linguagem, é evidente que o contexto e o cotidiano influenciam na nomenclatura empregada pelo camponês; e o técnico com a experiência e a escolaridade que dispõe, deverá ter o conhecimento lingüístico rural, a fim de aplicar a terminologia com mais eficiência. Neste sentido é que se resgatam os elementos *conhecimento de mundo* e *conhecimento partilhado* entre os envolvidos em todo e qualquer processo de interação, para que haja uma troca, permuta, reciprocidade de papéis e de linguagem, quando os sujeitos procuram compartilhar o léxico de conteúdo do outro. Não se deve esquecer que a valorosa experiência do homem do campo no cotidiano rural se apresenta como um elemento de destaque, visto que o dia-a-dia é quem determina, quando a tecnologia não foi experimentada e aprovada, as soluções para os problemas do lavrador na lavoura.

Considerando-se as descrições das unidades lexicais retiradas da conversação que se processou entre a pesquisadora e o homem do campo na coleta de dados referente ao Momento I do estudo, bem como do diálogo entre o extensionista e os produtores rurais no treinamento de mão de obra, no que diz respeito ao Momento II, organizou-se o GLOSSÁRIO, cujo número de lexias perfaz um total de duzentas e oitenta formas. O objetivo do glossário é, justamente, propiciar aos profissionais da área da agricultura o conhecimento de outras denominações para os termos técnicos, com as suas respectivas formas ou expressões, a fim de que a interação entre estes sujeitos seja mais produtiva. Sugere-se, então, que haja uma reflexão quanto à metodologia, às estratégias e à linguagem utilizadas pelos extensionistas nestes eventos para amenizar estas questões. Enfim, o glossário, resultado desta investigação, foi concebido para fornecer ao técnico uma relação de termos mais utilizados pelo homem do campo. Sabe-se que às vezes o técnico tem conhecimento do repertório verbal do agricultor, mas não utiliza formas dele oriunda, por considerá-las *incorretas* ou *inadequadas*. Com este trabalho, pretende-se então combater o preconceito lingüístico e dar voz aos agricultores.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Virgínia B. B. 2000. Funcionalismo e gerativismo: pressupostos sociológicos e filosóficos. In: SILVA, Alacir; LINS, Maria da P. (Org.). *Recortes Lingüísticos*, Vitória: Saberes, p. 11-29.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). 1999. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro, 816 p.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). 1998. *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 273 p.
- \_\_\_\_\_. 1987. *Aspectos lingüísticos da fala londrinense: esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina*. 1987. 313 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de São Paulo, Assis, p. 33-35; 193-198; 221.
- AJAYI, Tayo Julius. 2002. *Empréstimo e variação interlingüística: o iorubá em contato com o português no Brasil, 2002*. 731 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ALBUQUERQUE, Maria Lizalma S.; PEREIRA, Regina Coelly V.; LIMA, Maria Irene R. 2001. Aspectos léxicos do falar do Ceará. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2., 2001, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Imprensa Universitária / UFC, p. 431-434.
- ALDRIGUE, Ana Cristina de S. 1986. *A linguagem do seringueiro no Estado do Acre*. 1986. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p.16-24; 37-102.
- ALENCAR, Maria Silvana Militão. 2003. Dicionários populares cearenses. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2., 2001. Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Imprensa Universitária / UFC, p. 449-451.
- ALMEIDA, Ana Lúcia de Campos. 2003. Interação em sala de aula: embate verbal aluno x professora, conflito de relações no jogo de poder. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2., 2001, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, p. 51-53.
- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. 1998. A problemática epistemológica em terminologia: relação entre conceitos. *ALFA: Revista de lingüística*, São Paulo, v. 42, p.223 – 233, N°. especial.
- ALMEIDA, Joyce E. 1996. *Discurso rural: uma perspectiva ideológica*. 1996. 123 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, p.32-97; 119-122.
- ALTMAN, Cristina. 1998. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, p. 37-43.
- ALVES, Iêda Maria. 1998. Questões epistemológicas e metodológicas em terminologia. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E

TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1., 1997, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, p. 95-106.

\_\_\_\_\_. 1996. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística. *ALFA: Revista de lingüística*, São Paulo, v. 40, p. 11-16.

\_\_\_\_\_. 1990. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Editora Ática, 93 p.

\_\_\_\_\_. ANJOS, Eliane Dantas dos. 1998. Uma experiência terminológica: a elaboração do glossário de termos neológicos da economia. *ALFA: revista de lingüística*, São Paulo, v. 42, p. 205-221, N.º especial.

ANDRADE, Maria Margarida. 1998a. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, p. 189-198.

\_\_\_\_\_. 1998b. Organização da macroestrutura: problemas metodológicos. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1., 1997, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, p. 61-79.

ANDRADE, Nadja. 1998. Comunicação interdialeto médico-paciente na anamnese. In: FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, p.199-207.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. 1998. Atlas lingüístico da Paraíba. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, p. 55-77.

\_\_\_\_\_. 1983. *Lingüística aplicada aos falares regionais*. João Pessoa: A UNIÃO, 118 p.

AULETE, Caldas. 1964. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2. ed. bras. Rio de Janeiro: Delta, 5v.

BAGNO, Marcos. 2002. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, p. 9-34.

BAKHTIN, Mikhail. 1992. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Eramantina G. Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, p. 279-358.

\_\_\_\_\_. 1979. *O marxismo e a filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Land et al. São Paulo: HUCITEC, 182 p.

BALDINGER, Kurt . 1984. *Vers une sémantique moderne*. Paris: Klincksieck, p. 223-248.

BARBOSA, Maria Aparecida. 1998. Relações de significação nas unidades lexicais. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1., 1997. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, p.19-40.

\_\_\_\_\_. 1979. Aspectos semânticos da produtividade léxica. *Língua e Literatura*: revista do Departamento de Letras da USP, São Paulo, v.8, n.º8, p.165-183.

BARBOSA, Rita de Cássia. 1980. *Seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico, crítico e exercícios* de Carlos Drumond de Andrade. São Paulo: Abril Educação, 105 p.

BARROS, Sebastião A. 1978. *Produtividade rural e comunicação*. 1978. 54 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 15-39.

BASÍLIO, Margarida. 1998. *Teoria Lexical*. 5 ed. São Paulo: Ed. Ática, 94 p.

\_\_\_\_\_. 1997. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *Veredas*: Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora, v.1, n.1, p.9-21, jul./dez.

BENVENISTE, Émile. 1989. *Problemas de lingüística geral II (1902-1976)*. Tradução de Maria da Glória Novak et al. Revisão de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Ed. Nacional / USP, p. 34-40; 81-90; 284-293.

BERLO, David K. 1979. *O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática*. Tradução de Jorge Arnaldo Fortes; revisão de I. B. Silva. São Paulo: Martins Fontes, p.33-45; 109-131.

BIASI, C. A. F. et al. 1982. *Métodos e meios de comunicação para a extensão rural*. Curitiba: ACARPA, 2v. p. 4-23.

BIDERMAN, Maria Tereza C. 1998a. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico*; lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, p.11-20.

\_\_\_\_\_. 1998b. Os dicionários como norma na sociedade. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL,1., 1997, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, p.161-180.

\_\_\_\_\_. 1998c. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, p.129- 142.

\_\_\_\_\_. 1996. Léxico e vocabulário fundamental. *ALFA; Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 40, p.27-46.

BOONS, Jean-Paul. 1971. Sinonímia, antonímia e fatores estilísticos em alguns relatórios científicos. In: TODOROV, Tzvetan et. al.. *Semiologia e lingüística*. Tradução de Lígia M. P. Vassallo e Moacy Cirne. Petrópolis: Ed. Vozes, p.68-107.

BORBA, Francisco da Silva. 2003. *Organização de dicionários*; uma introdução à lexicografia. São Paulo: UNESP, 356 p.

BORGES NETO, José. 1986. Lingüística no Brasil: mera importação de modelos estrangeiros? *Boletim ABRALIN*, v.8, p. 77-82.

BORTONI, Stella Maris. 1989. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolinguística. In: TARALLO, Fernando (Org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, p. 167-180.

BOSTIAN, Lloyd R. 1978. Papel da comunicação coletiva no desenvolvimento agrícola brasileiro. In: MELO, José M. (Org.). *Comunicação, modernização e difusão de inovações no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes, p. 13-25.

BOUQUET, Simon. 2000. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 317 p.

BOURDIEU, Pierre. 1998. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer (1930-1998)*. Tradução de Sérgio Miceli et al. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 188 p.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. 2002. *Introdução à análise do discurso*. 8 ed. Campinas, (SP): UNICAMP, p.9-12.

CABRÉ I CASTELLVÍ, Maria Teresa. 1998. Importancia de la terminología en la fijación de la lengua: la planificación terminológica. In: MATEUS, Maria Helena e CORREIA, Margarita. (Coord.). *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Portugal: Publicações Europa-América, p. 19-44.

CALÇADA, Guiomar Fanganiello. 1998. Significado e leitura. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1., 1997. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, p. 83-94.

CANO, Waldenice Moreira. 1998a. Os dicionários de língua, a norma cultural e os terminologismos. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1., 1997, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, p. 205-215.

\_\_\_\_\_. 1998b. Prefixação no vocabulário técnico-científico. *ALFA: revista de linguística*, São Paulo, v. 42, p. 71-91, N°. especial.

CARDOSO, Suzana Alice M. 2001. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 17, p.25-44, N°. especial.

\_\_\_\_\_. 1999. A dialectologia no Brasil: perspectivas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, p. 233-255.

\_\_\_\_\_. 1998. Que dimensões outras, que não a diatópica, interessam aos atlas linguísticos? In: CONGRES INTERNATIONAL DE LINGÜISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22, 1998. Bruxelles. *Atas...* Tübingen: Niemeyer, p. 411-415.

\_\_\_\_\_. 1996. A geolinguística no Brasil. *Qvinto Império*, Salvador, v. 1, n. 1, p.11-24.

\_\_\_\_\_. 2000. FERREIRA, Carlota da S. *O léxico rural: glossário, comentários*. Salvador: UFBA, 148 p.

- \_\_\_\_\_. 1994. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 95 p.
- CARVALHO, Castelar de. 1980. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. 2 ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 171 p.
- CARVALHO, Nelly. 1984. *O que é Neologismo?* São Paulo: Brasiliense, 76 p.
- CASTILHO, Ataliba T. 2000. *Introdução à lingüística cognitiva*. Relatório Científico à FAPESP. S. Paulo, 8p. Mimeografado.
- \_\_\_\_\_. 1999. Apresentação. *D.E.L.T.A.*, v. 15, p.5-12, Nº. especial
- \_\_\_\_\_. 1997. A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, n. 19, p. 25-64.
- \_\_\_\_\_. 1992. O português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. São Paulo: Ed. Ática, p. 237-285.
- CASTRO, Ivo. 1991. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 274 p.
- CEDERGREN, Henrietta J.; SANKOFF, David. 1974. Variables rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language*, LSA, v. 50, n. 2, p.333-355.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. 1994. *La dialectología*. Tradução de Carmem M. González. Madrid: Visor Libros, p. 19-32.
- CHOMSKY, Noam. 1999. *The minimalist program*. Cambridge / Massachusetts: MIT. Tradução portuguesa de Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 543 p.
- CICCO, Cláudio de. 1973. Comunicação no Brasil rural e no Brasil urbano. In: SAITO, Hiroshi (Org.). *A comunicação e alguns problemas rurais*. São Paulo: COM-ARTE, p.1-17.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. 1998. *Atlas lingüístico do Brasil: questionários*. Londrina: UEL, 59 p.
- CONCEIÇÃO, Manuel Célio. 1996. Terminologias em português: uma questão de sobrevivência. *Revista Internacional de Língua Portuguesa - RILP*, Lisboa, nº. 15, p.25-29, jul.
- CORRÊA, Luiza; MARTINE, Castro. 1989. Análise da constituição e reprodução no discurso médico-paciente: uma abordagem sociolingüística interacional. In: TARALLO, Fernando (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, p. 239-268.
- CORREIA, Margarita. 1998. Neologia e terminologia. In: \_\_\_\_\_.; MATEUS, Maria Helena (Coord.). *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Portugal: Publicações Europa-América, p. 59-74.
- COSERIU, Eugenio. 1986. *Introducción a la lingüística*. 2 ed. rev. Madrid: Gredos, p. 81-100.

\_\_\_\_\_. 1979. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística*. (1921-1979). Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 238 p.

COSTA, Maria Cristina R. 1987. *O léxico de profissões e ofícios*. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 11-23; 127-137.

CUNHA, Antônio G. da. 1986. *Índice do vocabulário do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, p. 45.

\_\_\_\_\_. 1982. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. Prefácio – estudo de Antônio Houaiss. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 357 p.

CUNHA, Celso. 1968. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo, 107 p.

DASCAL, M.; BORGES NETO, J. 1991. De que trata a lingüística, afinal? *Histoire, Epistemologie, Language*, v.13, n. 1, p. 13-50.

DILLINGER, Mike. 1991. Forma e função na lingüística. *D.E.L.T.A.*, v. 7, n.1, p. 395-407.

DOSSE, François. 1993. *História do estruturalismo*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio, p.19-33; 493-499.

*ENCICLOPÉDIA* Mirador Internacional. 1990. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, p.3298-3304; 6748-6760.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. 1999. *Gramática*. 12 ed. São Paulo: Ed. Ática, p.162-171.

FARIA, Isabel Hub et al. 1996. Introdução. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, p.11-23.

FARIA, Vidal Pedroso. 1997. A difícil tarefa de informar. *Revista Balde Branco*, São Paulo, v.33, nº.8, set.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. 1986. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1499p.

FERREIRA, Carlota. 1998. Atlas prévio dos falares baianos: alguns aspectos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, p. 15-29.

\_\_\_\_\_. 1995. A geografia lingüística no Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 255-277.

\_\_\_\_\_. 1988. Polimorfismo e léxico (*Rótula* em Sergipe) In: \_\_\_\_\_. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: UFBA, p.103-108.



FERREIRA, Carlota et al. 1987. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA; Aracaju: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, Não paginado.

\_\_\_\_\_.; CARDOSO, Suzana Alice M. 1995. Um panorama da dialectologia no Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa - RILP*, Lisboa, n. 14, p. 91-105, dez.

\_\_\_\_\_. MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. 1994. Sergipe e Bahia: algumas diferenças lexicais. In: \_\_\_\_\_. *Diversidade do português do Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, p.111-123.

FERREIRA, Manuela Barros et al. 1996. Variação lingüística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, Isabel Hub et al. *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, p.479-502.

FERREIRA, Maria Cristina L. 2001. *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre: UFRGS, 28 p.

FERREIRA, Raimundo R. 1997. *Para um vocabulário semi-sistemático da cultura e da indústria da rede de dormir e um estudo dos movimentos sígnicos constitutivos de sua linguagem*. 1997. 178 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Ensino da Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

FINATTO, Maria José B. 2002. O papel da definição de termos técnico-científicos. *Revista da ABRALIN*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 73-97, jul.

\_\_\_\_\_. 2001. *Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação*. 2001. 395 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FIORIN, José Luiz. 1999. Polifonia textual e discursiva. In: \_\_\_\_\_. BARROS, Diana Luz Passos de. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, p.29-36.

\_\_\_\_\_. 1996. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, p.9-39.

FREIRE, Paulo. 1992. *Extensão ou comunicação?* Tradução de Rosisca D. de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 93 p.

GUIRAUD, Pierre. 1980. *A semântica*. Tradução e adaptação de Maria Elisa Mascarenhas. 3 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, p.15-33.

HAGÈGE, Claude. 1985. *O homem dialogal: contribuição lingüística para as ciências humanas*. Rio de Janeiro: Edições 70, p. 41-45; 75-86; 207-252.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. 2001. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2922p.

ILARI, Rodolfo. 1997. A noção semântica de ambigüidade. *Veredas – Revista de estudos lingüísticos*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 51-71, jul-dez.

\_\_\_\_\_. GERALDI, João Wanderley. 1992. *Semântica*. 5 ed. São Paulo: Ed. Ática, 96 p.

INDURSKY, Freda. 1998. O sujeito e as feridas narcísicas dos lingüistas. *Gragoatá*, Niterói, n. 5, p. 111-120.

ISQUERDO, Aparecida N. 1998a. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In:\_\_\_\_\_. OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, p. 89-98.

\_\_\_\_\_. 1998b. Vocabulário regional na Amazônia acreana. *ALFA: Revista de lingüística*, São Paulo, v. 42, p. 93-107, N. especial.

KAISER, Daniel. 1997. La sémantique lexicale est d'abord inférentielle. In: CADIOT, Pierre; BENOÎT, Habert. *Langue Française: aux sources de la polysémie nominale*. Paris: Larousse, p. 92-106.

KATO, Mary. 1998. Formas de funcionalismo na sintaxe. *D.E.L.T.A.*, v. 14, p. 145-168, N. especial.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. 2004. *Les actes de langage dans une perspective interactionnelle*. (Palestra, 20.05) Salvador: UFBA.

\_\_\_\_\_. 1990. *Les interactions verbales*. Paris: Armand Colin, v.1, p.9-37; 48-61; 106-133.

KOCH, Ingedore G. V. 1997. *A inter-ação pela linguagem*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 115 p.

\_\_\_\_\_. 1990. *A coesão textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 75 p.

\_\_\_\_\_. TRAVAGLIA, Luis Carlos. 2002. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 118 p.

\_\_\_\_\_. 1989. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 107p.

KOOGAN, Abraão; HOUAISS, Antonio. 2000. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. 4 ed. Rio de Janeiro: Seifer.

KRIEGER, Maria da Graça. 1999. Terminologia técnico-científica: seu papel no MERCOSUL. *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, Fortaleza, v. 24, p. 31-52.

LABOV, William. 1983. A hipercorreção na classe média baixa como fator de mudança lingüística. Tradução de Zélia G. Miguel e Simone M<sup>a</sup> R. Oliveira. In: \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 6p.

LAFACE, Antonieta. 1998. Definição do vocabulário terminológico no universo acadêmico: reflexões didático-pedagógicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, p. 235-245.

LEANDRO, Paulo R. L. 1973. Considerações sobre comunicação rural. In: SAITO, Hiroshi (Org.). *A comunicação e alguns problemas rurais*. São Paulo: COM-ARTE, p.18-27.

- LUCCHESI, Dante. 2000. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. 2000. 364 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- LYONS, John. 1982. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Tradução de Marilda W. Averbug e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: Zahar, 322 p.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio. [s.d.]. *Lingüista: Abá-pe-aípo? (Concurso Nacional ABRALIN: O que é ser lingüista?)*. 7 p. Não publicado.
- MAINGUENEAU, Dominique. 1990. L'unité de la linguistique. *D.E.L.T.A.*, v. 6, n. 2, p. 127-137.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. 1999. *Análise da conversação*. 5 ed. São Paulo: Ed. Ática, 94 p.
- \_\_\_\_\_. 1995. Assimetria, poder e adequação na interação verbal. *Investigações lingüísticas e teoria literária*, Recife, v. 5, p. 80-93, dez.
- \_\_\_\_\_. 1988. Manifestações de poder em formas assimétricas de interação. *Investigações lingüísticas e teoria literária*, Recife, v.1, p.51-70.
- MARQUES, Maria Helena Duarte. 2001. *Iniciação à semântica*. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar. 164p.
- MARROQUIM, Mário. 1996. *A Língua do Nordeste*. (1896-1975). 3 ed. Curitiba: HD Livros. p. 97- 121.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. 1999. *Sobre desencontros e reencontros: filologia e lingüística no Brasil do século XX*. São Paulo: Humanitas, p.17-35.
- MIAZZI, Maria Luisa Fernandez. 1972. *Introdução à lingüística românica: história e métodos*. São Paulo: Cultrix, p.37-73.
- MICHAELIS. 1998. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 267p.
- MILANESI, Luís Augusto. 1973. Comunicação e produtividade na zona rural. In: SAITO, Hiroshi (Org.). *A comunicação e alguns problemas rurais*. São Paulo: COM-ARTE, p. 28-42.
- MIRANDA, Alealda P. 1997. *História de Sítio Novo*. Catu: Contexto, 71 p.
- MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja. 1988. Sobre latitude semântica em um dialeto rural (Sergipe). In: FERREIRA, Carlota. *Diversidade do português do Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, p.73-78.
- MURAHAWA, Clotilde de A. 1998. Primeiros dicionários a estabelecerem um padrão lingüístico no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA,

LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1., 1997. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, p.145-159.

NARO, Anthony. 1996. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Cecília (Org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. 3 ed., Rio de Janeiro: FL/UFRJ, p. 17-25. (Cadernos didáticos).

\_\_\_\_\_. SCHERRE, Maria Marta P. 1999. Influência de variáveis na concordância verbal. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 3, p.17-34.

\_\_\_\_\_. VOTRE, Sebastião J. 1992. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma. *D.E.L.T.A.*, v. 8, n. 2, p. 285-290.

NASCIMENTO, Milton do. 1990. Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A.*, v. 6, n.1, p. 83-98.

NEVES, Maria Helena de Moura. 2000. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 1037 p. p.173.

NEWMAYER, Frederick J. [s.d.]. Some remarks on the functionalist-formalist: controversy in linguistic. In: DARNELL, Michael et al. *Functionalism and formalism in linguistic*. Amsterdam: SLCS, v. 1, p. 469-486.

NOGUEIRA, Albana X. 1988. Notícias de um atlas em andamento. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, p. 143-154.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, J.A. 1976. *O significado de significado*. Tradução de Álvaro Cabral. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar. p. 23-44.

OLIVEIRA, Alzir. 1978. *O léxico da rapadura*. 1978. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p.1-6; 25-43.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. 1998. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: \_\_\_\_\_. ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, p. 107-113.

\_\_\_\_\_. 1997. Normas regionais e dialetais. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1., 1997, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, p.181-203.

OLIVEIRA, Giselle M. de; SCHERRE, Maria Marta P. (Org.). 1996. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 395 p.

OLIVEIRA, Roberta P. de. 2001a. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, v. 2. p. 17-46.

OLIVEIRA, Simone Maria Rocha. 2003a. *Interação técnico/homem do campo: alguns itens lexicais*. Trabalho apresentado ao 3º Congresso Internacional da ABRALIN, Rio de Janeiro, 6p. Não publicado.

\_\_\_\_\_. 2003b. A linguagem do técnico em agropecuária no município de Catu: o léxico da agricultura. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2., 2001, Fortaleza. *Anais...* UFC, p. 580-582.

\_\_\_\_\_. 2001b. *Interação técnico/homem do campo: o léxico da agricultura*. 2001. 196 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Bahia.

\_\_\_\_\_. 2000. Variação lexical: alguns itens lexicais das áreas agrícola e zootécnica. 2000. Trabalho apresentado à 18ª Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE, Salvador, 6 p. Não publicado.

ORLANDI, Eni P.; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. 1989. *Vozes e Contrastes: discurso na cidade e no campo*. São Paulo: Cortez, 151p.

PAIVA, Maria da Conceição de; GOMES, Christina A. 2000. Sociolingüística: Um paradigma de explicação sobre o uso da língua. In: SILVA, Alacir; LINS, Maria da P. (Org.). *Recortes Lingüísticos*. Vitória: Saberes, p.137-151.

PICOCHÉ, J. 1977. *Précis de lexicologie française: l'étude et l'enseignement du vocabulaire*. Paris: Nathan, p. 30-52.

PINTO, Edith P. 1986. *A língua escrita no Brasil*. São Paulo: Ed. Ática, 80 p.

PINTO, Joana P. 2001. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, v.2, p. 47-68.

PONTES, Antônio Luciano. 1998a. Reflexões sobre o macro e a microestrutura do glossário da terminologia do caju. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL. 1., 1997, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, p. 121-133.

\_\_\_\_\_. 1998b. *Os termos da cultura e industrialização do caju*. ALFA: Revista de lingüística, São Paulo: v.42, p. 235-245.

\_\_\_\_\_. 1996. \_\_\_\_\_. 1996. 273 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis.

\_\_\_\_\_. [199?]. *Dicionário de termos da cultura do caju*. Fortaleza, 3p. Não publicado.

\_\_\_\_\_. 1982. *O léxico da cultura e industrialização do caju, em Pacajus - CE*. 1982. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, p.9-19; 46-49; 83-84.

POP, Sever. 1950. *La dialectologie: aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques*. Seconde partie. Louvain: Chez l'Auteur, p.33-37; 106-151; 234-250.

POTTIER, Bernard. 1978. *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução e adaptação de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença / Universidade Santa Úrsula, p. 61-96.

PRETI, Dino. 1977. *Sociolinguística: os níveis da fala, um estudo sociolinguístico do diálogo da literatura*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 170 p.

PRIETO, Claudete R. 1980. *O léxico e as variações extra-linguísticas*. 1980. 193 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

PRUDÊNCIO, Sandra C. 1998. Unidade e diversidade no português do Brasil. In: *Hyperion*, revista científica semestral do Instituto de Letras da UFBA, Salvador, n. 5, p.109-118.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. 1986. Comunicar é preciso. *Boletim ABRALIN*, v.8, p. 83-85.

REIS, Ângela Kovachich de Oliveira. 1998. Glossário da área têxtil (Subárea fiação). In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1., 1997, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, p.135-143.

REY, Alain. 1979. *La terminologie: noms et notions*. Paris: PUF, p.16-22; 39-51.

REY-DEBOVE, Josette. 1996. A procura da distinção oral/escrito. In: CATACH, Nina. (Org.). *Para uma teoria da língua escrita*. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto e Guacira Marcones Machado. São Paulo: Ed. Ática, p.75-90.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). 1998. *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 159 p.

RIBEIRO, José Paulo. 1984. *Objetivos, princípios e conceitos de extensão rural*. Brasília: EMBRATER, p.5-17. (Série Leituras Seleccionadas, 8).

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. 1999. *Gramática normativa da língua portuguesa*. (1915-1991). 37 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 199-277.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. 1997. Linguagem: representação ou mediação? *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 41-49, jul/dez.

ROSSI, Nelson. 1967. *A dialectologia*. *ALFA*, Marília, v.11, p.89-115, mar.

\_\_\_\_\_. 1963. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: MEC/INL, Não paginado

SALOMÃO, Maria Margarida M. 1997. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p.23-39, jul-dez.

SANKOFF, David. 1998. Variables rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Nobert; MATTHEIR, Klaus (Ed.). *Sociolinguistics*. New York: Academic Press, p.119-127.

SANTOS, Denise G. D. 1996. *O léxico da casa de farinha*. 1996. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Maria Francisca O. 2002. *A interação em sala de aula*. Recife: Bagaço, 97 p.

\_\_\_\_\_. 1999. *Professor-aluno: as relações de poder*. Curitiba: HD, p.7-41.

SAUSSURE, Ferdinand de. 1975. *Curso de lingüística geral*. (1857-1919). Charles Bally e Albert Sechehaye e Albert Riedlinger (Org.). Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 279 p.

SCHERRE, Maria Marta P. 1996. Levantamento, codificação, digitação e quantificação dos dados. In: MOLLICA, Cecília (Org.). *Introdução à sociolingüística variacionista*. 3ed. Rio de Janeiro: FL/UFRJ. p.121-134. (Cadernos Didáticos).

SILVA-CORVALÁN, C. 1989. *Sociolingüística: teoría y análisis*. España: Ed. Alhambra, p.1-58.

SILVA, Maria Emília Barcellos da. 1998. Competência e perspectivas dos estudos de base lexical. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, p. 115-121.

SOARES, Magda. 1992. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 9 ed. São Paulo: Ed. Ática, p.55-60.

SOUZA, Iracema Luiza de. 2002a. *Notas de aula*. Salvador/PPGL. 1º semestre. (disciplina: Análise do Discurso II).

\_\_\_\_\_. 2002b. *A definição como ato de fala ordinário*. Trabalho apresentado a 19ª Jornada de Estudos Lingüísticos. (GELNE). Fortaleza, Não publicado. 4p. digitadas.

\_\_\_\_\_. 1996. *Le cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure et ses dédoublements dans la première moitié du XX ème siècle*. 1996. 697 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de Paris VIII, Paris, Cap. 3.

SUEREN, Pietre. 1998. *Western linguistics: an historical introduction*. Oxford: Blackwell, p. 11-15.

TARALLO, Fernando. 1985. *A pesquisa sociolingüística*. 2 ed. São Paulo: Ed. Ática, 96 p.

THIBAUT, Paul J. 1997. *The dynamics of signs in social life*. London: ROUTLEDGE, Cap. 4. p.80-110.

ULLMANN, Stephen. 1977. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução J. A. Osório Mateus. 4 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, p. 77-165; 190 - 267; 401 - 539.

\_\_\_\_\_. 1975. *Précis de Semantique Francaise*. (1952). Bern: Francke. Cinquième edition, p. 22.

VAN DIJK, Teun Adrians. 2002. *Cognição, discurso e interação*. Organização e apresentação de Ingedore V. Koch. 4 ed. São Paulo: Contexto, p.9-98.

VENDRYES, J. 1958. *El lenguaje: introducción lingüística a la historia*. Traducción al español de Manuel de Montoliu e Jose M. Casas; revisión de A.M. Badia Margarit e J. Roca Pons. México: Union Tipografica Editorial Hispano Americana, p. 213-236; 267-278.

VILELA, Mário. 1979. *Estruturas léxicas do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, p. 9-77.

VOTRE, Sebastião; NARO, Anthony J. 1989. Mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A.*, v.5, nº. 2, p.169-184.

WARTBURG, Walther Von. 1975. *Problemas e métodos da lingüística*. Tradução de Maria Elisa Mascarenhas. 2 ed. São Paulo: DIFEL, p.149-171; 186-191.

WEEDWOOD, Bárbara. 2002. *História concisa da lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 165 p.

\_\_\_\_\_. 1979. *Language in contact: findings and problems*. Prefácio de André Martinet. 9 ed. New York: Mouton, p. VII-IX; 4-13; 89-97.

WEINRICH, Uriel. 1998. *Fundamentos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Andréia Caricchio Café et al.; coordenação de Célia Marques Telles. Salvador: UFBA, 103 p. digitadas.

WETZELS, Leo W. 1997. As línguas não têm dono. In: ENCONTRO NACIONAL DE ACERVOS LITERÁRIOS BRASILEIROS, 3., 1997, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUC, p.144-153.

XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena M. (1992). *Dicionário de termos Lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, v. II, 438 p.

ZÁGARI, Mário Roberto L. 1998. Os falares mineiros: esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, p. 31-54.